GASTON LEROUX

O FANTASMA DA ÓPERA

EDIÇÃO COMENTADA



CLÁSSICOS ZAHAR

Gaston Leroux

O FANTASMA DA OPERA

edicao comentada

Apresentacao:
Rodrigo Casarin

Traducao e notas:
Andre Telles

ZAHAR

SUMARIO

Apresentacao: Registros do subterraneo, por Rodrigo Casarin

Prologo: Em que o autor desta obra singular revela ao leitor como se convenceu de que o Fantasma da Opera existiu de verdade

1. Sera um fantasma?

2. A nova Margarida

3. Quando, pela primeira vez e sigilosamente, os srs. Debienne e Poligny revelam aos novos diretores da Opera, os srs. Armand Moncharmin e Firmin Richard, a verdadeira e misteriosa razao de sua saída da Academia Nacional de Musica

4. O camarote nº5

5. O camarote nº5 *(Continuacao)*

6. O violino encantado

7. Uma visita ao camarote nº5

8. No qual os srs. Firmin Richard e Armand Moncharmin tem a audacia de apresentar *Fausto* numa sala "amaldicoada", e o terrível episodio daí resultante

9. O misterioso cupe

10. No baile de mascaras

11. E preciso esquecer o nome da "voz de homem"

12. Acima dos alcapoes

13. A lira de Apolo

14. Um golpe de mestre do mago dos alcapoes

15. Singular atitude de um alfinete de fralda

16. “Christine! Christine!”

17. Espantosas revelacoes de Mame Giry, concernentes as suas relacoes pessoais com o Fantasma da Opera

18. Singular atitude de um alfinete de fralda *(Continuacao)*

19. O comissario de polícia, o visconde e o Persa

20. O visconde e o Persa

21. Nos poroes da Opera

22. Interessantes e instrutivas tribulacoes de um persa nos poroes da Opera

23. No quarto dos suplícios

24. Comecam os suplícios

25. “Barris! Barris! Alguem tem barris para vender?”

26. O que girar: o escorpiao ou o gafanhoto?

27. O fim dos amores do Fantasma

Epílogo

Cronologia: Vida e obra de Gaston Leroux

Apresentacao

REGISTROS DO SUBTERRANEO

SE TODA BOA HISTORIA conta, na verdade, ao menos duas historias, a maxima tambem vale para os cantos fascinantes da Terra. As cidades mais interessantes do mundo sao aquelas que carregam consigo nao apenas uma, mas diversas boas historias pelas suas ruas, monumentos e cantos obscuros. E o que acontece com Paris.

Comecando pela deslumbrante Paris dos cartoes-postais. A torre Eiffel e um ponto de partida obvio para depois seguirmos pela orla do Sena, passarmos pela linda (ou cafona, a depender do seu gosto) ponte Alexandre III e chegarmos ao Museu d'Orsay, onde estao obras de artistas como Van Gogh, Cezanne, Degas, Delacroix, Gauguin, Matisse e Manet – mas, acredite, o predio por si so, antigamente uma estacao ferroviaria, ja vale a visita.

A Shakespeare and Company e parada obrigatoria para quem ama livros. A Île de la Cite, para conhecer a famosa catedral de Notre-Dame, que serviu de cenario para a historia do corcunda. Ja do outro lado do rio, o Louvre e o belo jardim das Tulherias. Um metro – e uma boa disposicao para subir escadas e vielas inclinadas – leva ate o bairro de Montmartre, onde esta a basílica de Sacre-Coeur, outro ponto que costuma arrancar suspiros de turistas. Morro abaixo, uma passada rapida no Moulin Rouge, o cabare mais famoso do mundo, e a esticada final ate a Opera Nacional de Paris, sediada no imponente palacio Garnier.

Antes de ir para o atual endereco, a Opera de Paris ficava na rua le Peletier, a cerca de dez quadras no sentido nordeste. Em 14 de janeiro de 1858, um crime forcou a mudanca. Napoleao III chegava a Opera em sua

carruagem quando foi atacado por anarquistas italianos. O imperador escapou com vida, mas as bombas detonadas mataram oito e feriram quase quinhentas pessoas. No dia seguinte, Napoleao decidiu que a Opera deveria ser abrigada num lugar mas seguro.

Esse lugar so ficaria pronto quase dezessete anos depois do atentado. O palacio Garnier – que leva o nome do arquiteto que o projetou, impressionando a todos ao propor uma construcao para mais de dois mil espectadores – foi inaugurado no dia 5 de janeiro de 1875. Nao bastasse ser uma das casas de espetaculo mais importantes do mundo, o palacio tambem foi transformado no cenario daquela que e provavelmente a mais emblematica historia sobre a propria arte teatral e musical: *O Fantasma da Opera*, do frances Gaston Leroux.

GASTON LOUIS ALFRED LEROUX nasceu no dia 6 de maio de 1868, em Paris. Filho de Dominique Alfred Leroux, empreiteiro que atuava no ramo de obras publicas, e Marie Bidault, filha de um oficial de justica, foi o primeiro dos tres rebentos do casal. Passou boa parte da infancia em Sena Marítimo, departamento frances da regiao da Alta Normandia, mas foi em Caen, outra cidade da regiao, que se formou bacharel em Artes, em 1886, ano em que retornou a Paris, matriculou-se na faculdade de Direito e passou a escrever para jornais da capital.

Apesar de se tornar advogado em janeiro de 1890, Leroux dedicou poucos anos a profissao. Preferiu aliar o conhecimento do mundo jurídico com a sua verve jornalística, transformando-se em um dos principais colaboradores de jornais franceses para a cobertura de grandes crimes. Dessa forma, assinou reportagens sobre atentados diversos, como um ataque com bomba a Camara dos Deputados e o assassinato do entao presidente Sadi Carnot, em Lyon, em 1894. Escrevendo para o *Le Matin*, um dos maiores veículos franceses da epoca, seu prestígio cresceu a ponto de ser um dos jornalistas que acompanharam Felix Faure, o novo

presidente, em viagem feita a Russia em agosto de 1897, pouco depois de Leroux completar 29 anos.

Como reporter, impressionou leitores com a reconstrucao de cenas de guerra, fincou sua posicao contra a pena de morte apos presenciar a decapitacao de diversos criminosos, cujos julgamentos acompanhou, e foi nomeado cavaleiro da Legiao de Honra por conta dos servicos prestados a jornais como o *Lutece*, o *Paris* e o *L'Echo de Paris*, alem do *Le Matin*. Ainda escreveu relatos de viagens a países como Italia, Russia (viveu em Sao Petersburgo enquanto cobria o processo que levou a queda dos czares), Marrocos e Suíca.

Apesar do sucesso como jornalista, e gracas ao trabalho como artista que o nome de Gaston Leroux se mantem vivo. Em 1903, comecou a publicar no *Le Matin* o *Le chercheur de tresors (La Double Vie de Teophraste Longuet)*, primeiro dos quinze romances seriados que escreveu para o periodico. Em 1907, terminou sua primeira peca de teatro, *La maison des juges*, e iniciou a publicacao de *O misterio do quarto amarelo*, outro romance seriado, o primeiro a fazer grande sucesso, que viraria livro ja no ano seguinte (pela editora Pierre Lafitte, casa de outros 25 títulos de Gaston) e no qual apresenta Joseph Rouletabille, jornalista e investigador, um de seus personagens mais famosos.

Gaston Leroux lancou dezenas de livros – inclusive um pela Gallimard, editora das mais reverenciadas em todo o mundo –, viu sua obra comecar a ser adaptada para o cinema (a primeira adaptacao foi assinada pelo diretor Victorin Jasset, que transformou em filme o livro *Balaoo*), escreveu roteiros e emplacou ao menos uma peca de grande sucesso: *L'Homme qui a vu le diable*, que estreou em 1911. Influenciado por nomes como Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle, defendia firmemente a literatura policial, enquanto via sua obra ser comparada a classicos como *20 mil leguas submarinas*, de Jules Verne, por conta do apuro tecnico apresentado em seus enredos. Parece nao haver espaco para magia ou milagres na

literatura de Leroux, traco tambem presente em *O Fantasma da Opera*, seu maior trabalho.

Leroux casou-se duas vezes: com Marie Lefranc, em 1899, e com Jeanne Cayatte, a quem conheceu e com quem comecou a se relacionar em 1902, durante sua temporada suíca como reporter. Gaston e Jeanne viveriam em concubinato durante quinze anos – dado que Marie recusava-se a assinar a papelada do divorcio de um amor que durou tao pouco – e so conseguiriam oficializar sua uniao em 1917, quando ja tinham dois filhos. Gaston Leroux morreu em Nice, onde vivia desde 1909, no dia 15 de abril de 1927.

O Fantasma da Opera foi publicado primeiramente de forma seriada, no jornal *Le Gaulois*, entre setembro de 1909 e janeiro de 1910, e neste mesmo ano reunido em livro pela Lafitte. O romance apresenta um triangulo amoroso que envolve Christine Daae e Raoul, dois amigos de infancia distanciados pelo tempo, e Erik. Christine e uma orfa que cresceu acolhida por funcionarios da Opera de Paris, onde aprendeu a cantar magnificamente, gracas a ajuda de uma voz misteriosa, talvez um anjo, que sussurrava segredos e belas melodias em seu ouvido. Raoul, agraciado com o título de visconde de Chagny, fez carreira na Marinha e encontra-se num período de licenca em Paris, e uma noite ouve Christine cantar, o que reaviva o amor que sentia pela moca na infancia.

Erik, de sua parte, e um apaixonado por musica que, devido a um segredo, vive nos bastidores da Opera de Paris, conhecendo cada corredor, cada porta, cada passagem e cada um dos muitos misterios que se escondem atras ou abaixo do palco onde as apresentacoes acontecem. Enigmatico, poucos sabem de sua existencia e, quando o mencionam, normalmente sao desacreditados. Os rumores aumentam quando Erik escreve uma carta ameacadora, com algumas reivindicacoes para a nova diretoria: assegurar que o camarote nº5 seja destinado ao Fantasma da

Opera (que assina a carta) e receber um pagamento mensal, atraves de terceiros. Haveria um espírito afeito a coacoes escondido na principal casa de opera de Paris?

A mensagem exige ainda que na apresentacao de *Fausto*, marcada para dali a alguns dias, Margarida, a musa de Fausto, seja interpretada por Christine Daae, e nao pela principal soprano do elenco, a Carlotta. Erik quer apreciar a bela voz que tanto admira e aquilo que, justamente, fizera com que ele se apaixonasse por ela: o canto de Christine era tao belo quanto sua alma, o que nao poderia ser dito da titular.

Sem que os gestores dessem bola para as ameacas, e a Carlotta quem sobe ao palco para protagonizar *Fausto*. Grande erro. Sua apresentacao e um inaudito e fantastico fiasco, e a noite culmina em tragedia fatal quando o imenso lustre do teatro desaba sobre uma plateia lotada com as pessoas mais importantes de Paris.

No livro, o narrador de Leroux se mostra preocupado em, tal qual um jornalista, contar a historia de forma objetiva, apostando ate em esmiucar pormenores em notas proprias de rodape (recurso literario que, por volta de um seculo mais tarde, seria recuperado e radicalizado por autores como David Foster Wallace). A ideia e fazer com que o leitor acredite que tudo o que esta no papel realmente aconteceu – e ha certo exito nesse sentido, afinal ate hoje circulam lendas sobre fantasmas que habitariam o Garnier. “O Fantasma da Opera existiu”, crava o narrador na primeiríssima linha do romance.

Ajudam a dar uma tessitura mais complexa a historia as diversas conexoes que existem entre o texto e episodios factuais, o que transforma numa característica bastante interessante o desafio de saber onde terminam dados concretos e comeca a ficcao. No prologo, por exemplo, o narrador menciona que um corpo tinha sido achado no subterraneo da opera enquanto discos com gravacoes de grandes cantores estavam sendo ali enterrados. O corpo nunca existiu, mas os audios, sim: foram lacrados e

“guardados” em 1907 para serem reabertos em 2007, dando origem ao album *Les Urnes de l’Opera*.

A cena do lustre caindo e matando uma pessoa durante a apresentacao tambem e fato, infelizmente. Em 1896, 21 anos depois de o Garnier ter sido inaugurado, o imenso candelabro principal se desprendeu e levou a tragedia. O problema estrutural ocorreu no contrapeso; ha quem desconfie de uma criminosa sabotagem. Na ficcao, Erik, o Fantasma, aproveita o momento de caos provocado pela queda do lustre para raptar Christine e impedir que ela viva um amor com Raoul. E aí que chegamos a outra Paris, uma bem diferente daquela dos cartoes-postais.

HA UMA PARIS SUBTERRANEA que passa longe da atencao de muitos que visitam a capital francesa – muitos que olham apenas para cima, para o topo da torre, para o alto da Sacre-Coeur, dificilmente se interessariam por vasculhar o que esta abaixo de seus pes. O passeio por essas catacumbas, muitas vezes feito de maneira clandestina, atrai outros tantos visitantes, curiosos por entender a Cidade Luz por meio dos vestígios ocultos de seu passado. Sob as ruas parisienses ha centenas de quilometros de tuneis construídos por mineradores que exploravam pedreiras da regiao, ossuarios improvisados apos a superlotacao de cemiterios no seculo XVIII e galerias que ocasionalmente recebem ate exposicoes artísticas.

Essa Paris oculta e uma das chaves para entendermos *O Fantasma da Opera*. E nas catacumbas que a parte mais dramatica do romance se desenrola. Gracas ao conhecimento dos caminhos obscuros que lhe servem de moradia, Erik consegue desenvolver solucoes cerebrais, passagens entre espacos que, numa primeira analise, parecem dispositivos magicos – sim, aqui esta aquela engenhosidade que e uma das marcas de Leroux. E de onde vem todo esse domínio do terreno? Nao bastasse a Opera ter se tornado a casa de Erik, que se isola da sociedade por conta de seus misterios, descobrimos tambem que ele foi um dos primeiros mestres de

obra a trabalhar na construcao do palacio Garnier e que, misteriosa e solitariamente, seguiu com as atividades quando as obras foram interrompidas, por ocasiao de tres episodios historicos que estao correlacionados, nos anos de 1870-71: a guerra franco-prussiana, o cerco a cidade e a Comuna de Paris.

As marcas da Comuna sao exploradas por Leroux. Se visto da rua, o Garnier e um exuberante palacio onde as mais belas operas sao interpretadas, mas sob toda a sua imponencia, ao menos segundo o romance, o que temos e a memoria de uma das maiores carnificinas da Europa. Ali estao corredores secretos, abertos para permitir que carcereiros conduzissem prisioneiros a masmorras, e os ossos dos "desafortunados que, na epoca da Comuna, foram massacrados nos poroes da Opera".

A Comuna de Paris foi uma insurreicao que tentou implementar em parte da cidade um sistema comunitario de autogestao, numa epoca em que a Franca estava severamente abalada apos a esmagadora derrota na guerra franco-prussiana. Era "um governo autonomo e progressista que trouxe liberdade para os parisienses, entre os quais muitos acreditavam ser 'donos de suas proprias vidas' pela primeira vez. Famílias de bairros proletarios passeavam pelos *beaux quartiers* da capital, imaginando uma sociedade mais justa", escreve o historiador John Merriman.[1]

O movimento durou apenas dois meses e terminou com um gigantesco massacre. Quando as forcas do governo conseguiram se reorganizar e avancaram contra os *comunnards* – como eram chamados os membros da Comuna –, deixaram oficialmente 17 mil mortos, mas estimativas indicam que esse numero pode ter chegado a 35 mil; alem disso, outras dezenas de milhares de cidadaos precisaram se exilar, foram presos ou deportados para a Nova Caledonia.

Um dos ultimos polos de resistencia da Comuna foi o bairro de Montmartre, onde a matanca provou-se mais intensa. Alguns anos depois do massacre, a Igreja Catolica, aliada do governo, numa especie de revanche ou provocacao aos rebeldes, ergueu no local a basílica du Sacre-

Coeur, um dos mais belos lugares da cidade, esteticamente falando, porem uma das mais gritantes contradicoes entre a Paris dos cartoes-postais e a Paris subterranea.

O que nos leva de volta as catacumbas onde vive Erik.

Nao sao os tuneis, salas e saguoes que existem sob o Garnier que mais chamam atencao no subterraneo do lugar. O que impressiona mesmo e a existencia de um lago debaixo do imenso teatro. “Eu tinha certeza de que tudo aquilo existia, a visao daquele lago e daquela barca subterraneos nao tinha nada de sobrenatural. Mas pense nas condicoes excepcionais em que alcancei aquela margem. Mais medo nao sentiam as almas dos mortos ao chegarem ao Estige. Caronte certamente nao era mais lugubre nem mais mudo do que a forma de homem que me transportou na barca”, surpreende-se Christine, ao comecar a despertar nos subterraneos, avistando o lago e lembrando o rio que da acesso ao inferno, na mitologia grega, e do barqueiro que conduzia as almas ate ele.

No romance, ha quem diga conhecer o lago, apesar de nao saber exatamente onde fica. Surpreendentemente, esse lago e um dos elementos presentes em *O Fantasma da Opera* que encontram lastro na realidade. Em 1861, enquanto operarios trabalhavam na fundacao do predio, notaram que numa parte do terreno pantanoso havia um fluxo de agua que parecia nunca cessar. A solucao, entao, foi criar um grande tanque de pedra para contornar o problema. Uma visita de Leroux aos subterraneos do Garnier e a surpresa que teve ao encontrar o lago, bem como seu espanto diante da complexidade dos tuneis, pode ter sido um dos fatores que o levaram a escrever o romance.

Parte dessas informacoes tambem aparecem nas notas de rodape desta edicao da obra. Alias, sugiro fortemente ao leitor que nao ignore essas notas. Muitas proporcionam uma verdadeira aula sobre a cultura e a arte parisiense – so nesse trecho, por exemplo, sao doze os ganchos para pequenas aulas sobre a historia da musica classica: “Gounod regera *A marcha funebre para uma marionete*; Reyer, sua bela abertura de *Sigurd*;

Saint-Saens, a *Danca macabra* e um *Devaneio oriental*; Massenet, uma *Marcha hungara* inedita; Guiraud, seu *Carnaval*; Delibes, *A valsa lenta de Sylvia* e os *pizzicati* de *Coppelia*; as srtas. Krauss e Denise Bloch haviam cantado: a primeira, o bolero das *Vesperas sicilianas*; a segunda o *brindisi* de *Lucrecia Borgia*" –, alem de, como ja vimos, o autor desdobrar o proprio texto em algumas delas. Por meio de seu narrador, Leroux nos da tambem algumas licoes sobre o que e ser um morador de Paris: "Nunca sera parisiense aquele que nao aprender a pespegar uma mascara de alegria sobre seus desgostos e o veu da tristeza, do tedio ou da indiferenca sobre sua alegria íntima. Ao saber que um de seus amigos esta em dificuldade, nao tente consola-lo; ele lhe dira que ja esta consolado; mas se lhe aconteceu alguma coisa boa, evite felicita-lo: ele julga sua boa sorte tao natural que se espantara que comentem isso com ele. Em Paris, estamos sempre num baile de mascaras, e nunca seria no foyer do bale que personagens tao 'esclarecidos' como os srs. Debienne e Poligny cometeriam a gafe de mostrar sua aflicao, que era real", escreve em uma dada passagem, evidenciando o certo ar *blase* que muitas vezes parece pairar sobre a capital francesa.

Em outro momento, soa a corneta para criticar uma certa permissividade da Franca, colocando no texto uma questao que permanece causando discussoes entre os locais ate hoje, e que se manifesta na obra de importantes escritores contemporaneos, como Michel Houellebecq: a relacao com os estrangeiros que passam por Paris ou a escolhem como cidade para viver. "O Persa", personagem responsavel por levar o romance a uma interessante incursao pelo mundo arabe, "como Raoul, estava naturalmente de fraque. So que, enquanto Raoul usava uma cartola, o Persa tinha na cabeca um barrete de astraca, ja mencionado por mim. Aquilo era uma excrescencia no codigo de elegancia que regia as coxias, onde e exigida a cartola, mas ninguem ignora que na Franca permite-se tudo aos estrangeiros: o bone de viagem aos ingleses, o barrete de astraca aos persas".

Ainda sobre o texto, surpreendem as generosas doses de humor que Leroux emprega ao longo da narrativa. Antes que a tragedia se consuma, o episodio do fiasco da principal soprano na noite do *Fausto* tem seus momentos de graca, com a Carlotta desafinando e *coaxando*. Mas as melhores risadas brotam, principalmente, durante alguns dialogos, como este:

> – Senhorita! — declarei. – Foi o proprio monstro que a amarrou… E ele que ira desamarra-la… Tem apenas de representar a cena necessaria para isso…! Nao esqueca que ele a ama!
>
> – Oh! – ouvimos. – Como eu poderia esquece-lo?

Uma ironia inesperada, sobretudo no momento dramatico em que esse dialogo acontece.

Ainda com resquícios do Romantismo, as relacoes amorosas de *O Fantasma da Opera* sao um tanto idealizadas. Raoul vislumbra em Christine a amada praticamente intocavel, enquanto Erik projeta na cantora um amalgama do belo – uma juncao de beleza física, beleza artística e beleza da alma, no caso. Christine ama mesmo Raoul, num flerte que proporciona frases como "beijou o pobre Raoul como uma irma" e declaracoes como "Oh, Raoul, como seremos felizes…! Vamos brincar de futuro maridinho e futura mulherzinha…!". No entanto, tambem tem uma parte de seu coracao dedicada a Erik, com quem constroi um relacionamento que hoje nao teríamos problemas em chamar de abusivo, marcado pela chantagem, pela violencia emocional e ate por um sequestro, vale lembrar.

Se Christine nao se entrega logo a Raoul e porque "o genio da musica a proíbe de se casar". Em uma relacao que nasce nas catacumbas da Opera e com direito a imposicoes como "Christine, voce tem que me amar!", ao que a cantora responde "Como pode dizer isso? A mim, que canto unicamente para voce!", chega uma hora em que a propria personagem se sente fatigada. No entanto, tambem sente medo de que, ao desagradar o Fantasma, coisas horríveis acontecam: "Se eu nao for, sera ele que vira me buscar com sua voz. Ele me arrastara para sua morada, debaixo da terra, e

se pora de joelhos diante de mim, com sua caveira! E dira que me ama! E caira em prantos! Ah, essas lagrimas, Raoul! Essas lagrimas nos dois buracos da caveira. Nao posso mais ver essas lagrimas correrem!", desabafa Christine.

Erik nao tem essa personalidade por mero acaso. Se a sua famosa mascara "evocava a mascara natural do Mouro de Veneza", ou seja, Otelo, o ciumento e vingativo personagem de Shakespeare, o que esta por tras dela o motiva em seus atos. A aparencia grotesca de Erik fez com que fosse rejeitado por todos e procurasse por um abrigo distante da sociedade. O isolamento acabou por levar tambem sua alma em direcao as trevas, sendo que a unica luz que permaneceu acesa para guia-lo em algum caminho belo era o da musica – a musica que saía de suas cordas vocais, a musica que encantava multidoes no Garnier –, alem do vinho, pois a adega com *crus* franceses evidencia seu bom gosto para a bebida. Ao se aproximar de Christine, busca de forma bruta alcancar aquela que, como ja foi dito, incorpora tudo o que ele poderia vislumbrar de belo. Alem disso, e uma tentativa de manter perto de si alguem que, enfim, dera-lhe atencao e o tratara como gente.

"Pobre e infeliz Erik? Devemos lastima-lo? Amaldicoa-lo? Ele so pedia para ser alguem como todo mundo! Mas era demasiado feio! E foi obrigado a esconder seu genio ou usa-lo para executar truques, ao passo que, com um rosto comum, teria sido um dos mais nobres da raca humana! Possuía um coracao no qual cabia o imperio do mundo e no fim viu-se obrigado a se contentar com um porao. Com efeito, e digno de pena o Fantasma da Opera!" A serie de questionamentos ecoa na voz da propria Christine ja no final da saga: "Pobre Erik! Pobre Erik!"

AO FINAL DA SAGA escrita por Leroux, digo. *O Fantasma da Opera* foi muito alem do livro lancado pelo frances no comeco do seculo XX. Apesar de a historia seriada ter sido recebida com alguma empolgacao pelo publico,

foram suas adaptacoes que garantiram a fama da obra e asseguraram que a trama se mantivesse vivíssima. A primeira versao no cinema chegou em 1925, numa producao norte-americana dirigida por Rupert Julian e estrelada por Lon Chaney. Vieram outras, inclusive uma estranhíssima mistura com *Fausto* na adaptacao que Brian De Palma fez em *O fantasma do para so*, de 1974. A mais recente dessas transposicoes estreou em 2004, no Reino Unido, foi dirigida por Joel Schumacher, contou com Gerard Butler e Emmy Rossum no elenco e levou o mesmo nome do livro. E comum que a cada versao os diretores imprimam nuances diferentes a personalidade dos personagens, o que acaba interferindo, claro, na maneira como a trama se eterniza na mente do espectador.

Contudo, foi no teatro que a historia ganhou uma proporcao ímpar. E difícil estimar quantas foram as vezes que o texto de Leroux foi levado ao palco, e apenas uma dessas adaptacoes ja seria suficiente para consagrar o nome do frances: a assinada pelo britanico Andrew Lloyd Webber, que estreou em 1986, na Broadway, e se tornou a peca mais bem-sucedida de toda a historia do teatro. Mais de 140 milhoes de pessoas assistiram ao espetaculo, que ja foi levado para 35 países – entre eles o Brasil. Em 2006, a montagem superou *Cats* e se tornou a producao mais longeva na historia da Broadway – onde segue em cartaz. A estimativa e que apenas essa adaptacao de *O Fantasma da Opera* ja tenha rendido ao menos 6 bilhoes de dolares. Nao bastasse, gente como Paul Stanley, da banda Kiss, Paul Williams e o grupo finlandes Nightwish ja emprestou seu talento para a saga de Erik, Christine e Raoul.

Se uma boa historia conta, na verdade, ao menos duas historias, e uma cidade interessante como Paris pode ser desdobrada em ao menos outras duas cidades, nao e diferente com *O Fantasma da Opera*. E nao deixa de ser curioso que uma historia que se passa sobretudo nas obscuras catacumbas do palacio Garnier tenha se transformado em uma das mais belas obras teatrais da historia, aplaudida em palcos de todo o mundo.

RODRIGO CASARIN[2]

1. *A Comuna de Paris – 1871: Origens e massacre* (Rio de Janeiro, Anfiteatro, 2015). ↩

2. Rodrigo Casarin e jornalista e edita o blog de livros Pagina Cinco (Uol). Ja colaborou com veículos como *Valor Economico*, *Carta Capital*, *Suplemento Literario Pernambuco*, *Aventuras na Historia* e *Jornal Rascunho*, escrevendo principalmente sobre o universo literario. E autor de *Punk: O protesto nao tem fim* (com Igor Antunes Penteado). Em 2018, integrou o juri do Oceanos – Premio de Literatura em Língua Portuguesa.↩

O FANTASMA DA OPERA

AO MEU VELHO IRMAO JO
que, sem ter nada de um fantasma,
nao deixa de ser, como Erik,
um Anjo da Musica.
Com toda a afeicao,
Gaston Leroux

PROLOGO

Em que o autor desta obra singular revela ao leitor como se convenceu de que o Fantasma da Opera existiu de verdade

O FANTASMA DA OPERA existiu. Nao foi, como se julgou por muito tempo, inspiracao de artistas, supersticao de diretores nem criacao grotesca das mentes exaltadas das *demoiselles* do corpo de baile,[1] de suas maes, das lanterninhas,[2] do pessoal dos camarins ou da zeladora.

Sim, embora tivesse o aspecto de um verdadeiro fantasma, isto e, de uma sombra, ele foi todo carne e osso.

Tao logo comecei a pesquisar nos arquivos da Academia Nacional de Musica,[3] intrigou-me a surpreendente coincidencia entre os fenomenos atribuídos ao *Fantasma* e um dos dramas mais misteriosos e rocambolescos, e nao demorei a conjecturar a possibilidade de explicar racionalmente este por aquele. Os acontecimentos datam de apenas trinta anos e nao seria nada difícil encontrar ainda hoje, no proprio foyer do bale,[4] velhinhos bastante respeitaveis, de cuja palavra nao cogitaríamos duvidar, que se lembram como se fosse ontem das condicoes misteriosas e tragicas do rapto de Christine Daae, do desaparecimento do visconde de Chagny e da morte de seu irmao primogenito, o conde Philippe, cujo corpo foi encontrado nas margens do lago que se estende sob a Opera, para os lados da rua Scribe.[5] Ate hoje, contudo, nenhuma dessas testemunhas julgara dever misturar a tais pavorosas peripecias o lendario personagem do Fantasma da Opera.

A verdade impregnou lentamente meu intelecto, abalado por uma investigacao que a todo instante se chocava com acontecimentos que, a primeira vista, podiam ser considerados sobrenaturais, e, mais de uma vez,

estive perto de abandonar uma tarefa em que me extenuava, perseguindo – sem jamais agarra-la – uma imagem va. Por fim, tive a prova de que meus pressentimentos nao me haviam enganado, e meus esforcos foram plenamente recompensados no dia em que adquiri a certeza de que o Fantasma da Opera havia sido mais do que uma sombra.

Nesse dia, passei longas horas na companhia das *Memorias de um diretor*, obra ligeira de Moncharmin, cetico radical que, durante sua passagem pela Opera, nao compreendeu nada do tenebroso comportamento do Fantasma, que pintou e bordou com ele, justamente no momento em que ele se tornava a primeira vítima da curiosa operacao financeira realizada no "envelope magico".

Desesperado, eu acabava de sair da biblioteca quando encontrei o simpatico administrador da nossa Academia Nacional, que proseava num corredor com um velhinho irrequieto e frajola, a quem me apresentou alegremente. O sr. administrador estava a par de minhas pesquisas e sabia da impaciencia com que eu tentara descobrir o paradeiro do juiz de instrucao[6] do famoso caso Chagny, o sr. Faure. Ninguem sabia o que fora feito dele, se estava morto ou vivo; e eis que, de retorno do Canada, onde passara quinze anos, seu primeiro ato em Paris fora pedir uma poltrona de favor a administracao da Opera. Aquele velhinho era nada mais nada menos que o sr. Faure.

Passamos boa parte da noite juntos e ele me contou todo o caso Chagny, segundo sua compreensao na epoca. Na falta de provas, fora obrigado a concluir pela loucura do visconde e pela morte acidental do irmao mais velho, mas continuava persuadido de que um drama terrível se dera entre os dois irmaos, tendo Christine Daae como pivo. Nao soube me dizer os paradeiros de Christine nem do visconde. Claro, quando me referi ao Fantasma, apenas riu. Estava igualmente informado das singulares manifestacoes que entao pareciam atestar a existencia de uma criatura excepcional, que elegera como domicílio um dos recantos mais misteriosos da Opera, e tinha conhecimento da historia do "envelope", mas nao vira

em nada disso algo capaz de prender a atencao do magistrado encarregado de instruir o processo Chagny, e ja foi muito ter reservado alguns minutos para colher o depoimento de uma testemunha que se apresentara espontaneamente, afirmando ter tido o ensejo de conhecer o Fantasma. Esse personagem – a testemunha – nao era outro senao aquele que Paris inteira cognominava "o Persa", figura conhecida de todos os assinantes da Opera. O juiz tomara-o por um desmiolado.

Imaginem qual nao foi meu interesse por essa historia do Persa. Cogitei encontrar, se ainda fosse possível, aquela valiosa e original testemunha. Bafejado pela sorte, consegui localiza-lo em seu pequeno apartamento da rua de Rivoli, que ele nao deixara desde a epoca daqueles fatos e onde viria a morrer cinco meses apos minha visita.

A princípio duvidei; mas quando, com uma candura infantil, o Persa me contou tudo o que sabia pessoalmente acerca do Fantasma e, com toda a propriedade, me apresentou as provas de sua existencia, e sobretudo a estranha correspondencia de Christine Daae – correspondencia que esclarecia com tanta clareza seu terrível destino –, entao nao me foi mais possível duvidar! Nao! Nao! O Fantasma nao era um mito!

Sei perfeitamente que me replicaram que tal correspondencia talvez nao fosse autentica, que poderia ter sido forjada de ponta a ponta por um homem com a imaginacao decerto alimentada pelos contos de fadas mais sedutores, mas por sorte me foi possível encontrar a caligrafia de Christine fora do famigerado maco de cartas e, consequentemente, proceder a um estudo comparativo que varreu todas as minhas hesitacoes.

Da mesma forma, documentei-me sobre o Persa, vindo assim a apreciar um homem honesto, incapaz de tramar algo para burlar a Justica.

Em suma, era essa a opiniao das personalidades que, de perto ou de longe, viram-se envolvidas no caso Chagny, os amigos da família, aos quais expus todos os meus documentos e perante os quais desenvolvi todas as minhas deducoes. Da parte deles recebi os mais nobres incentivos, e, a

proposito, permito-me reproduzir algumas linhas a mim enderecadas pelo general D…

> Cavalheiro,
>
> Recomendo vivamente que publique os resultados de sua investigacao. Lembro bem que, algumas semanas antes do desaparecimento da grande cantora Christine Daae e da tragedia que enlutou todo o Faubourg Saint-Germain,[7] falava-se muito no Fantasma no foyer do bale, assunto que so foi abandonado, creio, depois desse episodio, que galvanizou a opiniao publica. Mas, se for possível, como julgo ser apos ouvi-lo, explicar a tragedia por meio do Fantasma, peco-lhe, cavalheiro, fale mais sobre ele. Por mais misterioso que a princípio ele possa parecer, sera sempre mais razoavel do que a historia sinistra em que pessoas mal-intencionadas pretenderam ver se dilacerarem ate a morte dois irmaos que se adoraram a vida inteira…
>
> Creia-me etc.

Em suma, com meu dossie nas maos voltei a percorrer o vasto domínio do Fantasma, o formidavel imperio que ele erigira, e tudo que meus olhos tinham visto, tudo que meu raciocínio descobrira, ia corroborando admiravelmente os documentos do Persa – quando um achado maravilhoso veio coroar de maneira definitiva meus trabalhos.

Todos lembram que, escavando recentemente o subsolo da Opera para la enterrar as vozes gravadas dos artistas,[8] a picareta dos operarios descobriu um cadaver; ora, tive imediatamente a prova de que aquele cadaver era o do Fantasma da Opera! Fiz com que o proprio administrador apalpasse aquela prova, sendo-me indiferente os jornais agora afirmarem tratar-se de uma vítima da Comuna.[9]

Os desafortunados que, na epoca da Comuna, foram massacrados nos poroes da Opera nao foram enterrados daquele lado; direi onde e possível encontrar suas ossadas, bem longe dessa cripta imensa onde durante o cerco se acumulou todo tipo de generos alimentícios. Fui colocado nessa pista justamente quando procurava os restos mortais do Fantasma da Opera, os quais nao teria encontrado sem o acaso inaudito da inumacao das vozes vivas!

Mas voltaremos a falar desse cadaver e do que convem fazer com ele: o que me interessa agora e terminar este imprescindível prologo

agradecendo aos modestíssimos colaboradores, que – tal como o sr. comissario de polícia Mifroid (convocado para realizar as primeiras apuracoes por ocasiao do desaparecimento de Christine Daae), ou ainda o sr. ex-secretario Remy, o sr. ex-administrador Mercier, o sr. ex-mestre do coro Gabriel e, mais particularmente, a sra. baronesa de Castelot-Barbezac, ex-"pequena Meg" (que nao ruborizou por isso), estrela mais encantadora do nosso admiravel corpo de baile, filha mais velha da digníssima sra. Giry, esta ex-lanterninha do camarote do Fantasma, ja falecida – me foram da mais valiosa ajuda, e gracas a eles poderei reviver, junto com o leitor e em seus mais ínfimos detalhes, horas de puro amor e terror.[10]

1. Num bale, o corpo de baile e o grupo de bailarinos e bailarinas nao solistas. ↩

2. Funcionarias encarregadas de mostrar os lugares aos espectadores, tambem conhecidas como "vagalumes". ↩

3. A Academia Nacional de Musica, fundada em 1669 como Academia Real de Musica, instituicao voltada para a difusao da opera, veio a se tornar a atual Opera de Paris (ou Palais Garnier; ver nota 61). ↩

4. Sala situada atras do palco, com decoracao opulenta e uma atmosfera de intimidade ambígua. No sec.XIX, os assinantes encontravam as bailarinas no foyer e lhes ofereciam dinheiro e protecao. Essa pratica foi proibida a partir de 1930. ↩

5. A rua Scribe foi aberta em 29 de setembro de 1860. Fez parte da reforma da Chausse d'Antin empreendida no sec.XIX e que culminou com as transformacoes de Paris sob o Segundo Imperio e a construcao da Opera Garnier. Seu nome e uma homenagem ao dramaturgo e libretista frances Eugene Scribe. Toda a fachada oeste da Opera, que compreende a biblioteca-museu, estende-se ao longo da rua Scribe. ↩

6. Entre outras funcoes, durante o inquerito cabe a um juiz de instrucao: realizar o primeiro interrogatorio judicial do detido; autorizar perícias e exames, buscas domiciliares, apreensoes de correspondencia; interceptacao, gravacao ou registro de conversas ou comunicacoes. ↩

7. Bairro chique de Paris, hoje parte do 7º *arrondissement*. ↩

8. Em 24 de dezembro de 1907, tres anos antes da publicacao de *O Fantasma da Opera*, 24 discos 78 rotacoes, doados por Alfred Clark (diretor da filial francesa da Gramophone), foram selados em duas urnas lacradas e enterrados no subsolo da Opera Garnier. Esse acervo, incrementado em 1912, era composto essencialmente de gravacoes líricas dos maiores cantores do início do sec.XX, como Enrico Caruso, Emma Calve, Nellie Melba e outros. Testemunho para as geracoes futuras, "a fim de

mostrar aos homens dessa epoca qual era a voz dos principais cantores do nosso tempo", nao deveria ser aberto antes de cem anos, por vontade expressa de Alfred Clark. Redescoberto por ocasiao de obras em 1988, foi confiado a Biblioteca Nacional Francesa. Transcorridos os cem anos, as urnas foram oficialmente exumadas em 19 de dezembro de 2007: abertas em 2008, as gravacoes dessas "vozes sepultadas" saíram em CD nesse mesmo ano pela EMI, herdeira da Gramophone. ↩

9. Período de insurreicao na historia de Paris que durou pouco mais de dois meses, de 18 de marco de 1871 ate a "Semana Sangrenta" (21-28 de maio). Essa revolta contra o governo (oriundo da Assembleia Nacional que acabava de ser eleita pelo sufragio universal masculino) procurou implantar na cidade uma organizacao proxima da autogestao ou de um sistema comunista. A Comuna e em parte uma reacao a derrota francesa na guerra franco-prussiana de 1870 e ao cerco de Paris, bem como uma manifestacao da oposicao entre a Paris republicana, considerada "vermelha", e uma Assembleia Nacional de maioria monarquista. ↩

10. Eu seria um ingrato se, nos umbrais dessa historia terrível e baseada em fatos verídicos, nao agradecesse tambem a atual direcao da Opera, que se prestou amavelmente a todas as minhas questoes, em especial o sr. Messager; tambem ao simpatico administrador sr. Gabion e ao amabilíssimo arquiteto responsavel pela boa conservacao do monumento, que nao hesitou em me emprestar os livros de Charles Garnier, mesmo tendo quase certeza de que eu nao os devolveria. Resta-me, por fim, reconhecer publicamente a generosidade do meu amigo e ex-colaborador sr. J.L. Croze, que me permitiu ilustrar-me em sua admiravel biblioteca teatral e ali consultar edicoes unicas, que ele prezava muito. (Nota do autor) ↩

1

SERA UM FANTASMA?

AQUELA NOITE, a noite em que os srs. Debienne e Poligny, diretores demissionarios da Opera,[11] davam sua ultima festa de gala, por ocasiao de sua partida, o camarim da Sorelli, um dos primeiros nomes da danca, foi subitamente invadido por meia duzia de *demoiselles* do corpo de baile, que deixavam o palco apos terem "dancado" *Polyeucte*.[12] Precipitaram-se ali tumultuosamente, algumas emitindo risadas exageradas e pouco naturais, outras, gritos de terror.

A Sorelli, querendo um momento de sossego para "repassar" o elogio que deveria pronunciar dentro de instantes no foyer perante os srs. Debienne e Poligny, nao gostara nada nada de ver aquela turba alvorocada acorrer as suas saias. Preocupada com aquele frenesi, voltou-se as colegas. Foi a pequena Jammes – nariz apreciado por Grevin,[13] olhos de miosotis, faces de rosa, garganta de lírio – que, com uma voz tremula que sufocava a angustia, explicou tudo aquilo em tres palavras:

– E o Fantasma!

E passou a chave na porta. O camarim da Sorelli era de uma elegancia oficial e banal. Uma penteadeira, um diva, uma toalete e armarios compunham a mobília necessaria. Algumas gravuras nas paredes, recordacoes da mae, que conhecera os belos dias da antiga Opera da rua Le Peletier.[14] Retratos de Vestris, Gardel, Dupont, Bigottini.[15] Aquele camarim era um palacio para as meninas do corpo de baile, que se acomodavam em espacos comuns, onde passavam o tempo cantando, batendo boca, desancando cabeleireiros e figurinistas e pagando uma a outra copos de cassis ou cerveja ou mesmo rum, ate o toque do sino de chamada.

A Sorelli era muito supersticiosa. Ouvindo a pequena Jammes mencionar o Fantasma, arrepiou-se e repreendeu-a:

– Tolinha!

Mas como era a primeira a acreditar em fantasmas em geral, e no da Opera em particular, logo quis saber das novidades.

– Voces o viram? – interrogou.

– Como estou vendo voce! – replicou a pequena Jammes, que, de pernas bambas, arriou numa cadeira.

Imediatamente a pequena Giry – olhos ameixa, cabelos retintos, tez de azeviche, a pele fragil sobre ossos frageis – acrescentou:

– Se for ele, e muito feio!

– Oh, sim! – fez o coro das bailarinas.

Todas comecaram a falar ao mesmo tempo. O Fantasma aparecera para elas sob a forma de um senhor de terno preto irrompendo subitamente a sua frente, no corredor, sem que se pudesse saber de onde vinha. Sua aparicao fora tao repentina que ele pareceu sair da parede.

– Bah! – fez uma delas, que conservara um pouco de sangue-frio. – Voces veem fantasmas em toda parte.

Verdade que, nos ultimos meses, o unico assunto na Opera era aquele fantasma de terno preto que passeava feito uma sombra de cima a baixo do predio, que nao dirigia a palavra a ninguem, a quem ninguem ousava interpelar e que, entretanto, evaporava tao logo era visto, sem que se pudesse saber por onde nem como. Nao fazia barulho ao se mover, como convem a um verdadeiro fantasma. No comeco, riu-se e zombou-se daquele espectro, vestido como um cosmopolita ou um coveiro, mas a lenda do Fantasma nao demorou a ganhar proporcoes colossais entre o corpo de baile. Todas declaravam ter esbarrado de uma maneira ou de outra com aquela criatura sobrenatural e sido vítimas de seus malefícios. As que riam mais alto nao eram as mais tranquilas. Quando ele nao se mostrava, assinalava sua presenca ou passagem com peripecias pitorescas

ou funestas, pelas quais a supersticao quase unanime o responsabilizava. Um acidente lastimavel, um trote numa das *demoiselles* do corpo de baile, uma almofadinha de po de arroz perdida? Era tudo culpa do fantasma, do Fantasma da Opera!

No fundo, quem o vira? Afinal, ha inumeros ternos pretos na Opera que nao sao fantasmas. Mas esse terno tinha uma especificidade que nem todos os ternos pretos tem. Ele vestia um esqueleto.

Pelo menos era o que as *demoiselles* diziam.

E portava, naturalmente, uma caveira.

Tudo isso era a serio? A verdade e que a imagem do esqueleto nascera da descricao do Fantasma feita por Joseph Buquet, maquinista-chefe,[16] que por sua vez vira-o efetivamente. Viu-se cara a cara – nao poderíamos dizer "nariz com nariz", pois o Fantasma nao possuía um – com o misterioso personagem na escadinha junto a ribalta que leva diretamente aos "poroes". Teve tempo de percebe-lo por um segundo – pois o Fantasma fugira – e conservara uma lembranca indelevel de tal visao.

Eis o que Joseph Buquet dizia sobre o Fantasma a quem quisesse ouvi-lo:

– Ele e de uma magreza prodigiosa e seu terno preto esvoaca sobre um suporte esqueletico. Seus olhos sao tao profundos que nao distinguimos direito as pupilas imoveis. Em suma, vemos apenas dois grandes buracos negros como numa caveira. Sua pele, esticada sobre a ossatura como uma pele de tambor, nao e branca, mas horrivelmente amarela; seu nariz e tao insignificante que e invisível de perfil, e a ausencia desse nariz e uma coisa horrível de se ver. Tres ou quatro longas mechas castanhas na testa e atras das orelhas fazem as vezes de cabelo.

Em vao Joseph Buquet perseguira a estranha aparicao. Ela sumira como que num passe de magica e ele nao conseguiu reencontrar seu rastro.

Esse maquinista-chefe era um homem serio, sistematico, pobre de imaginacao e sobrio. Sua palavra foi ouvida com assombro e interesse, e logo surgiu mais gente afirmando ter visto um terno preto encimado por uma caveira.

As pessoas sensatas que tiveram conhecimento dessa historia declararam primeiramente que Joseph Buquet havia sido vítima de um trote de seus subordinados. Sobrevieram entao incidentes tao curiosos e inexplicaveis que os mais espertos comecaram a se atormentar.

Um tenente dos bombeiros e um bravo! Nada teme, principalmente o fogo! Pois bem, o tenente dos bombeiros em questao,[17] que tinha ido fazer uma vistoria de precaucao nos poroes e, parece, aventurara-se mais longe do que de costume, reaparecera subitamente no palco, palido, assustado, tremulo, os olhos fora das orbitas, e quase desmaiara nos bracos da digníssima mae da pequena Jammes. E por que? Porque vira avancar em sua direcao, na altura de uma cabeca, mas sem corpo, uma cabeca de fogo! E repito, um tenente dos bombeiros nao teme o fogo!

Esse tenente dos bombeiros chamava-se Papin.

O corpo de baile ficou consternado. A princípio, a tal cabeca de fogo estava longe de corresponder a descricao do Fantasma que Joseph Buquet fornecera. Interrogaram, naturalmente, o bombeiro, e mais uma vez o maquinista-chefe, o que fez com que aquelas *demoiselles* se convencessem de que o Fantasma tinha varias cabecas, as quais ele trocava ao seu bel-prazer. Naturalmente, logo imaginaram correr os maiores perigos. Se um tenente dos bombeiros nao hesitava em desmaiar, corifeus e ratinhas[18] podiam invocar mil justificativas para o terror que os fazia debandarem com as suas sapatilhas quando passavam em frente a algum buraco escuro de um corredor mal-iluminado.

De modo que, para proteger na medida do possível o monumento fadado a tao horríveis malefícios, a propria Sorelli, acompanhada por todas as suas bailarinas e inclusive imitada por todo o bando das classes de principiantes, deixara – no dia seguinte a historia do tenente dos

bombeiros – sobre a mesa do cubículo da zeladora, ao lado do patio da administracao, uma ferradura, que qualquer um que entrasse na Opera, nao sendo um espectador, era obrigado a tocar antes de colocar o pe no primeiro degrau da escada. E isso sob pena de tornar-se vítima da forca oculta que se apoderara do edifício, dos poroes ao sotao!

Essa ferradura, como de resto toda essa historia – ai de mim! –, nao fui eu que inventei e ainda hoje e possível ve-la na mesa do cubículo, em frente a cabine do porteiro, quando se entra na Opera pelo patio da administracao.

Isso e suficiente para dar uma ideia do estado de animo dessas *demoiselles*, na noite em que entramos com elas no camarim da Sorelli.

– E o Fantasma! – exclamou entao a pequena Jammes.

A inquietacao das bailarinas so fez aumentar. Agora, um angustiante silencio reinava no camarim. Ouviam-se apenas as respiracoes ofegantes. Por fim, Jammes, arremetendo em direcao ao canto mais recuado da parede com os sintomas de um sincero pavor, murmurou esta unica palavra:

– Escutem!

Com efeito, todos julgaram ouvir um farfalhar atras da porta. Nenhum rumor de passos. Uma seda leve deslizando no batente, seria possível arriscar. Depois, mais nada. A Sorelli tentou mostrar-se menos pusilanime do que suas colegas. Avancou em direcao a porta e perguntou com uma voz neutra:

– Quem e?

Mas ninguem lhe respondeu.

Entao, sentindo todos os olhos examinando-lhe os menores gestos, obrigou-se a ser valente e perguntou bem alto:

– Tem alguem atras da porta?

– Sim! Sim! Sim! Claro que tem alguem atras da porta! – repetiu aquela pequena ameixa seca da Meg Giry, que segurou heroicamente a Sorelli pela sua saia de tule… – Nao abra, de jeito nenhum! Por Deus, nao abra!

Mas a Sorelli, armada com um estilete que ela nunca largava, ousou rodar a chave na fechadura e abrir a porta, enquanto as bailarinas recuavam ate o banheiro e Meg Giry suspirava:

– Mamae! Mamae!

A Sorelli espiou corajosamente o corredor. Estava deserto; uma chama borboleteava em sua prisao de vidro, lancando uma luz vermelha e sinistra nas trevas ambientes, sem conseguir dissipa-las. A bailarina voltou a fechar a porta bruscamente, dando um grande suspiro.

– Nao – disse. – Nao ha ninguem!

– Mas nos o vimos nitidamente! – afirmou ainda Jammes, voltando com passos medrosos ao seu lugar junto a Sorelli. – Ele deve estar por aí, rondando. Eu nao volto para me vestir. Deveríamos descer todas juntas ao foyer, imediatamente, para o "elogio", e voltaríamos juntas.

Nesse instante, a menina tocou devotamente na figa de coral destinada a conjurar a ma sorte. E a Sorelli, furtivamente, com os sintomas de um sincero pavor, desenhou, com a ponta da unha cor-de-rosa de seu polegar direito, uma cruz de santo Andre[19] no anel de madeira que cingia o anelar de sua mao esquerda.

"A Sorelli", escreveu um celebre cronista, "e uma bailarina esguia, bonita, com o rosto grave e voluptuoso, cintura flexível como um ramo de salgueiro; costumam dizer a seu respeito que e uma 'bela criatura'. Seus cabelos louros e puros como ouro coroam uma testa palida sob a qual engastam-se dois olhos de esmeralda. Sua cabeca balanca mansamente como um penacho sobre um pescoco esguio, elegante e altivo. Quando ela danca, faz um movimento indescritível com as cadeiras, que imprime em todo o seu corpo um fremito de inefavel langor. Quando ergue os bracos e

se curva para esbocar uma pirueta, realcando assim todo o desenho do corpete, e a inclinacao do corpo delineia o quadril dessa deliciosa mulher, e uma cena de dar um no nas ideias."

Por falar em ideias, parece comprovado que ela nao tinha nenhuma. Nao era recriminada por isso.

Disse ainda as pequenas bailarinas:

– Meninas, compostura…! Talvez ninguem nunca tenha visto esse Fantasma…!

– Sim! Sim! Vimos sim…! Acabamos de ve-lo! – repetiram as meninas. – Tinha uma caveira no lugar da cabeca e usava os mesmos trajes da noite em que apareceu para Joseph Buquet!

– E Gabriel tambem viu! – interveio Jammes. – Ontem mesmo! Ontem a tarde… em pleno dia…

– Gabriel, o chefe do coro?

– Claro que sim… Ora! Nao sabia disso?

– E ele estava de terno, em pleno dia?

– Quem? Gabriel?

– Claro que nao! O Fantasma.

– Claro que estava de terno! – afirmou Jammes. – Foi o proprio Gabriel que me contou… Foi inclusive por isso que ele o reconheceu. Eis como a coisa se deu. Gabriel estava na sala do contrarregra. De repente, a porta se abriu. Era o Persa entrando. Voces sabem que o Persa carrega "mau-olhado".

– Oh, sim! – responderam em coro as pequenas bailarinas, que, assim que evocaram a imagem do Persa, em sinal de esconjuro fizeram chifres com os indicadores e mínimos esticados, dobrando o medio e o anelar sobre a palma e prendendo-os com o polegar.

– Embora supersticioso – continuou Jammes –, Gabriel e sempre muito educado, e quando ve o Persa contenta-se em meter discretamente a mao

no bolso e tocar suas chaves… Pois bem, assim que a porta se abriu para o Persa, Gabriel simplesmente deu um pulo da poltrona onde estava sentado em direcao a fechadura do armario para poder tocar em alguma coisa de ferro! Nesse movimento, rasgou num prego uma aba inteira de sua casaca. Correndo para a saída, bateu com a cabeca num cabide, virou um galo enorme; depois, recuando bruscamente, arranhou o braco no biombo junto ao piano; quis se apoiar no piano, mas tao desastradamente que a tampa caiu sobre suas maos e triturou seus dedos; pulou feito um louco para sair dali e calculou mal o tempo de descer a escada, com o que caiu e quicou pelos degraus ate o primeiro andar. Eu estava passando nesse exato instante com a mamae. Corremos para levanta-lo. Estava todo machucado e com sangue no rosto, o que nos assustou. Mas ele logo sorriu e exclamou: "Obrigado, meu Deus, por me salvar na hora aga!" Entao nos o interrogamos e ele nos explicou todo o seu medo. Resultava de que, atras do Persa, ele percebera o Fantasma! O "fantasma da caveira", como descreveu Joseph Buquet.

Um murmurio de pavor saudou o desfecho dessa historia, a cujo final Jammes chegou toda ofegante, pois fora uma narrativa tao precipitada como se ela estivesse sendo perseguida pelo Fantasma. Depois houve outro silencio, interrompido a meia-voz pela pequena Giry, enquanto a Sorelli, abalada, lixava as unhas.

– Joseph Buquet faria melhor ficando calado – enunciou a ameixa.

– E por que ele se calaria? – perguntaram-lhe.

– E a opiniao da mamae – replicou Meg, dessa vez quase num sussurro, e olhando a sua volta como se temendo ser ouvida por outros ouvidos que nao os ali presentes.

– E por que e essa a opiniao da sua mae?

– Shh! Mamae diz que o Fantasma nao gosta que o aborrecam!

– E por que sua mae diz isso?

– Porque… Porque… nada…

Essa reticencia estudada teve o dom de inflamar a curiosidade das *demoiselles*, que, aglomerando-se em volta da pequena Giry, suplicaram-lhe que se explicasse. Espremendo-se, projetadas num mesmo movimento de prece e pavor, elas aguardavam. Comunicavam-se seus medos, sentindo um prazer tao intenso que as enregelava.

– Jurei nao falar nada! – disse ainda Meg, num fio de voz.

Mas elas nao lhe deram tregua e prometeram guardar tao bem o segredo que Meg, que ardia de vontade de contar o que sabia, comecou, os olhos pregados na porta:

– Bom… foi por causa do camarote…

– Que camarote?

– O camarote do Fantasma!

– O Fantasma tem um camarote?

Ante essa ideia, as bailarinas nao contiveram a alegria funesta de sua estupefacao. Dando suspirinhos, diziam:

– Oh, meu Deus! Conte… conte…

– Mais baixo! – ordenou Meg. – E o primeiro camarote a esquerda do proscenio, voces sabem, o de nº5.

– Nao e possível!

– Podem acreditar… E minha mae que e a lanterninha… Mas jurem nao contar nada!

– Claro que juramos…!

– Pois bem, e o camarote do Fantasma… Faz mais de um mes que ninguem aparece por la, exceto o Fantasma, naturalmente, e deram ordens para a administracao nunca mais aluga-lo…

– E verdade que o Fantasma o frequenta?

– Claro que sim…

– Entao alguem aparece?

– Nao…! *O Fantasma vai la e nao ha ninguem.*

As pequenas bailarinas entreolharam-se. Se o Fantasma frequentava o camarote, deveriam te-lo visto, uma vez que ele usava um terno preto e levava uma caveira no lugar da cabeca. Foi o que sugeriram a Meg, mas esta replicou:

– Justamente! Ninguem ve o Fantasma! E ele nao tem nem terno nem caveira…! Tudo que falaram sobre a caveira e a cabeca de fogo e conversa fiada! Ele nao tem absolutamente nada… Ele so e ouvido quando esta no camarote. Mamae nunca o viu, mas o ouviu. Mamae sabe direitinho, pois e ela que lhe entrega o programa!

A Sorelli julgou dever intervir:

– Esta cacoando de nos, pequena Giry!

Entao a pequena Giry comecou a chorar:

– Eu deveria ter me calado… se mamae souber… mas e claro que Joseph Buquet esta errado se metendo onde nao e chamado… isso lhe trara azar… ontem mesmo mamae dizia…

Nesse momento, ouviram-se passos ruidosos e apressados no corredor e uma voz ofegante gritando:

– Cecile! Cecile! Voce esta aí?

– E a voz da mamae! – disse Jammes. – O que esta acontecendo?

E abriu a porta. Uma digna senhora, com o talhe de granadeiro pomerano, entrou no camarim e, gemendo, deixou-se cair numa poltrona. Seus olhos revolviam-se, enlouquecidos, iluminando lugubremente sua face cor de terracota.

– Que tragedia! – exclamava. – Que tragedia!

– O que? O que?

– Joseph Buquet…

– Muito bem, diga, Joseph Buquet…

– Joseph Buquet morreu!

O camarim foi tomado por exclamacoes, protestos perplexos, pedidos de explicacao assustados…

– Sim… acabam de encontra-lo enforcado no terceiro porao…! O mais terrível, no entanto – continuou, esbaforida, a pobre e digna senhora –, o mais terrível e que os maquinistas que encontraram seu corpo afirmam que ouviram em volta do cadaver uma especie de barulho que lembrava um cantico funebre!

– E o Fantasma! – deixou escapar, involuntariamente, a pequena Giry, que logo recobrou-se, tapando a boca com as maos. – Nao…! Nao…! Eu nao disse nada…! Eu nao disse nada…!

A sua volta, aterrorizadas, todas as suas colegas repetiam baixinho:

– Nao resta duvida! E o Fantasma…!

A Sorelli estava lívida…

– Nao vou conseguir proferir o meu elogio – avisou.

A mae de Jammes deu sua opiniao, esvaziando um calice de licor abandonado sobre uma mesa: o Fantasma devia estar metido naquilo…

Fato e que nunca se soube muito bem como Joseph Buquet morreu. O inquerito, sumario, nao resultou em nada, apontando suicídio natural. Nas *Memorias de um diretor*, o sr. Moncharmin, que era um dos dois diretores que sucederam aos srs. Debienne e Poligny, conta assim a historia do enforcado: “Um desagradavel incidente veio perturbar a festinha que os srs. Debienne e Poligny ofereceram para marcar sua partida. Eu estava no escritorio da direcao quando de repente vi entrar Mercier, o administrador. Ele estava transtornado, dizendo ter achado, enforcado no terceiro porao do palco, entre um painel e um cenario do *Rei de Lahore*,[20] o corpo de um maquinista. Exclamei: ‘Vamos tira-lo de la!’ No tempo que levei voando escada abaixo e descendo do trainel,[21] o enforcado ja nao tinha mais sua corda!”

Eis entao um incidente que o sr. Moncharmin considera normal. Um

homem e enforcado, vamos solta-lo, a corda sumiu. Oh, o sr. Moncharmin encontrou uma explicacao muito simples para isso. Escute o que ele diz: *Era a hora da danca, e corifeus e ratinhas haviam tomado suas precaucoes contra o mau-olhado*. E ponto-final. Da para ver daqui o corpo de baile descendo a escada do trainel e dividindo entre si a corda do enforcado em menos tempo do que o necessario para descreve-lo. Isso nao pode ser serio. Quando penso, em contrapartida, no local exato onde o corpo foi encontrado – no terceiro porao do palco –, imagino que, em algum lugar, uma vez feito o servico, devia haver alguem interessado em dar sumico a essa corda, e mais tarde veremos se estou errado ao imaginar uma coisa dessas.

A sinistra notícia se espalhou rapidamente por toda a Opera, onde Joseph Buquet era muito benquisto. Os camarins se esvaziaram e as pequenas bailarinas, agrupadas em torno da Sorelli como carneiros medrosos em volta do pastor, tomaram o caminho do foyer, atraves dos corredores e escadas mal-iluminados, trotando a toda pressa com suas sapatilhazinhas cor-de-rosa.

---

11. Os estatutos da Opera, desde a criacao da Academia Real de Musica pelo rei Luís XIV em 1669, conferem-lhe uma gestao artística e financeira inteiramente privada, uma especie de "concessao" (*privilege*). O Estado, portanto, contribui apenas com uma verba relativamente pequena para a conservacao do monumento, e nao para seu funcionamento ou programacao. ↩

12. Opera de 1878 de Charles Gounod, baseada na peca homonima de Pierre Corneille. ↩

13. Alfred Grevin (1827-92), escultor, desenhista, caricaturista e figurinista frances, criou, junto com o jornalista Arthur Meyer, o museu de cera que leva seu nome. ↩

14. Apos o atentado sofrido em 1858 por Napoleao III na rua Le Peletier (oito mortos, 142 feridos), onde ficava a sala de opera na epoca, resolveu-se construir outra, num local mais seguro, na futura Place de l'Opera (9º *arrondissement*), na ponta da avenida de l'Opera e no cruzamento de diversas ruas, entre elas a rua Scribe. ↩

15. Sobrenomes de tradicionais famílias de bailarinos e artistas franceses e italianos do sec.XVIII. ↩

16. Entre outras atribuicoes, o maquinista de teatro constroi cenarios, aderecos e mobiliarios, a partir de analise do projeto cenografico e pesquisa de objetos e materiais; executa trabalhos de

carpintaria, serralheria, costura, pintura, modelagem e escultura; opera maquinaria, como varas eletricas e cenograficas, cortinas, gruas, carrinhos sobre trilhos e dispositivos de efeitos especiais. ↩

17. Quem me contou esse episodio, absolutamente verídico, foi o proprio sr. Pedro Gailhard, ex-diretor da Opera. (Nota do autor) ↩

18. Na terminologia do bale classico, o bailarino ou bailarina corifeu (do grego, "chefe do coro") e aquele ou aquela que danca no corpo de baile mas tambem pode executar papeis de solista. Ja "*petits rats*" ("ratinhos" em frances) designa as bailarinas iniciantes, meninas de oito a dez anos. A explicacao mais plausível para esse apelido ve sua origem no barulho produzido pelas pontas das sapatilhas no assoalho da sala de ensaios, situada no sotao da Opera, barulho que lembraria o das patas de ratinhos. ↩

19. Cruz em forma de X, na qual santo Andre teria sido supliciado no ano 60 por ordens do imperador Nero. ↩

20. Opera em cinco atos de Jules Massenet, com libreto de Louis Gallet, de tematica hinduísta, estreada na Opera em 1877. ↩

21. Chassi, movel ou nao, sobre o qual se monta um cenario. ↩

2

A NOVA MARGARIDA

NO PRIMEIRO PATAMAR da escada, a Sorelli esbarrou no conde de Chagny, que subia. O conde, geralmente muito calmo, estava exaltadíssimo.

– Eu estava a caminho do seu camarim – disse ele, cumprimentando galantemente a moca. – Ah, Sorelli, que noite soberba! E Christine Daae: que triunfo!

– Nao e possível! – protestou Meg Giry. – Seis meses atras ela cantava feito uma gralha! Mas deixe-nos passar, meu caro conde – disse a garota, com uma reverencia rebelde –, estamos atras de notícias de um pobre homem que foi encontrado enforcado.

Nesse momento, passava esbaforido o administrador, que parou abruptamente ao ouvir aquelas palavras.

– Como! Ja sabem do ocorrido, senhoritas? – indagou num tom rude. – Pois bem, bico calado… e cuidem para que os srs. Debienne e Poligny nao sejam informados! Seria um imenso desgosto para eles em seu ultimo dia.

Todos se dirigiram para o foyer do bale, que ja estava invadido.

O conde de Chagny tinha razao: nunca uma noite de gala se comparou aquela; os privilegiados presentes ainda falam dela, com uma lembranca comovida, para seus filhos e netos. Imaginem Gounod, Reyer, Saint-Saens, Massenet, Guiraud, Delibes[22] alternando-se na estante do maestro e eles proprios regendo a execucao de suas obras. Apresentaram-se, entre outros interpretes, Faure e a Krauss,[23] e foi nessa noite que Christine Daae, cujo misterioso destino eu desejo expor neste livro, revelou-se a um Tout-Paris estupefato e inebriado.

Gounod regera *A marcha funebre para uma marionete*;[24] Reyer, sua bela abertura de *Sigurd*;[25] Saint-Saens, a *Danca macabra* e um *Devaneio oriental*;[26] Massenet, uma *Marcha hungara*[27] inedita; Guiraud, seu *Carnaval*;[28] Delibes, *A valsa lenta de Sylvia* e os *pizzicati* de *Coppelia*;[29] as srtas. Krauss e Denise Bloch[30] haviam cantado: a primeira, o bolero das *Vesperas sicilianas*;[31] a segunda, o *brindisi* de *Lucrecia Borgia*.[32]

Mas todo o triunfo coube mesmo a Christine Daae, que se fizera ouvir antes em algumas passagens de *Romeu e Julieta*.[33] Era a primeira vez que a jovem artista cantava aquela obra de Gounod, que, de resto, ainda nao havia migrado para a Opera e que o Opera-Comique acabava de montar muito tempo apos ter sido criada no antigo Theatre Lyrique por Mme. Carvalho.[34] Ah, devemos ter pena dos que nao ouviram Christine Daae no papel de Julieta e nao conheceram sua graca ingenua, nao estremeceram aos timbres de sua voz serafica, nao sentiram as proprias almas ascenderem com sua alma acima dos tumulos dos amantes de Verona: *"Senhor! Senhor! Senhor! Perdoai-nos!"*[35]

Pois bem, tudo isso ainda nao era nada ao lado dos trinados sobre-humanos que ela emitiu no ato da prisao e no trio final de *Fausto*,[36] que ela cantou substituindo a Carlotta, indisposta. Nunca se ouvira ou vira coisa parecida!

A coisa era a "nova Margarida",[37] que a Daae revelava, uma Margarida com esplendor e brilho ainda insuspeitos.

Com os mil clamores de sua inexprimível comocao, a sala inteira saudara Christine, que solucava "desmaiada" nos bracos de suas colegas. Tiveram que transporta-la para o seu camarim. Parecia ter entregado a alma. O grande crítico P. de St.-V.[38] eternizou a lembranca inesquecível desse minuto maravilhoso numa cronica que intitulou justamente "A nova Margarida". Como grande artista que era, ele percebera que, aquela noite, no palco da Opera, a bela e doce crianca oferecera um pouco mais que sua arte: oferecera seu coracao. Nenhum dos amigos da Opera ignorava que o coracao de Christine permanecera casto como aos quinze

anos, e P. de St.-V. declarava que, “para entender o que acabava de acontecer a Daae, *faz-se forcoso imaginar que ela acabava de amar pela primeira vez!* Talvez eu esteja sendo indiscreto”, acrescentava, “mas so o amor e capaz de realizar tal milagre, tao fulminante transformacao. Ouvimos, ha dois anos, Christine Daae em seu concurso do Conservatorio, e ela nos dera uma esperanca sedutora. *De onde vem o sublime de hoje? Se nao desce do ceu nas asas do amor, sou levado a crer que sobe dos infernos e que Christine, como o mestre-cantor Ofterdinger,*[39] *firmou um pacto com o Diabo!* Quem nao ouviu Christine cantar o trio final do *Fausto* nao conhece o *Fausto*: a exaltacao da voz e a ebriedade sagrada de uma alma pura nao saberiam ir alem!”

Entretanto, alguns assinantes protestavam. Como lhes haviam escondido aquele tesouro por tanto tempo? Ate ali Christine Daae fora um Siebel[40] correto junto aquela Margarida um tanto esplendidamente material demais que era a Carlotta. E fora preciso a ausencia incompreensível e inexplicavel da Carlotta, naquela noite da gala, para que, improvisadamente, a pequena Daae pudesse mostrar todo o seu talento numa parte do programa reservada a diva espanhola! Afinal, privados da Carlotta, como os srs. Debienne e Poligny haviam chegado a Daae? Conheciam entao seu talento oculto? E se o conheciam, por que o escondiam? E ela, por que o escondia? Estranhamente, ninguem sabia quem era seu professor atual. Ela havia declarado que passaria a trabalhar sozinha. Tudo aquilo era deveras inexplicavel.

Em pe em seu camarote, o conde de Chagny assistira aquele delírio e a ele se misturara com seus “bravos” explosivos.

O conde de Chagny (Philippe-Georges-Marie) tinha entao exatamente quarenta e um anos. Era um fidalgo e um belo homem. De estatura acima da media, rosto agradavel, apesar da fronte severa e os olhos um pouco frios, era de uma polidez refinada com as mulheres e um pouco arrogante com os homens, que nem sempre lhe perdoavam seus sucessos na sociedade. Tinha um coracao excelente e a consciencia limpa. Com a

morte do velho conde Philibert, tornara-se o chefe de uma das mais ilustres e antigas famílias da Franca, cujos quartos de nobreza remontavam a Luís o Teimoso.[41] A fortuna dos Chagny era consideravel e, quando o velho conde, que era viuvo, morreu, nao foi uma decisao facil para Philippe aceitar gerir tao vultoso patrimonio. Suas duas irmas e seu irmao Raoul nao quiseram ouvir falar em partilha, e com isso confiaram tudo a Philippe, como se o direito de primogenitura nao houvesse se extinguido. Quando as duas irmas se casaram – no mesmo dia –, requisitaram suas partes ao irmao nao como um direito que lhes cabia, mas como um dote pelo qual lhe expressaram gratidao.

A condessa de Chagny – em solteira, Moerogis de La Martyniere – morrera ao dar a luz Raoul, nascido vinte anos depois do irmao mais velho. Quando o velho conde morreu, Raoul tinha doze anos. Philippe zelou pela educacao da crianca. Foi assessorado nessa tarefa de modo admiravel pelas irmas, em primeiro lugar, e depois por uma velha tia, viuva de um marujo, que morava em Brest e transmitiu ao jovem Raoul o gosto pelas coisas do mar. O rapaz ingressou no navio-escola *Borda*, sobressaiu e completou tranquilamente sua volta ao mundo. Gracas a padrinhos poderosos, acabara de ser designado para integrar a expedicao oficial do *Requin*, que tinha a missao de procurar, nas geleiras do polo, os sobreviventes da expedicao do *D'Artois*, da qual nao se tinha notícia havia tres anos. Nesse ínterim, gozava de uma longa licenca, que so deveria terminar dali a seis meses, e vendo aquele belo rapaz, que parecia tao fragil, as ricas viuvas do nobre Faubourg[42] ja sentiam pena dele pelos trabalhos rudes que o esperavam.

A timidez desse marujo, sinto-me quase tentado a dizer sua inocencia, era notavel. Parecia ter saído das maos das mulheres na vespera. De fato, mimado pelas duas irmas e a velha tia, conservara dessa educacao eminentemente feminina maneiras quase candidas, eivadas de um encanto que, ate ali, nada fora capaz de manchar. Nessa epoca, tinha um pouco

mais de vinte e um anos e aparentava dezoito. Cultivava um bigodinho louro, tinha bonitos olhos azuis e uma pele de menina.

Philippe mimava Raoul. Antes de qualquer coisa, sentia um imenso orgulho do irmao e previa com alegria uma carreira gloriosa para o cacula naquela Marinha em que um de seus ancestrais, o famoso Chagny de La Roche, fora almirante. Aproveitava a licenca do rapaz para lhe mostrar Paris, que este ignorava, exceto no que a cidade pode oferecer de divertimento refinado e prazer artístico.

O conde julgava que, na idade de Raoul, sensatez demais nao e boa coisa. Era um carater muito bem equilibrado, o de Philippe, ponderado tanto em seus trabalhos como em seus prazeres, sempre um comportamento perfeito, incapaz de dar um mau exemplo ao irmao. Levou-o a toda parte com ele. Mostrou-lhe inclusive o foyer do bale. Sei perfeitamente que diziam que o conde "se entendia bem" com a Sorelli. Ora! Como recriminar esse fidalgo, solteiro convicto, a quem portanto nao faltavam distracoes, sobretudo depois que as irmas haviam se estabelecido, por vir passar uma ou duas horas apos o jantar na companhia de uma bailarina, que evidentemente nao era la muito inteligente mas tinha os olhos mais lindos do mundo? Alem disso, ha lugares onde um autentico parisiense, quando e da estirpe do conde de Chagny, deve mostrar-se, e naquela epoca o foyer do bale da Opera era um desses lugares.

Em suma, talvez Philippe nao tivesse levado o irmao as coxias da Academia Nacional de Musica se este, em mais de uma oportunidade, nao tivesse sido o primeiro a pedir-lhe isso com uma doce obstinacao, de que o conde deveria lembrar-se mais tarde.

Aquela noite, apos aplaudir a Daae, Philippe voltara-se para Raoul, cuja palidez o assustou.

– Entao nao esta vendo que aquela mulher esta passando mal? – inquiriu Raoul.

Com efeito, no palco, Christine Daae tivera de ser amparada.

– E voce que vai desmaiar – replicou o conde, inclinando-se na direcao de Raoul. – O que ha com voce?

Mas Raoul ja estava de pe.

– Vamos – disse, com uma voz tremula.

– Aonde pretende ir, Raoul? – interrogou o conde, perplexo ante a emocao demonstrada pelo cacula.

– Ora, vamos ver! E a primeira vez que ela canta desse jeito!

O conde fitou curiosamente o irmao, e um leve sorriso veio instalar-se no canto do seu labio maroto.

– Bah…! – E acrescentou imediatamente: – Vamos! Vamos!

Ele parecia enfeiticado.

Logo estavam na entrada dos assinantes, atulhada de gente. Aguardando permissao para entrar no palco, Raoul esfiapava suas luvas num gesto inconsciente. Philippe, que era um bom sujeito, nao zombou de sua impaciencia. Mas agora fora informado. Sabia por que Raoul andava distraído quando falava com ele e tambem por que parecia desfrutar de prazer tao intenso ao dirigir todos os assuntos de conversa para a Opera.

Adentraram o palco.

Uma multidao de ternos pretos desaguava no foyer do bale ou se dirigia aos camarins dos artistas. Aos gritos dos maquinistas misturavam-se as interpelacoes veementes dos chefes de cada equipe. Os figurantes do ultimo quadro indo embora, as *marcheuses*[43] trombando em voce, um trainel passando, um pano de fundo descendo do urdimento,[44] um praticavel domado a base de grandes marteladas, o eterno "*Place au theatre!*"[45] que reverbera nos ouvidos como a ameaca de alguma nova catastrofe para nossa cartola ou de uma forte cotovelada nos flancos, eis o script habitual dos entreatos, que nunca deixa de perturbar um novico como o moco de bigodinho louro, olhos azuis e pele de moca que, tao rapido quanto o congestionamento permitia, atravessava aquele palco no

qual Christine Daae acabava de triunfar e sob o qual Joseph Buquet acabava de morrer.

Nessa noite, a confusao era mais completa e Raoul menos tímido do que nunca. Afastava com o ombro robusto tudo que constituía obstaculo, sem atentar para o que falavam a sua volta ou buscar compreender as declaracoes assustadas dos maquinistas. Seu unico foco era o desejo de ver aquela cuja voz magica lhe arrancara o coracao. Sim, sentia perfeitamente que seu pobre e tenro coracao nao lhe pertencia mais. Bem que tentara defende-lo desde o dia em que Christine, a quem conhecera ainda pequena, ressurgira a sua frente. Quando a viu, sentiu uma emocao dulcíssima, que, apos refletir, pretendia rechacar, pois jurara, enquanto tivesse respeito por si mesmo e por sua fe, nao amar senao aquela que viesse a ser sua mulher, e naturalmente nao podia nem sequer sonhar casar-se com uma cantora. Mas eis que a emocao dulcíssima sucedera uma sensacao atroz. Sensacao? Sentimento? Um misto de físico e espiritual. Seu peito lhe doía, como se o tivessem aberto para lhe roubar o coracao. Sentia um vazio terrível, um vacuo real que jamais seria preenchido pelo coracao de outra! Estes sao acontecimentos de uma psicologia especial, que, ao que parece, nao podem ser compreendidos senao por aqueles que o amor golpeou com esse raio estranho vulgarmente denominado “paixao fulminante”.

O conde Philippe tinha dificuldade para acompanha-lo. Continuava a sorrir.

No fundo do palco, depois de atravessar a porta dupla que se abre para os degraus que conduzem ao foyer e os que dao acesso aos camarotes da parte esquerda do res do chao, Raoul foi obrigado a parar em frente ao pequeno grupo de ratinhas que, tendo descido havia pouco do sotao, obstruíam a passagem que ele queria atravessar. Mais de um gracejo lhe foi dirigido por singelas boquinhas pintadas, aos quais ele nao respondeu. Por fim, conseguiu passar e enveredou pela penumbra de um corredor que ecoava as exclamacoes emitidas por admiradores entusiastas. Um nome

encobria todos os rumores: Daae! Daae! O conde, atras de Raoul, ruminava: “O malando conhece o caminho!”, e perguntava-se como o aprendera. Nunca levara Raoul ao camarim de Christine. Tudo leva a crer que havia ido ate la por conta propria, enquanto o conde costumava ficar no foyer conversando com a Sorelli, que nao raro lhe pedia que permanecesse ao seu lado ate o momento de entrar em cena e as vezes tinha a mania tiranica de lhe dar para guardar as pequenas polainas que calcava para descer de seu camarim, garantindo o brilho de suas sapatilhas de seda e a pureza de sua malha cor de carne. A Sorelli tinha uma justificativa: perdera a mae.

O conde, adiando em alguns minutos a visita que devia fazer a Sorelli, seguia entao pela galeria que conduzia ao camarim da Daae e constatava que aquele corredor nunca fora tao concorrido como naquela noite, quando todo o teatro parecia em estado de choque diante nao so do exito da artista, como de seu desmaio. Pois a bela crianca ainda nao voltara a si e tiveram de chamar o medico do teatro, que chegou nesse ínterim, esbarrando nos grupos e com Raoul na sua cola.

Assim, o medico e o apaixonado viram-se simultaneamente ao lado de Christine, que recebeu os primeiros socorros de um e abriu os olhos nos bracos do outro. O conde, como muitos outros, permanecera na soleira da porta, diante da qual sufocava.

– Nao acha, doutor, que esses cavalheiros deveriam “desobstruir” um pouco o camarim? – perguntou Raoul, com incrível audacia. – Impossível respirar aqui.

– E nao e que o senhor tem absoluta razao? – concordou o medico, botando todo mundo porta afora, a excecao de Raoul e da camareira.

Esta fitava Raoul com os olhos arregalados pelo mais sincero pasmo. Nunca o tinha visto.

Nao ousou, contudo, questiona-lo.

O medico, por sua vez, pensou que, se o rapaz agia daquela forma, era evidentemente porque estava no seu direito. De modo que, enquanto o visconde permanecia no camarim a contemplar a Daae renascendo para a vida, os dois diretores, os srs. Debienne e Poligny em pessoa, que tinham vindo expressar sua admiracao pela contratada, espremiam-se no corredor com seus ternos pretos. O conde de Chagny, expulso como os demais para o corredor, ria as gargalhadas.

– Ah, o malandro! Ah, o malandro!

E acrescentava, *in petto*:[46] "Entao voces confiam nesses mancebos com cara de menina!"

Estava radiante. Concluiu: "E um Chagny!", e dirigiu-se ao camarim da Sorelli. Esta, nesse ínterim, descia para o foyer com seu pequeno rebanho amedrontado, e o conde encontrou-a no caminho, como foi dito.

Christine Daae, no camarim, deixara escapar um profundo suspiro, recebendo um gemido como resposta. Virou a cabeca, viu Raoul e estremeceu. Olhou para o medico, para o qual sorriu, depois para sua camareira, depois novamente para Raoul.

– Cavalheiro! – perguntou a este ultimo, com uma voz que ainda nao passava de um sopro. – Quem e o senhor?

– Senhorita – respondeu o moco, que apoiou um joelho no chao e depositou um ardoroso beijo na mao da diva –, senhorita, *sou o garotinho que foi pegar sua echarpe no mar*.

Christine olhou novamente para o medico e a camareira e os tres desataram a rir. Raoul levantou-se, muito vermelho.

– Senhorita, uma vez que faz questao de nao me reconhecer, eu gostaria de lhe dizer uma coisa em particular, uma coisa importantíssima.

– Quando eu estiver melhor, cavalheiro, pode ser…? – e sua voz tremia. – E muita gentileza sua…

– Mas precisa ir embora… – acrescentou o medico, com seu sorriso mais amavel. – Permita-me cuidar da senhorita.

– Nao estou doente – reagiu Christine, com uma energia tao estranha quanto inesperada. E levantou-se, passando fugazmente a mao sobre as palpebras.

– Agradeco-lhe, doutor…! Preciso ficar a sos… Saiam todos! Por favor… deixem-me em paz… Estou muito nervosa esta noite…

O medico fez mencao de protestar, mas, diante da agitacao da jovem, estimou que o melhor remedio para aquele estado consistia em nao contraria-la. E foi embora com Raoul, que se viu completamente desamparado no corredor. O medico comentou com ele:

– Nao a reconheci esta noite… logo ela, geralmente tao meiga…

E despediu-se.

Raoul ficou sozinho. Toda aquela parte do teatro estava deserta agora. Deviam estar todos assistindo a cerimonia de despedida no foyer do bale. Raoul, julgando que a Daae fosse para la, esperou-a na solidao e no silencio. Refugiou-se inclusive na sombra propícia de um canto de porta. Continuava com aquela dor horrível no lado do coracao; e era sobre isso que desejava falar com a Daae, e sem demora. Subitamente o camarim se abriu e ele viu a camareira saindo, sozinha, carregando uns pacotes. Parou-a na passagem e pediu-lhe notícias da jovem. Ela lhe respondeu rindo que esta ia muito bem, mas que convinha nao a importunar, pois ela queria ficar sozinha. E se foi. Uma ideia atravessou a mente inflamada de Raoul: evidentemente a Daae queria ficar sozinha *para ele*…! Ele nao lhe dissera que desejava falar com ela em particular, e nao era esta a razao pela qual ela esvaziara o recinto? Respirando com dificuldade, ele se aproximou do camarim e, inclinando o ouvido para a porta a fim de escutar o que iam lhe responder, dispos-se a bater. Mas sua mao tornou a pender. Acabava de perceber, no camarim, *uma voz de homem*, dizendo numa entonacao singularmente autoritaria:

– Christine, voce tem que me amar!

E a voz de Christine, dolorosa, que se adivinhava acompanhada de lagrimas, uma voz tremula, respondia:

– Como pode dizer isso? *A mim, que canto unicamente para voce!*

Raoul amparou-se no batente da porta, de tal forma sofria. Seu coracao, que ele julgava perdido para sempre, voltara-lhe ao peito e desfechava-lhe sonoros golpes. Todo o corredor reverberava, deixando Raoul ensurdecido. Seguramente, se o seu coracao continuasse a fazer aquele escandalo iriam ouvi-lo, a porta se abriria e o rapaz seria vergonhosamente escorracado. Que vexame para um Chagny! Escutar atras de uma porta! Levou as duas maos ao coracao para faze-lo calar-se. Mas um coracao nao e a boca de um cao, e mesmo quando seguramos com as duas maos a boca de um cao – um cao que late insuportavelmente –, continuamos a ouvir seus rosnados.

A voz de homem continuou:

– Deve estar cansada, nao?

– Oh, esta noite dei-lhe minha alma e estou morta.

– Sua alma e magnífica, crianca – prosseguiu a voz grave de homem –, e lhe agradeco. Nenhum imperador recebeu um presente como esse! *Os anjos choraram esta noite*.

Apos estas palavras, “os anjos choraram esta noite”, o visconde nao ouviu mais nada.

Mesmo assim nao foi embora. Temendo ser surpreendido, contudo, mergulhou no seu canto de sombra, decidido a esperar que o homem saísse do camarim. Acabava de aprender simultaneamente sobre o amor e o odio. Sabia a quem amava. Queria conhecer a quem odiava. Para sua grande estupefacao, a porta se abriu e Christine Daae, envolta em peles e com o rosto escondido sob uma renda, saiu sozinha. Ela fechou a porta, mas Raoul observou que nao a trancara a chave. Passou por ele. Ele nao a seguiu nem mesmo com os olhos, pois estes estavam na porta, que continuava fechada. Entao, o corredor novamente deserto, Raoul o

atravessou. Abriu a porta do camarim e fechou-a imediatamente atras de si. Viu-se na mais densa escuridao. Haviam apagado o gas.

– Ha alguem aqui! – exclamou Raoul com uma voz vibrante. – Por que se esconde?

Permanecia colado a porta fechada.

A noite e o silencio. Raoul nao ouvia senao o arfar da propria respiracao. Certamente nao se dava conta de que a indiscricao de sua conduta ia alem de todo o imaginavel.

– So saira daqui quando eu permitir! – exclamou o rapaz. – Se nao me responder, e um covarde! Mas fique certo de que saberei como desmascara-lo!

Riscou um fosforo. A chama iluminou o camarim. Nao havia ninguem! Apos tomar o cuidado de fechar a porta a chave, Raoul acendeu globos e lamparinas. Entrou no vestiario, abriu os armarios, procurou, apalpou as paredes com suas maos umidas. Nada!

– E essa agora? – disse em voz alta. – Sera que estou louco?

Assim permaneceu por dez minutos, escutando o assobio do gas na paz daquele camarim vazio: apaixonado, nem sequer pensou em roubar uma fita, que lhe teria trazido o perfume da amada. Saiu, nao sabendo mais o que fazia nem aonde ia. Em dado momento de sua incoerente deambulacao, um ar gelado bateu-lhe na face. Estava ao pe de uma escada estreita pela qual, atras dele, descia um cortejo de funcionarios, curvados sobre uma especie de padiola coberta por um lencol branco.

– A saída, por favor? – indagou a um desses homens.

– Nao esta vendo a sua frente?! – responderam-lhe. – A porta esta aberta. Mas deixe-nos passar.

Raoul perguntou mecanicamente, apontando para a padiola:

– O que e isso?

O funcionario respondeu:

– Isso e Joseph Buquet, que encontramos enforcado no terceiro porao, entre um trainel e um cenario do *Rei de Lahore*.

Raoul abriu passagem para o cortejo, cumprimentou e saiu.

---

22. Charles Gounod (1818-93); Ernest Reyer (1823-1909); Camille Saint-Saens (1835-1921); Jules Massenet (1842-1912); Ernest Guiraud (1837-92) e Leo Delibes (1836-91), compositores franceses que incursionaram no genero lírico e dominaram a cena francesa do sec.XIX. ↩

23. Jean-Baptiste Faure (1830-1914), barítono frances. Marie-Gabrielle Krauss (1842-1906), cantora lírica francesa de origem austríaca, um dos principais sopranos da Opera de Paris durante treze anos; criou o papel-título da opera *Fosca*, de Antonio Carlos Gomes (1836-96), em sua estreia no La Scala de Milao, em 16 de janeiro de 1873. ↩

24. Obra para piano composta por Gounod em 1872 e arranjada para orquestra sinfonica pelo proprio compositor em 1879. ↩

25. Opera em quatro atos de Reyer, com libreto de Camille de Locle e Alfred Blau, apresentada na Opera de Paris em 5 de junho de 1885. ↩

26. A *Danca macabra* e um poema sinfonico composto em 1874 e ainda hoje utilizado como trilha para filmes de terror ou misterio. *Devaneio oriental* e o 3º movimento da *Su te argelina*, de Saint-Saens, apresentado em Paris em 7 de junho de 1879. ↩

27. *Marcha hungara de Szabadi* (1879): nome dado por Franz Liszt para sua adaptacao para piano da *Marcha heroica de Szabadi*, de Massenet. ↩

28. O *Carnaval* e a ultima parte da *Primeira su te para orquestra* (1872), de Guiraud. ↩

29. Respectivamente valsa extraída do bale *Sylvia* (1876), de Leo Delibes, e trecho do bale *Coppelia* (1870), do mesmo compositor, com libreto de Charles Nuitter; o *pizzicati* e uma tecnica de dedilhado dos instrumentos de corda. ↩

30. Provavelmente Rosine Bloch (1844-91), mezzo-soprano francesa que cantou em diversos palcos da Franca, bem como em Bruxelas e Londres. ↩

31. Opera em cinco atos de Giuseppe Verdi, com libreto de Eugene Scribe e Charles Duveyrier, com estreia em 1855. ↩

32. Opera em dois atos e um prologo de Gaetano Donizetti, com libreto baseado na peca homonima de Victor Hugo, estreada em 1833. *Brindisi* sao “cancoes de brinde”, exortando um grupo a tomar um trago; geralmente cantada solo, no final a companhia entra em cena para participar. ↩

33. Opera em cinco atos de Gounod com libreto de Jules Barbier e Michel Carre baseada na peca homonima de William Shakespeare. Estreou em Paris em 1867. ↩

34. Marie-Caroline Miolan-Carvalho (1827-95), soprano francesa, criou diversos papeis de operas famosas, entre eles a Julieta de *Romeu e Julieta* e a Margarida do *Fausto* (ver notas 33 e 35). ↩

35. As derradeiras palavras dos amantes de gounod, cantadas em unissono. ↩

36. Opera em cinco atos, de Gounod, com libreto de Jules Barbier e Michel Carre, baseado na lenda e no drama homonimos de Goethe. Estreou em 1859. ↩

37. Heroína da opera *Fausto*, de Gounod. Seduzida por Fausto e gerando um filho seu, Margarida mata a crianca e e presa. Ao saber que Fausto tinha um pacto com o diabo (Mefistofeles), suplica protecao aos ceus e sobe ao Paraíso, enquanto Fausto reza. ↩

38. Trata-se de Paul de Saint-Victor (1827-91), ensaísta e crítico literario e teatral frances, que colaborou para diversos periodicos e jornais ao longo do sec.XIX. ↩

39. Possivelmente um personagem mítico, citado numa cronica do sec.XX e resgatado por Novalis em sua obra-prima, o romance inacabado e postumo *Heinrich von Ofterdingen* (1800). Os mestres-cantores eram uma especie de menestreis ou trovadores. ↩

40. Personagem do *Fausto* de Gounod, e amigo do irmao de Margarida (Valentin) e apaixonado por ela. Geralmente e interpretado por um mezzo-soprano, como e o caso de Christine Daae. ↩

41. No sistema nobiliario, a expressao "quarto de nobreza" denota a antiguidade dos títulos de nobreza de um indivíduo, de acordo com os títulos de seus ancestrais. Luís o Teimoso e Luís X (1289-1316), rei da Franca entre 1314 e 1316, decimo segundo da dinastia dos Capeto. ↩

42. Referencia ao Faubourg Saint-Germain, ver nota 7. ↩

43. Figurantes de segunda ordem num bale, fazendo breves aparicoes. Segundo Jacques Arago, em *Fisiologia dos foyers de todos os teatros de Paris* (1841), "as *marcheuses* sao essas garotas altas e bonitas que voce ve, no sequito dos corpos de baile ou das festas populares, mostrarem a multidao seus belos olhos escuros ou azuis, seus belos cabelos, delas proprias ou emprestados, suas panturrilhas esculpidas como as de Diana a cacadora, sua garganta e seus ombros iguais aos da Venus de Milo, quase tao estragados embora menos antigos. As *marcheuses* da Opera nao sao de se jogar fora, juro." ↩

44. Parte superior da caixa de teatro, guarnecida de solido madeiramento ao qual se fixam roldanas, polias, ganchos, cordas e outros dispositivos mecanicos que operam as manobras cenicas. Do urdimento fazem parte as varandas. Alguns autores reservam o nome de urdimento apenas para o conjunto das cordas e cordoes de manobras etc. pendentes do teto da caixa, a que chamam teia. ↩

45. Frances, literalmente "lugar ao teatro!". Ordem tradicional gritada pelo diretor tecnico no fim de uma mudanca de cenario, instruindo o pessoal a dar lugar aos atores, a representacao. ↩

46. Em italiano no original: "secretamente", "consigo mesmo". ↩

3

QUANDO, PELA PRIMEIRA VEZ E SIGILOSAMENTE, OS SRS. DEBIENNE E POLIGNY REVELAM AOS NOVOS DIRETORES DA OPERA, OS SRS. ARMAND MONCHARMIN E FIRMIN RICHARD, A VERDADEIRA E MISTERIOSA RAZAO DE SUA SAIDA DA ACADEMIA NACIONAL DE MUSICA

ENQUANTO ISSO, desenrolava-se a cerimonia de despedida.

Repito que essa festa magnífica foi oferecida, por ocasiao de sua saída da Opera, pelos srs. Debienne e Poligny, que haviam desejado morrer, como dizemos hoje, no auge.

Haviam sido ajudados na realizacao desse plano ideal e funebre por tudo que contava entao em Paris na sociedade e nas artes.

Toda essa gente marcara encontro no foyer do bale, onde, com uma taca de champanhe na mao e um pequeno discurso preparado na ponta da língua, a Sorelli aguardava os diretores demissionarios. Atras dela espremiam-se suas colegas do corpo de baile, jovens e velhas, umas comentando baixinho os acontecimentos do dia, outras dirigindo discretamente sinais codificados para seus namorados, multidao loquaz que ja cercava o bufe, montado sobre o tablado, entre a *danca guerreira* e a *danca campestre* do sr. Boulenger.[47]

Algumas bailarinas ja haviam trocado de roupa; a maioria ainda trajava suas saias de tule, mas todas julgaram conveniente fazer cara de circunstancia. So a pequena Jammes, a quem as quinze despreocupadas primaveras – idade venturosa – pareciam ter feito esquecer o fantasma e a morte de Joseph Buquet, nao parava de cacarejar, tagarelar, saltitar, fazer palhacada, de modo que, quando os srs. Debienne e Poligny apareceram

nos degraus do foyer do bale, ela foi severamente chamada a ordem pela impaciente Sorelli.

Todo mundo notou que os srs. diretores demissionarios aparentavam alegria, o que na província ninguem teria achado natural, mas em Paris foi considerado de muito bom gosto. Nunca sera parisiense aquele que nao aprender a pespegar uma mascara de alegria sobre seus desgostos e o veu da tristeza, do tedio ou da indiferenca sobre sua alegria íntima. Ao saber que um de seus amigos esta em dificuldade, nao tente consola-lo: ele lhe dira que ja esta consolado; mas se lhe aconteceu alguma coisa boa, evite felicita-lo: ele julga sua boa sorte tao natural que se espantara que comentem isso com ele. Em Paris estamos sempre num baile de mascaras, e nunca seria no foyer do bale que personagens tao "esclarecidos" como os srs. Debienne e Poligny cometeriam a gafe de mostrar sua aflicao, que era real. E ja sorriam afetadamente para a Sorelli, que comecava a proferir seu elogio, quando um grito da pestinha da Jammes veio quebrar o sorriso dos srs. diretores de uma forma tao brutal que a expressao de desolacao e pavor subjacente ofereceu-se aos olhos de todos:

– O Fantasma da Opera!

Jammes lancara essas palavras num tom de inexprimível terror, e seu dedo apontava, na multidao dos fraques escuros, para um rosto tao lívido, lugubre e feio, com os buracos negros das arcadas superciliares tao profundos, que a caveira assim designada fez imediatamente um sucesso estrondoso.

– O Fantasma da Opera! O Fantasma da Opera!

E todos riam e se cutucavam e queriam oferecer uma bebida ao Fantasma da Opera. Mas ele sumira! Tinha se esgueirado na multidao e o procuraram em vao, enquanto dois velhos senhores tentavam acalmar a pequena Jammes e a pequena Giry gritava feito um pavao.

A Sorelli estava furiosa, pois nao conseguira terminar seu discurso. Os srs. Debienne e Poligny deram-lhe um beijo, agradeceram-lhe e

evaporaram tao depressa quanto o proprio fantasma. Ninguem se surpreendeu com isso, pois sabia-se que deveriam passar pela mesma cerimonia no andar superior, no foyer do canto lírico, e que, para encerrar, seus amigos mais proximos seriam recebidos pela ultima vez por eles no grande vestíbulo do gabinete da direcao, onde uma verdadeira ceia os esperava.

E e la que iremos encontra-los na companhia dos novos diretores, os srs. Armand Moncharmin e Firmin Richard. Aqueles mal conheciam estes, mas transbordaram em protestos de amizade, a que estes responderam com mil elogios, de maneira que os convidados, que haviam temido uma noite macante, abriram prontamente um sorriso. A ceia foi quase alegre e, chegada a hora dos brindes, o sr. comissario do governo foi tao particularmente habil no seu, misturando a gloria do passado aos sucessos do futuro, que logo reinava a maior cordialidade entre os comensais. A transmissao dos poderes da direcao efetivara-se na vespera, na maior simplicidade possível, e as questoes que faltavam acertar entre a antiga e a nova direcao haviam sido resolvidas naquela oportunidade, sob a presidencia do comissario do governo, num desejo tao grande de harmonia de ambas as partes que, na verdade, nao espantava encontrar quatro risonhos rostos de diretores naquela noite memoravel.

Os srs. Debienne e Poligny ja haviam entregado aos srs. Armand Moncharmin e Firmin Richard as duas chaves minusculas, chaves-mestras, que abriam todas as portas da Academia Nacional de Musica – alguns milhares. Na mesma hora essas chavinhas, objeto da curiosidade geral, foram passando de mao em mao, ate que a atencao de alguns foi desviada pela descoberta que acabavam de fazer: na ponta da mesa, a estranha e lívida e fantastica figura de olhos cavados que ja aparecera no foyer do bale e que fora saudada pela pequena Jammes com essa apostrofe: “O Fantasma da Opera!”

Ali estava ele, como o mais natural dos comensais, com a ressalva de que nao comia nem bebia.

Os que haviam comecado a olhar para ele sorrindo tinham acabado por desviar a cabeca, de tal forma aquela visao imediatamente levava o espírito aos pensamentos mais funebres. Ninguem repetiu a brincadeira do foyer, ninguem exclamou: “Vejam, o Fantasma da Opera!”

Nao tinha pronunciado uma palavra, e seus proprios vizinhos nao puderam dizer em que momento preciso ele viera sentar-se ali, mas todos pensaram que, se os mortos as vezes voltavam para sentar-se a mesa dos vivos, nao podiam mostrar rosto mais macabro. Os amigos dos srs. Firmin Richard e Armand Moncharmin pensaram que o comensal descarnado era um íntimo dos srs. Debienne e Poligny, enquanto os amigos dos srs. Debienne e Poligny acharam que aquele cadaver pertencia a turma dos srs. Richard e Moncharmin. Por conseguinte, nenhum pedido de explicacao, nenhuma reflexao desagradavel, nenhum gracejo de mau gosto aventurou-se a melindrar aquele conviva do alem-tumulo. Alguns convidados que estavam a par da lenda do fantasma e conheciam a descricao feita pelo maquinista-chefe – eles ignoravam a morte de Joseph Buquet – julgavam *in petto* que o homem da ponta da mesa poderia muito bem passar pela consumacao viva do personagem criado, segundo eles, pela inveterada supersticao do pessoal da Opera; nao obstante, conforme a lenda, o Fantasma nao tinha nariz, enquanto esse personagem sim, mas em suas *Memorias* o sr. Moncharmin afirma que o nariz do convidado era transparente. “Seu nariz era comprido, fino e transparente”, assevera – e eu acrescentaria que poderia ser um falso nariz. O sr. Moncharmin pode ter tomado por transparente o que era apenas luzidio. Todo mundo sabe que a ciencia fabrica admiraveis narizes falsos para aqueles privados de um pela natureza ou por alguma cirurgia. Francamente, teria o Fantasma vindo aquela noite ao banquete dos diretores sem ter sido convidado? E podemos ter certeza de que aquele rosto era mesmo o do Fantasma da Opera? Quem ousaria afirmar uma coisa dessas? Se menciono tal incidente aqui, nao e porque eu queira, por um segundo que seja, impingir ao leitor

que o Fantasma teria sido capaz de tao soberba audacia, e sim porque, em suma, a coisa era muito possível.

Aqui esta, suponho, uma razao suficiente para isso. O sr. Armand Moncharmin, ainda em suas *Memorias*, diz textualmente, no capítulo XI: "Quando penso naquela primeira *soiree*, nao consigo separar a confidencia que nos foi feita, em seu gabinete, pelos srs. Debienne e Poligny, da presenca em nossa ceia daquele *fantasmatico* personagem que nenhum de nos conhecia."

Eis exatamente o que aconteceu.

Os srs. Debienne e Poligny, instalados no centro da mesa, ainda nao haviam percebido o homem da caveira quando, inopinadamente, este comecou a falar:

– As ratinhas tem razao – disse. – A morte desse pobre Buquet talvez nao tenha sido tao natural quanto se cre.

Debienne e Poligny quase caíram para tras.

– Buquet morreu? – exclamaram.

– Sim – replicou tranquilamente o homem, ou a sombra de homem. – Foi encontrado enforcado, esta noite, no terceiro porao, entre um trainel e um cenario do *Rei de Lahore*.

Os dois diretores, ou melhor, ex-diretores, levantaram-se no mesmo instante, fixando estranhamente seu interlocutor. Estavam mais agitados do que o normal, quer dizer, mais do que o normal quando se tem notícia do enforcamento de um maquinista-chefe. Os dois entreolharam-se. Estavam mais lívidos do que a toalha de mesa. Por fim, Debienne fez um sinal ao srs. Richard e Moncharmin; Poligny pronunciou algumas palavras de desculpas aos convidados e os quatro passaram ao gabinete da direcao. Com a palavra o sr. Moncharmin:

"Os srs. Debienne e Poligny pareciam cada vez mais agitados", conta ele em suas *Memorias*, "e julgamos que tinham alguma coisa bastante embaracosa a nos dizer. Primeiro, perguntaram se conhecíamos o

indivíduo sentado na ponta da mesa, que lhes comunicara a morte de Joseph Buquet, e diante de nossa resposta negativa mostraram-se ainda mais perturbados. Tomaram as chaves-mestras de nossas maos, consideraram-nas por um instante, balancaram a cabeca, depois nos aconselharam a mandar fazer novas fechaduras, no maior segredo, para os apartamentos, gabinetes e objetos cuja seguranca absoluta quisessemos garantir. Soaram tao hilarios ao falarem isso que comecamos a rir, perguntando-lhes se havia ladroes na Opera. Eles responderam que havia coisa pior, que era o *Fantasma*. Rimos novamente, persuadidos de que estavam fazendo alguma piada para coroar aquela festinha íntima. Entao, a pedido deles, recobramos nossa 'seriedade' e, para agrada-los, decidimos entrar naquela especie de jogo. Eles nos disseram que nunca nos teriam falado do Fantasma se nao tivessem recebido ordens categoricas do proprio para nos persuadirem a sermos amaveis com ele e conceder-lhe tudo que ele nos pedisse. Entretanto, felicíssimos por deixarem um terreno onde reinava soberana aquela sombra tiranica, e verem-se assim livres dela, haviam hesitado ate o ultimo instante em nos comunicar tao curiosa aventura, para a qual decerto nossos espíritos ceticos nao estavam preparados – quando o anuncio da morte de Joseph Buquet os fizera lembrar abruptamente que, todas as vezes que nao tinham obedecido aos desejos do Fantasma, algum acontecimento mirabolante ou funesto logo os fizera constatar sua inferioridade.

"Durante esses discursos inesperados, pronunciados no tom da confidencia mais secreta e significativa, eu observava Richard. Quando ainda era estudante, Richard tivera a reputacao de farsista, isto e, nao ignorava nenhuma das mil e uma maneiras que temos de cacoar uns dos outros, e as zeladoras do bulevar Saint-Michel tiveram um gostinho disso. Por exemplo, pareceu saborear exageradamente o prato que lhe foi servido. Nao desperdicou nada, embora o condimento tivesse um gosto um pouco macabro devido a morte de Buquet. Balancava a cabeca com tristeza e, a medida que os outros falavam, seu semblante anuviava-se

como o de um homem que lamentava amargamente aquela complicacao na Opera, agora que sabia existir um fantasma ali dentro. Nao me restava outra alternativa senao imitar servilmente aquela atitude de desespero. Entretanto, apesar de todos os nossos esforcos, no fim nao conseguimos nos abster de 'morrer de rir' nas barbas dos srs. Debienne e Poligny, que, ao nos verem passar sem transicao do estado de espírito mais lugubre a alacridade mais insolente, fingiram acreditar que tínhamos enlouquecido.

"A brincadeira ja tinha durado demais. Com uma cara de esfinge, Richard perguntou:

"– Mas afinal o que deseja esse fantasma?

"O sr. Poligny dirigiu-se ao seu gabinete e voltou com uma copia do caderno de encargos. O caderno de encargos comeca com as seguintes palavras: 'A direcao da Opera esta incumbida de conferir as representacoes da Academia Nacional de Musica o esplendor que convem a primeira cena lírica francesa' e termina com o artigo 98, assim concebido: 'A presente concessao podera ser retirada: 1º Se o diretor infringir as disposicoes estipuladas no caderno dos encargos.' Seguem as disposicoes.

"Essa copia", diz o sr. Moncharmin, "estava em tinta preta e em plena conformidade com a que possuíamos. Entretanto, vimos que o caderno de encargos que o sr. Poligny nos submetia comportava *in fine* uma alínea escrita com tinta vermelha – caligrafia bizarra e atormentada, como se tracada com a ponta de um palito de fosforo, caligrafia de crianca que nao saiu da garatuja e ainda nao conseguia juntar as letras. E a alínea que estendia tao estranhamente o artigo 90 dizia textualmente: '5º *Se o diretor atrasar em mais de quinze dias a mensalidade que deve ao Fantasma da Opera, mensalidade estipulada ate nova ordem em 20.000 francos – 240.000 francos por ano*.'

"O sr. de Poligny, com um dedo hesitante, nos mostrava essa clausula suprema, pela qual decerto nao esperavamos.

“– Isso e tudo? Ele nao quer mais nada? – perguntou Richard, com o maior sangue-frio.

“– Sim – replicou Poligny.

“Voltando a folhear o caderno das normas, leu:

“‘Art.63. – O grande camarote a direita dos camarotes de primeira classe sera reservado em todas as representacoes para o chefe de Estado.

“‘A frisa nº20, as segundas-feiras, e o camarote de primeira classe nº30, as quartas e sextas, serao colocadas a disposicao do ministro.

“‘O camarote de segunda classe nº27 sera reservado todos os dias para o governador do Sena e o chefe de polícia.’

“E no fim desse artigo o sr. Poligny nos mostrou uma linha acrescentada com tinta vermelha.

“‘*O camarote de primeira classe nº5 permanecera, em todas as representacoes, a disposicao do Fantasma da Opera*.’

“Lendo esse ultimo gracejo, so nos restou levantar e apertar calorosamente as maos de nossos dois antecessores, parabenizando-os por terem imaginado aquele simpatico trote, que provava que a velha gaiatice francesa continuava em forma. Richard julgou inclusive dever acrescentar que agora compreendia por que os srs. Debienne e Poligny deixavam a direcao da Academia Nacional de Musica. Os negocios tornavam-se inviaveis com fantasma tao exigente.

“– Evidentemente – replicou sem pestanejar o sr. Poligny –, ninguem acha 240.000 francos sob uma ferradura. E ja calcularam o que pode nos custar a nao locacao do camarote nº5, reservado para o Fantasma em todas as representacoes? Sem falar que fomos obrigados a pagar a assinatura, e o fim da picada! Serio, nao trabalhamos para sustentar fantasmas…! Preferimos debandar!

“– Sim – repetiu o sr. Debienne –, preferimos debandar! Vamos!

“E levantou-se.

“Richard ponderou:

“– Tudo indica que os senhores sao muito generosos com esse fantasma. Se eu tivesse um fantasma tao inconveniente, nao hesitaria em mandar prende-lo…

“– Mas onde? Mas como? – exclamaram eles em coro. – Nos nunca o vimos!

“– Mas e quando ele ocupa o seu camarote?

“– *Nos nunca o vimos em seu camarote.*

“– Entao alugue-o.

“– Alugar o camarote do Fantasma da Opera! Muito bem, cavalheiros, tentem!

“Com o que saímos os quatro do gabinete da diretoria. Eu e Richard nunca tínhamos rido tanto.”

---

47. Certamente Gustave Boulanger (1824-88), pintor orientalista frances, encarregado de varios paineis decorativos da Opera de Paris, entre eles os do foyer do bale. ↩

4

O CAMAROTE Nº5

ARMAND MONCHARMIN ESCREVEU memorias tao volumosas que, especialmente no que diz respeito ao período bastante longo de sua codirecao, sentimo-nos no direito de nos perguntarmos se um dia encontrou tempo de cuidar da Opera de outra forma que nao contando o que la acontecia. O sr. Moncharmin nao conhecia uma nota musical, mas mostrava-se íntimo do ministro da Instrucao Publica e das Belas-Artes, fizera um pouco de jornalismo de *boulevard*[48] e contava imensa fortuna. Em suma, era um rapaz encantador a quem nao faltava inteligencia, uma vez que, decidido a administrar a Opera, soubera escolher aquele que seria seu eficiente socio, indo direto a Firmin Richard.

Firmin Richard era um musico competente e um homem galante. Eis o perfil que a *Revue des Theatres* lhe dedicou por ocasiao de sua posse:

"O sr. Firmin Richard beira os cinquenta anos de idade, e alto, compleicao forte, sem barriga. Tem nobreza e elegancia, e pitoresco, seus cabelos sao bastos e cortados a escovinha, a barba em uníssono com os cabelos, a fisionomia tem algo de um pouco triste que e imediatamente compensado por um olhar franco e direto aliado a um sorriso encantador.

"O sr. Firmin Richard e um musico muito qualificado. Harmonizador habilidoso, contrapontista exímio, a grandiosidade e o principal carater de sua composicao. Publicou musica de camara muito apreciada pelos melomanos, musica para piano, sonatas ou pecas de fuga transbordantes de originalidade, uma coletanea de melodias. Por fim, *A morte de Hercules*, executada nos concertos do Conservatorio, respira um sopro epico que faz pensar em Gluck, um dos mestres venerados pelo sr. Firmin Richard. Todavia, se adora Gluck, nao adora menos Piccini;[49] o sr. Richard sente

prazer onde o encontra. Cheio de admiracao por Piccini, inclina-se perante Meyerbeer,[50] deleita-se com Cimarosa[51] e ninguem aprecia melhor do que ele o inimitavel genio de Weber.[52] Por fim, no que diz respeito a Wagner,[53] o sr. Richard nao esta longe de afirmar ser, ele, Richard, o primeiro na Franca e talvez o unico a te-lo compreendido."

Interrompo aqui minha citacao, da qual me parece resultar bastante claramente que, se o sr. Firmin Richard gostava de praticamente todos os generos de musica e de todos os musicos, era do dever de todos os musicos gostar do sr. Firmin Richard. Para concluir este rapido perfil, digamos que o sr. Richard era o que convencionamos chamar um autoritario, isto e, alguem muito mal-humorado.

Os primeiros dias que os dois socios passaram na Opera foram vividos na alegria de sentirem-se os chefes daquela vasta e bela empresa, esquecidos da curiosa e bizarra historia do Fantasma, ate que se produziu um incidente que lhes provou que, se farsa havia, ela nao terminara.

Aquela manha, o sr. Firmin Richard chegou ao seu gabinete as onze horas. Seu secretario, o sr. Remy, mostrou-lhe meia duzia de cartas, que ele nao abrira por trazerem a mencao "Pessoal". Uma dessas cartas chamou imediatamente atencao de Richard, nao so porque o sobrescrito do envelope estava em tinta vermelha, como porque lhe pareceu ja ter visto aquela letra em algum lugar. Nao precisou procurar muito: era a caligrafia vermelha que complementara de maneira tao bizarra o caderno de encargos. Reconheceu o garrancho e o aspecto infantil. Abriu e leu:

> Prezado diretor, peco-lhe perdao por vir importuna-lo em momento tao delicado, quando o senhor decide a sorte dos melhores artistas da Opera, renovando importantes compromissos e firmando novos; e isso com uma visao segura, uma comunhao com o teatro, um conhecimento do publico e seus gostos, uma autoridade que esteve bem perto de estarrecer minha velha experiencia. Estou a par do que acaba de fazer pela Carlotta, a Sorelli e a pequena Jammes, e por algumas outras, cujas admiraveis qualidades, dons ou genio o senhor vislumbrou. (Decerto sabe de quem falo quando escrevo estas palavras; nao e evidentemente da Carlotta, que canta feito um trombone e nunca deveria ter deixado o Ambassadeurs[54] nem o cafe Jacquin; nem da pequena Jammes, que danca como um bezerro no pasto. Tampouco e de Christine Daae, cujo genio e incontestavel, mas que, por um cioso prurido, o senhor mantem afastada de toda criacao

importante.) Enfim, o senhor e livre para administrar seu pequeno negocio como bem lhe apetece, nao e mesmo? Ainda assim, eu desejaria aproveitar que ainda nao botou Christine Daae na rua para ouvi-la esta noite no papel de Siebel, uma vez que o de Margarida, desde seu triunfo do outro dia, lhe foi negado, e pediria que nao dispusesse do meu camarote no dia de hoje, nem nos *seguintes*, pois nao terminarei esta carta sem lhe confessar o quao desagradavelmente surpreso me sinto, nestes ultimos tempos, ao chegar a Opera e saber que meu camarote foi alugado – na bilheteria – *por ordens suas*.

Nao protestei, em primeiro lugar porque sou inimigo do escandalo, depois porque nao imaginava que, antes de partirem, seus antecessores, os srs. Debienne e Poligny, sempre tao encantadores comigo, houvessem lhe omitido minhas pequenas manias. Ora, acabo de receber a resposta dos srs. Debienne e Poligny ao meu pedido de explicacao, resposta que me prova que o senhor esta a par do meu caderno de encargos e, por conseguinte, zomba ultrajantemente de minha pessoa. *Se deseja um conv vio pac fico, nao deve comecar por confiscar meu camarote!* Sob o benefício destas pequenas observacoes, queira me considerar, meu caro diretor, seu humílimo e obedientíssimo servo.

Assinado: F. da Opera

Essa carta vinha acompanhada de um trecho da pequena correspondencia da *Revue Theatrale*, em que lemos isto: "*F. da Opera: R. e M. nao tem desculpa. Eles foram avisados e deixamos em suas maos o caderno de encargos. Saudacoes!*"

Mal o sr. Firmin Richard terminara essa leitura, a porta do seu gabinete se abriu e o sr. Armand Moncharmin entrou com uma carta na mao, absolutamente identica a que seu colega recebera. Entreolharam-se e caíram na risada.

– A piada continua – comentou o sr. Richard. – Mas nao tem a mínima graca!

– O que isso significa? – indagou o sr. Moncharmin. – Por acaso *eles* acham que so por terem sido diretores da Opera lhes daremos um camarote vitalício?

Pois, tanto para o primeiro como para o segundo, nao restava duvida de que as missivas eram fruto da colaboracao trocista de seus antecessores.

– Nao estou com paciencia para tolerar esses gracejos por muito tempo! – declarou Firmin Richard.

– E inofensivo! – observou Armand Moncharmin. – Afinal, o que eles querem? Um camarote para hoje a noite?

O sr. Firmin Richard deu ordens para o seu secretario passar aos srs. Debienne e Poligny o camarote nº5, caso este nao estivesse reservado.

Nao estava. Foi-lhes expedido na mesma hora. Os srs. Debienne e Poligny moravam: o primeiro, na esquina da rua Scribe com o bulevar des Capucines; o segundo, a rua Auber. As duas cartas do F. da Opera foram postadas na agencia do bulevar des Capucines. Foi Moncharmin quem notou isso, examinando os envelopes.

– Como voce enxerga bem! – comentou Richard.

Eles deram de ombros e lamentaram que pessoas daquela idade ainda se divertissem com brincadeiras tao simplorias.

– Poderiam pelo menos ter sido mais educados! – observou Moncharmin. – Viu como nos tratam, a proposito da Carlotta, da Sorelli e da pequena Jammes?

– Quer saber, meu caro, essas pessoas estao doentes de inveja…! Quando penso que chegaram a publicar um aviso na correspondencia da *Revue Theatrale*…! Sera que nao tem mais o que fazer?

– A proposito – disse ainda Moncharmin –, parecem muito interessados na pequena Christine Daae…

– Voce sabe tao bem quanto eu que ela tem a reputacao de ser uma moca ajuizada! – respondeu Richard.

– E tao comum nao merecermos nossa reputacao – replicou Moncharmin. – Por acaso nao tenho a reputacao de ser especialista em musica, quando ignoro a diferenca entre a clave de sol e a clave de fa?

– Nao se preocupe, meu caro, voce nunca teve essa reputacao – declarou Richard.

Nesse momento, Firmin Richard deu ordens ao contínuo para introduzir os artistas que, havia duas horas, zanzavam no grande corredor

da administracao, esperando que a porta da diretoria se abrisse, porta atras da qual os esperavam a gloria e o dinheiro… ou a demissao.

O dia inteiro foi dedicado a discussoes, confabulacoes, assinaturas ou rompimentos de contratos; portanto, peco-lhes que acreditem que naquela noite – a noite de 25 de janeiro – nossos dois diretores, cansados apos uma jornada difícil de explosoes de raiva, intrigas, recomendacoes, ameacas, declaracoes de amor ou odio, deitaram-se cedo, sem terem sequer a curiosidade de dar uma espiada no camarote nº5 para saber se os srs. Debienne e Poligny julgavam o espetaculo do seu gosto. A Opera nao descansara apos a partida da antiga direcao e o sr. Richard empreendera algumas obras necessarias, mas sem interromper o curso das representacoes.

Na manha seguinte, os srs. Richard e Moncharmin encontraram em sua correspondencia uma carta de agradecimento do Fantasma, assim concebida:

Meu caro Diretor,

Obrigado. Noite encantadora. Daae soberba. Cuide dos coros. A Carlotta, magnífico e banal instrumento. Escreva em breve para o assunto dos 240.000 francos – exatamente 233.424 fr. 70; os srs. Debienne e Poligny tendo feito chegar as minhas maos 6.575 fr. 30, referentes aos primeiros dias de minha pensao deste ano –, sua concessao tendo terminado na noite do dia 10.

Servo

F. da Opera

E tambem uma carta dos srs. Debienne e Poligny:

Senhores,

Agradecemos sua amavel atencao, mas compreenderao facilmente que a perspectiva de ouvir novamente *Fausto*, por mais auspiciosa que seja para ex-diretores da Opera, nao nos faz esquecer que nao temos direito algum a ocupar o camarote de primeira classe nº5, que pertence exclusivamente aquele a cujo respeito tivemos o ensejo de lhes falar, relendo com os senhores, uma ultima vez, o caderno de encargos – ultima alínea do artigo 63.

Queiram aceitar, cavalheiros, etc.

– Diabos, essa gente esta comecando a me irritar! – declarou com veemencia Firmin Richard, esmigalhando a carta dos srs. Debienne e Poligny.

Aquela noite, o camarote nº5 foi alugado.

No dia seguinte, ao chegar ao seu gabinete, os srs. Richard e Moncharmin encontraram um relatorio do superintendente, relativo aos fatos ocorridos no camarote nº5 na noite anterior. Eis a passagem essencial do relatorio, que e breve:

"Esta noite", o superintendente escrevera, "vi-me na necessidade de requerer um guarda municipal para mandar evacuar, por duas vezes, no comeco e no meio do segundo ato, o camarote de primeira classe nº5. Os ocupantes, que haviam chegado no comeco do segundo ato, faziam um verdadeiro escandalo com suas risadas e reflexoes descabidas. De todos os lados a sua volta ouvia-se "shhh!", e a plateia comecava a protestar quando a lanterninha veio me procurar; entrei no camarote e fiz as admoestacoes necessarias. Aquela gente parecia nao gozar plenamente da razao e me respondeu com frases estupidas. Adverti-os de que se aquele escandalo se repetisse eu me veria obrigado a mandar evacuar o camarote. Assim que parti, ouvi novamente suas risadas e os protestos da plateia. Voltei com um guarda municipal, que os fez sair. Eles reclamaram, sempre rindo, declarando que nao iriam embora se nao devolvessemos seu dinheiro. No fim acalmaram-se e permiti que retornassem ao camarote; imediatamente as risadas recomecaram, e dessa vez mandei-os expulsar definitivamente."

– Va chamar o superintendente! – gritou Richard para o seu secretario, que fora o primeiro a ler aquele relatorio e ja o anotara com lapis azul.

O secretario, o sr. Remy – vinte e quatro anos, bigode fino, elegante, distinto, bem-vestido (nessa epoca, redingote obrigatorio durante o dia), inteligente e tímido perante o diretor, 2.400 de honorarios por ano pagos pelo diretor, compila os jornais, responde as cartas, distribui camarotes e ingressos de favor, agenda reunioes, conversa com os que tomam cha de cadeira, acorre a casa dos artistas doentes, contrata dubles, corresponde-se

com os chefes de departamento, mas acima de tudo e o grande ferrolho do gabinete da direcao, podendo ser posto na rua de um dia para o outro sem qualquer indenizacao, pois nao e reconhecido pela administracao –, o secretario, que ja chamara o superintendente, deu ordens para que ele entrasse.

O superintendente entrou, um pouco inquieto.

– Conte-nos o que aconteceu – ordenou bruscamente Richard.

O superintendente gaguejou alguma coisa, fazendo alusao ao relatorio.

– Afinal! Esses indivíduos, por que eles riam? – perguntou Moncharmin.

– Sr. diretor, eles deviam ter jantado bem e pareciam mais dispostos a chacota do que a escutar boa musica. Ao chegarem, mal haviam entrado no camarote, saíram e chamaram a lanterninha, que lhes perguntou o que havia. Eles disseram a lanterninha: "Olhe dentro do camarote, nao tem ninguem, nao e mesmo…?" "Nao", respondeu a lanterninha. "Muito bem", eles afirmaram, "quando entramos ouvimos uma voz dizendo *que havia alguem*."

O sr. Moncharmin nao pode olhar para o sr. Richard sem sorrir, mas o sr. Richard, por sua vez, nao sorria. Em outros tempos, ja "trabalhara" muito naquele genero para nao reconhecer, no relato que o superintendente lhe fazia o mais ingenuamente possível, todas as marcas de uma dessas brincadeiras de mau gosto que, se a princípio divertem aqueles que sao suas vítimas, depois os deixam fulos da vida.

O sr. superintendente, para adular o sr. Moncharmin, que sorria, julgara dever sorrir tambem. Desfortunado sorriso! O olhar do sr. Richard fulminou o socio, que tratou logo de compor um semblante terrivelmente consternado.

– E quando essas pessoas chegaram nao havia ninguem no camarote?– perguntou, rosnando, o terrível Richard.

– Ninguem, sr. diretor! Ninguem! Nem no camarote da direita, nem no camarote da esquerda, ninguem, eu juro! Boto a minha mao no fogo! E e o que prova claramente que tudo isso nao passa de um trote.

– E a lanterninha, o que disse?

– Oh, quanto a lanterninha, e muito simples, ela disse tratar-se do Fantasma da Opera. Ve se pode!

E o superintendente riu. Mas novamente compreendeu que errou ao rir, pois tao logo pronunciara estas palavras, "disse tratar-se do Fantasma da Opera", a fisionomia do sr. Richard, de lugubre, passou a feroz.

– Alguem va procurar a lanterninha! – ordenou. – Imediatamente! E tragam-na aqui! E mandem todo mundo embora!

O superintendente quis protestar, mas Richard silenciou-o com um terrível "Cale-se!". Entao, quando os labios do infeliz subordinado pareceram fechados para sempre, o sr. diretor ordenou que se abrissem novamente.

– O que e o "Fantasma da Opera"? – decidiu perguntar, com um grunhido.

Mas o superintendente agora achava-se incapaz de dizer uma palavra. Com uma mímica desesperada, indicou que nao fazia ideia, ou melhor, que desejava ficar fora daquilo.

– O senhor viu o Fantasma da Opera?

Com um gesto energico da cabeca, o superintendente negou te-lo visto.

– Azar o seu! – declarou friamente o sr. Richard.

O superintendente arregalou os olhos, que lhe saíam das orbitas, para perguntar por que o sr. diretor pronunciara aquele sinistro "Azar o seu!".

– Porque vou mandar fazer as contas de todos os que nao o viram! – explicou o sr. diretor. – Uma vez que ele esta em toda parte, nao e admissível que nao seja visto em parte alguma. Gosto que as pessoas cumpram suas funcoes!

48. Especie de coluna social com mexericos. ↩

49. Christoph Willibald Gluck (1714-87), compositor alemao de opera do período classico, foi um dos polos da querela que opos adeptos da opera francesa (gluckistas) aos defensores da opera italiana (piccinistas), representados por Niccolo Piccini (1728-1800), compositor lírico italiano, contrario a reforma proposta por Gluck. ↩

50. Giaccomo Meyerbeer (1791-1864), judeu alemao compositor de operas, caracterizado por seu ecletismo e internacionalismo, que faziam a síntese entre a tecnica orquestral alema, a arte do *bel canto* rossiniano e o esmero da declamacao francesa. Foi duramente atacado por Richard Wagner (ver nota 53), que se tornou seu inimigo ferrenho. Autor, entre outras operas, de *Robert le Diable*, *Os huguenotes* e *O profeta*, suas obras foram proibidas na Alemanha durante o período nazista. ↩

51. Domenico Cimarosa (1749-1801), compositor italiano. O enorme talento para a invencao melodica, o domínio da forma e uma utilizacao perfeita e sem exageros do instrumento vocal sustentado por uma orquestracao rigorosa fazem de Cimarosa o exemplo ideal do musico classico. Autor, entre outras obras, de *O matrimonio secreto*, tambem compos 88 sonatas para cravo. ↩

52. Carl Maria Friedrich Ernest von Weber (1786-1826), compositor alemao, autor de duas das operas mais conhecidas do repertorio romantico alemao: *O franco-atirador* e *Euriante*. ↩

53. Richard Wagner (1813-83), compositor, diretor teatral, regente e polemista alemao, contribuiu mais do que qualquer outro compositor para transformar a musica e ate mesmo a propria arte e a forma de pensa-la. Sua vida e sua musica despertaram paixoes jamais suscitadas por nenhum outro compositor. Embora ninguem lhes negue a grandeza, suas obras sao tao detestadas quanto idolatradas, destacando-se: *O navio fantasma*, *Tristao e Isolda*, *O anel dos nibelungos*, *As valqu rias* e *Parsifal*. ↩

54. Les Ambassadeurs, situado nos Champs-Elysees e aberto em 1740, foi um dos primeiros cafes a instalar um palco, no caso um quiosque, para a apresentacao de artistas, instituindo a voga dos cafes-concertos. ↩

5

O CAMAROTE Nº5
(*Continuacao*)

APOS AQUELAS PALAVRAS, o sr. Richard nao se ocupou mais do superintendente e despachou diversos assuntos com seu administrador, que acabava de entrar. O superintendente julgara poder ir embora e, discretamente, muito discretamente, oh Deus!, tao discretamente…!, de marcha a re, aproximara-se da porta, quando o sr. Richard, percebendo a manobra, pregou o homem no lugar com um tonitruante:

– Nao se mova!

Gracas aos prestimos do sr. Remy, foram catar a lanterninha, que era zeladora a rua de Provence, a dois passos da Opera. Dali a pouco, ela entrou.

– Como se chama?

– Mame Giry. O senhor me conhece bem, sr. diretor: sou mae da pequena Giry, da pequena Meg, arre!

Isso foi dito num tom rude e solene, impressionando momentaneamente o sr. Richard. Ele fitou Mame Giry (xale desbotado, sapatos gastos, vestido surrado de tafeta, chapeu cor de sebo). Estava claro, pela atitude do sr. diretor, que este nao conhecia em absoluto, ou nao se lembrava de conhecer, Mame Giry, tampouco a pequena Giry, muito menos "a pequena Meg"! Mas o orgulho de Mame Giry era tamanho que essa celebre lanterninha (acredito inclusive que foi de seu nome que forjaram a palavra, corriqueira no jargao das coxias, *giries*. Exemplo: uma artista critica uma colega por suas fofocas e mexericos; ela lhe dira: "tudo isso sao *giries*"), que essa lanterninha, dizíamos, supunha-se conhecida de todo mundo.

– Nao conheco! – decretou o sr. diretor. – Mas, Mame Giry, o que eu quero mesmo saber e o que lhe aconteceu ontem a noite para que a senhora e o sr. superintendente tenham sido obrigados a recorrer a um guarda municipal…

– Eu queria encontra-lo para falar justamente sobre isso, sr. diretor, com o unico objetivo de que os senhores nao enfrentem as mesmas contrariedades vividas pelos srs. Debienne e Poligny… No comeco, eles tambem nao queriam me escutar…

– Nao estou lhe perguntando nada disso, e sim o que aconteceu ontem a noite!

Mame Giry ficou vermelha de indignacao. Nunca lhe haviam falado naquele tom. Levantou-se, fazendo mencao de ir embora, ja recolhendo as pregas da sua saia e balancando com dignidade as plumas de seu chapeu cor de sebo. Contudo, mudando de ideia, sentou-se novamente e disse num tom desdenhoso:

– Aconteceu que voltamos a irritar o Fantasma!

A essas palavras, como o sr. Richard fez mencao de explodir, o sr. Moncharmin interveio e conduziu o interrogatorio, daí resultando que Mame Giry achava muito natural que uma voz soasse para proclamar que havia alguem num camarote onde nao havia ninguem. Ela nao conseguia explicar esse fenomeno, que nao era nem um pouco inedito para ela, senao pela intervencao do Fantasma. Esse fantasma, ninguem o via no camarote, mas todo mundo podia ouvi-lo. Ela ouvira-o mais de uma vez, ela, pessoa digna de credito, pois nao mentia nunca. Eles podiam perguntar aos srs. Debienne e Poligny e a todos os que a conheciam, e tambem ao sr. Isidore Saack, cuja perna o Fantasma havia quebrado!

– Ah, mas e claro! – interrompeu Moncharmin. – O Fantasma quebrou a perna do pobre Isidore Saack?

Mame Giry arregalou os olhos, nos quais se desenhou o espanto que ela experimentava face a tanta ignorancia. Por fim, consentiu em instruir

aqueles dois infelizes inocentes. A coisa acontecera na epoca dos srs. Debienne e Poligny, sempre no camarote nº5 e igualmente durante uma apresentacao do *Fausto*.

Mame Giry pigarreia, ajusta a voz… comeca… parece preparar-se para cantar toda a partitura de Gounod.

– Foi assim, cavalheiro. Naquela noite, estavam, na primeira fila, o sr. Maniera e sua senhora, os joalheiros da rua Mogador e, atras da sra. Maniera, o grande amigo deles, o sr. Isidore Saack. Mefistofeles cantava (*Mame Giry canta*): "Vos que fingis dormir", e entao o sr. Maniera escuta no seu ouvido direito (a esposa estava a sua esquerda) uma voz lhe dizendo: "Ah! Ah! Nao e Julie que finge dormir!" (sua senhora chama-se justamente Julie). O sr. Maniera vira-se para a direita para ver quem lhe falava assim. Ninguem! Coca a orelha e diz com seus botoes: "Estarei sonhando?" Nesse instante, Mefistofeles continuava sua cancao… Por acaso estou aborrecendo os srs. diretores?

– Nao! Nao! Continue…

– Os srs. diretores sao uns amores! (*Careta de Mame Giry*.) Entao, Mefistofeles continuava sua cancao (*Mame Giry canta*): "Catarina adorada/ por que recusar/ ao amante que lhe implora/ tao doce beijo?" e simultaneamente o sr. Maniera ouve, sempre no seu ouvido direito, a voz lhe dizendo: "Ah! Ah! Sera que Julie recusaria um beijo a Isidore?" Nesse instante ele se volta, mas, dessa vez, para o lado da sua senhora e de Isidore, e o que ve? Isidore pegando a mao da sua senhora por tras e cobrindo-a de beijos na nesga da luva… assim, meus bons senhores. (*Mame Giry cobre de beijos a porcao de carne deixada a mostra pela sua luva de filosela*.) Ora, nao pensem que a coisa se passou na maciota! Clic! Clac! O sr. Maniera, que e alto e forte como o senhor, sr. Richard, tascou um par de bofetadas no sr. Isidore Saack, que era magro e fraco como o sr. Moncharmin, com o devido respeito. Foi um escandalo. Na plateia gritavam: "Chega! Chega…! Ele vai mata-lo…!" No fim, o sr. Isidore Saack conseguiu escapar…

– O Fantasma entao nao lhe quebrou a perna? – questiona o sr. Moncharmin, um pouco envergonhado por sua compleicao física ter causado impressao tao murcha em Mame Giry.

– Quebrou, senhor – replica Mame Giry com altivez (pois compreendeu a intencao ferina). – Quebrou-a simplesmente na grande escadaria, que ele desceu rapido demais, meu senhor! E, acredite, de um jeito que nao a subira novamente tao cedo…!

– Foi o Fantasma que lhe repetiu as frases que ele insinuou no ouvido direito do sr. Maniera? – continua a interrogar, com uma gravidade que julga engracadíssima, o juiz de instrucao Moncharmin.

– Nao! Foi o proprio sr. Maniera. Assim…

– Mas e a senhora, a senhora ja falou com o Fantasma, boa mulher?

– Como estou falando com o senhor, bom homem…

– Quando o Fantasma fala com a senhora, o que ele diz?

– Muito bem, diz para eu lhe trazer um banquinho!

A essas palavras, tao solenemente pronunciadas, o semblante de Mame Giry tornou-se de marmore, marmore amarelo estriado por veios vermelhos, como o das colunas que sustentam a grande escadaria e que se chama marmore sarrancolino.

Dessa vez, Richard recomecou a rir junto com Moncharmin e o secretario Remy, enquanto, instruído pela experiencia, o superintendente nao ria mais. Recostado na parede, perguntava-se, remexendo freneticamente as chaves no bolso, como aquela historia iria terminar. E quanto mais Mame Giry tomava aquilo num tom “desdenhoso”, mais ele temia a volta da colera do sr. diretor! E entao, eis que diante da hilaridade da direcao, Mame Giry ousava proferir ameacas! Ameacas de verdade!

– Em vez de rirem do Fantasma – exclamou, indignada –, fariam melhor se fizessem como o sr. Poligny, que constatou por si mesmo…

– Constatou o que? – interroga Moncharmin, que nunca se divertira tanto.

– O Fantasma…! Uma vez que estou lhes dizendo… Prestem atencao…! (*Ela se acalma subitamente, pois julga o momento grave.*) Prestem atencao…! Lembro como se fosse ontem. Dessa vez, encenavam *A judia*.[55] O sr. Poligny quis assistir sozinho, no camarote do Fantasma, a representacao. A sra. Krauss fizera um sucesso estrondoso. Acabava de cantar, os senhores sabem perfeitamente, a passagem do segundo ato (*Mame Giry canta a meia-voz*):

Perto daquele que amo
Quero viver e sucumbir
Nem mesmo a morte
E capaz de nos desunir.

– Esta bem! Esta bem! Ja sei… – observa com um sorriso desencorajador o sr. Moncharmin.

Mas Mame Giry continua a meia-voz, agitando a pluma do seu chapeu cor de sebo:

Partamos! Partamos! Aqui, nos ceus,
A mesma sorte agora nos espera.

– Sim! Sim! Ja entendemos! – repete Richard, novamente impaciente. – E entao? E entao?

– E entao e nesse momento que Leopoldo grita “Fujamos!”, nao e?, e Eleazar os detem, perguntando: “Para onde correm assim?” Pois bem, nesse exato instante, o sr. Poligny, que eu observava do fundo de um camarote ao lado que permanecera desocupado, o sr. Poligny levantou-se reto feito uma regua e saiu duro feito uma estatua, e so tive tempo de lhe perguntar, como Eleazar: “Aonde vais?” Mas ele nao me respondeu, estava mais palido que um defunto! Observei-o descendo a escadaria, mas ele nao quebrou a perna… No entanto, caminhava como num sonho, como num

pesadelo, e nao conseguia achar o caminho… ele que era pago para conhecer a Opera de cor e salteado!

Assim se exprimiu Mame Giry, calando-se em seguida para julgar o efeito produzido. A historia de Poligny fez Moncharmin balancar a cabeca.

– Tudo isso nao me diz em que circunstancias nem como o Fantasma da Opera lhe pediu um banquinho! – ele insistiu, olhando fixamente para Mame Giry.

– Esta bem, mas foi desde essa noite… pois, a partir dessa noite, eles deixaram o nosso Fantasma tranquilo… nao tentaram mais disputar-lhe o camarote. Os srs. Debienne e Poligny deram ordens para que o reservassem para ele em todas as representacoes. Entao, quando ele vinha, ele me pedia seu banquinho…

– Ei! Ei! Um fantasma que pede um banquinho? Entao e uma mulher o seu fantasma? – interrogou Moncharmin.

– Nao, o Fantasma e um homem.

– Como sabe?

– Ele tem voz de homem, oh!, uma deliciosa voz de homem! Eis como a coisa se da: quando ele vem a Opera, chega geralmente no meio do primeiro ato, da tres batidinhas secas na porta do camarote nº5. A primeira vez que ouvi as tres batidinhas, quando sabia que ainda nao havia ninguem no camarote, adivinhem se fiquei curiosa? Abro a porta, escuto, olho: ninguem! E depois nao e que ouco uma voz me dizendo: "Mame Jules" (e o nome do meu finado marido), um banquinho, por favor?" Com todo o respeito, sr. diretor, fiquei um pimentao… Mas a voz continuou: "Nao se assuste, Mame Jules, sou eu, o Fantasma da Opera!!!" Olhei para o lado de onde vinha a voz, que, de resto, era tao bondosa e "aconchegante" que quase nao me dava mais medo. A voz, sr. diretor, *estava sentada na primeira poltrona da primeira fileira a direita*. Com a ressalva de que eu nao via ninguem na poltrona, qualquer um juraria haver alguem ali, falando, e alguem bem-educado, garanto.

– O camarote a direita do camarote nº5 estava ocupado? – perguntou Moncharmin.

– Nao, o camarote nº7, assim como o camarote nº3, a esquerda, nao estavam ocupados. Ainda estavamos no início do espetaculo.

– E o que a senhora fez?

– Pois bem, eu trouxe o banquinho. Evidentemente, nao era para ele que ele pedia um banquinho, era para sua dama! Mas ela, nunca a vi nem ouvi…

Hein? O que? O Fantasma agora tinha uma mulher! De Mame Giry, o duplo olhar dos srs. Moncharmin e Richard subiu ate o superintendente, que, por tras da lanterninha, agitava os bracos no desígnio de chamar atencao de seus chefes. Batia na testa com um indicador desolado para indicar aos diretores que Mame Jules estava completamente louca, pantomima que terminou por decidir o sr. Richard a se desfazer de um superintendente que mantinha uma alucinada em sua equipe. A mulher prosseguia, entregue a seu fantasma, agora gabando sua generosidade.

– No fim do espetaculo, ele sempre me da uma moeda de quarenta *sous*,[56] as vezes de cem, as vezes ate mesmo dez francos, quando fica varios dias sem vir. So que, depois que voltaram a importuna-lo, ele nao me da mais absolutamente nada.

– Perdao, boa mulher… (Nova revolta da pluma do chapeu cor de sebo face a tao persistente familiaridade), perdao…! Mas como o Fantasma faz para lhe entregar seus quarenta *sous*? – interroga Moncharmin, curioso de nascenca.

– Ora! Ele os deixa na mesinha do camarote… Encontro-os ali, junto com o programa que levo sempre para ele; ha noites em que encontro inclusive flores no meu camarote, uma rosa que tera caído do espartilho de sua dama… pois, isto e certo, vez por outra ele vem com uma dama, porque um dia esqueceram um leque.

– Ah! Ah! O Fantasma esqueceu um leque? E o que a senhora fez com ele?

– Ora, levei para ele na vez seguinte.

Aqui, a voz do superintendente se fez ouvir:

– A senhora nao observou o regulamento, Mame Giry, vai pagar uma multa.

– Cale-se, imbecil! (*Voz de baixo do sr. Firmin Richard*.)

– A senhora devolveu o leque! E aí?

– E aí eles o levaram, sr. diretor; nao o encontrei mais no fim do espetaculo, prova disso, deixaram no lugar uma caixa de bombons ingleses pelos quais eu me pelo, seu diretor. Essa e uma das gentilezas do Fantasma…

– Esta bem, Mame Giry… Pode se retirar.

Quando Mame Giry saudou respeitosamente, nao sem certa dignidade que nao a abandonava nunca, seus dois diretores, estes declararam ao sr. superintendente que estavam decididos a se privar dos servicos daquela velha louca. Despacharam o sr. superintendente.

Quando o sr. superintendente, apos declarar seu devotamento a casa, retirou-se por sua vez, os srs. diretores mandaram o sr. administrador fazer as contas do sr. superintendente. Finalmente a sos, os srs. diretores transmitiram-se o mesmo pensamento, que lhes ocorrera a ambos ao mesmo tempo: ir dar uma volta para os lados do camarote nº5.

Daqui a pouco iremos atras deles.

---

55. Opera em cinco atos de Fromental Halevy, com libreto original de Eugene Scribe, estreou em 1835. ↩

56. 1 *sou* valia 1⁄20 de 1 franco. ↩

6

O VIOLINO ENCANTADO

CHRISTINE DAAE, vítima de intrigas as quais voltaremos em breve, nao repetiu tao cedo na Opera o triunfo da famosa noite de gala. Desde entao, contudo, tivera oportunidade de se apresentar na cidade, na casa da duquesa de Zurique, onde cantou os mais belos trechos de seu repertorio. Eis como o grande crítico X.Y.Z., que se encontrava entre os convidados ilustres, exprime-se a seu respeito:

"Quando a ouvimos em *Hamlet*,[57] nos perguntamos se Shakespeare veio dos Campos Elíseos[58] faze-la ensaiar Ofelia… Verdade que, quando ela coloca o diadema de estrelas da rainha da noite, Mozart,[59] por sua vez, deve deixar a morada eterna para vir ouvi-la. Mas nao, ele nao precisa se incomodar, pois a voz aguda e vibrante da interprete encantada de sua *Flauta magica* vai encontra-lo no ceu, que ela escala com facilidade, exatamente como, sem esforco, passou de sua choupana da aldeia de Skotelof[60] ao palacio de ouro e marmore construído pelo sr. Garnier."[61]

Contudo, desde a reuniao na casa da duquesa de Zurique, Christine nao canta mais em sociedade. Fato e que, nessa epoca, recusa todo e qualquer convite, todo e qualquer cache. Sem dar pretexto plausível, cancela uma apresentacao numa festa de caridade a qual prometera comparecer. Age como se nao fosse mais dona do seu destino, como se tivesse medo de um novo triunfo.

Ela soube que, para agradar ao irmao, o conde de Chagny a elogiara junto ao sr. Richard; ela lhe escreveu para agradecer e tambem para pedir que nao a enaltecesse mais na presenca dos diretores. Quais poderiam ser afinal as razoes de tao estranha atitude? Uns afirmaram tratar-se de desmedido orgulho, outros apostaram na divina modestia. Ninguem que

trabalha no teatro e assim tao modesto; na verdade, nao sei se nao deveria escrever simplesmente esta palavra: pavor. Sim, acredito efetivamente que Christine Daae sentia medo do que acabara de lhe acontecer e estava tao estupefata como todos a sua volta. Estupefata? Ora vamos! Tenho aqui uma carta de Christine (colecao do Persa) que se refere aos acontecimentos dessa epoca. Pois bem, apos te-la relido, nao escreverei que Christine estava estupefata ou mesmo assustada com seu triunfo, mas sim *apavorada*. Sim, sim… apavorada! “Nao me reconheco mais quando canto!”, disse ela.

Pobre, pura, doce crianca!

Nao aparecia em lugar algum, e o visconde de Chagny tentou interferir. Escreveu-lhe, pedindo-lhe permissao para se apresentar em sua casa, e se desesperava ao nao receber resposta quando, certa manha, chegou-lhe as maos o seguinte bilhete:

> Senhor, nao me esqueci do menino que foi apanhar minha echarpe no mar. Nao posso deixar de lhe escrever isso, hoje que parto para Perros, conduzida por um dever sagrado. Amanha e o aniversario da morte do meu pobre pai, que o senhor conheceu e que o apreciava bastante. Ele esta enterrado la, com seu violino, no cemiterio que circunda a pequena igreja, ao pe da colina onde, criancas, tanto brincamos; na beira daquele caminho onde, ja mais crescidos, nos dissemos adeus da ultima vez.

Tao logo recebeu esse bilhete de Christine Daae, o visconde de Chagny se debrucou sobre um guia ferroviario, vestiu-se as pressas, escreveu umas linhas que seu criado de quarto deveria entregar ao seu irmao e se jogou dentro de um coche, o qual, alias, deixou-o tarde demais na plataforma da estacao de Montparnasse, e ele perdeu o trem matinal com o qual contava.

Raoul passou um dia enfadonho e so a noite, quando se viu instalado em seu vagao, recobrou o gosto pela vida. Ao longo de toda a viagem, releu o bilhete de Christine, respirou seu perfume; ressuscitou a doce imagem de seus tenros anos. Passou toda aquela abominavel noite de ferrovia num sonho nervoso, que iniciava e terminava com Christine Daae. O dia comecava a nascer quando ele desembarcou em Lannion. Correu ate a diligencia de Perros-Guirec. Era o unico passageiro.

Interrogou o cocheiro. Soube que na noite da vespera uma jovem com jeito de parisiense tomara o coche para Perros e se hospedara no Albergue do Sol Poente. So podia ser Christine. Tinha vindo sozinha. Raoul deixou escapar um profundo suspiro. Ia poder falar com ela calmamente, naquela solidao. Amava-a a ponto de sufocar. Esse menino grande, que dera a volta ao mundo, era puro como uma virgem que nunca deixou a casa da mae.

A medida que se aproximava de Christine, lembrava-se devotamente da historia da cantora sueca. Muitos detalhes dessa historia continuam ignorados pelo publico.

Era uma vez, num pequeno povoado nos arredores de Upsalla, um campones que morava com sua família, cultivando a terra durante a semana e cantando no pulpito aos domingos. Esse lavrador tinha uma filhinha, a quem, muito antes de ensinar a ler, ensinou a decifrar o alfabeto musical. O sr. Daae era, e talvez nem desconfiasse disso, um grande musico. Tocava violino e era considerado o melhor menestrel de toda a Escandinavia. Sua reputacao estendia-se aos arredores e ele era muito procurado para fazer os casais dancarem nas bodas e banquetes. A sra. Daae, invalida, morreu quando Christine entrava em seu sexto ano de vida. Logo depois, o pai, que amava exclusivamente a filha e a musica, vendeu sua gleba de terra e foi atras da gloria em Upsalla. La, so encontrou miseria.

Retornou entao ao campo, indo de quermesse em quermesse, arranhando suas melodias escandinavas, enquanto sua filha, que nunca o largava, escutava-o em extase ou acompanhava-o cantando. Um dia, na quermesse de Limby, o professor Valerius ouviu os dois e levou-os para Gottemburg. Afirmou que o pai era o melhor violinista do mundo e que sua filha tinha o estofo de uma grande artista. Cuidou-se da educacao e da instrucao da crianca. Em toda parte, ela encantava a todos com sua beleza, graca e vontade de aprender. Progredia rapidamente. O professor Valerius e sua mulher, nesse ínterim, foram obrigados a ir para a Franca. Levaram Daae e Christine. A sra. Valerius tratava-a como se fosse sua filha. Quanto

ao bom homem, comecava a definhar, tomado pelas saudades. Em Paris, nunca saía. Vivia numa especie de sonho, que ele alimentava com seu violino. Horas a fio, trancava-se no quarto com a filha e ouviam-se os dois, voz e violino, dulcíssimos, dulcíssimos. As vezes, a sra. Valerius vinha escuta-los atras da porta, dava um grande suspiro, enxugava uma lagrima e voltava-se na ponta dos pes. Tambem sentia saudades do seu ceu escandinavo.

O sr. Daae parecia so recobrar forcas no verao, quando toda a família ia para Perros-Guirec, num canto da Bretanha que era entao praticamente desconhecido dos parisienses. Gostava muito do mar dessa regiao, vendo nele, dizia, a cor do seu país, e muitas vezes, na praia, tocava para ele suas melodias mais dolentes, dizendo que o mar se calava para escuta-las. E depois, insistira tanto junto a sra. Valerius que esta consentira numa nova mania do ex-menestrel.

Na epoca dos "Perdoes",[62] festas de aldeias, dancas e "*derobees*",[63] ele partia como antigamente, com seu violino, e tinha o direito de levar a filha e ficar com ela durante uma semana. Ninguem se cansava de escuta-los. Instilavam harmonia nas menores aldeias, para o ano inteiro, e a noite dormiam nos celeiros, recusando a cama do albergue, aninhando-se na palha um contra o outro, como no tempo em que eram muito pobres na Suecia.

Ora, vestiam-se muito apropriadamente, recusavam os tostoes que lhes ofereciam, nao pediam esmola, e as pessoas a sua volta nao entendiam aquele violinista deambulando com aquela bela menina, que cantava tao bem que todos julgavam ouvir um anjo do paraíso. Eram seguidos de aldeia em aldeia.

Um dia, um menino da cidade obrigou sua governanta a seguir por um trajeto mais longo, pois recusava-se a abandonar a garotinha cuja voz tao doce e pura parecia te-lo acorrentado. Chegaram assim a beira de uma enseada, que ainda se chama Trestraou. So havia ceu e mar e a praia dourada. E, varrendo tudo, um vendaval, que carregou a echarpe de

Christine para o mar. Ela deu um grito e estendeu os bracos, mas o veu ja ia longe nas aguas. Christine ouviu uma voz reconfortante:

– Nao se preocupe, senhorita, vou pegar sua echarpe no mar.

E ela viu um garotinho correndo, correndo, apesar dos gritos e protestos indignados de uma boa senhora, toda de preto. Ele entrou no mar de roupa e tudo e lhe trouxe a echarpe. O garotinho e a echarpe estavam num estado lastimavel! A senhora de preto nao conseguia se acalmar, mas Christine ria abertamente e deu um beijo no garotinho. Era o visconde Raoul de Chagny. Morava entao com sua tia, em Lannion. Durante as ferias, viram-se quase todos os dias e brincaram juntos. A pedido dessa tia, por intermedio do professor Valerius, o bondoso Daae concordou em dar aulas de violino ao jovem conde. Assim, Raoul aprendera a amar as mesmas cancoes que haviam encantado a infancia de Christine.

Tinham praticamente a mesma alminha sonhadora e serena. Adoravam as historias, os velhos contos bretoes, e sua principal brincadeira era ir recolhe-los na soleira das portas, como mendigos. “Senhora ou meu bom senhor, porventura tem uma historinha para nos contar, por favor?!” Era raro nao lhes “darem” alguma coisa. Qual foi a velha avo breta que nao viu, ao menos uma vez na vida, os korrigans[64] dancarem na charneca, ao luar?

Mas sua festa de gala era quando, ao crepusculo, na grande paz da noite, depois que o sol se deitara sobre o mar, o sr. Daae vinha sentar-se ao lado deles na beira do caminho e, em voz baixa, como se temesse amedrontar os fantasmas que evocava, contava-lhes as belas, placidas ou terríveis lendas do país do Norte – ora elegantes como os contos de Andersen,[65] ora tristes como as historias do grande poeta Runeberg.[66] Quando fazia uma pausa, as duas criancas pediam: “Mais uma!”

Uma delas comecava assim: “Um rei sentou-se numa pequena canoa, numa dessas aguas tranquilas e profundas que se abrem como um olho brilhante no meio dos montes da Noruega…” E outra: “A pequena Lotte

pensava em tudo e nao pensava em nada. Ave de verao, planava sob os raios dourados do sol, exibindo sua coroa reluzente sobre os cachos louros. Sua alma era tao clara, tao azul quanto seu olhar. Era boazinha com a mae, fiel a boneca, cuidava com esmero do vestido, dos sapatos vermelhos e do violino, mas, acima de todas as coisas, apreciava, ao adormecer, ouvir o Anjo da Musica."

Enquanto o velho discorria, Raoul contemplava os olhos azuis e as mechas douradas de Christine. E Christine pensava que a pequena Lotte era abencoada por escutar o Anjo da Musica ao dormir. Nao havia historia do sr. Daae sem a presenca do Anjo da Musica, e as criancas nao se cansavam de fazer perguntas sobre aquele anjo. O sr. Daae afirmava que todos os grandes musicos e artistas recebem, pelo menos uma vez na vida, a visita do Anjo da Musica. O Anjo se debrucou algumas vezes sobre seu berco, como aconteceu com a pequena Lotte, e isso explica as criancas-prodígio que, aos seis anos, tocam violino melhor do que homens de cinquenta, o que, havemos de convir, e absolutamente extraordinario. Outras vezes, o Anjo vem muito mais tarde, porque as criancas nao sao bem-comportadas, nao querem aprender seu metodo e nao praticam seus solfejos. Outras vezes ainda, o Anjo nunca vem, porque a criatura nao tem o coracao puro nem a consciencia tranquila. Nunca vemos o Anjo, mas ele se faz ouvir para as almas predestinadas. Isso se da, geralmente, nos momentos em que elas menos esperam, quando estao tristes e abatidas. Entao o ouvido subitamente percebe harmonias celestes, uma voz divina, e nunca mais se esquece disso. As pessoas que sao visitadas pelo Anjo sao como que inflamadas por ele. Vibram num arrepio desconhecido pelo resto dos mortais. E gozam do privilegio de nao poderem mais tocar um instrumento ou abrir a boca para cantar sem emitir sons que, por sua beleza, fariam corar todos os outros sons humanos. Quem ignora que o Anjo visitou essas pessoas diz que elas tem talento.

A pequena Christine perguntava ao seu pai se ele ouvira o Anjo. O sr. Daae sacudia a cabeca tristemente, seus olhos brilhavam ao contemplar a

filha, e lhe dizia:

– Voce, minha filha, ira ouvi-lo um dia! Quando eu estiver no ceu, mandarei que ele a visite, prometo!

O sr. Daae comecara a tossir nessa epoca.

O outono chegou, separando Raoul e Christine.

Reencontraram-se tres anos mais tarde, adolescentes. Tambem aconteceu em Perros, e Raoul conservou do episodio uma impressao tao forte que ela o perseguiu pelo resto da vida. O professor Valerius falecera, mas a sra. Valerius permanecera na Franca, onde seus interesses a prendiam, junto com o sr. Daae e sua filha, estes sempre cantando e tocando violino, arrastando consigo, em seu sonho mavioso, sua querida protetora, que parecia nao viver mais senao de musica. O rapaz fora casualmente a Perros e, da mesma forma, entrou na casa onde sua amiguinha morava. Viu primeiro o velho Daae, que se levantou de sua cadeira com lagrimas nos olhos e o beijou, asseverando-lhe que nao o haviam esquecido. Na verdade, nao se passara um dia sem que Christine mencionasse Raoul. O velho ainda falava quando a porta se abriu e, encantadora, arfante, a moca entrou, trazendo numa bandeja o cha fumegante. Ela reconheceu Raoul e pousou a bandeja. Uma tenue chama se espalhou em seu rosto encantador. Ela continuava hesitante, calada. Seu pai os fitava. Raoul aproximou-se da jovem e beijou-a com um beijo que ela nao evitou. Ela lhe fez algumas perguntas, saindo-se muito bem em sua funcao de anfitria, pegou de volta a bandeja e deixou o aposento. Foi entao refugiar-se num banco, na solidao do jardim. Experimentava sentimentos que se agitavam pela primeira vez em seu coracao adolescente. Raoul veio juntar-se a ela e, num grande embaraco, conversaram ate o anoitecer. Estavam completamente mudados, nao reconheciam seus personagens, que pareciam ter adquirido uma importancia consideravel. Mostravam-se prudentes como diplomatas e conversavam assuntos que nao tinham nada a ver com seus sentimentos germinais. Quando se despediram, na beira da estrada, Raoul disse a

Christine, depositando um beijo correto em sua mao tremula: “Senhorita, jamais a esquecerei!” E partiu, arrependendo-se daquelas palavras ousadas, pois sabia muito bem que Christine Daae nao podia ser esposa do visconde de Chagny.

Quanto a Christine, foi encontrar o pai e lhe disse: “Nao acha que Raoul esta menos amavel do que antes? Nao gosto mais dele!” E tentou nao pensar mais no moco. Como isso era muito difícil, refugiou-se em sua arte, que ocupava todos os seus instantes. Seus progressos eram magníficos. Aqueles que a escutavam vaticinavam que seria a maior artista do mundo. Antes disso, porem, seu pai morreu, e com o golpe ela pareceu ter perdido a voz, a alma e o genio. De tudo isso, sobrou-lhe o suficiente para ingressar no Conservatorio, mas justo o suficiente. Nao se distinguiu em nenhuma disciplina, fez as aulas sem entusiasmo e ganhou um premio para satisfazer a velha mae Valerius, com quem continuava a morar. A primeira vez que Raoul vira Christine na Opera, encantara-se com a beleza da jovem e a evocacao das doces imagens de outrora, mas ficara ainda mais perplexo com o lado negativo de sua arte. Ela parecia desligada de tudo. Ele voltou para escuta-la. Seguia-a nas coxias. Esperou-a atras de um trainel. Tentou chamar sua atencao. Mais de uma vez foi ate a porta de seu camarim, mas ela nao o via. Parecia, alias, nao ver ninguem. Era a indiferenca que passava. Raoul sofreu com isso, pois ela era bela; tímido, nao ousava confessar a si mesmo que a amava. Viera entao o trovao da noite de gala: os ceus rasgados, uma voz de anjo fazendo-se ouvir na terra para o deslumbramento dos homens e a consumicao do seu coracao…

E depois, e depois, veio aquela voz de homem atras da porta: “Voce tem que me amar!”, e ninguem no camarote…

Por que ela rira quando ele lhe dissera, no momento em que ela reabria os olhos, “Sou o garotinho que foi pegar sua echarpe no mar”? Por que nao o reconhecera? E por que lhe escrevera?

Oh, como e extenso esse litoral…! Eis a cruz dos tres caminhos… a terra deserta, a charneca congelada, a paisagem imovel sob o ceu branco.

As janelas tilintam, estilhacam suas vidracas dentro dos ouvidos de Raoul… Que diligencia barulhenta e morosa! Ele reconhece os telhados de colmo… os cercados, os morros, as arvores do caminho… Eis o ultimo desvio da estrada, em seguida desceremos e surgira o mar… a grande baía de Perros…

Quer dizer entao que ela se hospedou no Albergue do Sol Poente. Ora! Nao existe outro. A proposito, fica-se muito bem ali. Ele se lembra que, na epoca, contavam-se belas historias do lugar! Como pulsa o seu coracao! O que ela dira ao ve-lo?

A primeira pessoa que ele percebe ao entrar na velha sala enfumacada do albergue e a sra. Tricard. Ela o reconhece. Ele a cumprimenta. Ela lhe pergunta o que o traz ali. Ele ruboriza. Responde que, estando a negocios em Lannion, fez questao de "esticar ate ali para cumprimenta-la". Ela quer lhe servir um almoco, mas ele diz: "Daqui a pouco." Ele parece esperar alguma coisa ou alguem. A porta se abre. Ele esta de pe. Nao se enganou: e ela! Ele quer falar, desiste. Ela permanece a sua frente, risonha, nem um pouco surpresa. Tem a face fresca e rosea como um morango nascido na sombra. Esta visivelmente esbaforida. O colo, que encerra um coracao sincero, arfa mansamente. Seus olhos, claros espelhos de suave azul, da cor dos lagos que sonham, imoveis, la em cima no norte do mundo, seus olhos transmitem o sereno reflexo de sua alma candida. O casaco de pele esta entreaberto sobre uma cintura flexível, sobre a linha harmoniosa de seu jovem corpo cheio de graca. Raoul e Christine fitam-se longamente. A sra. Tricard sorri e, discreta, se esquiva. Christine e a primeira a falar:

– Voce veio, isso nao me espanta. Eu tinha o pressentimento de que o encontraria aqui, neste albergue, voltando da missa. Alguem me disse isso, la. Sim, alguem me anunciou sua chegada.

– Ora, mas quem? – pergunta Raoul, tomando nas suas a maozinha de Christine, que esta nao lhe retira.

– Bem… meu pobre pai que faleceu.

Houve um silencio entre os dois.

Raoul entao prossegue:

– Seu pai lhe disse que eu a amava, Christine, que nao posso viver sem voce?

Christine cora ate a raiz dos cabelos e desvia a cabeca. Replica, com a voz tremula:

– Sem mim? Voce esta louco, meu amigo.

E da uma gargalhada para, como se diz, disfarcar.

– Nao ria, Christine, e muito serio.

E ela replica, grave:

– Nao o fiz vir ate aqui para que me dissesse coisas desse tipo.

– Voce me "fez vir", Christine; pressentiu que sua carta nao me deixaria indiferente e que eu acorreria a Perros. Como pode pensar uma coisa dessas, se nao pensou que eu a amava?

– Pensei que se lembraria das brincadeiras da nossa infancia, as quais meu pai costumava se juntar. No fundo, nao sei muito bem o que pensei… Talvez eu tenha errado ao lhe escrever… Sua aparicao tao subita no meu camarote na outra noite me levou longe, bem longe no passado, e lhe escrevi como a garotinha que eu era entao, que, num momento de tristeza e solidao, ficaria feliz de rever seu amiguinho…

Mantem-se calados por um instante. Ha, na atitude de Christine, alguma coisa que Raoul nao acha natural, sem que lhe seja possível dizer ao certo o que e. Nao percebe hostilidade de sua parte; longe disso… a ternura melancolica de seus olhos se expressa com clareza. Mas por que essa ternura e melancolica…? Eis talvez o que convem saber e o que ja o irrita…

– Quando me viu no seu camarim, era a primeira vez que me via, Christine?

Ela nao sabe mentir. Responde:

– Nao! Ja o tinha visto varias vezes no camarote do seu irmao. E depois tambem no palco.

– Eu desconfiava! – reage Raoul, mordendo os labios. – Mas por que entao, quando me viu no seu camarim, aos seus pes, recordando-lhe que havia sido eu que pegara sua echarpe no mar, por que respondeu como se nao me conhecesse, alem de rir?

O tom dessas perguntas e tao rude que Christine observa Raoul, perplexa, e nao lhe responde. O proprio rapaz fica estupefato ante aquela subita discussao, que ele ousa justo quando se prometera dirigir a Christine palavras de docura, amor e submissao. Um marido, um amante com todos os direitos, nao falaria de outra forma a mulher ou a amante que o tivesse ofendido. Mas ele proprio se irrita com seu descuido e, julgando-se estupido, nao ve outra saída para essa situacao ridícula exceto na decisao feroz de mostrar-se odioso.

– Nao me responde! – ele se exalta, raivoso e infeliz. – Pois bem, vou responder por voce! E que havia alguem naquele camarim importunando-a, Christine! Alguem a quem voce evitava mostrar que podia se interessar por outra pessoa que nao ele…!

– Se alguem me importunava, meu amigo! – interrompeu Christine, num tom gelado. – Se alguem me importunava aquela noite era voce, uma vez que foi voce que eu expulsei…!

– Sim…! Para ficar com o outro…!

– O que esta dizendo, cavalheiro? – reagiu a moca, arfante. – E de que outro se trata?

– Daquele a quem proclamou: “Canto unicamente para voce! Esta noite dei-lhe minha alma e estou morta!”

Christine agarrou o braco de Raoul, apertando-o com uma forca insuspeita naquela fragil criatura.

– Estava escutando atras da porta?

– Sim! Porque a amo… E ouvi tudo…

– Ouviu o que?

E a moca, de novo estranhamente calma, larga o braco de Raoul.

– Ele lhe disse: “Voce tem que me amar!”

A essas palavras, uma palidez cadaverica se espalha pelo rosto de Christine, seus olhos se afundam… Ela vacila, vai cair. Raoul se precipita, estende os bracos, mas Christine ja superou aquela fraqueza passageira e, baixinho, quase num sopro:

– Fale! Fale mais! Fale tudo o que ouviu!

Raoul mira-a e hesita, sem entender o que se passa.

– Ora, vamos, fale! Nao ve que esta me matando…!

– Tambem ouvi o que ele respondeu, quando voce lhe disse que lhe havia entregado sua alma: “Sua alma e magnífica, crianca, e lhe agradeco. Nenhum imperador recebeu um presente como esse! Os anjos choraram esta noite!”

Christine levou a mao ao coracao. Fita Raoul numa emocao indescritível… Seu olhar e tao agudo, tao incisivo, que parece o de uma alienada. Raoul esta estupefato. Mas eis que os olhos de Christine se umedecem e sobre suas faces de marfim deslizam duas perolas, duas pesadas lagrimas…

– Christine…!

– Raoul…!

O moco quer enlaca-la, mas ela escorrega por suas maos e foge num grande desassossego.

Enquanto Christine permanecia trancada em seu quarto, Raoul fazia-se mil censuras por sua brutalidade. Por outro lado, contudo, o ciume voltava a galopar em suas veias flamejantes. Para que a moca tivesse manifestado tamanha perturbacao ao saber que haviam surpreendido seu segredo, este devia ser importante! A despeito do que ouvira, Raoul decerto nao duvidava da pureza de Christine. Sabia que era considerada

uma moca direita e ele nao era tolo a ponto de nao compreender a necessidade de uma artista, as vezes acuada, de ouvir declaracoes de amor. Ela de fato respondera a estas ultimas, dizendo ter dado sua alma, mas evidentemente nao se tratava em tudo isso senao de canto e musica. Evidentemente? Entao por que aquela perturbacao de ha pouco? Oh, como Raoul estava infeliz! Se tivesse agarrado o homem, *a voz de homem*, teria pedido explicacoes mais precisas.

Por que Christine fugira? Por que nao descia?

Ele recusou o almoco. Estava completamente desolado e sofria ao ver escoarem-se, longe da jovem sueca, aquelas horas que ele esperara tao doces. Por que ela nao vinha percorrer com ele a regiao da qual compartilhavam tantas recordacoes? E por que, uma vez que ela parecia nao ter mais nada a fazer em Perros, e na verdade nao fazia nada ali, nao tomava imediatamente o caminho de volta para Paris? Ele ficara sabendo que, mais cedo, ela mandara oficiar uma missa pelo descanso da alma do sr. Daae e que passara longas horas rezando na igrejinha e no tumulo do menestrel.

Triste e abatido, Raoul enveredou pelo caminho do cemiterio que circundava a igreja. Empurrou o portao. Vagou solitario por entre os tumulos, decifrando as inscricoes, mas, ao se aproximar da abside, notou imediatamente o odor chamativo das flores que suspiravam no granito tumular e brotavam ate sobre a cal. Elas aromatizavam todo aquele canto gelado do inverno bretao. Eram milagrosas rosas vermelhas que pareciam desabrochadas de manha, na neve. Era um pouco de vida na casa dos mortos, pois a morte, ali, estava em toda parte. Ela tambem transbordava da terra, que regurgitara o excesso de cadaveres. Centenas de esqueletos e cranios amontoavam-se contra o muro da igreja, contidos simplesmente por um leve aramado, que deixava a descoberto todo o macabro edifício. As caveiras, empilhadas, alinhadas como tijolos, consolidadas nos intervalos por ossos branquíssimos, pareciam formar a primeira base sobre a qual haviam erguido os muros da sacristia. A porta dessa sacristia se abria

no centro desse ossuario, tal como costumamos ver nas velhas igrejas bretas.

Raoul rezou por Daae, depois, ridiculamente impressionado com aqueles sorrisos eternos das bocas das caveiras, saiu do cemiterio, voltou a subir a colina e sentou-se na orla da charneca que domina o mar. O vento soprava cruelmente sobre as praias, ladrando atras da debil e tímida claridade do dia. Esta cedeu, fugiu e nao foi mais senao uma risca lívida no horizonte. O vento entao se calou. O crepusculo descera. Raoul estava envolto em sombras geladas, mas nao sentia frio. Todo o seu pensamento, e suas recordacoes, vagava pela charneca deserta e desolada. Era ali, aquele lugar, que ele costumava vir ao cair da tarde com a pequena Christine, para ver os korrigans dancarem ate a lua despontar. De sua parte, nunca vira um, e olha que enxergava bem. Christine, ao contrario, que era um pouco míope, afirmava ter visto muitos. Sorriu ao pensar nisso e entao, de repente, estremeceu. Uma forma, uma forma definida, mas que surgira sem que ele soubesse como, sem que o menor ruído o houvesse advertido, uma forma em pe ao seu lado dizia:

– Acha que os korrigans virao esta noite?

Era Christine. Ele quis falar. Ela tapou-lhe a boca com a mao enluvada.

– Escute, Raoul, estou determinada a lhe dizer uma coisa grave, muito grave!

Sua voz tremia. Ele esperou.

Ela prosseguiu, opressa.

– Lembra-se, Raoul, da lenda do Anjo da Musica?

– Se me lembro! – ele exclamou. – Acho inclusive que foi aqui que o seu pai nos contou essa historia pela primeira vez.

– Foi aqui tambem que ele me disse: “Quando eu estiver no ceu, mandarei que ele a visite.” Pois bem, Raoul, meu pai esta no ceu e recebi a visita do Anjo da Musica.

– Nao duvido – replicou o rapaz gravemente, pois julgava

compreender que, num pensamento pio, sua amiga misturava a lembranca de seu pai com o brilho do seu ultimo triunfo.

Christine pareceu ligeiramente surpresa com o sangue-frio do visconde de Chagny ao inteirar-se de que ela recebera a visita do Anjo da Musica.

– Como interpreta isso, Raoul? – ela indagou, e seu rosto palido fez-se tao proximo ao do rapaz que este quase acreditou que Christine lhe daria um beijo, mas ela so queria ler em seus olhos, em meio a escuridao.

– Penso – ele replicou – que nenhuma criatura humana canta como voce cantou a outra noite sem que algum milagre intervenha, sem que o ceu se manifeste. Nao existe professor na terra capaz de ensinar aqueles gorjeios. Voce ouviu o Anjo da Musica, Christine.

– Sim – ela assentiu solenemente –, *no meu camarim*. E ali que ele vem me dar suas aulas diariamente.

O tom com que ela disse isso era tao penetrante e singular que Raoul fitou-a, inquieto, como fitamos uma pessoa que diz um absurdo ou afirma ter tido alguma visao estapafurdia, na qual acredita com todas as forcas de seu pobre cerebro doente. Mas ela recuara e, agora, imovel, nao passava de uma restia de sombra na noite.

– No seu camarim? – ele repetiu como um eco estupido.

– Sim, foi la que o ouvi, e nao fui a unica a ouvi-lo…

– Quem mais o ouviu, Christine?

– Voce, meu amigo.

– Eu? Eu ouvi o Anjo da Musica?

– Sim, aquela noite, era ele quem falava quando voce escutava atras da porta do meu camarim. Foi ele que me disse: “Voce tem que me amar.” Mas eu achava que era a unica a perceber sua voz. Calcule entao minha surpresa ao saber, hoje de manha, que voce tambem podia ouvi-lo…

Raoul deu uma gargalhada. E imediatamente a noite se dissipou sobre a charneca deserta e os primeiros raios de luar vieram envolver os jovens.

Christine voltara-se, hostil, para Raoul. Seus olhos, geralmente tao meigos, chispavam.

– Por que ri? Porventura julga ter ouvido uma voz de homem?

– Com certeza absoluta! – respondeu o rapaz, cujas ideias comecavam a se embaralhar face a reacao beligerante de Christine.

– Voce, Raoul! Voce me diz isso! Meu amiguinho de infancia! Amigo do meu pai! Nao o reconheco mais. O que acha, afinal? Sou uma moca honesta, sr. visconde de Chagny, nao me tranco com vozes de homens no meu camarim. Se voce tivesse aberto a porta, teria visto que nao havia ninguem.

– E verdade! Quando voce saiu, abri a porta e nao encontrei ninguem no camarim…

– Esta vendo… e entao?

O conde juntou toda a sua coragem.

– Entao, Christine, acho que estao zombando de voce!

Ela deu um grito e fugiu. Ele correu atras dela, mas ela disparou, numa irritacao feroz:

– Deixe-me! Deixe-me!

E desapareceu. Raoul retornou ao albergue, aonde chegou cansado, abatido e triste.

Soube que Christine acabava de subir para o seu quarto, tendo comunicado que nao desceria para jantar. O rapaz perguntou se ela estava doente. A boa hospedeira deu-lhe uma resposta ambígua, que, se ela estivesse doente, nao deveria ser nada muito grave, e, como acreditava ser uma rusga de dois apaixonados, afastou-se, dando de ombros e exprimindo furtivamente a piedade que sentia por jovens que desperdicavam em brigas vas as horas que o bom Deus lhes permitiu passar na terra. Raoul jantou sozinho, junto ao fogao, e, como voces imaginam, de forma bastante melancolica. Em seguida, no quarto, tentou ler; depois, na cama,

dormir. Nao se ouvia rumor algum nos aposentos ao lado. O que fazia Christine? Dormia? E se nao estivesse dormindo, em que pensava? E ele, em que pensava? Seria ao menos capaz de dizer? A conversa estranha que tivera com Christine deixara-o profundamente abalado…! Seu pensamento estava menos em Christine do que *em torno* de Christine, e esse "em torno" era tao difuso, nebuloso e intangível que lhe causava um mal-estar deveras estranho e angustiante.

As horas entao demoravam a passar; podiam ser onze e meia quando ele ouviu claramente alguem andando no quarto vizinho ao seu. Era um passo leve e furtivo. Christine entao nao se deitara? Sem raciocinar e cuidando para nao fazer barulho, o rapaz se vestiu as pressas. Disposto a tudo, esperava. Disposto a que? E ele sabia? Seu coracao deu um pulo quando ouviu a porta de Christine ranger devagarinho. Aonde ela ia aquela hora, quando tudo descansava em Perros? Entreabriu sorrateiramente sua porta e pode ver, ao luar, a forma branca de Christine esgueirando-se pelo corredor. Alcancou a escada, desceu; e ele, acima dela, debrucou-se no corrimao. De subito, ouviu duas vozes interpelando-se apressadamente. Uma frase chegou ate ele: "Nao perca a chave." Era a voz da hospedeira. Embaixo, a porta que dava para a enseada se abriu. Fecharam-na. E tudo voltou a calma. Raoul retornou imediatamente ao seu quarto e correu a janela, que abriu. A forma branca de Christine avultava no cais deserto.

Esse primeiro andar do Albergue do Sol Poente nao era alto, e uma arvore que estendia seus galhos para os bracos impacientes de Raoul permitiu que ele saísse sem que a hospedeira pudesse suspeitar de sua ausencia. Assim, qual nao foi a estupefacao da boa senhora na manha seguinte quando lhe trouxeram o moco quase congelado, mais morto do que vivo, e ela soube que fora encontrado deitado nos degraus do altar-mor da igrejinha de Perros. Correu prontamente para dar a notícia a Christine, que desceu as pressas, e, com a ajuda da hospedeira, dispensou seus cuidados inquietos ao rapaz, que nao demorou a abrir os olhos e

voltar completamente a si, percebendo acima dele o rosto encantador de sua amiga.

O que acontecera entao? O sr. comissario Mifroid teve a oportunidade, semanas depois, quando o drama da Opera requereu a intervencao do Ministerio Publico, de interrogar o visconde de Chagny sobre os acontecimentos da noite de Perros, e eis de que maneira estes foram transcritos nas folhas do inquerito (Cota[67] 150).

Pergunta – A srta. Daae nao o viu descer do seu quarto pelo singular caminho que escolheu?

Resposta – Nao, senhor, nao, nao. No entanto, cheguei por tras sem me preocupar com o rumor dos meus passos. Eu so pedia uma coisa, que ela se voltasse, me visse e me reconhecesse. Com efeito, eu acabava de concluir que minha perseguicao era completamente despropositada e que a forma de espionagem a qual eu me dedicava nao era digna da minha pessoa. Mas ela pareceu nao me ouvir e, de fato, agiu como se eu nao estivesse presente. Deixou tranquilamente o cais e, de repente, voltou de modo intempestivo. O relogio da igreja acabava de dar quinze para a meia-noite e me pareceu que o toque do quarto de hora determinara a prontidao de sua carreira, pois ela pos-se praticamente a correr. Chegou, assim, a porta do cemiterio.

P. – A porta do cemiterio estava aberta?

R. – Sim, senhor, e isso me surpreendeu, mas nao pareceu de forma alguma espantar a srta. Daae.

P. – Nao havia ninguem no cemiterio?

R. – Nao vi ninguem. Se houvesse alguem, eu teria visto. O luar resplandecia e a neve que cobria a terra, refletindo seus raios, deixava a noite ainda mais clara.

P. – Nao era possível alguem estar escondido atras dos tumulos?

R. – Nao, senhor. Eram lapides simples que desapareciam sob a camada de neve e enfileiravam suas cruzes a flor da terra. As unicas sombras eram

as dessas cruzes e as nossas. A igreja cintilava. Nunca vi luz noturna igual. Estava muito bonito, límpido e frio. Eu nunca tinha ido a um cemiterio a noite e ignorava que fosse possível encontrar uma luz assim, "uma luz imponderavel".

P. – O senhor e supersticioso?

R. – Nao, senhor, sou religioso.

P. – Qual era o seu estado de espírito na hora?

R. – Normal e tranquilo, juro. Claro, a saída inesperada da srta. Daae a princípio me perturbara profundamente, mas, assim que vi a moca entrar no cemiterio, ruminei que estava indo fazer alguma promessa diante do tumulo paterno e julguei a coisa tao natural que recobrei toda a minha calma. So estranhava o fato de ela ainda nao ter ouvido meus passos atras dela, pois a neve estalava conforme eu avancava. Mas sem duvida estava toda absorta em seu pensamento devoto. Resolvi, de resto, nao a importunar e, quando ela chegou ao tumulo do pai, permaneci alguns passos atras dela. Ela se ajoelhou na neve, fez o sinal da cruz e comecou a rezar. Nesse momento, deu meia-noite. A decima segunda pancada ainda reverberava no meu ouvido quando, de repente, vi a moca levantar a cabeca; seu olhar fitou a abobada celeste, seus bracos se estenderam para o astro das noites; ela me pareceu em extase, e eu ainda me perguntava qual fora a razao subita e determinante daquele extase quando eu mesmo ergui a cabeca, lancei a minha volta um olhar esgazeado e todo o meu ser se projetou para o Invisível, *o invis vel que tocava musica para nos*. E que musica! Ja a conhecíamos. Christine e eu ja a havíamos escutado em nossa infancia. Mas no violino do sr. Daae ela jamais se exprimira com arte tao divina. Nao me restou outra coisa, nesse instante, senao me lembrar de tudo o que Christine acabava de me dizer sobre o Anjo da Musica e pensar naqueles sons inesquecíveis que, se nao desciam do ceu, nao revelavam sua origem na terra. Nao se viam instrumento nem mao para conduzir o arco. Oh, lembro-me da admiravel melodia. Era a *Ressurreicao de Lazaro*,[68] que o sr. Daae tocava para nos em suas horas de tristeza e fe. Se o Anjo de

Christine existisse, nao teria tocado melhor essa noite com o violino do finado menestrel. A invocacao de Jesus nos enlevava e, juro por Deus, quase esperei ver erguer-se a lapide do tumulo do pai de Christine. Ocorreu-me igualmente a ideia de que o sr. Daae havia sido enterrado com seu violino e, na verdade, nao sei ate onde, naquele minuto funebre e radioso, no fundo daquele pequeno cemiterio perdido de província, ao lado daquelas caveiras que riam para nos com todos os seus maxilares imoveis, nao, nao sei ate onde foi minha imaginacao nem onde ela parou. Mas a musica se calara e voltei a mim. Pareceu-me ouvir um barulho para o lado das caveiras do ossuario.

P. – Ah, o senhor ouviu um barulho na direcao do ossuario?

R. – Sim, pareceu-me que as caveiras riam e nao pude evitar um calafrio.

P. – Nao pensou na mesma hora que o musico celestial que acabava de enfeitica-lo poderia estar escondido justamente atras do ossuario?

R. – Sim, nao pensei em outra coisa, sr. comissario, e me esqueci de seguir a srta. Daae, que acabava de se levantar e alcancava tranquilamente a porta do cemiterio. Quanto a ela, estava de tal forma enlevada que nao surpreende nao ter me avistado. Nao me mexi, os olhos pregados no ossuario, decidido a ir ate o fim dessa incrível aventura e desvendar o misterio.

P. – Entao o que aconteceu para ser encontrado de manha, deitado semimorto, nos degraus do altar-mor?

R. – Oh! Foi tudo muito rapido… Uma caveira rolou aos meus pes… depois outra… depois outra… Eu parecia ser o alvo daquele funebre boliche. E pressenti que um movimento em falso poderia destruir a harmonia do arcabouco atras do qual se dissimulava o nosso musico. Essa hipotese pareceu-me bastante razoavel, na medida em que uma sombra deslizou de subito pela reluzente parede da sacristia.

Precipitei-me. A sombra, empurrando a porta, ja penetrara na igreja. Eu tinha asas, a sombra tinha um manto. Tive forca suficiente para agarrar uma aba do manto da sombra. Nesse momento, estavamos, a sombra e eu, bem em frente ao altar-mor e, atraves do grande vitral da abside, os raios do luar caíam reto a nossa frente. A sombra se virou e, como nao larguei o manto que a envolvia, ele se entreabriu, e eu vi, sr. juiz, como vejo o senhor, uma pavorosa caveira dardejando sobre mim um olhar em que ardiam os fogos do inferno. Julguei estar lidando com o proprio Satanas e, diante daquela aparicao de alem-tumulo, meu coracao vacilou, apesar de toda a sua coragem, e nao tenho mais lembranca de nada ate o momento em que acordei no meu quartinho do Albergue do Sol Poente.

---

57. Opera em cinco atos de Ambroise Thomas, com libreto de Michel Carre e Jules Barbier, baseada na peca homonima de William Shakespeare. Estreou em 9 de marco de 1868. ↩

58. Na mitologia grega, os Campos Elíseos sao o lugar onde os herois virtuosos descansam em paz. ↩

59. Wolfgang Amadeus Mozart (1756-91), compositor austríaco. A despeito da vida breve, escreveu uma profusao de obras musicais em todos os generos: musica sacra (missas, litanias, oratorios etc.), dramatica (operas), instrumental (sinfonias, concertos, musica de camara etc.). Sua opera mais famosa, citada logo a seguir, e *A flauta magica* (1791), em dois atos, com libreto de Emanuel Schikaneder. ↩

60. Nome inventado pelo autor para designar uma localidade na Suecia. ↩

61. Charles Garnier (1825-98), arquiteto frances que projetou a Opera de Paris, hoje mais conhecida em Paris como Palais Garnier, cuja construcao comecou em 1860 e terminou em 1875. ↩

62. Festa e peregrinacao, típicas da Bretanha, que mesclam aspectos cristaos e profanos, homenageando sempre o padroeiro de determinado lugar. Os *pardonneurs* adotam ritos e praticas remanescentes dos celtas, como a volta tripla em torno do santuario, o beijo nas estatuas, o abraco nos menires, oferendas, cantos e dancas etc. ↩

63. Danca breta originaria da Italia e importada pelas tropas de Napoleao, muito popular durante todo o sec.XIX. ↩

64. Criaturas lendarias da Bretanha, especie de duende ou gnomo. Bons ou maus conforme a circunstancia, podem dar provas de extrema generosidade, mas sao capazes de horríveis vingancas. ↩

65. Hans Christian Andersen (1805-75), escritor dinamarques, conhecido por seus contos de fadas, como “A Pequena Sereia”, “O Patinho Feio” e “A pequena vendedora de fosforos”. ↩

66. Johan Ludvig Runeberg (1804-77), poeta nacional da Finlandia. Com sua obra, criou um ideal do povo finlandes e da natureza, contribuindo para a formacao da identidade nacional. ↩

67. Em biblioteconomia, sinal alfabetico ou numeral que serve para classificar as pecas de um processo ou auto. ↩

68. Possivelmente o oratorio de 1773 de Johann Christoph Friedrich Bach, compositor e cravista alemao, filho de Johann Sebastian Bach. ↩

7

UMA VISITA AO CAMAROTE Nº5

ABANDONAMOS OS SRS. Firmin Richard e Armand Moncharmin no momento em que eles resolviam fazer uma visitinha ao camarote de primeira classe nº5.

Os dois deixaram para tras a ampla escadaria que conduz do saguao da administracao ao palco e suas dependencias; atravessaram o palco (o tablado), adentraram o teatro pela entrada dos assinantes, depois, na plateia, pelo primeiro corredor a esquerda. Esgueiraram-se entao por entre as primeiras fileiras de poltronas da orquestra e olharam para o camarote nº5. Impossível enxergar direito, estava mergulhado numa semipenumbra e imensas capas cobriam o veludo vermelho dos *appuis-main*.[69]

Nesse momento, estavam praticamente sozinhos na imensa nave escura, e um grande silencio rodeava-os. Era uma hora morta, quando os maquinistas vao tomar um trago.

A equipe esvaziara momentaneamente o tablado, deixando um cenario semipronto; alguns raios de luz (uma luz lívida, sinistra, que parecia roubada de um astro moribundo) haviam se insinuado por uma abertura qualquer ate uma velha torre que projetava suas seteiras de papelao sobre o palco; as coisas, nessa noite artificial, ou melhor, nesse dia mentiroso, ganhavam formas estranhas. O pano que cobria as poltronas da orquestra tinha a aparencia de um mar em furia, cujas ondas glaucas tivessem sido instantaneamente imobilizadas por ordem secreta do gigante das tempestades, que, como todos sabem, chama-se Adamastor.[70] Os srs. Moncharmin e Richard eram os naufragos daquela procela imovel de um mar em tela pintada. Avancavam em direcao aos camarotes da esquerda, com grandes bracadas, como marujos que abandonaram seu barco e

procuram alcancar a praia. As oito grandes colunas em marmore de *echaillon*[71] polido erigiam-se na sombra como prodigiosas palafitas destinadas a sustentar o penhasco ameacador, decrepito e protuberante, cujas bases eram representadas pelas linhas circulares, paralelas e sinuosas das sacadas dos camarotes de primeira, segunda e terceira classes. La no alto, no topo do penhasco, perdidos no ceu de cobre do sr. Lenepveu,[72] rostos esgarcavam-se, riam, trocavam, zombavam da apreensao dos srs. Mocharmin e Richard. Eram, contudo, rostos geralmente muito serios. Chamavam-se: Isis, Anfitrite, Hebe, Flora, Pandora, Psique, Tetis, Pomona, Dafne, Clítia, Galateia, Aretusa.[73] Sim, Aretusa em pessoa e Pandora, que todo mundo conhece por causa da sua caixa, observavam os dois novos diretores da Opera, que terminaram agarrando um destroco e que, dali, contemplavam em silencio o camarote de primeira classe nº5. Eu disse que eles estavam apreensivos. Presumo. O sr. Moncharmin, em todo caso, admite que estava impressionado. Diz textualmente: "Essa 'gangorra' (que estilo!) do Fantasma da Opera, na qual nos haviam feito tao educadamente subir, depois que assumimos a sucessao dos srs. Poligny e Debienne, terminara sem duvida por perturbar o equilíbrio de minhas faculdades imaginativas, visuais, pois (teria sido o cenario excepcional no qual nos movíamos, no centro de um incrível silencio que nos impressionava a esse ponto…? Teríamos sido o joguete de uma especie de alucinacao viabilizada pela escuridao quase total da sala e a penumbra que reinava no camarote nº5?), pois eu vi, e Richard tambem viu, ao mesmo tempo, uma forma no camarote nº5. Richard nao disse nada; eu tampouco, de resto. Esperamos entao alguns minutos assim, sem nos mexer, os olhos ainda pregados no mesmo ponto – mas a forma tinha desaparecido. Entao saímos e, no corredor, trocamos impressoes e falamos da *forma*. O desagradavel e que a forma que eu vira nao era em absoluto a forma que Richard vira. De minha parte, vi uma especie de caveira pousada no balaustre do camarote, enquanto Richard percebera uma velha parecida com a sra. Giry. De modo que, constatando termos sido realmente joguetes de uma ilusao, corremos sem demora, rindo como loucos, ao

camarote de primeira classe nº5, entramos e nao encontramos mais forma alguma."

E agora aqui estamos nos no camarote nº5.

E como todos os outros camarotes de primeira classe. Na verdade, nada o distingue dos adjacentes.

Os srs. Moncharmin e Richard, exagerando na pilheria e rindo um do outro, remexiam nos moveis do camarote, erguiam as capas e poltronas e examinavam em particular aquela na qual *a voz costumava sentar*. Mas constataram ser uma poltrona honesta, sem nada de magico. Em suma, era o mais comum dos camarotes, com seu reposteiro vermelho, suas poltronas, seu carpete e seu *appui-main* em veludo vermelho. Apos apalpar com toda a gravidade possível o carpete e nao descobrir nada de especial em parte alguma, eles desceram a frisa inferior, que correspondia ao camarote nº5. Na frisa nº5, que fica bem no canto da primeira saída a esquerda das poltronas de orquestra, tampouco encontraram alguma coisa digna de mencao.

– Essa gente toda esta rindo da nossa cara – concluiu Firmin Richard. – Sabado teremos *Fausto*, e nos dois assistiremos ao espetaculo no camarote nº5!

---

69. Termo frances para a peca de mobiliario que consiste numa especie de haste em cujo topo e fixada uma bola de couro ou veludo para se descansar a mao. Era utilizado pelos pintores, que nele pousavam a mao desocupada. ↩

70. Gigante espírito do cabo das Tormentas, ou da Boa Esperanca, eternizado por Camoes em *Os Lus adas*. ↩

71. Marmore procedente da montanha de mesmo nome, no departamento de Isere, no sudeste da Franca. Explorada desde a epoca romana, a pedreira esgotou-se em 1939. ↩

72. Jules Lenepveu (1819-98), pintor frances responsavel pela pintura do teto da Opera de Paris, *As musas e as horas do dia e da noite*. Em 1964 a pintura foi coberta por uma nova, dessa vez a cargo de Marc Chagall, obra muito criticada por "destoar" do estilo Segundo Imperio do teatro. ↩

73. Todas entidades da mitologia greco-romana. Isis: deusa das praticas magicas; vinda da mitologia egípcia, era identificada com Io e tambem com Demeter. Anfitrite: uma das nereidas e mulher de Posídon, e portanto rainha do mar. Hebe: deusa que personifica a juventude, filha de Zeus e Hera. Flora: ninfa da mitologia romana, equivalente a ninfa grega Cloris. Pandora: primeira forma humana feminina, modelada por Hefestos, deus do ferro, e animada por Atena, deusa da inteligencia; carregava a famosa "caixa de Pandora", que continha todos os males do mundo. Psique: princesa grega que desperta o ciume de Afrodite, a qual ordena que Eros a faca apaixonar-se pela criatura mais vil da terra, mas ele proprio se apaixona por ela. Tetis: nereida, mae de Aquiles. Pomona: ninfa de extraordinaria beleza, deusa das frutas. Dafne: ninfa, por quem Apolo e apaixonado. Clítia: uma das oceanides (filhas de Oceano e Tetis), apaixonada por Apolo. Galateia: nereida, filha de Nereu e Doris, andava numa carruagem puxada por golfinhos. Aretusa: ninfa que faz parte do cortejo de Artemis e, como esta deusa, e avessa ao amor; filha de Nereu, e tambem uma nereida. ↩

8

NO QUAL OS SRS. FIRMIN RICHARD E ARMAND MONCHARMIN TEM A AUDACIA DE APRESENTAR *FAUSTO* NUMA SALA "AMALDICOADA", E O TERRIVEL EPISODIO DAI RESULTANTE

SABADO DE MANHA, contudo, ao chegarem as suas salas, os diretores encontraram cada um uma carta do F. da Opera, assim concebida:

Meus caros diretores,

Entao e guerra?

Se ainda prezam a paz, eis meu ultimato.

Ele reside nas seguintes quatro condicoes:

1ª) A devolucao do meu camarote – espero que esteja a minha completa disposicao desde agora;

2ª) O papel de "Margarida" sera cantado esta noite por Christine Daae. Nao se preocupem com a Carlotta, que estara doente;

3ª) Faco questao absoluta dos bons e leais servicos de Mame Giry, minha lanterninha, que os senhores reintegrarao imediatamente em suas funcoes;

4ª) Declarem, numa carta a ser entregue a Mame Giry, que a fara chegar as minhas maos, que, como seus antecessores, os senhores aceitam as condicoes do caderno de encargos relativas ao meu salario mensal. Informarei posteriormente de que forma deverao me pagar.

Caso contrario, esta noite apresentarao *Fausto* numa sala amaldicoada.

Para bom entendedor, saudacoes!

F. da Opera

– Quer saber? Ele ja esta me enchendo…! Me enchendo! – berrou Richard, erguendo punhos vingadores e deixando-os cair com estrepito na mesa de seu gabinete.

Nesse momento, Mercier, o administrador, entrou.

– Lachenal gostaria de ver um dos senhores – anunciou. – Afirma ser um assunto urgente, e o sujeito me parece completamente transtornado.

– Quem e esse Lachenal? – interrogou Richard.

– E seu cavalarico-chefe.

– Como assim! Meu cavalarico-chefe?

– Perfeitamente, senhor – explicou Mercier. – Na Opera ha diversos cavalaricos, e o sr. Lachenal e o chefe deles.

– E o que faz esse cavalarico?

– Faz parte da alta direcao da estrebaria.

– Que estrebaria?

– Ora, a sua, senhor, a estrebaria da Opera.

– Ha uma estrebaria na Opera? Diabos, eu nao fazia ideia! E onde fica?

– No porao, ao lado da Rotunda.[74] E um setor muito importante, temos doze cavalos.

– Doze cavalos! E para que, santo Deus?

– Ora, para os cortejos de *A judia*, *O profeta*[75] etc. sao necessarios cavalos ensinados, que "conhecam os tacos". Os cavalaricos sao encarregados de amestra-los. O sr. Lachenal e muito jeitoso. E ex-diretor das estrebarias de Franconi.[76]

– Esta bem… O que ele quer comigo?

– Nao faco ideia… nunca o vi nesse estado.

– Faca-o entrar!

O sr. Lachenal entra. Tem um rebenque na mao e com ele vergasta nervosamente uma de suas botas.

– Bom dia, sr. Lachenal – cumprimentou Richard, impressionado. – A que devemos a honra de sua visita?

– Sr. diretor, venho lhe pedir para colocar toda a estrebaria na rua.

– O que! Quer despedir nossos cavalos?

– Nao se trata dos cavalos, mas dos cavalaricos.

– Quantos cavalaricos o senhor tem, sr. Lachenal?

– Seis!

– Seis! Ha no mínimo dois a mais!

– Sao “cargos” – interrompeu Mercier – criados e impostos a nos pelo subsecretario de Belas-Artes. Sao ocupados por protegidos do governo, e, se ouso me permitir…

– Estou me lixando para o governo…! – afirmou Richard com energia. – Nao precisamos de mais do que quatro cavalaricos para doze cavalos.

– Onze! – retificou o cavalarico-chefe.

– Doze! – repetiu Richard.

– Onze! – repetiu Lachenal.

– Arre, o sr. administrador disse que o senhor tinha doze cavalos!

– Eu tinha doze, mas, depois que nos roubaram Cesar, tenho apenas onze!

E o sr. Lachenal deu uma vergastada na bota.

– Cesar foi roubado! – exclamou o sr. administrador. – Cesar, o cavalo do *Profeta*?

– Nao existem dois Cesares! – declarou num tom seco o sr. cavalarico-chefe. – Fiquei dez anos com Franconi e vi muitos cavalos! Pois bem, nao existem dois Cesares! E ele nos foi roubado.

– Como se deu isso?

– Nao faco ideia! Ninguem faz ideia! Eis por que venho lhe requerer que despeca toda a estrebaria.

– O que dizem os seus cavalaricos?

– Despropositos… Uns acusam os figurantes… outros afirmam ter sido o zelador da administracao.

– O zelador? Respondo por ele com a minha pessoa! – protestou Mercier.

– Mas, enfim, sr. primeiro-cavalarico – exclamou Richard –, o senhor deve ter uma hipotese…!

– Bem, bem, tenho uma! Tenho uma! – declarou de repente o sr. Lachenal. – E vou dize-la. Para mim, nao resta duvida.

O sr. primeiro-cavalarico aproximou-se dos srs. diretores e sussurrou-lhes ao ouvido: "*Foi o Fantasma que deu o golpe!*"

Richard teve um sobressalto.

– Ah, o senhor tambem! O senhor tambem!

– Como assim, *eu tambem*! E a coisa mais natural…

– Estou ouvindo direito, sr. Lachenal? Mas como entao, sr. primeiro-cavalarico…

– …eu lhe dizer o que penso, depois do que vi…

– E o que foi que viu, sr. Lachenal?

– Vi, como vejo o senhor, uma sombra negra montando um cavalo branco que era o Cesar escarrado!

– E nao correu atras desse cavalo branco e dessa sombra negra?

– Corri e chamei, sr. diretor, mas fugiram com uma rapidez desconcertante e desapareceram na noite da galeria…

O sr. Richard levantou-se.

– E o suficiente, sr. Lachenal. Pode ir… depositaremos queixa contra o *Fantasma*…

– E botarao minha estrebaria no olho da rua!

– Negocio fechado! Ate mais ver, cavalheiro!

O sr. Lachenal cumprimentou e saiu.

Richard espumava.

– Faca as contas desse imbecil!

– E um amigo do sr. comissario do governo! – ousou Mercier.

– E toma seu aperitivo no Tortoni,[77] com Lagrene, Scholl e Pertuiset, o matador de leoes[78] – acrescentou Moncharmin. – Vamos ter toda a imprensa nas nossas costas! Ele vai contar a historia do Fantasma e todo mundo rira a nossa custa! Se cairmos no ridículo, estaremos perdidos!

– Esta bem, esquecam… – concedeu Richard, que ja pensava em outra coisa.

Nesse momento a porta se abriu, porta que sem duvida nao estava defendida pelo seu cerbero[79] de praxe, pois viu-se Mame Giry entrar sem cerimonia, com uma carta na mao, e dizer precipitadamente:

– Com licenca, cavalheiros, mas hoje de manha recebi uma carta do Fantasma da Opera. Ele me disse para procura-los, que os senhores possivelmente teriam alguma coisa a me…

Ela nao terminou a frase. Viu o semblante de Firmin Richard, e era terrível. O digníssimo diretor da Opera estava a beira de um colapso. O furor que o revolvia ainda nao se traduzia externamente, exceto pelo escarlate de sua face furibunda e o brilho de seus olhos fulminantes. Ele nao disse nada. Nao conseguia falar. De repente, contudo, seu gesto. Primeiro foi o braco esquerdo que agarrou a gorducha pessoa de Mame Giry e a fez descrever um semicírculo tao inesperado, uma pirueta tao rapida que ela emitiu um clamor desesperado; depois foi o pe direito, o pe direito do mesmo digníssimo diretor que imprimiu sua sola no tafeta preto de uma saia que, certamente, naquela regiao, ainda nao sofrera tal ultraje.

Fora uma reacao tao precipitada que, quando se viu na galeria, Mame Giry continuava aturdida, parecendo nao compreender. De repente, contudo, deu-lhe um estalo e a Opera reverberou gritos indignados, protestos ferozes, ameacas de morte. Foram necessarios tres mocetoes para desce-la ate o patio da administracao e dois agentes para carrega-la para a rua.

Aproximadamente a mesma hora, a Carlotta, que morava num pequeno hotel na rua do Faubourg-Saint-Honore,[80] chamava a camareira e lhe pedia que trouxesse a correspondencia na cama. Nessa correspondencia, encontrou uma carta anonima em que lhe diziam:

> Se cantar esta noite, receie ser vítima de uma grande calamidade no exato momento em que se apresentar… uma calamidade pior do que a morte.

A ameaca vinha escrita a tinta vermelha, numa caligrafia vacilante e rasurada.

Apos ler a carta, a Carlotta perdeu o apetite para o desjejum. Empurrou a bandeja em que a camareira lhe oferecia o chocolate fumegante. Sentou-se na cama e refletiu profundamente. Nao era a primeira carta daquele genero que recebia, mas jamais lera uma tao ameacadora.

Nessa epoca, julgando-se as voltas com os mil ardis da inveja, gostava de dizer que tinha um inimigo secreto que jurara perde-la. Afirmava tramar-se contra ela um horrível complo, uma conspiracao que estaria prestes a passar a acao; mas, acrescentava, nao era mulher de se deixar intimidar.

A verdade era que, se conspiracao havia, esta era liderada pela propria Carlotta contra a pobre Christine, que nem desconfiava. A Carlotta nao perdoara Christine pelo triunfo que esta conquistara ao substituí-la de repente.

Quando lhe falaram da extraordinaria acolhida reservada a sua substituta, a Carlotta sentira-se instantaneamente curada de um comeco de bronquite e de um acesso de ranzinzice contra a administracao, nao demonstrando a menor veleidade de deixar o seu posto. Dali em diante, trabalhara com todas as suas forcas para “boicotar” a rival, acionando amigos poderosos junto aos diretores, instigando-os a nao darem mais a Christine a oportunidade de um novo triunfo. Alguns jornais que haviam comecado a enaltecer o talento de Christine passaram a falar apenas da

gloria da Carlotta. Alias, no proprio teatro, a celebre diva fazia as mais ultrajantes declaracoes sobre Christine, tentando causar-lhe todo tipo de pequenas contrariedades.

A Carlotta nao tinha nem coracao nem alma. Era um mero instrumento! Instrumento maravilhoso, decerto. Seu repertorio abrangia tudo capaz de despertar a ambicao de uma grande artista, no que se refere tanto a mestres alemaes quanto a italianos ou franceses. Nunca, ate esse dia, ouvira-se a Carlotta desafinar ou faltar-lhe a extensao de voz necessaria a traducao de qualquer passagem de seu imenso repertorio. Em suma, o instrumento tinha alcance, forca e uma correcao admiravel. Mas ninguem poderia dizer a Carlotta o que Rossini disse a Krauss, depois que esta cantou para ele em alemao "Florestas escuras…": "Voce canta com sua alma, minha filha, e sua alma e bela."[81]

Onde estava sua alma, oh Carlotta, quando voce dancava nos bordeis de Barcelona? Onde estava quando, mais tarde, em Paris, cantou, em tristes tablados, seus cínicos estribilhos de bacante de music-hall? Onde estava sua alma quando, diante dos mestres reunidos na casa de seus amantes, voce fazia ressoar esse instrumento docil, cujo prodígio consistia em cantar o sublime amor e a mais baixa orgia com a mesma e indiferente perfeicao? Oh Carlotta, se um dia voce tivesse tido e perdido uma alma, te-la-ia encontrado quando foi Julieta, quando foi Elvira,[82] e Ofelia, e Margarida! Pois outras vieram de mais baixo que voce, e a arte, amparada pelo amor, depurou-as!

Na verdade, quando penso em todas as baixezas e vilanias que Christine Daae sofreu entao da parte dessa Carlotta, nao posso conter minha ira, e nao me espanta nada o fato de minha indignacao traduzir-se em apreciacoes um pouco extensas sobre a arte em geral, e o canto em particular, para as quais certamente os admiradores da Carlotta torcerao o nariz.

Quando a Carlotta terminou de refletir sobre a ameaca da estranha carta que acabava de receber, levantou-se:

– Veremos… – disse. E enunciou, em espanhol, alguns juramentos, com um semblante mais do que resoluto.

A primeira coisa que ela viu ao botar o nariz para fora da janela foi um rabecao. O rabecao e a carta persuadiram-na de que corria os mais serios perigos aquela noite. Reuniu entao em sua casa o amplo leque de seus amigos, contou-lhes que estava sendo ameacada, no espetaculo da noite, por uma conspiracao maquinada por Christine Daae e afirmou a necessidade de darem uma rasteira naquela pequena, lotando a sala com seus proprios admiradores, dela, Carlotta. Isso era o que nao faltava, certo? Contava com eles para se precaver contra qualquer eventualidade e fazer calar os arruaceiros, caso, como ela temia, o escandalo rebentasse.

O secretario particular do sr. Richard, apos inteirar-se da saude da diva, voltou com a garantia de que ela estava em plena forma e que, "mesmo que estivesse agonizante", cantaria aquela noite o papel de Margarida. Como o secretario havia recomendado enfaticamente a diva, da parte de seu chefe, nao cometer nenhuma imprudencia, nao sair de casa e evitar as correntes de ar, a Carlotta nao pode se abster, ao sair, de associar essas recomendacoes excepcionais e inesperadas as ameacas presentes na carta.

Eram cinco horas quando recebeu pelo correio uma nova carta anonima com a mesma letra da primeira. Era breve. Dizia simplesmente:

A senhorita esta gripada; se for razoavel, compreendera que e loucura querer cantar esta noite.

A Carlotta riu, deu de ombros, que eram magníficos, e emitiu duas ou tres notas que a tranquilizaram.

Os amigos foram fieis a promessa. Estavam todos na Opera aquela noite, mas foi em vao que procuraram a sua volta os ferozes conspiradores que tinham a missao de combater. A excecao de alguns novatos, alguns honestos burgueses cuja placida fisionomia nao refletia outro desígnio senao ouvir novamente uma musica que, muito tempo atras, ja conquistara sua aprovacao, so estavam ali os assíduos, cujos modos elegantes, pacatos e corretos afastavam qualquer ideia de manifestacao. A

unica coisa que parecia fugir a normalidade era a presenca dos srs. Richard e Moncharmin no camarote nº5. Os amigos da Carlotta pensaram que os srs. diretores, cientes do escandalo planejado, haviam feito questao de comparecer para impedi-lo tao logo ele estourasse, mas esta era uma hipotese infundada, como voces sabem: os srs. Richard e Moncharmin so pensavam em seu fantasma.

Nada…? Em vao interrogo em ardente vigília
A Natureza e o Criador.
Nenhuma voz sussurra ao meu ouvido
Uma palavra conciliadora…!

O celebre barítono Carolus Fonta acabava de lancar o primeiro clamor do doutor Fausto as potencias do inferno quando o sr. Firmin Richard, que ocupava a cadeira do Fantasma – a cadeira da direita, na primeira fila – se debrucou, com o melhor humor do mundo, para o seu socio e lhe disse:

– E voce, porventura alguma voz ja sussurrou uma palavra ao seu ouvido?

– Calma! Nada de pressa! – respondeu no mesmo tom de galhofa o sr. Armand Moncharmin. – O espetaculo esta apenas comecando e voce sabe muito bem que o Fantasma geralmente so aparece no meio do primeiro ato.

O primeiro ato se desenrolou sem incidentes, o que nao espantou os amigos da Carlotta, uma vez que, nesse ato, Margarida nao canta. Quanto aos dois diretores, ao cair do pano, entreolharam-se sorrindo:

– Um ja se foi! – exclamou Moncharmin.

– E, o Fantasma esta atrasado – declarou Firmin Richard.

Moncharmin, sempre cacoando, continuou:

– Ate que para "uma sala amaldicoada" a plateia esta bem sortida esta noite.

Richard concedeu um sorriso. Moncharmin apontou para o seu colaborador uma valente e obesa senhora, o sumo da vulgaridade, toda de preto, sentada numa poltrona no meio da plateia e ladeada por dois homens de aspecto rustico em seus redingotes de brim.

– Que “gente” e essa? – indagou Moncharmin.

– Essa gente, meu caro, e minha zeladora, seu irmao e seu marido.

– Reservou ingressos para eles?

– Exatamente… Minha zeladora nunca veio a Opera… e a primeira vez… e como ela deve passar a vir todos os dias, eu quis que ela se situasse bem antes de se dedicar a situar os outros.

Moncharmin pediu explicacoes e Richard lhe respondeu que convencera sua zeladora, em quem depositava toda a confianca, a vir ocupar provisoriamente o lugar de Mame Giry.

– A respeito de Mame Giry – disse Moncharmin –, saiba que ela vai depositar queixa contra voce.

– A quem? Ao Fantasma?

O Fantasma! Moncharmin quase o esquecera.

Mas tambem!, o misterioso personagem nao fazia nada para ser lembrado pelos srs. diretores.

De repente, a porta do camarote se abriu bruscamente, revelando o contrarregra assustado.

– O que ha? – perguntaram os dois, estupefatos ao deparar com este ultimo naquela hora e naquele lugar.

– Ha – explicou o contrarregra – que os amigos de Christine Daae armaram um complo contra a Carlotta. Ela esta furiosa.

– Que historia e essa agora? – perguntou Richard, franzindo o sobrolho.

Mas o pano se erguia, descortinando a Quermesse,[83] e o diretor fez sinal para o contrarregra retirar-se.

Quando o contrarregra saiu, Moncharmin debrucou-se ao ouvido de Richard.

– Daae entao tem amigos? – perguntou.

– Sim! – respondeu Richard. – Tem.

– Quem?

Richard apontou com o olhar um camarote de primeira classe no qual havia apenas dois homens.

– O conde de Chagny?

– Sim, ele recomendou-a tao calorosamente que, se eu nao o soubesse amigo da Sorelli…

– Entendo! Entendo…! – murmurou Moncharmin. – E quem e o moco tao palido sentado ao seu lado?

– E seu irmao, o visconde.

– Ele faria melhor indo para a cama. Parece doente.

O palco ressoava cantos alegres. A ebriedade em musica. Triunfo do copo.

Vinho ou cerveja,
Cerveja ou vinho
Meu copo eu desejo
Cheinho!

Estudantes, burgueses, soldados, mocas e matronas, coracoes em jubilo, rodopiavam em frente ao cabare com a tabuleta do deus Baco. Siebel fez sua entrada.

Christine Daae estava encantadora em travesti.[84] Sua juventude radiosa e sua graca melancolica seduziam a primeira vista. Imediatamente, os adeptos da Carlotta imaginaram que ela seria saudada com uma ovacao que os informaria sobre as intencoes de seus amigos. Essa ovacao indiscreta, a proposito, teria sido totalmente inoportuna. E nao aconteceu.

Ao contrario, quando Margarida atravessou o palco e cantou os dois unicos versos de seu papel nesse segundo ato –

Nao, senhores, nao sou senhorita nem bela,
E nao preciso que me deem a mao!

– bravos entusiasmados receberam a Carlotta. Foi tao inesperado e despropositado que aqueles alheios aos rumores se entreolhavam e perguntavam o que estava acontecendo, e o ato terminou igualmente sem nenhum incidente. Todos entao ruminavam: "Sera no proximo, e logico." Alguns, que, tudo indica, estavam mais bem-informados do que outros, afirmaram que o "bafafa" iria comecar na "Taca do rei de Thule",[85] e precipitaram-se para a entrada dos assinantes para avisar a Carlotta.

Os diretores deixaram o camarote durante esse entreato para informar-se sobre aquela historia de conspiracao referida pelo contrarregra, mas logo retornaram a seus lugares, dando de ombros e considerando tudo aquilo uma frivolidade. A primeira coisa que viram ao entrar foi, na mesinha do *appui-main*, uma caixa de bombons ingleses. Quem a trouxera? Interrogaram as lanterninhas. Ninguem soube dizer. Voltando-se entao novamente para o lado do *appui-main*, perceberam, dessa vez, ao lado da caixa de bombons ingleses, um pequeno binoculo. Entreolharam-se. Nao tinham nenhuma vontade de rir. Tudo que Mame Giry lhes dissera voltava a sua memoria… e, depois, pareciam sentir uma estranha corrente de ar a sua volta… Sentaram-se em silencio, realmente impressionados.

A cena representava o jardim de Margarida…

Faca-lhe minhas confissoes
Leve meus votos…

Quando cantava esses dois primeiros versos, com um buque de rosas e lilases na mao, Christine, erguendo a cabeca, percebeu o visconde de Chagny em seu camarote e, a partir desse momento, a todos pareceu que sua voz estava menos firme, menos pura, menos cristalina do que de

habito. Alguma coisa desconhecida sufocava, endurecia o seu canto… Transpareciam tremor e medo.

– Menina estranha – observou quase em voz alta um amigo da Carlotta, sentado na orquestra. – Divina na outra noite, hoje emite balidos. Faltam-lhe experiencia e metodo!

E em vos que tenho fe,
Falai por mim.

O visconde pousou a cabeca nas maos. Chorava. O conde, atras dele, mordia com vontade a ponta do bigode, sacudia os ombros e franzia as sobrancelhas. O conde, geralmente tao correto e frio, devia estar furioso, para traduzir com tantos gestos seus sentimentos íntimos. Estava. Vira seu irmao regressar de uma rapida e misteriosa viagem num estado de saude alarmante. As explicacoes que vieram em seguida decerto nao tiveram o dom de tranquilizar o conde, que, desejando saber onde pisava, solicitara um encontro com Christine Daae. Esta tivera a audacia de responder que nao podia recebe-lo, nem a ele nem a seu irmao. Ele acreditou numa abominavel intriga. Nao perdoava Christine por fazer Raoul sofrer, mas sobretudo nao perdoava Raoul por sofrer por Christine. Ah, como errara ao se interessar fugazmente por aquela pequena, cujo triunfo de uma noite permanecia incompreensível para todos.

Que a flor sobre sua boca
Saiba ao menos depositar
Um doce beijo.

– Manhosa – rosnou o conde.

E matutou o que ela queria, o que ela esperava… Era pura, diziam-na sem namorado, sem protetor de nenhuma especie… Aquele Anjo do Norte devia ser esperto!

Raoul, por sua vez, por tras de suas maos, cortina que escondia suas lagrimas de crianca, so pensava na carta que recebera, assim que retornara

a Paris, aonde Christine chegara antes dele, tendo fugido de Perros como uma ladra: “Meu querido amiguinho de infancia, precisa ter a coragem de nao me ver mais, de nao falar mais comigo… se me ama um pouco, faca isso por mim, por mim que nunca o que esquecerei… querido Raoul. E por favor nao entre nunca mais no meu camarim. Minha vida esta em jogo. A sua tambem. Sua dileta Christine!”

Uma trovoada de aplausos… E a Carlotta fazendo sua entrada.

O ato do jardim desenrolava-se com suas conhecidas peripecias.

Quando Margarida terminou de cantar a aria do Rei de Thule, foi aclamada; e novamente quando terminou a aria das joias:

Ah, rio ao ver-me
Tao bela nesse espelho…

Agora confiante, amparando-se nos amigos da plateia, segura de sua voz e de seu sucesso, nao temendo mais nada, a Carlotta entregou-se por inteiro, com ardor, entusiasmo, embriaguez. Sua atuacao abandonou qualquer tipo de contencao ou pudor… Nao era mais Margarida, era Carmen.[86] Foi simplesmente mais aplaudida ainda, e seu dueto com Fausto parecia antecipar-lhe um novo sucesso quando, de repente, aconteceu… uma coisa terrível.

Fausto ajoelhara-se:

Deixe-me, deixe-me contemplar seu rosto
Sob a palida claridade
Com a qual o astro noturno, como se numa nuvem,
Acaricia sua beleza.

E Margarida respondia:

O silencio! O felicidade! Inefavel misterio!
Inebriante prostracao!
Escuto…! E compreendo essa voz solitaria
Que canta em meu coracao!

Nesse momento entao… exatamente nesse momento… aconteceu uma coisa… eu dizia, uma coisa terrível…

A plateia, num movimento sincronico, pos-se de pe… Em seu camarote, os dois diretores nao conseguem conter uma exclamacao de horror… Espectadores e espectadoras olham-se como se pedindo uns aos outros uma explicacao para tao inesperado fenomeno… O semblante da Carlotta exprime a dor mais atroz, seus olhos parecem invadidos pela loucura. A pobre mulher se aprumou, a boca ainda entreaberta, apos terminar de entoar "essa voz solitaria que canta em seu coracao…", mas sua boca nao cantava mais… *nao ousava mais uma palavra, um som*…

Pois essa boca criada para a harmonia, instrumento vivaz que jamais falhara, orgao magnífico, fonte das mais belas sonoridades, dos mais difíceis acordes, das mais sutis modulacoes, dos ritmos mais ardentes, sublime mecanica humana a qual, para ser divina, nao faltava senao o fogo do ceu, unico a produzir a verdadeira emocao e a soerguer as almas… essa boca expelira… dessa boca escapara…

…Um sapo!

Ah, um medonho, hediondo, escamoso, venenoso, espumante, coaxante sapo…!

Por onde entrara? Como acocorara-se sobre a língua? Com as patas traseiras dobradas, para pular mais alto e longe, saíra sorrateiramente da laringe e… croac!

Croac! Croac…! Ah, terrível croac!

Voces decerto pensam que estamos falando de sapo somente no sentido figurado. Ninguem o via, diabos!, mas todos o ouviam. Croac!

A plateia sentiu como que uns respingos. Nunca um batraquio, a beira dos reverberantes pantanos, rasgara a noite com "croac" mais terrível.

Uma coisa e certa: ninguem esperava por aquilo! A Carlotta continuava sem acreditar nem em sua garganta, nem em seus ouvidos. Um

raio caindo a seus pes a teria espantado menos do que aquele sapo coaxante que acabava de sair de sua boca…

E nao a teria desonrado. Ao passo que, naturalmente, um sapo encoscorado na língua sempre desonra uma cantora. Houve quem morresse disso.

Meu Deus! Quem teria acreditado…? Ela cantava tao tranquilamente: “E compreendo a voz solitaria que canta em meu coracao!” Cantava sem esforco, como sempre, com a mesma facilidade com que a gente diz “Bom dia, como esta passando, senhora?”.

E inegavel que existem cantoras presuncosas, que cometem o grande erro de nao poupar suas forcas e que, em seu orgulho, pretendem alcancar efeitos excepcionais com a debil voz que o ceu lhes dispensou e emitir a nota que lhes foi proibida quando elas vieram ao mundo. E entao que, para castiga-las, o ceu lhes introduz, sem que elas o saibam, um sapo dentro da boca, um sapo, um sapo que faz croac! Todo mundo sabe disso. Mas ninguem podia aceitar que uma Carlotta, que tinha pelo menos duas oitavas na voz, tivesse nela igualmente um sapo.

Impossível esquecer seus estridentes fa5,[87] seus *staccati*[88] inauditos em *A flauta magica*. Todos se lembravam de *Don Giovanni*, quando ela foi Elvira e obteve o mais estrondoso triunfo, certa noite, dando ela mesma o si bemol que sua colega Donna Anna nao conseguia dar.[89] Entao, francamente, o que significava aquele croac, ao fim da tranquila, pacífica, pequenina “voz solitaria que cantava em seu coracao”?

Aquilo nao era natural. Sortilegio, com certeza. Aquele sapo cheirava a queimado. Pobre, miseravel, desesperada, aniquilada Carlotta…!

Na sala, o rumor crescia. Fosse outra que nao a Carlotta a vítima de tal peripecia, teria sido vaiada! Mas com ela, cuja capacidade todos conheciam, ninguem demonstrava colera, e sim consternacao e pavor. Os homens devem ter sofrido essa especie de terror, se assistiram a catastrofe

que amputou os bracos da Venus de Milo…! e ainda puderam ver o golpe desfechado… e compreender…

Mas ali? Aquele sapo era incompreensível…!

De maneira que, apos alguns segundos se perguntando se era verdade que ela propria ouvira sair de sua boca aquela nota – era uma nota, era um som? Podia-se chamar aquilo um som? Um som ainda e musica –, aquele barulho infernal, ela quis se persuadir de que nada daquilo acontecera; que ali se produzira, fugazmente, uma ilusao auditiva, e nao uma criminosa traicao do orgao vocal.

Perdida, olhou ao redor, como se buscando um refugio, uma protecao, ou melhor, a seguranca espontanea da inocencia de sua voz. Seus dedos crispados foram ate sua garganta num gesto de defesa e protesto! Nao! Nao! Aquele croac nao era dela! E, de fato, parecia que o proprio Carolus Fonta era dessa opiniao, pois observava-a com uma expressao inenarravel de estupefacao infantil e desmesurada. Pois, afinal, ele estava perto dela. Nao a abandonara. Talvez pudesse lhe revelar como se produzira aquele fenomeno! Nao, nao podia! Seus olhos estavam estupidamente pregados na boca da Carlotta, como os olhos de um guri na inesgotavel cartola do magico. Como boquinha tao pequena pudera conter croac tao grande?

Tudo isso, sapo, croac, emocao, pavor-burburinho da plateia, confusao no palco, nas coxias – alguns colegas tinham semblantes assustados –, tudo isso que descrevo no detalhe durou poucos segundos.

Segundos terríveis, que pareceram especialmente interminaveis para os dois diretores la no alto, no camarote nº5. Moncharmin e Richard estavam brancos feito cera. Aquele episodio insolito e que permanecia inexplicavel enchia-os de uma angustia ainda mais misteriosa na medida em que, nos ultimos instantes, eles estavam sob a influencia direta do Fantasma.

Haviam sentido sua respiracao. Alguns fios de cabelo de Moncharmin haviam se ericado sob essa respiracao… E Richard passara o lenco na testa suada… sim, ele estava ali… em volta deles… atras deles… ao lado deles…

sentiam-no sem ve-lo…! Ouviam sua respiracao… e tao perto, tao perto…! *Sabemos quando alguem esta presente*… Pois bem, agora eles sabiam…! Tinham certeza de serem tres no camarote… Tremiam… Cogitavam fugir… Nao ousavam… Nao ousavam fazer um movimento, trocar uma palavra que pudesse revelar ao Fantasma que sabiam que ele estava ali…! O que iria acontecer? O que iria se produzir?

Produziu-se o croac! Cobrindo todo o rumorejo da sala, ecoou sua dupla exclamacao de horror. *Eles se sentiam sob a acao do Fantasma*. Debrucados no balaustre, olhavam a Carlotta como se nao a reconhecessem mais. Aquela filha do inferno certamente disparara o sinal de alguma catastrofe com o seu croac. Ah, esperavam pela catastrofe! O Fantasma lhes prometera! A sala estava amaldicoada! Os peitos diretoriais ja arfavam sob o peso da catastrofe. Ouviu-se a voz embargada de Richard, gritando para a Carlotta:

– E entao! Adiante!

Nao! A Carlotta nao foi adiante… Recomecou brava, heroicamente, o verso fatal ao fim do qual aparecera o sapo.

Um silencio terrível sucede a todos os rumores. So a voz da Carlotta volta a encher a nave sonora:

Escuto…!

A sala tambem escuta.

…E compreendo essa voz solitaria (croac!)
Croac…! que canta em meu… croac!

O sapo tambem recomecou.

A plateia explode num prodigioso tumulto. Desmoronados em seus assentos, os dois diretores nao ousam sequer voltar-se; nao tem forca para isso. O Fantasma ri na cara deles! E no fim eles ouvem distintamente no ouvido direito sua voz, a impossível voz, a voz sem boca, a voz que diz:

– Do jeito que ela esta cantando, o lustre vai despencar!

Num movimento coordenado, ergueram a cabeca para o teto e emitiram um grito terrível. Ao chamado da voz satanica, o lustre, a imensa massa do lustre, escorregava, vindo em sua direcao. Solto, o lustre mergulhava das alturas da sala e, entre mil clamores, despencava no meio da plateia. Foi um horror, um salve-se quem puder generalizado. Meu intuito aqui nao e ressuscitar uma hora historica. Os curiosos so precisam abrir os jornais da epoca. Houve inumeros feridos e uma morta.

O lustre desabara na cabeca da infeliz que ia pela primeira vez na vida a Opera, aquela que o sr. Richard designara como substituta de Mame Giry em suas funcoes de lanterninha. O golpe foi fatal e, no dia seguinte, um jornal saía com esta manchete: "Duzentas toneladas sobre a cabeca de uma zeladora!" Foi toda a sua oracao funebre.

---

74. Saguao circular, situado abaixo da plateia, por onde chegavam os espectadores que vinham de coche. ↩

75. Opera em cinco atos de Giacomo Meyerbeer, com libreto de Eugene Scribe e Emile Deschamps, baseado no *Ensaio sobre os costumes e o esp rito das nacoes*, de Voltaire. Estreou em 1849. ↩

76. Adolphe Franconi (1801-55), artista circense frances, exímio adestrador de cavalos. ↩

77. O Cafe Tortoni, pertencente a família de sorveteiros italianos de mesmo nome, era um estabelecimento situado na esquina do bulevar des Italiens com a rua Taitbout, e ponto de encontro, no sec.XIX, de intelectuais, financistas, dandis, mulheres da sociedade e cocotes. ↩

78. Edmond de Lagrene (1842-1909): aristocrata e diplomata frances nascido em Atenas. Aurelien Scholl (1833-1902): jornalista, dramaturgo e romancista frances, casado com a filha de um rico cervejeiro de Londres. Eugene Pertuiset (1833-1909): viajante (participa de cacadas na Africa), escritor e pintor frances, foi retratado por Edouard Manet na tela *Eugene Pertuiset, o cacador de leoes*. ↩

79. Na mitologia grega, Cerbero e o mastim de tres cabecas que guardava os portoes do Hades (inferno). ↩

80. Rua chique, no 8º *arrondissement*, endereco do palacio do Elysee, atual residencia do presidente da Republica frances. ↩

81. O episodio e verídico e aconteceu, numa noite de 1868, na casa de Gioachino Rossini, quando Gabrielle Krauss (ver nota 23) cantou para ele, alem de alguns *lieder* de Schubert, a aria para soprano "Florestas escuras", da opera *Guilherme Tell*, do proprio Rossini. ↩

82. No caso, personagem de *Don Giovanni* (ver nota 89). ↩

83. Título do segundo ato do *Fausto* de Gounod. ↩

84. Como dito acima, o papel de Siebel era tradicionalmente atribuído a uma mezzo-soprano. ↩

85. Aria do terceiro ato, com letra baseada no poema original de Goethe. ↩

86. Protagonista da opera homonima de Georges Bizet, Carmen e uma cigana que trabalha numa fabrica de charutos. Baseada no conto de Prosper Merimee, a opera estreou em 1875. ↩

87. Nota mais aguda da aria da Rainha da Noite em *A flauta magica*, de Mozart. ↩

88. O *staccato* (it.) consiste numa nota separada de suas vizinhas por um perceptível silencio de articulacao, recebendo certa enfase. ↩

89. Opera em dois atos de Mozart com libreto de Lorenzo da Ponte, *Don Giovanni* estreou em 1787. Encena a conhecida lenda de Don Juan (ver nota 120), sendo Donna Elvira uma nobre seduzida e abandonada por ele e Donna Anna um "alvo" que ele erra, atraindo a morte. ↩

9

O MISTERIOSO CUPE

ESSA NOITE TRAGICA foi nefasta para todo mundo. A Carlotta caíra doente. Quanto a Christine Daae, desaparecera apos o espetaculo. Durante quinze dias nao foi vista nem no teatro nem fora dele.

Nao devemos confundir esse primeiro desaparecimento, que se passou sem escandalo, com o malfadado rapto que deveria ocorrer em breve em condicoes deveras inexplicaveis e tragicas.

Raoul, naturalmente, foi o primeiro a intrigar-se com a ausencia da diva. Escrevera-lhe para o endereco da sra. Valerius e nao recebera resposta. A princípio, conhecendo seu estado de espírito e a resolucao que ela tomara de romper toda e qualquer relacao com ele, nao se espantara mais do que antes, ainda que sem conhecer suas razoes.

Assim, sua dor so fizera crescer e ele ficou seriamente preocupado ao nao ver a cantora em nenhum programa. Montaram *Fausto* sem ela. Uma tarde, por volta das cinco horas, ele foi se informar junto a direcao sobre as causas do desaparecimento de Christine Daae. Encontrou os diretores inquietos. Seus proprios amigos nao os reconheciam mais; haviam perdido toda a alegria e o entusiasmo. Eram vistos atravessando o teatro, cabisbaixos, frontes preocupadas, as faces palidas como se perseguidos por algum abominavel pensamento, ou como se estivessem as voltas com alguma malícia do destino que escolhe sua presa e nao a larga mais.

A queda do lustre acarretou diversas punicoes, mas era difícil fazer os srs. diretores se explicarem a respeito.

O inquerito concluiu por um acidente, sobrevindo devido ao desgaste das correntes de sustentacao, mas ainda assim teria sido da

responsabilidade dos ex-diretores, bem como dos novos, constatar esse desgaste e repara-lo antes que ele determinasse a catastrofe.

Cumpre-me revelar que os srs. Richard e Moncharmin pareciam nessa epoca tao mudados, tao distantes… tao misteriosos… tao incompreensíveis, que houve muitos assinantes imaginando que algum acontecimento ainda mais tragico que a queda do lustre houvesse mexido com o juízo dos srs. diretores.

Em suas relacoes cotidianas, mostravam-se por demais impacientes, exceto, todavia, com Mame Giry, que fora reintegrada em suas funcoes. Desnecessario dizer a maneira como receberam o visconde de Chagny quando este lhes veio pedir notícias de Christine. Limitaram-se a responder que ela estava de licenca. Ele perguntou quanto tempo deveria durar aquela licenca; foi-lhe replicado bastante secamente que era ilimitada, Christine Daae tendo-a solicitado por motivos de saude.

– Quer dizer que ela esta doente! – ele exclamou. – O que ela tem?

– Nao fazemos ideia!

– Nao lhe enviaram entao o medico do teatro?

– Nao! Ela nao solicitou e, como confiamos nela, acreditamos em sua palavra.

Aquela historia nao convenceu Raoul, que deixou a Opera as voltas com os mais funestos pensamentos. Resolveu, por via das duvidas, ir a cata de notícias na casa da sra. Valerius. Certamente lembrava-se dos termos energicos da carta de Christine, que lhe proibia tentar o que quer que fosse para encontra-la. Mas o que ele vira em Perros, o que ouvira atras da porta do camarim, a conversa que tivera com Christine na orla da charneca, tudo o fazia pressentir alguma maquinacao, que, sendo em parte diabolica, nem por isso deixava de ser humana. A imaginacao exaltada da moca, sua alma delicada e credula, a educacao primitiva que recheara seus tenros anos com um ciclo de lendas, a imagem indelevel do pai morto e, sobretudo, o estado de sublime extase em que a musica a mergulhava,

bastando para isso que se manifestasse em determinadas condicoes excepcionais – nao fora o que assistira durante a cena do cemiterio? –, tudo isso lhe parecia constituir um terreno moral propício as manobras maleficas de algum personagem misterioso e sem escrupulos. De quem Christine Daae era vítima? Eis a pergunta mais do que sensata que Raoul se fazia ao se dirigir a toda a pressa a casa da sra. Valerius.

Pois o visconde era um espírito aberto. Poeta, amava a musica no que ela tinha de mais etereo, alem de ser um grande aficionado dos velhos contos bretoes, nos quais dancam os korrigans, mas acima de tudo estava apaixonado por aquela fadinha do Norte que era Christine Daae; por outro lado, so acreditava no sobrenatural em materia de religiao, e a historia mais fantastica do mundo nao era capaz de faze-lo esquecer que dois e dois sao quatro.

Que notícias lhe dariam na casa da sra. Valerius? Tremia ao bater a porta do pequeno apartamento da rua Notre Dame des Victoires.

A camareira que uma noite ele vira saindo do camarim de Christine veio abrir. Ele perguntou se a sra. Valerius poderia recebe-lo. Responderam-lhe que estava doente, de cama, e impossibilitada de "receber".

– Entregue-lhe meu cartao – ele pediu.

Nao esperou muito tempo. A camareira voltou e introduziu-o numa saleta escura e sumariamente mobiliada, onde os retratos do professor Valerius e do sr. Daae se encaravam.

– A patroa pede desculpas ao sr. visconde – disse a criada – por recebe-lo em seu quarto, pois suas pernas nao a sustentam mais.

Cinco minutos mais tarde, Raoul era introduzido num quarto quase as escuras, onde distinguiu imediatamente, na penumbra de uma alcova, o semblante bondoso da benfeitora de Christine. A sra. Valerius havia encanecido, mas seus olhos nao tinham envelhecido: ao contrario, seu olhar nunca fora tao claro, tao puro, tao infantil.

– Sr. de Chagny! – saudou-o alegremente, estendendo as duas maos a visita. – Ah, e o ceu que o envia…! Vamos falar *dela*!

Esta ultima frase soou bastante lugubre aos ouvidos do rapaz, que de pronto perguntou:

– Senhora… onde esta Christine?

E a velha respondeu tranquilamente:

– Ora, esta com seu "genio bom"!

– Que genio bom? – exasperou-se o pobre Raoul.

– Ora, o *Anjo da Musica*!

O visconde de Chagny, consternado, deixou-se cair numa cadeira. Christine estava com o "Anjo da Musica"! E a sra. Valerius, em seu leito, sorria para ele, colocando um dedo sobre a propria boca, para lhe recomendar silencio. Acrescentou:

– Nao espalhe!

– Pode contar comigo – replicou Raoul, sem saber direito o que dizia, pois suas ideias sobre Christine, ja bastante confusas, embaralhavam-se cada vez mais e tudo parecia comecar a rodar em volta do quarto, em volta daquela extraordinaria e bondosa senhora de cabelos brancos, olhos celestiais azul-claros. – Pode contar comigo…

– Eu sei! Eu sei! – ela disse, com uma risada espontanea e feliz. – Mas chegue mais perto, como no seu tempo de crianca. De-me suas maos como fazia quando recontava a historia da pequena Lotte que o sr. Daae lhe contara. Gosto muito do senhor, sr. Raoul, o senhor sabe. E Christine tambem gosta muito do senhor!

– Gosta muito de mim… – suspirou o rapaz, cujo pensamento se contorcia para juntar o *genio* da sra. Valerius, o *Anjo* a que Christine se referira tao estranhamente, a *caveira* que ele entrevira numa especie de pesadelo nos degraus do altar-mor de Perros e o *Fantasma da Opera*, cujo renome chegou aos seus ouvidos certa noite em que ele se demorara no

palco, a dois passos de um grupo de maquinistas que recordavam a descricao cadaverica que, antes de seu misterioso fim, Joseph Buquet fizera dele…

Perguntou baixinho:

– O que a faz acreditar, senhora, que Christine goste muito de mim?

– Ela me falava do senhor todos os dias!

– Serio…? E o que ela dizia?

– Disse que o senhor lhe fez uma declaracao…!

E a boa velha pos-se a rir com estridencia, mostrando todos os dentes, que ela zelosamente conservava. Raoul levantou-se, a testa ardendo, sofrendo de maneira atroz.

– Ei, aonde vai…? Queira sentar-se, por favor… Pensa que vai me deixar assim…? Zangou-se porque eu ri, peco-lhe perdao… Afinal de contas, o que aconteceu nao e culpa sua… O senhor nao sabia… O senhor e jovem… e acreditava que Christine estava livre…

– Christine esta noiva? – perguntou com uma voz embargada o infeliz Raoul.

– Claro que nao! Claro que nao…! O senhor sabe muito bem que, mesmo querendo, Christine nao pode se casar…!

– O que! Mas eu nao sei de nada…! E por que Christine nao pode se casar?

– Ora, por causa do *genio da musica*…!

– De novo…

– Sim, ele a proíbe…!

– Ele a proíbe…! O genio da musica a proíbe de se casar…!

Raoul debrucava-se sobre a sra. Valerius, o maxilar projetado, como se fosse morde-la. Se quisesse devora-la, seria com aqueles olhos ferozes que a

olharia. Ha momentos em que a candura e tao monstruosa que se torna odiosa. Raoul julgava a sra. Valerius o suprassumo da candura.

Ela nem desconfiava do olhar terrível que a mirava. Continuou com o semblante mais natural:

– Oh, ele proíbe… sem proibir… Diz simplesmente que, se ela se casasse, nao o ouviria mais! So isso…! E que ele partiria para sempre…! Entao, o senhor compreende, ela nao quer deixar o genio da musica partir. E mais que natural.

– Sim, sim – obtemperou Raoul, num sopro –, e mais que natural.

– Em todo caso, eu achava que Christine havia lhe contado tudo isso quando o encontrou em Perros, aonde ela foi com seu "genio bom".

– Ah! Ela foi a Perros com o "genio bom"?

– Quer dizer, ele tinha marcado um encontro com ela no cemiterio de Perros, no tumulo do sr. Daae! Prometera-lhe tocar a *Ressurreicao de Lazaro* no violino do pai de Christine!

Raoul de Chagny levantou-se e pronunciou estas palavras decisivas com grande autoridade:

– A senhora vai me dizer onde esse genio mora!

A velha nao pareceu muito surpresa com essa pergunta indiscreta. Ergueu os olhos e respondeu:

– No ceu!

Tanta candura derrotou-o. Alguem acreditar piamente que, todas as noites, um genio descia do ceu para frequentar os camarins dos artistas na Opera era de fazer cair o queixo de qualquer um.

Agora ele se dava conta do estado de espírito que ameacava uma moca criada entre um menestrel supersticioso e uma boa senhora "pancada", e estremeceu pensando nas consequencias de tudo aquilo.

– Christine sempre foi uma moca honesta? – ele perguntou de repente, sem se conter.

– Pelo meu lugar no paraíso, eu juro! – exclamou a velha, que dessa vez pareceu ofendida. – Se duvida disso, cavalheiro, nao sei o que veio fazer aqui…!

Raoul arrancava as luvas.

– Ha quanto tempo ela conhece esse "genio"?

– Cerca de tres meses…! E, faz uns tres meses que ele comecou a lhe dar aulas!

O visconde estendeu os bracos num gesto imenso e desesperado para, com desanimo, voltar a arria-los.

– O genio lhe da aulas…! E onde isso?

– Agora que ela partiu com ele, eu nao poderia lhe dizer, mas, ha quinze dias, era no camarim de Christine. Aqui seria impossível, e um apartamento exíguo. O predio inteiro ouviria. Enquanto na Opera, as oito da manha, nao ha ninguem. Ninguem os perturba…! Compreende…?

– Compreendo! Compreendo…! – exclamou o visconde, despedindo-se com precipitacao da velha senhora, que se perguntava com seus botoes se o visconde nao estava um pouco desnorteado.

Atravessando a sala, Raoul deparou com a camareira e, por um instante, cogitou interroga-la, mas julgou surpreender um leve sorriso trocista em seus labios. Fugiu. Ja nao sabia o suficiente…? Tinha ido a cata de informacoes, o que mais poderia desejar…? Voltou a pe para a casa do irmao, num estado que dava pena…

Quis castigar-se, arrebentar a cabeca contra as paredes! Ter acreditado em tanta inocencia, tanta pureza! Ter, por um instante, procurado explicar tudo com ingenuidade, candura imaculada! O genio da musica! Agora ele o conhecia! Via-o. Era, sem sombra de duvida, algum tenor detestavel, mocoilo formoso, que cantava com a boca em forma de coracao! Achava-se ridículo e infeliz! "Ah, como era miseravel, pequeno, insignificante e tolo o sr. visconde de Chagny!", pensava Raoul com raiva. E ela, que criatura audaciosa e satanicamente depravada!

De toda forma, aquela saída as ruas fizera-lhe bem, esfriara um pouco a chama de seu cerebro. Quando entrou em seu quarto, so pensava em atirar-se na cama e sufocar seus solucos. Mas seu irmao estava em casa e Raoul caiu em seus bracos como um bebe. O conde, paternalmente, consolou-o sem pedir explicacoes; de todo modo, Raoul teria hesitado em lhe contar a historia do "genio da musica". Se ha coisas de que nao nos gabamos, ha outras pelas quais e humilhacao demais ser lastimado.

O conde levou o irmao para jantar num cabare. Ainda arrasado, e provavel que Raoul tivesse recusado qualquer convite para essa noite, se para decidi-lo o conde nao lhe houvesse contado que, na noite da vespera, a dama de seus pensamentos fora encontrada em galante companhia numa aleia do Bois.[90] A princípio o visconde nao quis acreditar, mas os detalhes eram tao precisos que ele nao protestou mais. Afinal, nao era uma aventura das mais banais? Fora vista num cupe de vidro arriado. Parecia aspirar profundamente o ar gelado da noite. Fazia um luar soberbo. Haviam-na reconhecido perfeitamente. Quanto ao seu companheiro, so haviam distinguido um vulto difuso na penumbra. O coche ia "a passo" por uma aleia deserta, atras das tribunas de Longchamp.[91]

Raoul vestiu-se freneticamente, ja disposto, para esquecer sua angustia, a mergulhar no "turbilhao do prazer", como se diz. Coitado! Foi um triste comensal e, tendo se despedido cedo do conde, viu-se por volta das dez da noite num coche de aluguel, atras das tribunas de Longchamp.

Fazia um frio de rachar. A rua estava deserta e clara ao luar. Ele deu ordens ao cocheiro para espera-lo na esquina de uma pequena aleia adjacente e, dissimulando-se o maximo possível, pos-se a bater perna.

Nao fazia meia hora que se entregava a esse higienico exercício, quando um coche, vindo de Paris, virou na esquina da rua e, tranquilamente, no passo de seu cavalo, dirigiu-se para o seu lado.

Ele pensou imediatamente: e ela! E seu coracao comecou a dar grandes estocadas surdas, como as que ele ja ouvira no peito quando escutou a voz de homem atras da porta do camarim… Meu Deus, como a amava!

O coche continuava avancando. Quanto a ele, nao se mexera. Esperava…! Se fosse ela, estava determinado a pular na cabeca dos cavalos…! Custasse o que custasse, tomaria satisfacoes com o Anjo da Musica…!

Mais alguns passos e o cupe estaria ao seu alcance. Nao tinha a menor duvida de que era ela… Uma mulher, com efeito, tinha a cabeca para fora da portinhola.

Subitamente, a lua iluminou-a com uma palida aureola.

– Christine!

O nome sagrado do seu amor brotou-lhe dos labios e do coracao. Ele foi incapaz de represa-lo…! Deu um salto para alcanca-lo, pois aquele nome lancado na cara da noite havia soado como o sinal esperado para uma debandada furiosa da carruagem, que passou a sua frente sem lhe dar tempo de executar seu plano. O vidro da portinhola fora erguido. O rosto da jovem mulher desaparecera. E o cupe, atras do qual ele corria, ja nao passava de um ponto preto na estrada branca.

Chamou mais uma vez: Christine…! Ninguem lhe respondeu. Parou, em meio ao silencio.

Lancou um olhar desesperado para o ceu, para as estrelas; desferiu socos no seu peito em chamas; amava e nao era amado!

Com um olhar melancolico, contemplou aquela aleia desolada e fria, a noite palida e morta. Nao existia nada mais frio, mais morto, que o seu coracao: amara um anjo e desprezava uma mulher!

Como a fadinha do Norte zombou de voce, Raoul! De que adianta, nao e mesmo?, ter rosto tao gracioso, fronte tao tímida e sempre a beira de cobrir-se com o veu cor-de-rosa do pudor, se e para passear na noite solitaria, ao fundo de um cupe de luxo, na companhia de um misterioso amante? Nao deveria haver limites sagrados para a hipocrisia e a mentira…? E nao deveria ser proibido ter os olhos claros da infancia quando se tem alma de cortesa?

Ela passara sem responder ao seu chamado…

Afinal, por que ele atravessara o seu caminho?

Com que direito irrompera subitamente a frente dela, ela que so lhe pede que a esqueca, que rejeita sua presenca…?

“Va…! Suma daqui…! Voce e irrelevante…!”

Pensava em morrer e tinha vinte anos…! Seu criado o surpreendeu, de manha, sentado na cama. Ele nao se despira e, ao ve-lo com cara de enterro, o criado receou alguma desgraca. Raoul arrancou-lhe das maos a correspondencia que ele trazia. Reconhecera uma carta, um papel, uma caligrafia. Christine lhe dizia:

> Amigo, esteja depois de amanha no baile de mascaras da Opera, a meia-noite, no pequeno salao que fica atras da lareira do grande foyer; fique em pe junto a porta que leva a Rotunda. Nao fale desse encontro com ninguem no mundo. Va de domino branco, bem mascarado. Pela minha vida, que nao o reconhecam. Christine.

---

90. Trata-se do Bois de Boulogne, parque arborizado com 846 hectares (duas vezes e meia o Central Park), situado no oeste de Paris, no 16º *arrondissement*. E considerado um dos “pulmoes” da capital francesa. ↩

91. O hipodromo de Longchamp foi construído entre 1855 e 1858, ocupando 57 hectares entre o Bois de Boulogne e o rio Sena. ↩

NO BAILE DE MASCARAS

O ENVELOPE, todo salpicado de lama, nao trazia nenhum selo. “Para ser entregue ao sr. visconde Raoul de Chagny” e o endereco a lapis. Fora certamente jogado a esmo, na esperanca de que um passante o recolhesse e levasse ao seu domicílio, o que aconteceu. O bilhete havia sido encontrado numa calcada da praca da Opera. Raoul releu-o, afogueado.

Aquilo foi o suficiente para devolver-lhe a esperanca. A triste e fugaz imagem que ele compusera de uma Christine infratora de seus deveres para consigo mesma deu lugar a primeira impressao que tivera, a de uma infeliz e inocente crianca, vítima de uma imprudencia e de uma sensibilidade extrema. Ate que ponto, naquele estagio, era realmente vítima? De quem era prisioneira? Para que abismo haviam-na arrastado? Ele se fazia tais perguntas com uma crudelíssima angustia. Mas essa propria dor lhe parecia suportavel, comparada com o que o arrebatava ao imaginar uma Christine hipocrita e mentirosa! O que acontecera? Que influencia ela sofrera? Que monstro a sequestrara e com que armas…?

…com que armas entao, senao as da musica? Sim, sim, quanto mais pensava nisso, mais se persuadia de que era por esse caminho que descobriria a verdade. Esquecera-se do tom com que, em Perros, ela lhe contara que recebera a visita do enviado celeste? E a propria historia recente de Christine nao devia ajuda-lo a iluminar as trevas em que se debatia? Ignorava o desespero que se apoderara dela apos a morte de seu pai e a aversao que sentira por todas as coisas da vida, inclusive pela sua arte? Passara pelo Conservatorio como uma pobre maquina cantante, desprovida de alma. E, subitamente, sob o sopro de uma intervencao divina, despertara. O Anjo da Musica viera! Ela canta a Margarida de *Fausto* e triunfa…! O Anjo da Musica…! Quem, entao, quem se fizera

passar por esse maravilhoso genio…? Quem entao, informado sobre a lenda cara ao velho Daae, faz uso dela a tal ponto que, em suas maos, a moca nao e senao um instrumento indefeso que ele faz vibrar ao seu bel-prazer?

E Raoul refletia que aquela aventura nao era excepcional. Lembrava-se do que acontecera com a princesa Belmonte, que ficara viuva e cujo desespero tornara-se estupor… Ja fazia um mes que a princesa nao conseguia falar nem chorar. Essa inercia física e moral ia se agravando dia a dia e o enfraquecimento da razao resultou gradativamente no aniquilamento da vida. Doente, era levada todas as tardes para seus jardins, mas parecia nem sequer saber onde estava. Raff, o maior cantor da Alemanha, que passava por Napoles, quis visitar esses jardins, renomados por sua beleza. Uma das criadas da princesa pediu ao grande artista que cantasse, sem se mostrar, proximo ao arvoredo onde ela estava recostada. Raff assentiu e cantou uma aria simples, que a princesa ouvira na boca de seu marido nos primeiros dias de sua uniao. Era uma aria expressiva e comovente. A melodia, as palavras, a voz admiravel do artista, tudo contribuiu para afetar profundamente a alma da princesa. Lagrimas brotaram-lhe dos olhos… ela chorou, foi salva e continuou persuadida de que seu esposo, naquela tarde, descera do ceu para lhe cantar a aria de outros tempos![92]

"Sim… aquela noite…! Uma noite", pensa agora Raoul, "uma unica noite… Mas essa bela imaginacao nao resistiria diante de uma experiencia reiterada…" Se tivesse voltado la todas as noites, durante tres meses, a ideal e langorosa princesa de Belmonte teria terminado por descobrir Raff atras de seu arvoredo…

O Anjo da Musica, durante tres meses, dera aula a Christine… ah! era um professor pontual…! E agora levava-a para passear no Bois…!

Com seus dedos crispados cravados no peito, onde batia seu coracao ciumento, Raoul rasgava a propria carne. Inexperiente, perguntava-se agora aterrado com que intuito a moca convidava-o para um baile de

mascaras. E ate que ponto uma garota da Opera pode zombar de um bom rapaz novico no amor? Que miseria…!

Assim, o pensamento de Raoul ia aos extremos. Ele nao sabia mais se devia ter pena de Christine ou maldize-la, e, alternadamente, compadecia-se dela e a amaldicoava. Por via das duvidas, contudo, adquiriu um domino branco.

Afinal, a hora do encontro chegou. Rosto coberto por uma mascara com um babado comprido e espesso, trajando branco e todo emperequetado, o visconde julgou-se ridículo naquela fantasia de mascarada romantica. Um homem da alta sociedade nao se disfarcava para ir ao baile da Opera. Teria provocado risos. Um pensamento consolava o visconde: decerto nao o reconheceriam! E depois, aquela fantasia e o rosto coberto tinham outra vantagem: Raoul poderia passear la dentro "como em sua casa", sozinho, com o desassossego de sua alma e a tristeza de seu coracao. Nao precisaria fingir; seria superfluo compor uma mascara para seu rosto: ja a tinha!

Aquele baile era uma festa excepcional, promovida antes dos dias gordos,[93] em homenagem ao aniversario de nascimento de um ilustre desenhista das folias de antigamente, de um emulo de Gavarni,[94] cujo lapis havia imortalizado os "*chicards*"[95] e a descida de Courtille.[96] Devia, portanto, ter um espírito mais alegre, ruidoso e boemio do que os bailes de mascaras comuns. Numerosos artistas haviam confirmado presenca, seguidos por toda uma clientela de modelos e pintores iniciantes que, por volta da meia-noite, comecavam a fazer arruaca.

Raoul subiu a grande escadaria quando faltavam cinco minutos para a meia-noite. Nao se deteve para considerar a sua volta o espetaculo das fantasias multicoloridas esparramando-se ao longo dos degraus de marmore, num dos mais suntuosos cenarios do mundo; nao se deixou seduzir por nenhuma mascara espirituosa, nao respondeu a nenhuma piada e se livrou da familiaridade audaciosa de varios casais ja alegrinhos. Tendo atravessado o grande foyer e escapado de uma farandola[97] que, por

um momento, o aprisionara, adentrou finalmente o salao indicado no bilhete de Christine. Ali, naquele pequeno espaco, havia uma multidao ensandecida; pois era a encruzilhada onde se esbarravam todos os que iam cear na Rotunda ou que vinham pegar uma taca de champanhe. Era um tumulto quente e alegre. Raoul pensou que, para seu misterioso encontro, Christine tinha preferido aquela balburdia a um canto isolado: ali todos se sentiam, atras das mascaras, mais anonimos.

Ficou ao lado da porta e esperou. E nao por muito tempo. Um domino preto passou e lhe beliscou a ponta dos dedos. Compreendeu que era ela.

Seguiu-a.

– E voce, Christine? – perguntou, entredentes.

O domino voltou-se bruscamente e ergueu o dedo ate a altura dos labios, sem duvida para lhe recomendar que nao repetisse mais o seu nome.

Raoul continuou a segui-la em silencio.

Tinha medo de perde-la, apos te-la encontrado de modo tao estranho. Nao sentia mais odio por ela. Deixara inclusive de duvidar que ela "tivesse algo a se censurar", tao bizarro e inexplicavel pareceu-lhe seu comportamento. Estava disposto a todas as mansuetudes, a todos os perdoes, a todas as covardias. Amava. E, por certo, naturalmente, dali a pouco iriam lhe explicar a razao de ausencia tao singular…

De tempos em tempos, o domino preto voltava-se para verificar se continuava sendo seguido pelo domino branco.

Quando atravessava assim, atras de seu guia, o grande foyer do publico, Raoul nao teve como nao notar, entre todos os pandemonios, um pandemonio… e, entre todos os grupos que se entregavam as mais loucas extravagancias, um grupo que se comprimia em torno de um personagem cuja fantasia, estilo original e aspecto macabro causavam sensacao…

Esse personagem vestia escarlate da cabeca aos pes, com um imenso chapeu de plumas sobre uma caveira. Ah, que bela imitacao de caveira! Os

pintores aprendizes adulavam-no, felicitavam-no… perguntavam-lhe que mestre, em que atelie, frequentado por Plutao,[98] haviam desenhado e maquiado tao bela caveira! A propria "Camarde"[99] devia ter posado.

O homem da caveira, do chapeu de plumas e da roupa escarlate arrastava atras de si um comprido manto de veludo vermelho, cuja cauda se estendia principescamente sobre o assoalho; e sobre esse manto haviam bordado em letras de ouro uma frase que todos liam e repetiam em voz alta: "Nao me toque! Sou a Morte Vermelha que passa…!"

Quando alguem quis toca-lo… uma mao de esqueleto, saída de uma manga purpura, agarrou abruptamente o pulso do imprudente, e este, sentindo a robustez dos ossos, o abraco implacavel da Morte, que parecia fadado a nao o largar nunca mais, lancou um grito de dor e pavor. Finalmente liberado pela Morte Vermelha, fugiu feito um louco em meio as zombarias. Foi nesse momento que Raoul cruzou com o funebre personagem, o qual, justamente, acabava de voltar-se para o seu lado. E quase deixou escapar um grito: "A caveira de Perros-Guirec!" Reconhecera-a…! Quis precipitar-se, esquecendo Christine, mas o domino negro, que parecia igualmente as voltas com uma estranha perturbacao, agarrara-lhe o braco e puxava-o… puxava-o para longe do foyer, daquela multidao demoníaca por onde passava a Morte Vermelha…

A todo instante o domino preto se voltava e, por duas vezes, pareceu perceber alguma coisa que o apavorava, pois apertou mais ainda o passo e o de Raoul como se estivessem sendo perseguidos.

Subiram assim dois andares. Ali, escadarias e corredores estavam praticamente desertos. O domino preto empurrou a porta de um camarim e fez sinal ao domino branco para entrar. Christine (pois era de fato ela, ele a reconheceu pela voz), Christine fechou imediatamente a porta do camarim atras dele, recomendando-lhe baixinho que ficasse na parte de tras e nao se mostrasse. Raoul retirou a mascara. Christine conservou a sua. E quando ele ia pedir a cantora para tira-la, qual nao foi seu espanto ao ve-la recostar-se na divisoria e escutar atentamente o que acontecia ao

lado! Ela entao entreabriu a porta e espiou no corredor, dizendo baixinho: “Ele deve ter subido mais, para o ‘camarote dos cegos’…!”[100] Subitamente, exclamou: “Esta descendo de novo!”

Quis fechar a porta, mas Raoul opos-se, pois no degrau mais alto da escada que levava ao andar superior vira pousar *um pe vermelho*, depois outro… e lentamente, majestosamente, toda a indumentaria escarlate da Morte Vermelha desceu. E ele deparou novamente com a caveira de Perros-Guirec.

– E ele! – exclamou. – Dessa vez, nao me escapa…!

Mas Christine fechara a porta no momento em que Raoul se arrojava. Ele quis afasta-la….

– Ele quem? – ela perguntou com uma voz toda alterada. – Quem nao escapara…?

Abruptamente, Raoul tentou vencer a resistencia da moca, mas ela o repelia com uma forca inesperada… Ele compreendeu, ou julgou compreender, e ficou furioso.

– “Ele quem”? – disse com raiva. – Ora, ele! O homem que se dissimula sob essa hedionda imagem mortuaria…! O genio malefico do cemiterio de Perros…! A Morte Vermelha…! Em suma, seu amigo, senhora… *Seu Anjo da Musica!* Mas vou arrancar-lhe a mascara do rosto, como arrancarei a minha, para nos mirarmos, dessa vez face a face, sem veu e sem mentira, e saberei a quem ama e por quem e amada!

Deu uma gargalhada alucinada, enquanto Christine, atras de sua mascara, deixava escapar um doloroso gemido.

Num gesto tragico, ela estendeu os dois bracos, criando uma nívea barreira na porta.

– Em nome do nosso amor, Raoul, voce nao passara…!

Ele estacou! O que ela dissera? “Em nome do nosso amor”…? Mas ela jamais, jamais, lhe dissera que o amava. E nao fora por falta de oportunidade…! Ela ja o vira infelicíssimo, em lagrimas, diante dela,

implorando por uma boa-nova que nao viera…! Vira-o doente, morrendo de terror e frio apos a noite do cemiterio de Perros! Porventura ficara ao seu lado no momento em que ele mais precisava de seus cuidados? Nao! Fugira…! E dizia que o amava! Falava “em nome do nosso amor”. Ora, vamos! Seu unico objetivo era retarda-lo alguns segundos… Precisava dar tempo a Morte Vermelha de escapar… Nosso amor? Mentia…

E replicou-lhe, num tom de odio infantil:

– Esta mentindo, senhora! Pois nao me ama e nunca me amou! So um pobre e infeliz rapazola como eu para deixar-se enganar, para deixar-se iludir! Por que entao, com sua atitude, a alegria do seu olhar, seu silencio mesmo, durante nossa primeira entrevista em Perros, ter-me permitido todas as esperancas? Todas as honestas esperancas, senhora, pois sou um homem honesto e julgava-a uma mulher honesta, quando so tinha a intencao de me ridicularizar! Ai de mim! A senhora zombou de todo mundo! Abusou vergonhosamente do coracao candido de sua propria benfeitora, que nao obstante continua a acreditar em sua sinceridade enquanto a senhora circula pelo baile da Opera com a Morte Vermelha…! Desprezo-a…!

E chorou. Ela deixava que ele a injuriasse. So pensava numa coisa: rete-lo.

– Um dia voce me pedira desculpas por todas essas palavras vis, Raoul, e eu o perdoarei…!

Ele balancou a cabeca.

– Nao! Nao! Voce me fez enlouquecer…! Quando penso que eu… que so tinha um objetivo na vida: dar meu sobrenome a uma garota da Opera…!

– Raoul…! Infeliz…!

– Morrerei de vergonha!

– Viva, meu amigo – disse a voz grave e alterada de Christine –, e adeus!

– Adeus, Christine…!

– Adeus, Raoul…!

O rapaz avancou num passo vacilante. Ainda ousou um sarcasmo:

– Oh! Permita-me continuar a vir aplaudi-la de quando em quando.

– Nao cantarei mais, Raoul…!

– Compreendo… – ele acrescentou com mais ironia ainda. – Outros passatempos divertidos. Saudacoes…! Mas nos vemos no Bois uma noite dessas!

– Nao voltara a me ver nem no Bois nem em qualquer outro lugar, Raoul…

– Poderíamos pelo menos saber para que trevas ira retornar…? Para que inferno regressa a misteriosa madame…? Ou para que paraíso…?

– Eu tinha vindo para lhe dizer… meu amigo… mas nao posso lhe dizer mais nada… Nao acreditaria em mim! Perdeu a fe em mim, Raoul, terminou…!

Ela disse esse "Terminou!" num tom tao desesperado que o rapaz estremeceu e o remorso por sua crueldade comecou a lhe confundir a alma.

– Mas afinal… – exclamou. – Pode me dizer o que significa tudo isso…? E livre, sem grilhoes… Passeia pela cidade… veste um domino para correr o baile… Por que nao volta para casa…? O que fez nos ultimos quinze dias…? Que historia e essa de Anjo da Musica que contou a sra. Valerius? Alguem deve te-la enganado, abusado de sua credulidade… Eu mesmo fui testemunha disso em Perros… mas agora sabe com que esta lidando…! Julgo-a bastante sensata, Christine… Sabe o que faz…! E contudo a sra. Valerius continua a espera-la, invocando seu "genio bom"… Explique-se, Christine, por favor…! Outros serao ludibriados…! Afinal, que comedia e essa…?

Christine simplesmente tirou sua mascara e disse:

– E uma tragedia, meu amigo…!

Raoul viu entao seu rosto – e nao pode conter uma exclamacao de surpresa e pavor. As cores vicosas de outrora haviam desaparecido. Uma palidez mortal se estendia sobre aquelas feicoes que ele conhecera tao encantadoras e doces, reflexos da graca serena e da consciencia limpa. Como estavam atormentadas agora! O sulco da dor escavara-as impiedosamente e os bonitos olhos claros de Christine, antes límpidos como os lagos dos olhos da pequena Lotte, aquela noite pareciam de uma profundeza escura, misteriosa e insondavel, cingidos por uma sombra pavorosamente triste.

– Querida! Querida! – ele gemeu, estendendo os bracos. – Voce prometeu me perdoar…

– Talvez…! Talvez um dia… – ela respondeu, recolocando sua mascara, e se foi, repelindo-o com um gesto e proibindo-o de segui-la…

Ele fez mencao de ir atras dela, mas ela se voltou e repetiu com tamanha autoridade soberana seu gesto de adeus que ele nao ousou dar um passo a mais.

Observou-a afastar-se… Em seguida, desceu por sua vez para a multidao, sem saber exatamente o que fazia, as temporas latejando, o coracao partido, e perguntou, na sala que atravessava, se alguem tinha visto a Morte Vermelha passar. Indagavam-lhe: “Quem e a Morte Vermelha?” Ele respondia: “E um cavalheiro fantasiado com uma caveira e um grande manto vermelho.” Disseram-lhe em toda parte que ela, a Morte Vermelha, acabava de passar, arrastando seu manto real, mas ele nao a encontrou em parte alguma, e, por volta das duas da manha, retornou ao corredor que, atras do palco, dava acesso ao camarim de Christine Daae.

Seus passos haviam-no conduzido ao lugar onde comecara a sofrer. Bateu a porta. Nao lhe responderam. Entrou como entrara quando procurava freneticamente “a voz de homem”. O camarim estava deserto. Um bico de gas gerava uma luz mortica. Sobre uma escrivaninha, havia

papel de carta. Ele pensou em escrever para Christine, mas passos ressoaram no corredor… So teve tempo de se esconder na alcova, que uma simples cortina separava do camarim. Uma mao empurrava a porta. Era Christine!

Ele prendeu a respiracao. Queria ver! Queria saber…! Alguma coisa lhe dizia que estava prestes a desvendar parte do misterio e talvez comecar a compreender…

Christine entrou, retirou sua mascara com um gesto cansado e atirou-a sobre a mesa. Suspirou, deixou sua bela cabeca cair entre as maos… Em que pensava…? Em Raoul…? Nao! Pois Raoul ouviu-a murmurar: “Pobre Erik!”

A princípio, julgou nao ouvir direito. Estava persuadido a priori de que, se alguem merecia compaixao, era ele, Raoul. Nada mais natural que, depois do que acabava de se passar entre eles, ela dissesse num suspiro: “Pobre Raoul!” Mas ela repetiu, balancando a cabeca: “Pobre Erik!” O que esse Erik vinha fazer nos suspiros de Christine e por que a fadinha do Norte compadecia-se de Erik quando Raoul estava tao infeliz?

Christine pos-se a escrever, tranquila, serena, tao sossegada que deixou Raoul, ainda tremulo do drama que os separava, singular e desagradavelmente impressionado. “Que sangue-frio!”, ruminou… E ela escreveu, enchendo duas, tres, quatro folhas. De repente, ergueu a cabeca e escondeu as folhas em seu espartilho… Parecia escutar… Raoul tambem escutou… De onde vinha aquele rumor bizarro, aquele ritmo distante…? Um canto surdo que parecia sair das paredes… Sim, as paredes pareciam cantar…! O canto tornava-se mais claro… as palavras eram cristalinas… distinguiu-se uma voz.. Uma belíssima, maviosa e arrebatadora voz… mas aquela docura toda permanecia viril, dando assim a entender que nao pertencia a uma mulher… A voz continuava a aproximar-se… transpos a parede… chegou… e agora *estava no recinto*, diante de Christine. Ela se levantou e falou no tom de quem falava com alguem ao seu lado.

– Aqui estou, Erik – disse. – Estou pronta. Voce e que se atrasou, meu amigo.

Raoul, que observava prudentemente atras de sua cortina, nao podia acreditar em seus olhos, que nao lhe mostravam nada.

A fisionomia de Christine se iluminou. Um sorriso bom veio instalar-se em seus labios exangues, um sorriso como o dos convalescentes quando comecam a esperar que o mal que os acometeu nao os carregara para o alem.

A voz sem corpo voltou a cantar, e Raoul nunca ouvira nada no mundo – voz unindo ao mesmo tempo respiracao e alcance – mais suave e heroico, mais vitoriosamente insidioso, mais delicado na forca, mais forte na delicadeza, em suma, mais triunfante e irresistível. Havia nela trinados definitivos que reinavam soberanos e que decerto deviam, exclusivamente em virtude de sua audicao, gerar trinados sublimes nos mortais que sentem, amam e traduzem a musica. Havia nela uma fonte tranquila e pura de harmonia na qual os fieis podiam devotamente beber, certos de que nela bebiam a graca musical. E sua arte, assim, tendo tocado o divino, transfigurara-se. Raoul, extasiado, escutava aquela voz e comecava a compreender como Christine Daae pudera se apresentar aquela noite para um publico estupefato, com gorjeios de uma beleza desconhecida, de uma exaltacao sobre-humana, sem duvida ainda sob a influencia do misterioso e invisível mestre! E compreendia mais ainda aquele prodígio, escutando a voz excepcional, que, por sua vez, justamente nao cantava nada de excepcional: do barro, fazia ouro. A banalidade do verso e a simpleza da quase vulgaridade popular da melodia surgiam transformadas em beleza por um sopro que as elevava e carregava pelos ceus sobre as asas da paixao. Pois aquela voz angelical glorificava um hino pagao.

Aquela voz cantava “A noite do himeneu”[101] de *Romeu e Julieta*.

Raoul viu Christine estender os bracos para a voz, como fizera no cemiterio de Perros para o violino invisível que tocava *A Ressurreicao de Lazaro*.

Nada poderia reproduzir a paixao com que a voz enunciou:

O destino te acorrenta inexoravelmente a mim…!

Isso trespassou o coracao de Raoul, que, lutando contra o encanto que parecia lhe sugar toda a vontade e energia, e quase toda a lucidez no momento em que mais precisava dela, conseguiu puxar a cortina que o escondia e caminhou ate Christine. Esta, deslocando-se para o fundo do camarim, cuja parede era inteiramente ocupada por um grande espelho que lhe devolvia sua imagem, nao podia ve-lo, pois ele estava atras dela e completamente ocultado por ela.

O destino te acorrenta inexoravelmente a mim…!

Christine continuava a andar em direcao a sua imagem, e sua imagem descia ate ela. As duas Christines – o corpo e a imagem – terminaram por se tocar e se confundir e Raoul estendeu o braco para agarrar as duas ao mesmo tempo.

Contudo, por uma especie de milagre fulgurante que o fez vacilar, Raoul foi bruscamente empurrado para tras, enquanto um vento gelado lhe varria o rosto; viu nao mais dois, mas quatro, oito, vinte Christines, que giraram a sua volta com tal ligeireza, rindo e fugindo tao velozmente, que sua mao nao conseguiu tocar nenhuma delas. Por fim, tudo voltou a ficar imovel e ele deparou com a propria imagem no espelho. Mas Christine desaparecera.

Ele correu para o espelho. Investiu contra as paredes. Ninguem! No entanto, o camarim ainda ressoava, num ritmo distante, apaixonado:

O destino te acorrenta inexoravelmente a mim…!

Suas maos pressionaram a testa suada, tatearam sua carne em alerta, apalparam a penumbra, restituíram toda a forca a chama do bico de gas. Tinha certeza de nao estar sonhando. Encontrava-se no centro de um jogo formidavel, físico e moral, do qual nao tinha a chave e que talvez fosse

esmaga-lo. Via-se vagamente como um príncipe temerario que transpos o limite proibido de um conto de fadas e que nao tem mais por que se espantar por estar as voltas com fenomenos magicos que ele irrefletidamente, por amor, desafiou e desencadeou…

Por onde? Por onde Christine partira…?

Por onde voltaria…?

Voltaria…? Ai! Ela nao lhe dissera que estava tudo terminado…! E a parede nao repetia: “O destino te acorrenta inexoravelmente a mim”? A mim? A quem?

Entao, extenuado, vencido, o cerebro enevoado, ele se sentou no mesmo lugar que Christine ocupava um pouco antes. Como ela, deixou a cabeca cair em suas maos. Quando a levantou, lagrimas corriam abundantes por seu jovem rosto, verdadeiras e pesadas lagrimas, como tem as criancas ciumentas; lagrimas que choravam um infortunio nada extraordinario, mas comum a todos os amantes da terra e que ele expressou em voz alta:

– Quem e esse Erik?

---

92. O alemao Anton Raaf (1714-97) foi o maior tenor operístico em Napoles e Florenca nos anos 1760, tendo mais tarde servido as cortes de Mannheim e Munique e cantado na estreia do *Idomeneo*, de Mozart, de quem era proximo. A viuva e provavelmente Anna Francesca Pinelli di Sangro (1702-79), princesa de Belmonte-Pignatelli e protetora do poeta e libretista Metastasio. ↩

93. Isto e, a semana que antecede a quarta-feira de cinzas. ↩

94. Pseudonimo de Sulpice-Guillaume Chevalier (1804-66), desenhista, aquarelista e litografo frances, que retratou brilhantemente o carnaval de Paris em sua serie *Les Debardeurs*. ↩

95. Folioes típicos do carnaval de Paris na segunda metade do sec.XIX, vestiam fantasias extravagantes, geralmente um bone com um imenso penacho, calcoes e camisas bufantes e botas altas. ↩

96. Um dos tres grandes corsos do carnaval de Paris. ↩

97. Danca característica da Provence, geralmente acompanhada por pífaros e pandeiros. ↩

98. Na mitologia romana, o equivalente de Hades, o deus dos infernos. ↩

99. Figura alegorica da morte representada por um esqueleto. Seu nome vem do adjetivo *camarde*, que em frances significa “de nariz achatado”, sem nariz, como uma caveira. ↩

100. Chamava-se “camarote dos cegos”, na Opera Garnier, um camarote bastante amplo, situado no ultimo andar da sala de espetaculos, do qual nao se via nada e que era reservado para uso exclusivo das casas de cegos, que levavam gratuitamente seus pensionistas melomanos a Opera. ↩

101. Aria do ato IV da opera, encena a noite em que Julieta e Romeu encontram-se e juram amor, ate serem interrompidos pelo raiar do dia e o celebre canto de uma cotovia. ↩

E PRECISO ESQUECER O NOME DA “VOZ DE HOMEM”

NO DIA SEGUINTE aquele em que Christine desaparecera a sua frente numa especie de fulgurancia que ainda o fazia duvidar de seus sentidos, o sr. visconde de Chagny foi buscar notícias na casa da sra. Valerius. Deparou com um quadro encantador.

A cabeceira da velha senhora, que, sentada em sua cama, tricotava, Christine fazia croche. Nunca se viu camafeu mais encantador, nunca se viu fronte mais pura, nunca se viu olhar mais doce debrucar sobre uma costura de virgem. As faces da jovem haviam recuperado suas cores vicosas. As olheiras azuladas sob seus olhos claros haviam desaparecido. Raoul nao reconheceu mais o semblante tragico da vespera. Se o veu da melancolia espalhado sobre aquelas feicoes adoraveis nao tivesse refletido para o rapaz o ultimo vestígio do drama inaudito em que se debatia aquela misteriosa crianca, ele poderia ter pensado que Christine nao era sua incompreensível heroína.

Quando ele se aproximou, ela se levantou, sem emocao aparente, e estendeu-lhe a mao. Mas a estupefacao de Raoul era tamanha que ele permaneceu estatico, aniquilado, sem um gesto ou palavra.

– E entao, sr. de Chagny! – exclamou a sra. Valerius. – Nao conhece mais a nossa Christine? Seu “genio bom” devolveu-a para nos.

– Mamae! – interrompeu a moca laconicamente, enquanto um vivo rubor subia-lhe ate os olhos. – Mamae, achei que esse assunto tinha morrido…! Sabe muito bem que nao existe genio da musica!

– Minha filha, mas ele lhe deu aula durante tres meses!

– Mamae, prometi lhe explicar tudo em breve; assim espero… mas, ate esse dia, a senhora me prometeu silencio e nada de perguntas!

– Se prometesse nao me abandonar mais! Mas voce prometeu, nao foi, Christine?

– Mamae, nada disso interessa ao sr. de Chagny…

– E aí que se engana, senhorita – interrompeu o rapaz, com uma voz que ele queria fazer soar firme e severa mas que por enquanto soava apenas tremula. – Tudo que lhe toca me interessa a um ponto que a senhorita um dia talvez possa compreender. Nao escondo: meu espanto iguala minha alegria por encontra-la ao lado de sua mae adotiva; o que se passou entre nos, o que a senhorita disse e o que pude pressentir, nada me fazia prever tao pronto retorno. Serei o primeiro a me regozijar com esse gesto, se nao teimar em conservar sobre tudo isso um segredo que pode lhe ser fatal, e sou seu amigo ha tempo demais para, junto com a sra. Valerius, nao me preocupar com essa funesta aventura, que permanecera perigosa enquanto nao tivermos desemaranhado sua trama, da qual terminara sendo a vítima, Christine.

A essas palavras, a sra. Valerius se agitou em sua cama.

– O que significa isso? – exclamou. – Entao Christine esta em perigo?

– Sim, senhora… – declarou corajosamente Raoul, apesar dos sinais de Christine.

– Meu Deus! – assustou-se, arfante, a boa e ingenua velha. – Precisa me contar tudo, Christine! Por que me tranquilizava? E de que perigo se trata, sr. de Chagny?

– Um impostor esta abusando de sua boa-fe!

– O Anjo da Musica e um impostor?

– Ela mesma lhe disse que nao existe Anjo da Musica!

– Um instante, por favor! O que esta havendo, em nome do ceu? – suplicou a invalida. – Assim o senhor me mata!

– Ha, senhora, pairando sobre nos, sobre a senhora, sobre Christine, um misterio terreno muito mais atemorizante do que todos os fantasmas e

genios!

A sra. Valerius voltou para Christine um semblante aterrado, mas esta ja se precipitara para sua mae adotiva e apertava-a nos bracos.

– Nao acredite nele, maezinha… nao acredite nele – repetia, e, com suas carícias, tentava consola-la, pois a velha senhora dava suspiros de partir a alma.

– Entao prometa que nao me abandonara – implorou a viuva do professor.

Christine se calava e Raoul continuou:

– Eis o que deve prometer, Christine… E a unica coisa que pode nos tranquilizar, a sua mae e a mim! Comprometemo-nos a nao lhe fazer mais qualquer pergunta sobre o passado, se prometer ficar sob nossa salvaguarda no futuro…

– E um compromisso que nao lhe peco e e uma promessa que nao lhe farei! – pronunciou a moca com altivez. – Sou livre para agir conforme queira, sr. de Chagny; nao tem direito algum de controlar minhas acoes e peco que doravante se exima disso… Quanto ao que fiz nos ultimos quinze dias, so um homem no mundo teria direito a exigir um relatorio de minha parte: meu marido! Ora, nao tenho marido e jamais me casarei!

Dizendo isso energicamente, ela estendeu a mao na direcao de Raoul, como se para tornar suas palavras mais solenes, e Raoul empalideceu, nao so em virtude das palavras que acabava de ouvir, mas porque percebeu, no dedo de Christine, um anel de ouro.

– A senhorita nao tem marido, mas usa uma “alianca”.

E quis pegar sua mao, mas Christine retirou-a bruscamente.

– E um presente! – disse, ruborizando ainda mais e se esforcando em vao para esconder seu embaraco.

– Christine! Uma vez que nao tem marido, esse anel so pode lhe ter sido dado por aquele que espera vir a se-lo! Por que continuar nos

enganando? Por que continuar a me torturar? Esse anel e uma promessa! E a promessa foi aceita!

– Foi o que eu lhe disse! – exclamou a velha senhora.

– E o que ela lhe respondeu, senhora?

– O que eu quis – exclamou Christine, exasperada. – Nao acha, cavalheiro, que esse interrogatorio ja durou demais…? De minha parte…

Raoul, perturbadíssimo, temeu pronunciar as palavras de um rompimento definitivo. Interrompeu-a:

– Perdao por ter falado dessa forma, senhorita… Sabe muito bem o honesto sentimento que me faz imiscuir-me no que, sem duvida, nao e da minha conta! Mas permita-me lhe dizer o que vi… e vi mais do que pensa, Christine… ou o que julguei ver, pois, na verdade, numa aventura como essa, duvidamos do testemunho dos proprios olhos…

– O que viu, cavalheiro, ou julgou ver?

– Vi seu extase *ao som da voz*, Christine! Da voz que saía da parede, ou de um camarim, ou de um aposento ao lado… sim, seu extase…! E e isso que me apavora…! Voce se encontra sob o mais perigoso sortilegio…! E parece ter se dado conta da impostura, uma vez que afirmou hoje que *nao existe genio da musica*… Entao, Christine, por que voltou a segui-lo? Por que se levantou, expressao radiante, como se ouvisse realmente os anjos…? Ah, essa voz e muito perigosa, Christine, eu mesmo, enquanto a ouvia, fiquei tao seduzido que voce desapareceu aos meus olhos sem que eu pudesse dizer por onde passou…! Christine! Christine! Em nome do ceu, em nome do seu pai que esta no ceu e que tanto a amou, e que me amou, Christine, voce vai nos dizer, a sua benfeitora e a mim, a quem pertence essa voz! E, ainda que nao queira, nos a salvaremos…! Vamos! O nome desse homem, Christine…? Desse homem que tem a audacia de enfiar um anel de ouro no seu dedo!

– Sr. de Chagny – declarou friamente a moca –, o senhor nunca o sabera…!

Nesse instante, ouviu-se a voz azeda da sra. Valerius, que subitamente tomava o partido de Christine, vendo a hostilidade com que sua pupila acabava de se dirigir ao visconde.

– E se ela ama esse homem, sr. visconde, isso tambem nao e da sua conta!

– Ai de mim, senhora! – continuou humildemente Raoul, que nao conseguiu represar as lagrimas. – Ai de mim! Creio, com efeito, que Christine o ama… Tudo me prova isso, mas nao e so isso que constitui meu desespero, pois, do que nao estou certo, senhora, e se aquele que e amado por Christine e digno do seu amor!

– Isso, cavalheiro, so a mim cabe julgar! – replicou Christine, encarando Raoul com o semblante tomado por uma irritacao soberana.

– Quando se usam meios tao romanticos para seduzir uma moca… – continuou Raoul, que sentia suas forcas o abandonarem.

– …e porque ou o homem e um miseravel, ou a moca uma estupida?

– Christine!

– Raoul, por que condena assim um homem que nunca viu, que ninguem conhece e a cujo respeito voce mesmo nao sabe nada…?

– Sim, Christine… Sim… Sei pelo menos esse nome que pretende esconder para sempre… Seu Anjo da Musica, senhorita, chama-se Erik…!

Christine entregou-se. Fez-se palida feito uma toalha de altar. Balbuciou:

– Quem lhe disse isso?

– Voce mesma!

– E como?

– Compadecendo-se, na outra noite, na noite do baile de mascaras. Ao chegar ao seu camarim, nao exclamou “Pobre Erik!”? Pois bem, Christine, havia, em algum lugar, um pobre Raoul que a ouviu.

– E a segunda vez que o senhor escuta atras das portas, sr. de Chagny!

– Eu nao estava atras da porta…! Estava dentro do camarim…! Em sua alcova, senhorita.

– Infeliz! – gemeu a moca, estampando todos os sinais de um pavor indescritível. – Infeliz! Quer que o matem?

– Talvez!

Raoul pronunciou esse “talvez” com tanto amor e desespero que Christine nao conseguiu reprimir um soluco.

Ela entao lhe tomou as maos e o fitou com toda a ternura de que era capaz, e o jovem, sob aquele olhar, sentiu que sua dor ja arrefecia.

– Raoul, e preciso esquecer a “voz de homem” – disse ela –, nao recordar sequer o seu nome… e nao tentar jamais penetrar seu misterio.

– Esse misterio e assim tao terrível?

– Nao existe mais atroz sobre a terra!

Um silencio separou os dois jovens. Raoul estava arrasado.

– Jure que nao fara nada para “saber”… – ela insistiu. – Jure que nao entrara mais no camarim se eu nao o chamar.

– Promete me chamar de vez em quando, Christine?

– Prometo.

– Quando?

– Amanha.

– Entao juro!

Foram suas ultimas palavras naquele dia.

Ele lhe beijou as maos e partiu, amaldicoando Erik e prometendo ser paciente.

ACIMA DOS ALCAPOES

NO DIA SEGUINTE, esteve com ela na Opera. Continuava a usar o anel de ouro no dedo. Foi meiga e bondosa. Conversaram sobre os planos que ele cultivava, seu futuro, sua carreira.

Ele lhe contou que a partida da expedicao polar havia sido antecipada e que, em tres semanas, um mes no mais tardar, deixaria a Franca.

Ela intimou-o quase alegremente a considerar aquela viagem com entusiasmo, como uma etapa de sua gloria futura. Tendo ele respondido que a gloria sem amor nao o seduzia, ela o tratou como uma crianca manhosa.

Ele interpelou-a:

– Como pode, Christine, falar tao levianamente de coisas tao graves? Talvez nunca mais nos vejamos…! Posso morrer nessa expedicao…!

– E eu tambem – ela replicou, apenas.

Ela nao sorria, nao gracejava. Parecia pensar numa coisa nova que lhe vinha a mente pela primeira vez. Seu olhar se acendera.

– Em que esta pensando, Christine?

– Que nao nos veremos mais.

– E isso que a faz tao radiante?

– E que, dentro de um mes, teremos de nos dizer adeus… para sempre…!

– A menos, Christine, que tenhamos fe e esperemos um ao outro para sempre.

Ela tapou-lhe a boca com a mao:

– Cale-se, Raoul…! Nao se trata disso, sabe muito bem…! E nao nos casaremos nunca! Isso esta decidido!

Bruscamente, ela mal parecia conter uma alegria transbordante. Bateu as maos com uma alegria infantil… Raoul observava-a, inquieto, sem compreender.

– Mas… mas… – ela continuou, estendendo as duas maos para o rapaz, ou melhor, entregando-as, como se, de repente, tivesse resolvido presentea-lo com elas. – Mas se nao podemos casar, podemos, podemos ficar noivos…! Ninguem sabera, so nos, Raoul…! Existem casamentos secretos…! Pode muito bem existir um noivado secreto…! Somos noivos, querido, por um mes…! Dentro de um mes voce partira e poderei ser feliz com a lembranca desse mes pelo resto da vida!

Estava fascinada com sua ideia… Voltou a ficar grave.

– Esta e uma felicidade que nao fara mal a ninguem – disse.

Raoul compreendera. Abracou aquela inspiracao. Quis transforma-la imediatamente em realidade. Inclinou-se diante de Christine com uma humildade singular e disse:

– Senhorita, tenho a honra de pedir sua mao!

– Mas ja tem as duas, querido noivo…! Oh, Raoul, como seremos felizes…! Vamos brincar de futuro maridinho e futura mulherzinha…!

Raoul ruminava: “Imprudente! Dentro de um mes, terei tido tempo de faze-la esquecer ‘o misterio da voz de homem’, ou de desvenda-lo e destruí-lo, e dentro de um mes Christine consentira tornar-se minha mulher. Enquanto isso, brinquemos!”

Foi a brincadeira mais deliciosa do mundo, a qual eles desfrutaram como puras criancas que eram. Ah, quantas coisas maravilhosas se disseram. E quantas juras eternas trocaram! A ideia de que, transcorrido aquele mes, nao haveria mais ninguem para fazer tais promessas deixava-os numa perturbacao que eles saboreavam com terríveis delícias, entre risadas e lagrimas. “Jogavam coracao” assim como outros jogam bola; so

que, como eram seus coracoes que arremessavam um para o outro, precisavam ser muito, muito habilidosos para agarra-los sem se machucarem. Um dia – era o oitavo do jogo –, o coracao de Raoul sofreu muito e o rapaz interrompeu a partida com estas palavras extravagantes:

– Nao vou mais para o polo Norte!

Christine, que, em sua inocencia, nao pensara em tal possibilidade, descobriu de repente o perigo da brincadeira e censurou-se amargamente por isso. Nao respondeu uma palavra a Raoul e voltou para casa.

Isso aconteceu a tarde, no camarim da cantora, onde ela marcava todos os seus encontros e onde eles se divertiam com lanches frugais, tres biscoitos e dois calices de vinho do porto, e um buque de violetas.

A noite, ela nao cantava. E ele nao recebeu a carta costumeira, embora houvessem se autorizado a se escrever todos os dias daquele mes. Na manha seguinte, ele correu a casa da sra. Valerius, que lhe informou que Christine estaria ausente por dois dias. Partira na tarde da vespera, as cinco horas, dizendo que nao voltaria antes daquele prazo. Raoul ficou transtornado. Detestou a sra. Valerius, que lhe dava aquela notícia com uma estarrecedora tranquilidade. Tentou "extrair alguma coisa" daquilo, mas a boa senhora nao sabia de nada. Consentiu simplesmente em responder as perguntas nervosas do rapaz:

– E o segredo de Christine!

E erguia o dedo, dizendo isso com um gesto tocante que recomendava discricao e, ao mesmo tempo, tinha a pretensao de reconfortar.

"Ah, que otimo!" exclamava ranzinzamente Raoul, descendo a escada feito um louco. "Ah, que otimo! As mocinhas ficam bem guardadas com essa mamae Valerius…!"

Onde Christine poderia estar…? Dois dias… Dois dias a menos em sua tao curta felicidade! E tudo culpa sua…! Nao estava combinado que ele deveria partir…? Se sua firme intencao fosse nao partir, por que falara tao

cedo? Acusava-se de falta de traquejo e foi o mais infeliz dos homens durante quarenta e oito horas, ao fim das quais Christine reapareceu.

Reapareceu num triunfo. Reencontrou finalmente o estrondoso sucesso da noite de gala. Desde a aventura do "sapo", a Carlotta nao conseguira mais se apresentar em cena. O pavor de um novo "croac" se enraizara em seu coracao e lhe tirara todos os recursos; e os lugares que testemunharam sua incompreensível derrota haviam se tornado odiosos para ela. Arranjou uma forma de romper o contratado. Daae foi momentaneamente requisitada para cobrir sua ausencia. Um verdadeiro delírio coroou sua atuacao em *A judia*.

O visconde, presente aquela noite, naturalmente, foi o unico a sofrer com os mil ecos do novo triunfo; pois constatou que Christine continuava a usar seu anel de ouro. Uma voz distante murmurava ao ouvido do rapaz: "Ela continua com o anel de ouro e o presente nao partiu de voce. Esta noite, ela entregou novamente sua alma, e nao foi para voce."

E a voz continuava a persegui-lo: "Se ela se recusa a lhe dizer o que fez nos ultimos dois dias… se ela esconde o local de seu refugio, so lhe resta perguntar a Erik!"

Ele correu para o palco. Barrou-lhe o caminho. Ela viu, pois seus olhos procuravam por ele. Ordenou-lhe:

– Depressa! Depressa! Venha!

E arrastou-o para o seu camarim, sem se preocupar com todos os cortesaos de sua recente gloria, que, diante de sua porta fechada, murmuravam: "Isso e um escandalo!"

Raoul caiu imediatamente aos seus pes. Jurou que partiria e suplicou-lhe nao roubar mais nenhuma hora da felicidade ideal que lhe prometera. Ela nao conteve as lagrimas. Beijavam-se como um irmao e uma irma desesperados que acabam de ser golpeados por um luto comum e se encontram para chorar um morto.

Subitamente, ela se desvencilhou dos doces e tímidos abracos do rapaz, pareceu escutar alguma coisa estranha… e, com um gesto sumario, apontou a porta para Raoul. Quando ele chegou ao umbral, ela lhe disse, tao baixinho que o visconde mais adivinhou do que ouviu suas palavras:

– Amanha entao, querido noivo! E seja feliz, Raoul… foi para voce que cantei esta noite…!

Ele entao voltou.

Mas, coitado! Aqueles dois dias de ausencia haviam quebrado o encanto de sua adoravel mentira. Olhavam-se, no camarim, sem trocarem palavra, com olhos tristes. Raoul continha-se para nao gritar: "Estou com ciume! Estou com ciume! Estou com ciume!" Mas, de toda forma, ela o ouvia.

Entao ela falou:

– Vamos passear, meu amigo, o ar puro nos fara bem.

Raoul julgou que ela iria lhe propor algum programa fora dali, longe daquele monumento, que ele detestava como uma prisao, onde sentia raivosamente o carcereiro passear dentro de seus muros… o carcereiro Erik… Mas ela o levou ate o palco e o fez sentar numa beirada de madeira de uma fonte, na paz e no frescor duvidoso de um primeiro cenario instalado para o proximo espetaculo; no dia seguinte, passeou com ele, de maos dadas, pelas aleias abandonadas de um jardim cujas plantas trepadeiras tinham sido podadas pelas maos habeis de um cenarista, como se os verdadeiros ceus, as verdadeiras flores e a verdadeira terra estivessem para sempre proibidos para ela e ela estivesse condenada a nao respirar mais outra atmosfera que nao a do teatro! O rapaz hesitava em lhe fazer qualquer pergunta, pois, percebendo que ela nao podia responde-las, receava faze-la sofrer inutilmente. De quando em quando passava um bombeiro, velando de longe aquele idílio melancolico. As vezes, ela tentava corajosamente enganar-se e engana-lo quanto a beleza mentirosa daquele quadro inventado para a ilusao dos homens. Sua imaginacao

sempre fertil ornava-o com cores exuberantes e tais, dizia ela, que a natureza nao podia lhes fornecer comparacao. Exaltava-se, enquanto Raoul, suavemente, apertava sua mao nervosa. Ela dizia:

– Veja, Raoul, essas muralhas, esses bosques, esse verdor, essas imagens pintadas no pano, tudo isso assistiu aos mais sublimes amores, pois aqui elas foram inventadas pelos poetas, que ultrapassam em cem covados[102] a estatura dos homens. Diga-me entao que o nosso amor se encontra de fato aqui, meu Raoul, uma vez que ele tambem foi inventado e nao passa, ai de mim!, de uma ilusao!

Desolado, ele nao respondia. Ela entao prosseguia:

– Nosso amor e muito triste na terra, vamos passea-lo no ceu…! Veja como isso e facil aqui!

E o arrastava mais alto que as nuvens, na desordem magnífica da grelha,[103] deleitando-se com sua vertigem, correndo a sua frente sobre as frageis pontes dos urdimentos, entre os milhares de cordames presos nas polias, nas gruas, nos tambores, em meio a uma verdadeira floresta aerea de vergas e mastros. Quando ele hesitava, ela lhe dizia com uma carinha adoravel:

– Voce, um marujo!

E voltavam a descer em terra firme, isto e, em algum corredor bem solido que os conduzia a risadas, a dancas, a juventude repreendida por uma voz severa: “Relaxem, senhoritas… Cuidem das pontas…” Era a classe das meninas, das que acabavam de completar seis anos indo ate nove ou dez… e ja usam a malha decotada, o tutu leve, a meia-calca branca e as meias cor-de-rosa, e trabalham, trabalham com todos os seus pezinhos doloridos na esperanca de virem a ser alunas das *quadrilles*,[104] corifeus, primeiros papeis, primeiras bailarinas, com muitos diamantes em volta… Enquanto isso, Christine lhes distribui bombons.

Num outro dia, ela o fez entrar num vasto salao de seu palacio, exuberante em ouropeis, trajes de cavaleiros, lancas, escudos e penachos,

passando em revista todos os fantasmas de guerreiros imoveis e empoeirados. Dirigia-lhes palavras bondosas, prometendo-lhes que eles voltariam a ver as noites reluzentes e os cortejos musicais diante da ribalta reverberante.

Conduziu-o assim por todo o seu imperio, artificial porem imenso, estendendo-se por dezessete andares, do res do chao as cumeeiras, e habitado por um exercito de suditos. Passava em meio a eles como uma rainha popular, incentivando o trabalho, dando conselhos sensatos as operarias, cujas maos hesitavam cortar os tecidos luxuosos que deviam vestir os herois. Os habitantes desse país exerciam todas as profissoes. Havia de sapateiros a ourives. Todos tinham aprendido a ama-la, pois ela se interessava pelos sofrimentos e pequenas manias de cada um. Ela conhecia recantos obscuros habitados secretamente por velhos casais.

Ela batia as suas portas e lhes apresentava Raoul como um príncipe encantado que pedira sua mao e entao, sentados em algum acessorio decrepito, escutavam as lendas da Opera, como antigamente em sua infancia tinham escutado os velhos contos bretoes. Aqueles anciaos so conversavam sobre a Opera. Moravam la ha muitos e muitos anos. As administracoes passadas os haviam esquecido; as revolucoes palacianas os haviam ignorado; do lado de fora, a historia da Franca passara sem que eles a percebessem, e ninguem mais se lembrava deles.

Assim, dias preciosos escoavam e, com o interesse exagerado que pareciam demonstrar pelas aparencias, Raoul e Christine procuravam desajeitadamente esconder um do outro o unico pensamento de seus coracoes. Fato e que Christine, que se mostrara a mais forte ate ali, ficou subitamente nervosa, e muito nervosa. Em suas expedicoes, punha-se a correr sem razao ou entao parava bruscamente e sua mao, momentaneamente glacial, continha o rapaz. Seus olhos pareciam as vezes perseguir sombras imaginarias. Ela gritava: “Por aqui”, depois “por aqui”, depois “por aqui”, rindo uma risada arfante que frequentemente terminava em lagrimas. Raoul entao queria falar, interrogar, apesar de

suas promessas, seus compromissos. Mas, antes mesmo de formular qualquer pergunta, ela respondia febrilmente: “Nada…! Juro que nao foi nada.”

Uma vez, quando passavam em frente a um alcapao entreaberto no palco, Raoul se debrucou sobre o vazio escuro e disse:

– Voce me fez visitar os sotaos do seu imperio, Christine… mas contam estranhas historias sobre os poroes… Nao quer descer?

Ouvindo isso, ela segurou seu braco, como se receasse ve-lo desaparecer no buraco negro, e lhe disse baixinho, tremendo:

– Nunca…! Proíbo-o de ir ate la…! E depois, nao me pertence…! *Tudo que esta sob a terra pertence a ele!*

Raoul mergulhou seus olhos nos de Christine e indagou num tom rude:

– *Ele* entao mora la embaixo?

– Eu nao disse isso…! Quem disse tal coisa? Vamos! Venha! Ha momentos, Raoul, em que me pergunto se voce nao e louco… Voce sempre ouve coisas impossíveis…! Venha! Venha!

E literalmente o arrastava, pois ele teimava em permanecer junto ao alcapao: aquele buraco o atraía.

O alcapao fechou-se de repente, tao de repente que, sem perceberem a mao que o acionava, os dois ficaram absolutamente aturdidos.

– Seria *ele* que esta aqui? – ele terminou perguntando.

Ela deu de ombros, mas nao parecia de forma alguma resserenada.

– Nao! Nao! Sao os “fechadores de alcapoes”. Afinal, os “fechadores de alcapoes” precisam fazer alguma coisa… Eles abrem e fecham os alcapoes sem razao… Sao como os “fechadores de portas”; afinal, eles precisam “passar o tempo”.

– E se fosse *ele*, Christine?

– Claro que nao! Claro que nao! *Ele* se trancou! *Ele* trabalha.

– Ah, serio, *ele* trabalha?

– Sim, *ele* nao pode abrir e fechar os alcapoes e trabalhar. Podemos ficar tranquilos.

Dizendo isso, ela sentiu um arrepio.

– Em que entao *ele* trabalha?

– Oh! Em alguma coisa de terrível…! Portanto, podemos ficar tranquilos…! Quando *ele* trabalha nisso, *ele* nao ve nada; *ele* nao come, nem bebe, nem respira… dias e noites a fio… e um morto-vivo e nao tem tempo para brincar com alcapoes!

Ela sentiu outro arrepio, debrucou-se para ouvir do lado do alcapao… Raoul deixou-a agir e falar. Calou-se. Temia agora que o som de sua voz a fizesse subitamente refletir, detendo-a no curso ainda tao fragil de suas confidencias.

Ela nao o deixara… conservava-o em seus bracos… suspirou por sua vez:

– Se fosse *ele*!

Raoul, tímido, perguntou:

– Tem medo *dele*?

Ela respondeu:

– Nao! Nao!

O rapaz, bastante involuntariamente, afetou compadecer-se dela, como fazemos com uma criatura impressionavel ainda as voltas com um sonho recente. Ele parecia dizer: “Porque voce sabe, eu estou aqui!” E seu gesto foi, quase a sua revelia, ameacador; Christine entao observou-o com espanto, como um fenomeno de coragem e virtude, parecendo, em seu pensamento, calcular em seu justo valor aquele inutil e audacioso cavalheirismo. Beijou o pobre Raoul como uma irma que, num acesso de ternura, recompensava-o por ter cerrado seu pequeno punho fraterno para defende-la contra os perigos sempre possíveis da vida.

Raoul compreendeu e corou de vergonha. Via-se tao fraco quanto ela. Ruminava: “Ela afirma que nao tem medo, mas treme quando nos afasta do alcapao.” Era verdade. No dia seguinte e nos subsequentes, foram alojar seus curiosos e castos amores quase nas cumeeiras, bem longe dos alcapoes. A agitacao de Christine so fazia aumentar a medida que as horas transcorriam. Por fim, certa tarde, ela chegou muito atrasada, o rosto tao palido e os olhos tao vermelhos, fruto do desespero, que Raoul decidiu pelos extremos, exprimindo sem rodeios que “*so partiria para o polo Norte se ela lhe confiasse o segredo da Voz de homem*”.

– Cale-se! Em nome dos ceus, cale-se. Se *ele* ouvisse, infeliz Raoul!

E os olhos arregalados da jovem pareciam procurar alguma coisa ao redor.

– Vou tira-la de *seu* poder, Christine, juro! E nao pensara mais *nele*, o que e necessario.

– Isso e possível?

Ela se permitiu essa duvida, que era um encorajamento, arrastando o rapaz ate o ultimo andar do teatro, “ate os píncaros”, longe, muito longe dos alcapoes.

– Vou esconde-la num canto desconhecido do mundo, onde ele nao vira procura-la. Ficara a salvo, e entao partirei, uma vez que voce jurou nunca se casar.

Christine precipitou-se para as maos de Raoul e apertou-as efusivamente. Porem, novamente inquieta, voltou a cabeca.

– Mais alto! – disse apenas. – Ainda mais alto…!

E puxou-o para cima.

Ele tinha dificuldade para segui-la. Dali a pouco estavam nas cumeeiras, no labirinto do madeirame. Esgueiraram-se por entre os arcobotantes, as empenas, as tercas, as tesouras, as diagonais; corriam de viga em viga, como, numa floresta, teriam corrido de arvore em arvore, por entre troncos formidaveis…

E, apesar da precaucao que tinha de observar atras de si a cada instante, ela nao percebeu uma sombra que a seguia como sua sombra, que parava junto com ela, que partia novamente quando ela partia e que nao fazia mais barulho do que uma sombra deve fazer. Raoul, por sua vez, nao viu nada, pois, quando tinha Christine a sua frente, nada do que acontecia atras o interessava.

---

102. Padrao de medida usado por egípcios, romanos e gregos, o covado equivalia aproximadamente a 50cm (distancia entre a ponta do dedo medio e a ponta do cotovelo). ↩

103. Ampla grade horizontal no alto da caixa de cena, de onde pendem mecanismos e cordoes de sustentacao do cenario, das cortinas etc. Tambem chamada de teia. ↩

104. O mais baixo dos cinco escaloes na hierarquia do corpo de baile da Escola de Danca da Opera de Paris: *quadrille*, *corifeu*, *sujet*, *premier danseur* ou *danseuse* e *etoile*. ↩

A LIRA DE APOLO

Assim, chegaram aos telhados. Ela deslizava sobre eles, leve e experiente, como uma andorinha. O olhar de ambos percorreu o espaco deserto, entre os tres domos e o frontao triangular. Acima de Paris, cujo vale se descortinava inteiro em laboriosa atividade, ela respirou intensamente. Olhou para Raoul com confianca. Chamou-o para bem perto dela e, lado a lado, no topo do mundo, caminharam pelas ruas de zinco e avenidas de ferro; miraram suas formas gemeas nos vastos reservatorios cheios de uma agua estagnada, onde, no verao, os pequenos bailarinos, uns vinte garotinhos, mergulham e aprendem a nadar. Sempre fiel a seus passos, a sombra atras deles surgira, achatando-se sobre os telhados, alongando-se com movimentos de asas negras nas encruzilhadas dos becos de ferro, rodopiando ao redor dos tanques, contornando, silenciosa, os domos. Os dois infelizes, que nem desconfiavam de sua presenca, finalmente se sentaram, confiantes, sob a alta protecao de Apolo,[105] que num gesto de bronze erguia sua prodigiosa lira no coracao de um ceu em fogo.

Uma noite quente de primavera os cercava. Nuvens que acabavam de receber do poente sua leve tunica de ouro e purpura passavam lentamente, deixando-a arrastar-se acima dos dois jovens. Christine disse a Raoul:

– Logo estaremos indo mais longe e depressa do que as nuvens, ate o fim do mundo, e entao voce me abandonara, Raoul. Mas, quando chegar o momento de voce me raptar, se eu nao consentir mais em segui-lo, pois bem, Raoul, carregue-me com voce!

Com que forca, que parecia dirigida contra si mesma, ela disse isso, enquanto se aconchegava nervosamente contra ele. Impressionado, o rapaz indagou:

– Receia mudar de opiniao, Christine?

– Nao sei – ela disse, sacudindo estranhamente a cabeca. – E um demonio!

E foi percorrida por um calafrio. Encolheu-se nos bracos dele com um gemido.

– Agora tenho medo de voltar a morar com ele… dentro da terra!

– O que a obriga a voltar para la, Christine?

– Se eu nao voltar para junto dele, grandes tragedias podem sobrevir…! Mas nao aguento mais…! Nao aguento mais…! Sei perfeitamente que devemos ter pena das pessoas que moram "embaixo da terra"… Mas este e horrível demais! O momento, contudo, se aproxima; so tenho mais um dia! E se eu nao for, sera ele que vira me buscar com sua voz. Ele me arrastara para sua morada, debaixo da terra, e se pora de joelhos diante de mim, com sua caveira! E dira que me ama! E caira em prantos! Ah, essas lagrimas, Raoul! Essas lagrimas nos dois buracos da caveira. Nao posso mais ver essas lagrimas correrem!

Contorceu as maos horrivelmente, enquanto Raoul, igualmente prisioneiro daquele desespero contagioso, apertava-a contra seu coracao:

– Nao! Nao! Voce nao ouvira mais ele dizer que a ama! Nao vera mais suas lagrimas correrem! Fujamos…! Imediatamente, Christine, fujamos!

E ja queria arrasta-la.

Ela o deteve.

– Nao, nao – disse, balancando dolorosamente a cabeca –, agora nao…! Seria tarde demais… Permita que ele me ouca cantar, amanha a noite, pela ultima vez… depois iremos. A meia-noite, venha me pegar no meu camarim; a meia-noite em ponto. A essa hora ele estara me esperando na sala de jantar do lago… estaremos a vontade e podera me levar…! Mesmo que eu recuse, tera que me jurar isso, Raoul… pois sinto claramente que, dessa vez, se voltar la, talvez eu nunca mais retorne…

Acrescentou:

– Voce nao pode compreender…!

Deu um suspiro, que lhe pareceu respondido por outro, atras dela.

– Voce nao ouviu?

Ela batia os dentes.

– Nao – asseverou Raoul –, nao ouvi nada.

– E horrível – ela confessou – tremer o tempo todo assim…! Aqui, contudo, nao corremos nenhum perigo; estamos em nossa casa, na minha casa, no ceu, ao ar livre, em pleno dia. O sol esta em chamas e as aves noturnas nao gostam de olhar o sol! Nunca *o* vi a luz do dia… Deve ser medonho…! – ela balbuciava, voltando para Raoul os olhos esgazeados. – A primeira vez que *o* vi….! Achei que *ele* ia morrer!

– Por que? – perguntou Raoul, realmente assustado com o tom que aquela estranha e assombrosa confidencia assumia. – Por que achou que ele ia morrer?

– PORQUE EU O TINHA VISTO!!!

……

Dessa vez, Raoul e Christine voltaram-se ao mesmo tempo.

– Ha alguem sofrendo aqui! – exclamou Raoul. – Talvez um ferido… Voce ouviu?

– Eu nao saberia dizer – confessou Christine –, *mesmo quando ele nao esta presente, meus ouvidos ecoam seus suspiros*… Mas se voce ouviu…

Levantaram-se, olharam ao redor… Estavam efetivamente sozinhos no imenso telhado de chumbo. Sentaram-se. Raoul perguntou:

– Como o viu pela primeira vez?

– Fazia tres meses que eu o ouvia sem ve-lo. A primeira vez que "o ouvi", acreditei, como voce, que aquela voz adoravel que se pusera subitamente a cantar *ao meu lado* cantava num camarim proximo. Saí, procurei-a em toda parte; mas como sabe, Raoul, meu camarim e muito isolado, e nao consegui encontrar a voz fora dele, quando ela permanecia

fielmente ali. E nao so cantava como falava, respondia as minhas perguntas como uma verdadeira voz de homem, com a diferenca de que era bela como a voz de um anjo. Como explicar tao incrível fenomeno? Eu nunca tinha esquecido o “Anjo da Musica”, que meu pobre pai prometera me enviar quando morresse. Ouso referir-me a tamanha infantilidade, Raoul, porque voce conheceu meu pai, ele lhe quis bem e voce acreditou junto comigo, quando era menino, no “Anjo da Musica”. Portanto, tenho certeza de que nao sorrira e tampouco zombara. Eu tinha conservado, querido, a alma delicada e credula da pequena Lotte, e nao teria sido a companhia da sra. Valerius que a extinguiria. Carreguei essa alminha branca em minhas maos ingenuas e ingenuamente a estendi, oferecendo-a a voz de homem, que julguei ser o anjo. A culpa, de certa maneira, foi da minha mae adotiva, a quem eu nao escondia nada do inexplicavel fenomeno. Ela foi a primeira a dizer: “Deve ser o anjo; em todo caso, pergunte a ele.” Foi o que fiz e a voz de homem me respondeu que, com efeito, ela era a voz de anjo que eu esperava e que meu pai moribundo me prometera. A partir desse momento, uma grande intimidade se estabeleceu entre mim e a voz, e depositei nela uma confianca absoluta. Ela me disse que descera a terra para me fazer desfrutar das alegrias supremas da arte eterna, e me pediu permissao para me dar aulas de musica diariamente. Consenti, com um ardor fervoroso, e nao faltei a nenhum desses encontros, que, desde o primeiro momento, davam-se no meu camarim, quando esse setor da Opera estava completamente deserto. Contar-lhe como foram essas aulas! Nem voce, que ouviu a voz, pode fazer ideia.

– Claro que nao! Nao faco ideia – declarou o rapaz. – Que musica os acompanhava?

– Uma musica desconhecida para mim, que soava atras da parede e era de uma correcao incomparavel. Como se nao bastasse, amigo, parecia que a Voz sabia exatamente em que ponto meu pai me deixara em meus estudos, ao morrer, e o metodo simples que ele usava; assim, lembrando-

me, ou melhor, minha voz rememorando todas as licoes passadas e, junto com as presentes, delas se beneficiando instantaneamente, fiz progressos rapidos e prodigiosos, que, em outras condicoes, teriam exigido anos! Nao se esqueca de que sou muito fragil, querido, e que no princípio minha voz era pouco definida; suas cordas graves achavam-se pouco desenvolvidas, os agudos eram duros demais e o registro medio, velado. Foram essas deficiencias que meu pai combatera e vencera temporariamente; foram essas deficiencias que a Voz venceu definitivamente. Pouco a pouco fui aumentando o volume sonoro em proporcoes que minha antiga fraqueza nao me permitia esperar: aprendi a estender amplamente minha respiracao. Mas, sobretudo, a Voz me revelou o segredo de desenvolver os sons de peito numa voz de soprano. No fim, envolveu tudo isso no fogo sagrado da inspiracao, despertando em mim uma vida ardente, devoradora, sublime. A Voz possuía a virtude, ao ressoar, de me elevar ate ela. Colocava-me em uníssono com seu soberbo voo. A alma da Voz habitava minha boca e nela insuflava harmonia!

"Ao fim de algumas semanas, eu nao me reconhecia mais quando cantava…! Estava inclusive assustada… receei, por um instante, estar lidando com algum sortilegio; mas mamae Valerius me tranquilizou. Ela sabia que eu era ingenua demais, dizia, para me expor ao demonio.

"Por ordens expressas da Voz, meus progressos constituíam um segredo entre ela, mamae Valerius e eu. Coisa curiosa, fora do camarim eu cantava com a minha voz de todos os dias e ninguem notava nada. Eu fazia tudo que a Voz queria. Ela dizia: 'Espere e vera…! Assombraremos Paris!' E eu esperava. Vivia numa especie de sonho encantado, comandado pela Voz. Nesse ínterim, Raoul, vi voce, uma noite, na plateia. Minha alegria foi tao grande que nem sequer pensei em esconde-la quando retornei ao camarim. Para nosso infortunio, a Voz ja estava la e percebeu claramente, pelo meu semblante, que havia alguma novidade. Perguntou-me o que eu tinha e nao vi nenhum inconveniente em lhe contar nossa doce historia, sem lhe dissimular o lugar que voce ocupava no meu coracao. A Voz entao

se calou: interpelei-a, ela nao me respondeu; supliquei, em vao. Morri de medo que ela tivesse partido para sempre! Antes tivesse ido, meu amigo…! Voltei para casa aquela noite completamente desesperada. Atirei-me no pescoco de mamae Valerius: 'Sabia? A Voz foi embora! Talvez nao volte nunca mais!' Ela ficou tao assustada quanto eu e me pediu explicacoes. Contei-lhe tudo. Ela disse: 'Obvio, a Voz esta com ciume!' Isso, meu querido, me fez ver que eu o amava…"

Aqui, Christine deteve-se por um instante. Aninhou a cabeca no peito de Raoul e eles permaneceram por um momento calados nos bracos um do outro. A emocao que experimentavam era tao intensa que nao viram, ou melhor, nao sentiram, a poucos passos de onde estavam, deslocar-se a sombra rastejante de duas grandes asas negras, que se aproximava, rente aos telhados, tao perto, tao perto deles quanto possível, fechando-se sobre eles, sufocando-os…

– No dia seguinte – prosseguiu Christine com um profundo suspiro –, foi bastante pensativa que me dirigi ao meu camarim. A Voz me esperava. Oh, meu amigo! Falou-me com uma grande tristeza. Declarou literalmente que, se eu viesse a dar meu coracao a alguem na terra, nao lhe restava, a ela Voz, senao retornar ao ceu. Enunciou isso com uma enfase de dor *humana*, da qual, desde esse dia, eu deveria ter desconfiado, e compreendido ter sido vítima de meus sentidos iludidos. Mas minha crenca naquele espectro de Voz, ao qual se misturava tao intimamente o pensamento de meu pai, permanecia absoluta. Nada me apavorava mais do que deixar de ouvi-la; por outro lado, refleti sobre o sentimento que me impelia para voce, Raoul; avaliei todo o inutil perigo de tal sentimento; ignorava inclusive se voce se recordava de mim. Seja como for, sua posicao na sociedade me proibia para sempre cogitar em nossa uniao; jurei a Voz que voce era apenas um irmao para mim e nunca seria outra coisa, e que meu coracao nao cultivava nenhum amor terreno… Eis a razao, meu amigo, pela qual eu desviava os olhos quando, no palco ou nos corredores, voce procurava atrair minha atencao; a razao pela qual eu nao o

reconhecia… pela qual eu nao o via…! Nesse período, as horas das aulas que a Voz me dava passavam-se num divino delírio. Nunca a beleza dos sons me possuíra a tal ponto; um dia a Voz me disse: 'Vai agora, Christine Daae, levar aos homens um pouco da musica do ceu.' Como, justo aquela noite, que era a noite de gala, a Carlotta nao compareceu ao teatro? Como fui chamada para substituí-la? Nao sei. Mas cantei… cantei num enlevo indescritível. Sentia-me leve como se tivesse asas. Por um instante acreditei que minha alma em fogo deixara meu corpo!

– Oh, Christine! – disse Raoul, cujos olhos umedeceram a essa lembranca. – Aquela noite meu coracao vibrou a cada trinado de sua voz. Vi suas lagrimas escorrerem por suas faces palidas e chorei com voce. Como podia cantar, cantar chorando?

– Minhas forcas me abandonaram – disse Christine –, fechei os olhos… Quando os abri, voce estava ao meu lado! Mas a Voz tambem estava la, Raoul…! Receei por voce e mais uma vez nao quis reconhece-lo, rindo quando voce me lembrou que havia pegado minha echarpe no mar…! Ai de mim! Ninguem engana a Voz…! Ela o reconheceu, ela…! E estava com ciume…! Nos dois dias subsequentes, me fez cenas atrozes… Dizia: "Voce o ama! Se nao o amasse, nao fugiria dele! Seria um ex-namorado cuja mao voce apertaria, como a de qualquer outro… Se nao o amasse, nao temeria ficar a sos, com ele e comigo, no seu camarim…! Se nao o amasse, nao o expulsaria…!"

"'Basta!', eu disse a Voz, irritada. 'Amanha irei a Perros, visitar o tumulo do meu pai. Pedirei ao sr. Raoul de Chagny que me faca companhia.' E ela respondeu: 'Fique a vontade, mas saiba que eu tambem estarei em Perros, pois estou sempre onde voce esta, Christine, e se continua digna de mim, se nao mentiu, executarei, quando soar meia-noite, no tumulo do seu pai, a *Ressurreicao de Lazaro*, ao violino do defunto.'

"Assim fui levada, querido, a lhe escrever a carta que o fez ir a Perros. Como pude ser enganada a esse ponto? Como, diante da suscetibilidade da

Voz, nao duvidei de alguma impostura? Ai de mim! Eu nao me pertencia mais: eu era sua coisa…! E os recursos de que a Voz dispunha deviam facilmente iludir uma crianca como eu!"

– Ora…! – exclamou Raoul nesse ponto da historia de Christine, em que ela parecia deplorar com lagrimas a perfeita inocencia de um espírito muito pouco prudente. – Ora, mas voce logo veio a saber a verdade…! Como nao saiu imediatamente desse abominavel pesadelo?

– Saber a verdade…! Raoul…! Sair desse pesadelo…! Mas eu so entrei nele, infeliz, nesse pesadelo, no dia em que conheci essa verdade…! Cale-se…! Cale-se…! Eu nao lhe disse nada… e agora que vamos descer do ceu para a terra, tenha compaixao de mim, Raoul…! Tenha compaixao…! Uma noite, noite fatal… e curioso… noite em que tantas desgracas viriam a acontecer… noite em que a Carlotta julgou-se transformada num horrível sapo e pos-se a coaxar como se tivesse morado a vida inteira a beira de um pantano… noite em que a sala viu-se subitamente mergulhada na escuridao, sob o estrondo do lustre que se espatifou no assoalho… Houve mortos e feridos essa noite, o teatro inteiro reverberava os mais tristes clamores.

"Meu primeiro pensamento, Raoul, com a deflagracao da catastrofe, foi ao mesmo tempo para voce e para a Voz, pois nessa epoca voces eram as duas metades do meu coracao. Fiquei imediatamente tranquilizada quanto a voce, pois o tinha visto no camarote do seu irmao e sabia que nao corria perigo. Quanto a Voz, ela me comunicou que assistiria a representacao e temi por ela; sim, medo real, como se ela fosse 'uma pessoa comum, viva, que pudesse morrer'. Dizia comigo: 'Meu Deus! O lustre talvez tenha esmagado a Voz.' Via-me entao no palco e tao transtornada que ja me preparava para atravessar a plateia atras da Voz, quando me ocorreu que, se nao lhe tivesse acontecido nada de ruim, ela deveria estar no meu camarim, para onde teria se dirigido a fim de me tranquilizar. Corri para la. A Voz nao estava. Tranquei-me e, com lagrimas nos olhos, supliquei-lhe que, se ainda estivesse viva, se manifestasse. A Voz nao me respondeu,

mas, subitamente, ouvi um longo e admiravel gemido que eu conhecia bem. Era o lamento de Lazaro, quando, ouvindo a voz de Jesus, comeca a erguer as palpebras e a ver novamente a luz do dia. Eram as plangencias do violino do meu pai, eu reconhecia sua arcada, a mesma, Raoul, que antigamente nos paralisava nos caminhos de Perros, a mesma que 'enfeiticara' a noite do cemiterio. E entao, no instrumento invisível e triunfante, ressurgiu o grito de alegria da Vida, e a Voz, fazendo-se finalmente ouvir, pos-se a entoar a frase dominadora e soberana: 'Vem! E cre em mim! Aquele que cre em mim ressuscitara! Anda! Aquele que cre em mim nao morrera.'[106] Eu nao saberia lhe dizer a impressao que recebi dessa musica, que cantava a vida eterna quando, bem ao nosso lado, pobres infelizes, esmagados por aquele lustre fatal, rendiam a alma… Pareceu-me que ela me ordenava, a mim tambem, que viesse, me levantasse, caminhasse para ela. Ela se afastou, eu a segui. 'Vem! E cre em mim!' Eu cria, e a seguia… seguia, e, coisa extraordinaria, meu camarim, conforme eu andava, parecia se expandir… expandir… Havia ali, evidentemente, um jogo de espelhos… pois eu tinha o espelho a minha frente… e, de repente, sem saber como, vi-me fora do meu camarim!"

Nesse ponto, Raoul interrompeu bruscamente a moca:

– O que! Sem saber como? Christine, Christine! Deveria ter procurado parar de sonhar!

– Oh, pobre amigo, eu nao estava sonhando! Vi-me fora do meu camarim sem saber como! Voce, que uma noite me viu desaparecer dali, meu amigo, talvez pudesse me explicar, mas eu nao posso…! So posso lhe dizer uma coisa: e que, vendo-me diante do meu espelho, de repente nao o vi mais a minha frente e o procurei atras… mas nao havia mais espelho, nao havia mais camarim… Eu estava num corredor escuro… com medo, gritei…!

"Estava um breu a minha volta; ao longe, uma tenue luminosidade vermelha clareava um angulo de parede, um canto de uma encruzilhada. Gritei. So a minha voz enchia as paredes, pois o canto e os violinos haviam

se calado. E eis que subitamente, na escuridao, uma mao pousou sobre a minha… ou, melhor, alguma coisa ossea e gelada cingiu meu pulso e nao me largou mais. Gritei. Um braco me enlacou pela cintura e me ergueu… Debati-me por um instante, aterrorizada; meus dedos escorregaram ao longo das pedras umidas, sem conseguirem se agarrar. Parei entao de me mexer, achando que morreria de pavor. Arrastavam-me para a luzinha vermelha; entramos naquela luz e entao vi que estava nas maos de um homem envolto num grande manto preto, que usava uma mascara que lhe ocultava o rosto inteiro… Fiz um esforco supremo; meus membros se enrijeceram, minha boca se abriu novamente para berrar meu pavor, mas uma mao a fechou, mao que senti sobre meus labios, sobre minha carne… e que cheirava a morte! Desmaiei.

"Quanto tempo permaneci sem sentidos? Eu nao saberia dizer. Quando abri os olhos, continuavamos, o homem de preto e eu, em meio as trevas. Uma lamparina largada no chao iluminava uma nascente de agua, que, rumorejando, saía da parede e desaparecia quase imediatamente sob o chao no qual eu estava deitada; minha cabeca repousava no joelho do homem do manto e da mascara negros, e meu laconico companheiro refrescava minhas temporas com um cuidado, uma atencao e uma delicadeza que me pareceram mais horríveis de suportar do que a brutalidade do rapto a que me submetera pouco antes. Suas maos, por mais delicadas que fossem, nem por isso deixavam de cheirar a morte. Repeli-as, mas sem forca. Perguntei num sopro: 'Quem e o senhor? Onde esta a Voz?' A resposta foi um simples suspiro. Subitamente, um bafejo quente passou pelo meu rosto e, vagamente, nas trevas, ao lado da forma escura do homem, distingui uma forma branca. A forma negra me soergueu e me depositou sobre a forma branca. E imediatamente um alegre relincho alcancou meus ouvidos estupefatos… 'Cesar!', murmurei. O animal estremeceu. Meu amigo, eu estava quase deitada sobre uma sela e reconhecera o cavalo branco do *Profeta*, que eu tanto mimara com gulodices. Ora, uma noite no teatro correu o rumor de que esse animal

desaparecera, tendo sido roubado pelo Fantasma da Opera. Eu acreditava na Voz. Nunca tinha acreditado no Fantasma e, contudo, sentindo um calafrio, me perguntava se nao era prisioneira dele! Chamei, do fundo do meu coracao, a Voz em meu socorro, pois nunca teria imaginado que a Voz e o Fantasma fossem um so! Ja ouviu falar no Fantasma da Opera, Raoul?"

– Sim… – respondeu o rapaz. – Mas continue, Christine, o que lhe aconteceu quando estava no cavalo branco do *Profeta*?

– Nao fiz nenhum movimento e me deixei levar… Pouco a pouco, um estranho torpor sucedeu ao estado de angustia e terror em que me lancara aquela aventura infernal. A forma negra me amparava e eu nao fazia mais nada para lhe escapar. Uma paz singular tomara conta de mim, achei que estava sob a influencia benfazeja de algum elixir. Tinha a plena faculdade dos sentidos. Meus olhos se acostumavam com as trevas, que, de resto, davam lugar, aqui e ali, a breves claroes. Julguei estarmos numa exígua galeria circular e presumi que aquela galeria contornava a Opera, que possui vastos poroes. Uma vez, meu amigo, uma unica vez, desci a esses poroes prodigiosos, mas parei no terceiro, nao ousando avancar mais. Mesmo assim, outros dois andares, quase uma cidade, abriam-se sob meus pes. Mas as figuras que surgiram a minha frente me afugentaram. La ha demonios negros diante de caldeiroes, e eles agitam pas e forcados, aticam braseiros, acendem labaredas, ameacam qualquer um que se aproximar, abrindo bruscamente a goela vermelha dos fornos…! Ora, enquanto Cesar, naquela noite de pesadelo, me carregava em seu dorso, percebi de repente ao longe, muito longe, e pequenos, minusculos, como na ponta de uma luneta invertida, os demonios negros diante dos braseiros vermelhos de seus aquecedores… Iam e vinham… Reapareciam ao sabor aleatorio de nossa caminhada… Por fim, desapareceram completamente. A forma de homem continuava a me amparar, e Cesar caminhava sem guia e com passo firme… Eu nao saberia lhe dizer, nem de forma aproximada, quanto tempo essa viagem noturna durou; tinha apenas a ideia de que rodavamos,

rodavamos, descíamos numa inflexível espiral ate o proprio coracao dos abismos da terra; e contudo, nao era minha cabeca que rodava…! Nao penso assim, serio. Nao! Eu estava incrivelmente lucida. Cesar, por um instante, ergueu as narinas, aspirou a atmosfera e acelerou um pouco sua marcha. Senti o ar umido e entao Cesar parou. A noite clareara. Uma luz azulada nos cercava. Verifiquei onde estavamos: a beira de um lago cujas aguas de chumbo se perdiam ao longe, no breu… mas a luz azul clareava essa margem, onde, no cais, avistei uma pequena barca presa numa argola de ferro!

"Eu tinha certeza de que tudo aquilo existia, a visao daquele lago e daquela barca subterraneos nao tinha nada de sobrenatural. Mas pense nas condicoes excepcionais em que alcancei aquela margem. Mais medo nao sentiam as almas dos mortos ao chegarem ao Estige.[107] Caronte[108] certamente nao era mais lugubre nem mais mudo do que a forma de homem que me transportou na barca. O elixir esgotara seu efeito? O frescor daquelas paragens era suficiente para me devolver completamente a mim mesma? Mas meu torpor deu uma tregua e esbocei alguns movimentos que assinalavam a volta do meu terror. Meu sinistro companheiro deve ter percebido isso, pois, com um gesto rapido, despachou Cesar, que fugiu pelas trevas da galeria e cujas quatro ferraduras eu ouvi retinindo nos degraus sonoros de uma escada. Entao o homem saltou para dentro da barca, soltou seus cabos de ferro; apoderou-se dos remos e remou com forca e presteza. Seus olhos, sob a mascara, nao despregavam de mim; eu sentia no corpo o peso de suas retinas imoveis. A agua a nossa volta nao fazia nenhum barulho. Deslizavamos dentro da luz azulada a que me referi, reimergimos completamente na noite e atracamos. A barca colidiu num corpo solido. E fui novamente carregada nos bracos. Recobrei entao forcas para gritar. Gritei. Em seguida, bruscamente, calei-me, agredida pela luz. Sim, uma luz ofuscante, sob cujo foco me haviam depositado. Levantei-me de um pulo. Dispunha de todas as minhas forcas. No centro de um salao que nao me parecia ornado,

decorado, mobiliado senao por flores magníficas e estupidas, por causa das fitas de seda que as prendiam em corbelhas como se vendem nas lojas dos bulevares, flores exageradamente civilizadas como as que eu tinha o costume de encontrar em meu camarim apos cada estreia; em meio aquela impregnacao tipicamente parisiense, a forma negra do homem da mascara mantinha-se de pe, bracos cruzados… e falou:

"'Acalme-se, Christine. Voce nao corre perigo algum.'

"*Era a Voz!*

"Meu furor igualou minha estupefacao. Investi contra aquela mascara e quis arranca-la, para conhecer o rosto da Voz. A forma de homem me disse:

"'Voce nao corre perigo algum, se nao tocar na mascara!'

"E, imobilizando delicadamente meus pulsos, fez-me sentar. Em seguida, pos-se de joelhos a minha frente e nao disse mais nada! A humildade daquele gesto devolveu-me um pouco de coragem; a luz, delineando todas as coisas a minha volta, restituiu-me a realidade da vida. Por mais extraordinaria que pudesse parecer, agora a aventura cercava-se de coisas mortais que eu podia ver e tocar. As tapecarias das paredes, os moveis, os archotes, os vasos e ate as flores, que eu poderia dizer de onde vinham, em seus cestos dourados, e quanto haviam custado, confinavam fatalmente minha imaginacao nos limites de um salao tao banal como muitos outros, que, pelo menos, tinham a desculpa de nao se situarem nos poroes da Opera. Sem duvida eu estava as voltas com algum terrível excentrico que, misteriosamente, se alojara nos poroes, como outros, por necessidade e com a muda cumplicidade da administracao, encontraram abrigo definitivo no alto daquela torre de Babel[109] moderna, onde se armavam intrigas, onde se cantava em todas as línguas, onde se amava em todos os dialetos.

"E entao *a Voz*, *a Voz*, que eu reconhecera sob a mascara, que nao fora capaz de esconde-la de mim, *era aquilo que estava diante de meus olhos a*

minha frente: um homem!

"Deixei de pensar na situacao em que me encontrava, nem sequer me perguntei o que seria de mim e qual era o desígnio obscuro e friamente tiranico que me conduzira aquele salao como quem encarcera um prisioneiro numa masmorra, uma escrava no harem. Nao! Nao! Nao! Eu ruminava: 'A Voz e isto: um homem!' E comecei a chorar. O homem, sempre de joelhos, sem duvida compreendeu o sentido de minhas lagrimas, pois disse:

"'E verdade, Christine…! Nao sou nem anjo, nem genio, nem fantasma… Sou Erik!'"

Neste ponto, o relato de Christine foi mais uma vez interrompido. Pareceu aos dois que o eco repetira atras deles: Erik…! Que eco…? Voltaram-se e perceberam que a noite se instalara. Raoul fez um movimento como se fosse se erguer, mas Christine prendeu-o junto a si:

– Fique! Precisa saber tudo *aqui*!

– Por que, Christine? Nao quero que pegue a friagem da noite.

– So devemos temer os alcapoes, meu amigo, e aqui estamos na outra ponta do mundo dos alcapoes… Alem disso, nao tenho o direito de ve-lo fora do teatro… Nao e o momento de contraria-lo… Nao despertemos suas suspeitas…

– Christine! Christine! Alguma coisa me diz que erramos em esperar ate amanha a noite e que deveríamos fugir imediatamente!

– Estou lhe dizendo que, se ele nao me escutar cantar amanha a noite, ele sofrera infinitamente por isso.

– Difícil nao causar sofrimento a Erik e escapar dele para sempre…

– Nesse ponto voce tem razao, Raoul… pois certamente, com a minha fuga, ele morrera….

A jovem acrescentou, com uma voz cava:

– Mas empatamos… pois corremos o risco de que ele nos mate.

– Entao ele a ama de verdade?

– A ponto de cometer um crime!

– Mas sabemos onde mora… Podemos procura-lo la. A partir do momento em que Erik nao e um fantasma, podemos falar com ele e inclusive obriga-lo a responder!

Christine balancou a cabeca:

– Nao! Nao! Nao podemos nada contra Erik…! So podemos fugir!

– E como, podendo fugir, voce voltou para junto dele?

– Porque era preciso… Compreendera isso quando souber como saí de sua morada…

– Ah, que odio tenho dele…! – exclamou Raoul. – E voce, Christine, responda… preciso que me responda para escutar com mais calma a continuacao dessa extraordinaria historia de amor… e voce, odeia-o?

– Nao! – disse Christine simplesmente.

– Ai! Por que tantas palavras…! Certamente o ama! Seu medo, seus terrores, tudo isso tambem e amor, e do mais delicioso! O inconfessavel – ruminou Raoul com amargura. – Aquele que, quando pensamos nele, da calafrios… Imagine, um homem que mora num palacio subterraneo!

E riu…

– Quer entao que eu volte para la! – interrompeu bruscamente a moca. – Preste atencao, Raoul, nao voltarei mais de la!

Houve um silencio terrível entre os tres… os dois que falavam e a sombra que escutava, atras…

– Antes de responder – disse finalmente Raoul com uma voz lenta –, eu desejaria saber que sentimento ele lhe inspira, uma vez que nao o odeia.

– Horror! – ela disse. E lancou esta palavra com tamanha forca que elas cobriram os suspiros da noite. – E o que ha de mais terrível, sinto horror por ele e nao o odeio – ela continuou, numa agitacao crescente. – Como odia-lo, Raoul? Visualize Erik aos meus pes, na morada do lago, nos

poroes. Ele se acusa, se amaldicoa, implora meu perdao…! Confessa sua impostura. Ele me ama! Deposita aos meus pes um imenso e tragico amor…! Ele me raptou por amor…! Confinou-me com ele, nas entranhas da terra, por amor… mas me respeita, rasteja, geme, chora…! E quando me levanto, Raoul, quando lhe digo que nao posso senao despreza-lo caso nao me devolva prontamente a liberdade que ele me roubou, coisa inacreditavel… ele concorda… so me resta partir… Ele esta pronto a me mostrar o misterioso caminho… contudo… contudo ele tambem se levantou e vejo-me obrigada a lembrar que, se ele nao e nem fantasma nem anjo nem genio, nao deixa de ser a Voz, pois canta…!

"E escuto-a… e fico! Aquela noite, nao trocamos mais nenhuma palavra. Ele tomara uma harpa e comecou a cantar para mim, ele, voz de homem, voz de anjo, a romanca de Desdemona.[110] A lembranca que eu tinha de have-la eu mesma cantado me envergonhava. Meu amigo, ha uma virtude na musica que faz com que nao exista mais nada do mundo exterior afora os sons que vem bater em nosso coracao. Minha extravagante aventura foi esquecida. Somente a Voz revivia e eu a seguia inebriada em sua viagem harmoniosa; eu fazia parte do rebanho de Orfeu![111] Ela me levou para passear na dor, na alegria, no martírio, no desespero, no jubilo, na morte e no triunfante himeneu… Eu escutava… Ela cantava… Cantou para mim, cancoes desconhecidas… e me fez ouvir uma musica nova, que me causou uma estranha impressao de docura, langor, repouso… uma musica que, apos efervescer minha alma, apaziguou-a gradativamente, conduzindo-a ao limiar do sonho. Adormeci.

"Quando despertei, estava sozinha num diva, num quartinho simples, mobiliado com uma banal cama de mogno, as paredes forradas com estampados de Jouy[112] e iluminado por uma lamparina pousada no marmore de uma velha comoda Luís Filipe.[113] Que decoracao nova era aquela…? Eu passava a mao na testa, como se expulsando um mau sonho… Ai de mim! Nao demorei muito a perceber que nao tinha sonhado! Estava prisioneira e nao podia sair do meu quarto senao para

entrar numa toalete das mais confortaveis, com agua quente e fria a vontade. De volta ao quarto, percebi sobre a minha comoda um bilhete escrito com tinta vermelha me informando sobre a minha triste situacao e que, se ainda fosse necessario, teria tirado todas as minhas duvidas sobre a realidade dos fatos: 'Minha querida Christine', dizia o papel, 'fique absolutamente tranquila quanto a sua sorte. Voce nao tem no mundo amigo melhor nem mais respeitoso do que eu. Esta sozinha por um momento, nessa morada que lhe pertence. Saí brevemente para fazer algumas compras e lhe trazer toda a roupa-branca e de cama de que pode precisar.'

"'Francamente!', exclamei. 'Caí nas maos de um louco! O que sera de mim! E quanto tempo esse miseravel pensa me manter confinada numa prisao subterranea?'

"Vasculhei meu pequeno apartamento feito uma insensata, procurando uma saída que nao encontrei. Acusava-me amargamente pela minha estupida supersticao e senti um prazer terrível em zombar da total inocencia com que recebi, atraves das paredes, a Voz do genio da musica… Quando se e assim tao tola, deve-se esperar pelas catastrofes mais terríveis e todas elas sao merecidas! Minha vontade era me acoitar, e comecei a rir de mim e a chorar por mim ao mesmo tempo. Foi nesse estado que Erik me encontrou.

"Apos dar tres batidinhas secas na parede, ele entrou tranquilamente por uma porta que eu nao detectara e que ele deixou aberta. Carregava caixas e pacotes e os depositou sem pressa em minha cama, enquanto eu o xingava de todos os nomes e o intimava a tirar aquela mascara, se com ela tinha a pretensao de dissimular um rosto honesto. Ele me respondeu com grande serenidade:

"'Voce nunca vera o rosto de Erik.'

"E me criticou por ainda nao ter feito minha toalete aquela hora do dia. Dignou-se a me instruir que eram duas da tarde. Deu meia hora para que eu me arrumasse. Dizendo isso, tomou o cuidado de acertar meu

relogio. Convidou-me a depois passar a sala de jantar, onde um excelente desjejum, ele me anunciou, nos esperava. Faminta, bati a porta na cara dele e entrei no gabinete de toalete. Tomei um banho, apos colocar ao meu lado uma magnífica tesoura, com a qual estava firmemente decidida a me suicidar se Erik, apos ter agido feito um louco, deixasse de agir como um homem direito. O frescor da agua me fez muito bem e, quando reapareci diante de Erik, tinha tomado a sensata resolucao de nao confronta-lo nem melindra-lo no que quer que fosse; de, se necessario, adula-lo para obter minha pronta liberdade. Foi ele o primeiro a falar de seus planos para mim, e, segundo ele, a fim de me tranquilizar, fez sua exposicao da situacao. Sentia grande prazer com a minha companhia para privar-se dela imediatamente, como, em certo momento, havia consentido na vespera, diante da expressao indignada do meu pavor. Eu devia compreender que agora nao tinha motivos para ficar assustada ao ve-lo ao meu lado. Ele me amava, mas so se declararia se eu o permitisse e o resto do tempo se resumiria a musica.

"'O que entende por resto do tempo?', perguntei.

"Ele me respondeu com firmeza:

"'Cinco dias.'

"'E depois, estarei livre?'

"'Sim, Christine, pois, transcorridos esses cinco dias, voce tera aprendido a nao ter mais medo de mim; e entao, de tempos em tempos, voltara para visitar o pobre Erik…!'

"O tom com que ele pronunciou estas ultimas palavras me comoveu profundamente. Pareceu-me descobrir nelas um desespero tao real e digno de pena que ergui para a mascara uma expressao enternecida. Nao podia ver os olhos atras dela, o que nao diminuía em nada o estranho mal-estar que eu sentia ao interrogar aquele misterioso quadrado de seda preta; mas, sob o pano, na ponta da barba da mascara, surgiram uma, duas, tres, quatro lagrimas.

“Silenciosamente, ele me apontou um lugar a sua frente, um pequeno banquinho que ocupava o centro do aposento onde, na vespera, ele tocara harpa para mim, e sentei-me, perturbadíssima. Comi com apetite alguns lagostins, uma asa de frango regada com um pouco de vinho de Tokay[114] que ele mesmo trouxera, afirmava, das adegas de Konigsberg, antigamente frequentadas por Falstaff.[115] Quanto a ele, nao comia nem bebia. Perguntei sua nacionalidade e se aquele nome, ‘Erik’, nao revelava uma origem escandinava. Ele me respondeu que nao tinha nome nem patria e que adotara ‘Erik’ *por acaso*. Perguntei-lhe por que, uma vez que me amava, nao usara de outro meio para me comunicar isso sem ser me raptando e me confinando nas entranhas da terra.

“‘E muito difícil’, eu disse, ‘ser amada dentro de uma tumba.’

“‘Cada um tem o *encontro* que pode’, ele respondeu, num tom singular.

“Em seguida, levantou-se e estendeu-me a mao, pois queria, dizia, fazer-me as honras de seu apartamento, mas retirei bruscamente minha mao da sua, dando um grito. O que eu tocara era ao mesmo tempo macio e osseo, e lembrei que suas maos cheiravam a morte.

“‘Oh, perdao!’, ele gemeu. E abriu uma porta a minha frente. ‘Eis o meu quarto. E bastante curioso de visitar… Quer ve-lo?’

“Nao hesitei. Suas maneiras, suas palavras, tudo em seu aspecto me dizia para ter confianca… e depois eu sentia que nao precisava ter medo.

“Entrei. Pareceu-me penetrar numa camara mortuaria. As paredes eram todas forradas de preto, mas, em lugar das lagrimas brancas que costumam complementar esse funebre ornamento, viam-se, sobre uma enorme partitura musical, as notas repetidas do *Dies irae*.[116] No centro do quarto, havia um palio do qual pendiam cortinas de brocado vermelhas e, sob esse palio, um caixao aberto. Ao ver aquilo, recuei.

“‘E aí dentro que durmo’, disse Erik. ‘Convem habituar-se a tudo na vida, mesmo na eternidade.’

“Desviei a cabeca, tao sinistra era a impressao daquele espetaculo. Meus olhos toparam entao com o teclado de um orgao que ocupava uma parede inteira. Sobre a estante havia um caderno, todo rabiscado com notas vermelhas. Pedi permissao para dar uma espiada e li na primeira pagina: *Don Juan triunfante*.[117]

“‘Sim’, ele explicou, ‘as vezes componho. Faz vinte anos que comecei esse trabalho. Quando estiver pronto, me acompanhara neste caixao e nao despertarei mais.’

“‘Deve trabalhar o mínimo possível’, comentei.

“‘Trabalho as vezes quinze dias e quinze noites seguidos, durante os quais vivo apenas de musica, e depois descanso anos.’

“‘Quer tocar alguma coisa para mim do seu *Don Juan triunfante*?’, perguntei, julgando lhe dar prazer e superando a repugnancia que sentia permanecendo naquele receptaculo da morte.

“‘Nunca me peca isso’, ele respondeu com uma voz tragica. ‘Esse *Don Juan* nao foi escrito com as palavras de um Lorenzo D’Aponte,[118] inspirado pelo vinho, os amores vis e o vício, finalmente castigado por Deus. Se for sua vontade tocarei Mozart, que fara suas belas lagrimas correrem e lhe inspirara honestas reflexoes. Mas o meu *Don Juan* arde, Christine, e, mesmo assim, nao e fulminado pelo fogo do ceu…!’

“Nesse momento, voltamos para o salao que acabavamos de deixar. Observei que nao havia espelhos em nenhum comodo daquele apartamento. Ia comentar com ele, mas Erik acabava de sentar-se ao piano. Disse:

“‘Preste atencao, Christine, existe uma musica tao terrível que consome todos os que se aproximam dela. Felizmente voce ainda nao alcancou essa musica, pois perderia suas cores vívidas e nao seria mais reconhecida em seu retorno a Paris. Cantemos a Opera, Christine Daae.’

“Repetiu:

“‘Cantemos a Opera, Christine Daae’, como se me lancasse uma injuria.

“Mas nao tive tempo de me deter no tom que dera as suas palavras. Comecamos imediatamente o dueto de *Otelo*,[119] e a catastrofe ja se abatia sobre nossas cabecas. Dessa vez, ele me reservara o papel de Desdemona, que cantei com um desespero e pavor reais que nunca atingira ate aquele dia. A proximidade daquele parceiro, em vez de me aniquilar, me inspirava um terror magnífico. Os acontecimentos de que eu era vítima me aproximavam singularmente do pensamento do poeta, e alcancei trinados que deslumbraram o musico. Quanto a ele, sua voz era trovejante, sua alma vingadora acentuava cada nota e aumentava terrivelmente sua potencia. O amor, o ciume e o odio explodiam a nossa volta em gritos dilacerantes. A mascara negra de Erik evocava a mascara natural do Mouro de Veneza. Era o proprio Otelo. Julguei que ele iria me golpear, que eu cairia sob seus golpes… nao obstante, nao fazia qualquer movimento para fugir dele, para evitar seu furor como a tímida Desdemona. Ao contrario, aproximava-me dele, atraída, fascinada, enfeiticada pela morte no centro daquela paixao; contudo, antes de morrer eu quis conhecer aqueles tracos desconhecidos que o fogo da arte eterna devia transfigurar, para carregar sua imagem sublime no meu ultimo olhar. Quis ver o *rosto* da *Voz* e, instintivamente, com um gesto do qual nao fui soberana, pois nao me controlava mais, meus dedos ageis arrancaram a mascara. Oh, horror…! horror…! horror…!”

Christine fez uma pausa diante daquela visao, que ela ainda parecia afastar com suas duas maos tremulas, enquanto os ecos da noite, assim como tinham repetido o nome Erik, repetiam tres vezes o clamor: “Horror! Horror! Horror!” Raoul e Christine, mais estreitamente unidos ainda pela ignomínia da historia, ergueram os olhos para as estrelas que brilhavam num ceu sereno e límpido.

Raoul diz:

– E estranho, Christine, como esta noite tao doce e calma e sublinhada por gemidos. Parece que ela se lamenta junto com nos dois.

Ela responde:

– Agora que vai conhecer o segredo, seus ouvidos, como os meus, vao captar todas as lamentacoes.

Ela aprisiona as maos protetoras de Raoul nas suas e, estremecida por um longo calafrio, continua:

– Oh, sim, vivesse eu cem anos, continuaria a ouvir o clamor sobre-humano que ele emitiu, o grito de sua dor e sua raiva infernais, enquanto a coisa aparecia aos meus olhos imensos de horror, assim como minha boca, que nao se fechava e, contudo, deixara de gritar. Oh, a coisa, Raoul! Como nao ver mais a coisa! Se meus ouvidos estao para sempre habitados pelos seus gritos, meus olhos estao para sempre assombrados pelo seu rosto! Que imagem! Como deixar de ve-la e como faze-lo ver…? Raoul, voce viu as caveiras quando crestadas pelos seculos, e talvez, se nao foi vítima de um terrível pesadelo, tenha visto a caveira dele na noite de Perros. Tambem viu 'a Morte Vermelha' no ultimo baile de mascaras. Mas todas essas caveiras eram imoveis, e seu horror silencioso nao vivia! Agora imagine, se for capaz, a mascara da Morte pondo-se a viver de repente e, com os quatro buracos negros de seus olhos, nariz e boca, exprimir a colera em seu mais alto grau, a furia soberana de um demonio, e *nao havia olhar nos buracos dos olhos*, pois, como eu soube mais tarde, nunca se percebem seus olhos incandescentes exceto na noite profunda… Colada a parede, eu devia parecer a propria imagem do Pavor, como ele a da Hediondez.

"Entao ele aproximou de mim o ranger medonho de seus dentes sem labios e, enquanto eu caía de joelhos, sibilou odiosamente coisas insensatas, palavras sem nexo, maldicoes, delírio… E eu sei…! E eu sei…? Debrucado sobre mim:

“Veja’, ele exclamava. ‘Voce quis ver! Veja! Delicie seus olhos, embriague sua alma com a minha maldita feiura! Mire o rosto de Erik! Agora conhece o rosto da Voz! Nao lhe bastava, vamos, me ouvir? Quis saber como eu era feito. Voces, mulheres, sao muito curiosas!’ E punha-se a rir, repetindo: ‘Voces, mulheres, sao muito curiosas…!’, com um riso estrepitoso, rouco, espumante, formidavel. Dizia ainda coisas assim: ‘Esta satisfeita? Sou ou nao sou bonito…? Quando uma mulher me ve, como voce, ela e minha. Ela me ama para sempre! Faco um pouco o genero Don Juan.’[120] E aprumando-se com toda a sua envergadura, as maos na cintura, pavoneando sobre seu ombro a coisa medonha que era sua cabeca, tonitruava: ‘Olhe para mim! Sou o Don Juan triunfante!’ Como eu me desviava, pedindo misericordia, ele me puxou ate ele pela cabeca, pelos cabelos, nos quais seus dedos de morte haviam penetrado.”

– Basta! Basta! – interrompeu Raoul. – Vou mata-lo. Vou mata-lo! Em nome do ceu, Christine, diga onde fica a *sala de jantar do lago*! Preciso mata-lo!

– Se quer saber, cale-se, Raoul!

– Sim, quero saber como e por que voce voltou para la! Eis o segredo, Christine, cuidado! Nao existe outro! Mas, seja como for, vou mata-lo!

– Oh, Raoul! Escute, por favor! Uma vez que pretende saber, escute! Ele me arrastava pelos cabelos e entao… e entao… Oh, isso e ainda mais horrível!

– Muito bem, fale, agora…! – exclamou Raoul, feroz. – Fale!

– Entao ele silvou: ‘O que? Tem medo de mim? Isso e possível…! Acha porventura que continuo de mascara, hein? E que isto… isto!, minha cabeca, e uma mascara?’ Comecou a berrar: ‘Arranque-a entao como a outra! Vamos, vamos! Mais! Mais! Eu quero! Suas maos! Suas maos! De-me suas maos… se elas nao forem suficientes, empresto-lhe as minhas… e seremos dois a arrancar a mascara.’ Rolei aos seus pes, mas ele agarrou

minhas maos, Raoul… e enfiou-as no horror de sua face… Com as minhas unhas, arranhou as carnes, suas horríveis carnes mortas!

"'Aprenda! Aprenda!', ele clamava do fundo de sua garganta, que resfolegava feito uma forja. 'Aprenda que sou todo feito de morte…! Da cabeca aos pes…! E que e um cadaver que a ama e jamais ira abandona-la! Jamais…! Vou mandar ampliarem o caixao, Christine, para mais tarde, quando consumarmos nossos amores…! Veja! Parei de rir, esta vendo, choro… choro por voce, Christine, que me arrancou a mascara e, por causa disso, nunca mais podera me deixar…! Enquanto podia me julgar belo, Christine, voce podia voltar…! Sei que teria voltado… mas agora que conhece minha fealdade, fugiria para sempre… Conservo-a entao comigo!!! Diabos, por que quis me ver? Insensata! Tresloucada Christine, quis me ver…! Quando nem sequer meu pai me viu, e minha mae, para nao me ver mais, me abandonou, chorando, com a minha primeira mascara!'

"Ele finalmente me largara e agora se arrastava no assoalho, emitindo solucos horríveis. Em seguida, feito um reptil, rastejou, deslizou para fora do comodo, penetrou em seu quarto, cuja porta se fechou, e fiquei sozinha, entregue ao meu horror e as minhas reflexoes, porem livre da visao da coisa. Um prodigioso silencio, o silencio do tumulo, sucedera essa tempestade, e pude refletir nas terríveis consequencias do gesto que arrancara a mascara. As ultimas palavras do Monstro haviam sido bem claras. Eu estava aprisionada para sempre e minha curiosidade seria a causa de todas as minhas desgracas. Ele nao se cansara de me advertir… Repetira que eu nao corria nenhum perigo enquanto nao tocasse na mascara, e eu fizera isso. Amaldicoei minha imprudencia, mas, num arrepio, constatei que o raciocínio do Monstro era logico. Sim, eu teria voltado se nao tivesse visto seu rosto… Ele ja me comovera, interessara, inspirara compaixao, mesmo com suas lagrimas mascaradas, o suficiente para que eu nao me mostrasse insensível ao seu pedido. Em suma, eu nao era uma ingrata, e sua proibicao nao podia me fazer esquecer que ele era a

Voz e que me reconfortara com seu genio. Eu teria voltado! E agora, fora daquelas catacumbas, certamente nao voltaria! Ninguem volta para se fechar num tumulo com um cadaver que a ama!

"Sua maneira desvairada de me olhar, durante a cena, ou melhor, de aproximar de mim os dois buracos negros de seus olhos invisíveis, me deu uma nocao da selvageria de sua paixao. Para nao ter me tomado em seus bracos, quando eu nao lhe oferecia nenhuma resistencia, aquele monstro tinha de ser anjo tambem e, talvez, no fim das contas, fosse um pouco o Anjo da Musica, tendo-o sido integralmente se Deus o houvesse vestido com a beleza em vez de traja-lo com a podridao! Atonita so de pensar na sorte a mim reservada, as voltas com o terror de notar a porta do quarto do caixao abrir-se novamente e rever o rosto do monstro sem mascara, eu me esgueirara no meu aposento e me apoderara da tesoura, com a qual poderia por um termo ao meu terrível destino… quando os sons do orgao ressoaram…

"Foi entao, meu amigo, que comecei a compreender as palavras de Erik sobre o que ele chamava, com um desprezo que me estarrecera, de 'a musica de opera'. O que eu ouvia nao tinha mais nada a ver com o que me seduzira ate aquele dia. Seu *Don Juan triunfante* (pois eu nao tinha a menor duvida de que ele mergulhara em sua obra-prima para esquecer o horror do minuto presente), seu *Don Juan triunfante* nao me pareceu a princípio senao um longo, horrível e magnífico soluco em que o pobre Erik encerrara toda a sua miseria maldita.

"Eu revia o caderno com as notas vermelhas e imaginava facilmente que aquela musica havia sido escrita com sangue. Ela me fazia passear por todos os detalhes do martírio; fazia-me entrar em todos os recantos do abismo, o abismo habitado pelo *homem feio*; ela me mostrava Erik batendo atrozmente sua pobre e medonha cabeca contra as paredes funebres daquele inferno, e para la fugindo, para nao assustar os olhares dos homens. Eu assistia, aniquilada, arfante, destrocada e vencida, a eclosao daqueles acordes gigantescos em que a Dor era divinizada, quando os sons

que subiam do abismo se agruparam de repente num voo prodigioso e ameacador, um bando rodopiante que pareceu escalar o ceu como a aguia ascende ao sol, e aquela sinfonia triunfal como que incendiou o mundo. Compreendi entao que a obra estava finalmente realizada e que a Fealdade, carregada nas asas do Amor, ousara encarar a Beleza! Eu estava como que embriagada; a porta que me separava de Erik cedeu aos meus esforcos. Ele se levantara ao me ouvir, *mas nao ousou se voltar*.

"'Erik', exclamei, 'mostre-me seu rosto, sem medo. Juro que voce e o mais sofrido e sublime dos homens, e se agora Christine Daae sentir um calafrio ao ve-lo, e porque estara pensando no esplendor do seu genio!'

"Entao Erik se voltou, pois acreditou em mim, e eu tambem, desgracadamente...! Eu acreditava em mim... Ele ergueu para o Destino suas maos freneticas e caiu aos meus pes com palavras de amor... com palavras de amor em sua boca de morto... e a musica se calara... Ele beijava a barra do meu vestido; nao percebeu que eu fechava os olhos.

"O que mais lhe direi, amigo? Agora voce conhece o enredo... Durante quinze dias, ele se repetiu... quinze dias que passei mentindo para ele. Minha mentira era tao terrível quanto o monstro que me inspirava, e a esse preco conquistei minha liberdade. Queimei a sua mascara. E o fiz tao bem que, mesmo quando nao cantava mais, ele ousava buscar um de meus olhares, como um cao medroso rondando as pernas do seu dono. Agia como uma especie de escravo fiel, cercando-me de todas as atencoes. Pouco a pouco, inspirei-lhe tamanha confianca que ele ousou me levar para passear nas margens do lago Averno e me conduziu de barca por suas aguas de chumbo; nos ultimos dias do meu cativeiro, a noite, ele me fazia transpor os portoes que fechavam os subterraneos da rua Scribe. Ali, uma carruagem nos esperava e levava para as solidoes do Bois.

"A noite em que nos o encontramos foi quase tragica para mim, pois ele sente um ciume terrível de voce, que so dobrei revelando-lhe sua partida proxima... Enfim, apos quinze dias desse abominavel cativeiro em

que ardi alternadamente de piedade, entusiasmo, desespero e horror, ele acreditou em mim quando eu lhe disse: *eu voltarei!*"

– E voce voltou, Christine – gemeu Raoul.

– E verdade, amigo, e devo dizer que nao foram as terríveis ameacas com que ele sublinhou minha libertacao que me ajudaram a cumprir minha palavra, mas o soluco dilacerante que ele emitiu no umbral de sua tumba! Sim, aquele soluco – repetiu Christine, sacudindo dolorosamente a cabeca – me acorrentou ao infeliz mais do que eu mesma supus no momento das despedidas. Pobre Erik! Pobre Erik!

– Christine – disse Raoul, levantando-se –, voce se declarou para mim, mas, poucas horas depois de recuperar a liberdade, ja voltava para junto de Erik…! Lembre-se do baile de mascaras!

– As coisas estavam combinadas assim… alem disso, nao se esqueca de que passei essas poucas horas com voce, Raoul… sob grande perigo para nos dois…

– Durante essas poucas horas, duvidei que me amasse.

– E ainda duvida? Saiba que cada uma de minhas viagens para junto de Erik so fez aumentar meu horror por ele, pois cada uma dessas viagens, em vez de acalma-lo, como eu esperava, deixava-o louco de amor…! E tenho medo! Medo…! Medo…!

– Esta com medo… mas me ama…? Se Erik fosse bonito, voce me amaria, Christine?

– Infeliz! Por que desafiar o destino…? Por que me perguntar coisas que escondo no fundo de minha consciencia como se esconde o pecado?

Ela se levantou por sua vez, cingiu a cabeca do rapaz com seus formosos bracos tremulos e disse:

– Oh, meu noivo por mais um dia, se eu nao o amasse, nao lhe daria meus labios. Pela primeira e ultima vez, ei-los.

Ele os aceitou, mas a noite que os rodeava rasgou-se com tamanho estrondo que eles fugiram como se diante da aproximacao de uma tempestade. Antes que desaparecessem na floresta das cumeeiras, seus olhos, onde morava o horror a Erik, mostraram-lhes bem no alto, acima deles, uma imensa ave noturna, que os fitava com seus olhos de brasa e parecendo agarrada nas cordas da lira de Apolo!

105. Na mitologia grega, deus das artes, da musica e da poesia, patrono do oraculo de Delfos. ↩

106. Evangelho segundo sao Joao 11:25. ↩

107. Na mitologia grega, o rio que da acesso ao Hades, o inferno. ↩

108. O barqueiro que, na mitologia grega, conduzia os mortos ao Hades. ↩

109. Mito bíblico narrado no Genesis (11:1-9), conta que a humanidade deu início a construcao de uma cidade e uma torre alta o bastante para chegar ao ceu. Deus, ciente do poder desse projeto, estabeleceu a confusao (ideia que estaria na etimologia do nome "Babel") ao fazer com que as pessoas passassem a falar idiomas diferentes, deixando assim de se entender, e dispersou-as pelo mundo. ↩

110. "A romanca de Desdemona" e uma aria da opera *Otelo* (ver nota 119). ↩

111. Na mitologia grega, Orfeu, filho de Apolo e da musa Calíope, e um heroi, poeta e musico exímio. Com sua lira, atraía animais selvagens que o seguiam num grande cortejo. Usando desse mesmo dom, tentou, em vao, resgatar do Hades sua mulher, Eurídice. ↩

112. Tecido criado em ateliers da comuna de Jouy-en-Josa (atual Yvelines), na regiao de Île-de-France. Sua padronagem estampa personagens em diversas cenas ou paisagens, marcadamente campestres. ↩

113. Mobiliario e estilo em voga sob o reinado de Luís Filipe (1830-48). Seus aficionados eram burgueses ricos, divididos entre a vontade de conforto e a de ostentacao. ↩

114. Considerado um dos melhores vinhos doces do mundo, e produzido ha mais de dez seculos na regiao de Tokay, na Hungria. ↩

115. Personagem de *Henrique IV* e das *Alegres comadres de Windsor*, de William Shakespeare, representa o fidalgo arruinado e depravado. ↩

116. O *Dies irae* ("dia de colera", em latim) e uma sequencia medieval cantada sob a forma de hino liturgico. De inspiracao em parte apocalíptica, foi criado no sec.XI, sendo integrado ao *corpus* gregoriano, com alteracoes, no sec.XIII. Foi cantado durante seculos nas missas de Requiem. ↩

117. Obra fictícia, seu título sugere um desfecho positivo para o conhecido personagem, de habito castigado. Ver notas 89 e 120. ↩

118. Lorenzo da Ponte (1749-1838), poeta italiano, e mais conhecido por ser o autor dos libretos das operas *As bodas de F garo*, *Don Giovanni* e *Cos fan tutte*, de Mozart. ↩

119. Opera em tres atos de Gioachino Rossini, estreada em 1816, com libreto de Francesco Maria Berio di Salsi, baseado na tragedia *Otelo, o Mouro de Veneza*, de William Shakespeare. Casado em segredo com Desdemona, Otelo e levado a desconfiar da fidelidade da esposa e termina por mata-la. ↩

120. Personagem fictício, arquetipo do sedutor e libertino. Com origem em lendas populares, foi imortalizado e recriado em diversas obras da literatura – a comecar por *O burlador de Sevilha* (1630), de Tirso de Molina – e de outras artes, como a opera *Don Giovanni*, de Mozart. ↩

UM GOLPE DE MESTRE DO MAGO DOS ALCAPOES

RAOUL E CHRISTINE CORRERAM, correram… Fugiam do telhado onde estavam os olhos de brasa perceptíveis apenas na noite profunda; e so foram parar no oitavo andar, descendo em direcao a terra. Aquela noite nao havia espetaculo e os corredores da Opera estavam desertos.

Subitamente, um vulto bizarro surgiu diante deles, barrando-lhes o caminho:

– Nao! Por aqui, nao!

E o vulto indicou-lhes outro corredor, pelo qual deviam alcancar as coxias.

Raoul queria parar, pedir explicacoes.

– Vao! Depressa…! – ordenou aquela forma vaga, dissimulada numa especie de opalanda[121] e com um barrete de ponta na cabeca.

Christine ja arrastava Raoul, obrigando-o a correr mais ainda.

– Mas quem e? Quem e esse? – perguntou o moco.

Christine respondeu:

– E o Persa…!

– O que ele trama por aqui…?

– Nao faco ideia…! Ele esta sempre na Opera!

– O que esta me obrigando a fazer e covarde, Christine – disse Raoul, transtornado. – Esta me obrigando a fugir, e a primeira vez na minha vida.

– Bah! – replicou Christine, comecando a se acalmar. – Na verdade, acho que fugimos da sombra da nossa imaginacao.

– Se realmente avistamos Erik, eu deveria te-lo deixado preso na lira de Apolo como as corujas nas paredes de nossas fazendas bretas, e ele seria

carta fora do baralho.

– Meu bom Raoul, para isso teria primeiro de subir ate a lira de Apolo; nao e uma escalada facil.

– Os olhos de brasa estavam la.

– Ah! Ei-lo agora como eu, inclinado a ve-lo em toda parte; mas depois refletimos e concluímos: o que tomei pelos olhos de brasa nao passavam sem duvida de duas estrelas que olhavam a cidade atraves das cordas da lira.

E Christine desceu mais um andar. Raoul a seguia. Disse:

– Uma vez que esta decidida a partir, Christine, torno a assegurar que e preferível ir imediatamente. Por que esperar amanha? Talvez ele tenha nos escutado esta noite…!

– Nao! Nao! Ele esta trabalhando no seu *Don Juan triunfante*, repito, nao esta preocupado conosco.

– Voce tem tanta certeza que nao para de olhar para tras.

– Vamos ao meu camarim.

– Em vez disso, encontremo-nos fora da Opera.

– Nunca, ate o instante da nossa fuga! Faltar com a minha palavra nos traria azar. Prometi a ele que so nos encontraríamos aqui.

– Sorte a minha ele ter permitido isso tambem – disse amargamente Raoul. – Saiba que foi muito temeraria ao nos propor o jogo do noivado.

– Mas, meu querido, ele esta ciente. Ele me disse: “Confio em voce, Christine. O sr. Raoul de Chagny esta apaixonado por voce e deve partir. Antes de partir, que seja tao infeliz quanto eu…!”

– E o que significa isso, por favor?

– Eu e que deveria lhe perguntar, meu amigo. Entao somos infelizes quando amamos?

– Sim, Christine, quando amamos e nao temos certeza de ser amados.

– Diz isso por causa de Erik?

– De Erik e de mim – respondeu o rapaz, balancando a cabeca com um ar pensativo e desolado.

Chegaram ao camarim de Christine.

– Como pode se sentir mais segura neste camarim do que no teatro? – perguntou Raoul. – Assim como voce o escuta atraves das paredes, ele pode nos escutar.

– Nao! Ele me deu sua palavra que nao ficaria mais atras das paredes do meu camarim, e acredito na palavra de Erik. Meu camarim e meu quarto, no apartamento do lago, sao meus, exclusivamente meus, e sagrados para ele.

– Como conseguiu deixar esse camarim e ser transportada para o corredor escuro, Christine? E se tentassemos repetir os seus gestos, o que acha?

– E perigoso, meu amigo, pois o espelho poderia me transportar de novo e, em vez de fugir, eu seria obrigada a atravessar a passagem secreta que conduz as margens do lago e la chamar Erik.

– Ele a ouviria?

– Em qualquer lugar que eu chamar Erik, em qualquer lugar ele me ouvira… Foi ele que me disse isso, e um genio curioso. Voce nao deve pensar que foi simplesmente um homem a quem deu na veneta morar debaixo da terra, Raoul. Ele faz coisas que nenhum outro homem seria capaz de fazer: ele sabe coisas que o mundo vivo ignora.

– Cuidado, Christine, voce vai reconverte-lo num fantasma.

– Nao, nao e um fantasma; e um homem do ceu e da terra, so isso.

– Um homem do ceu e da terra… so isso…! Que jeito de falar…! E continua determinada a fugir?

– Sim, amanha.

– Quer que eu lhe diga por que gostaria de ve-la fugir esta noite?

– Diga, meu amigo.

– Porque amanha voce tera desistido!

– Nesse caso, Raoul, voce me levara a minha revelia… nao foi o combinado?

– Entao aqui amanha a noite! A meia-noite estarei no seu camarim – disse o rapaz, taciturno. – Aconteca o que acontecer, cumprirei minha promessa. Voce nao disse que, apos assistir ao espetaculo, ele deve espera-la na sala de jantar do lago?

– Com efeito, foi la que ele marcou comigo.

– E como iria chegar a sua morada, Christine, se nao sabe sair do seu camarim “atraves do espelho”?

– Ora, indo diretamente para a beira do lago.

– Atravessando todos os subterraneos? Pelas escadas e corredores onde passam os maquinistas e o pessoal do servico? Como guardaria segredo de uma empreitada como essa? Todo mundo seguiria Christine Daae e ela chegaria com uma multidao as margens do lago.

Christine tirou uma chave enorme de dentro de um bau e mostrou-a a Raoul.

– O que e isso?

– E a chave do gradeado para o porao da rua Scribe.

– Compreendo, Christine. Da acesso ao lago. De-me essa chave, por favor!

– Jamais! – ela respondeu energicamente. – Seria uma traicao!

Subitamente, Raoul viu Christine mudar de cor. Uma palidez mortal se espalhou em suas feicoes.

– Oh, meu Deus! – ela exclamou. – Erik! Erik! Tenha piedade de mim!

– Cale-se! – ordenou o rapaz. – Nao me disse que ele pode ouvi-la?

Mas a atitude da cantora tornava-se cada vez mais inexplicavel. Ela entrelacava os dedos, repetindo, com o semblante alterado:

– Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

– O que ha? O que ha? – implorou Raoul.

– O anel.

– O que tem o anel? Por favor, Christine, volte a si!

– O anel de ouro que ele me deu.

– Ah? Foi Erik quem lhe deu o anel de ouro!

– Voce sabe disso perfeitamente, Raoul! O que nao sabe e o que ele falou ao entrega-lo a mim: "Devolvo-lhe a liberdade, Christine, com a condicao de que esse anel esteja sempre no seu dedo. Enquanto conserva-lo, estara a salvo de todo perigo e Erik permanecera seu amigo. Mas, caso um dia venha a separar-se dele, sera amaldicoada, Christine, pois Erik se vingara…!" Meu amigo, meu amigo! O anel nao esta mais no meu dedo…! Estamos amaldicoados!

Foi em vao que procuraram o anel a sua volta. Nao o encontraram. A moca nao se acalmava.

– Foi quando o beijei, la no alto, sob a lira de Apolo – tentou explicar, tremendo. – O anel deve ter escorregado do meu dedo e se perdido na cidade! Como encontra-lo agora? E de que maldicao estamos ameacados, Raoul? Ah, fugir, fugir!

– Fugir imediatamente! – insistiu novamente Raoul.

Ela hesitou. Ele pensou que ela fosse concordar… E entao suas pupilas claras se embacaram e ela disse:

– Nao! Amanha!

E deixou-o precipitadamente, numa perplexidade absoluta, continuando a entrelacar os dedos, sem duvida na esperanca de que o anel assim reaparecesse.

Quanto a Raoul, voltou para casa, preocupadíssimo com o que ouvira.

– Se eu nao tira-la das maos desse charlatao – disse em voz alta em seu quarto, ao se deitar – ela estara perdida. Mas eu a salvarei.

Apagou sua vela e, nas trevas, sentiu necessidade de insultar Erik. Berrou tres vezes:

– Charlatao! Charlatao! Charlatao!

De repente, soergueu-se num cotovelo; um suor frio correu por suas temporas. Dois olhos, incandescentes como fornalhas, acabavam de se acender ao pe da sua cama. Olhavam-no fixamente, terrivelmente, na escuridao.

Embora valente, Raoul mesmo assim tremia. Avancou a mao, tateante, hesitante, incerta, sobre a mesa de cabeceira. Tendo encontrado a caixa de fosforos, acendeu. Os olhos desapareceram.

Pensou, inquieto: “Ela me disse que seus olhos so eram percebidos no escuro. Desapareceram com a luz, mas talvez *ele* ainda esteja aqui.”

Levantou-se, procurou, inspecionou. Olhou debaixo da cama, feito uma crianca. Achou-se ridículo. Disse em voz alta:

– Em que acreditar, em que nao acreditar nesse conto de fadas? Onde termina o real, onde comeca o fantastico? O que ela viu? O que imaginou ver? – acrescentou, fremente: – E eu mesmo, o que vi? Vi realmente os olhos incandescentes ainda ha pouco? Ou eles so reluziram em minha imaginacao? Eis que ja nao tenho mais certeza de nada! E nao juraria nada quanto a esses olhos.

Voltou para a cama. Mais uma vez, apagou a luz.

Os olhos reapareceram.

– Oh! – suspirou Raoul.

Sentado na cama, encarou-os tambem, o mais valentemente que podia. Apos um silencio, que ele ocupou juntando coragem, gritou de repente:

– E voce, Erik? Homem, genio ou fantasma, e voce?!

Refletiu: “Se for ele, esta na sacada!”

Entao correu, de pijama ate um pequeno movel, no qual, as apalpadelas, pegou um revolver. Armado, abriu a porta-janela. A noite estava um gelo. Raoul so teve tempo de espiar na sacada deserta e voltar, fechando a porta. Deitou-se novamente, arrepiado, com o revolver na mesa de cabeceira, ao seu alcance.

Mais uma vez, soprou a vela.

Os olhos continuavam ali, ao pe da cama. Estavam entre a cama e a vidraca da janela ou atras da vidraca da janela, isto e, na sacada? Eis o que Raoul queria saber. Tambem queria saber se aqueles olhos pertenciam a um ser humano… queria saber tudo…

Entao, com paciencia e frieza, *sem perturbar a noite circundante*, o rapaz pegou seu revolver e apontou.

Mirou nas duas estrelas de ouro, que continuavam a observa-lo com um brilho singular e imovel.

Mirou um pouco acima das duas estrelas. Claro! Se aquelas estrelas fossem olhos, se acima daqueles olhos houvesse uma testa, e se Raoul nao fosse muito inepto…

A detonacao deflagrou-se com um estrepito terrível na paz da casa adormecida… E enquanto passos se precipitavam nos corredores, Raoul, em sua cama, o braco estendido, pronto para atirar de novo, observava…

Dessa vez, as duas estrelas haviam desaparecido.

Luz, gente, o conde Philippe, terrivelmente ansioso.

– O que ha, Raoul?

– Acho que sonhei – respondeu o rapaz. – Atirei em duas estrelas que me impediam de dormir.

– Esta delirando…? Esta doente…! Vamos, Raoul, o que aconteceu…? – e o conde tomou-lhe o revolver.

– Nao, nao, nao estou delirando…! De toda forma, logo saberemos…

Levantou-se, enfiou um robe de chambre, calcou seus chinelos, pegou uma vela das maos de um criado e, abrindo a porta, voltou a sacada.

O conde constatou que a janela fora atravessada por uma bala na altura de um homem. Raoul debrucava-se na sacada com sua vela.

– Oh! oh! – exclamou. – Sangue… sangue…! Aqui… ali… mais sangue! Melhor assim…! Um fantasma que sangra… e menos perigoso! – riu.

– Raoul! Raoul! Raoul!

O conde o sacudia como se quisesse arrancar um sonambulo de seu perigoso sono.

– Nao estou dormindo, meu irmao! – protestou Raoul, impaciente. – Pode ver esse sangue, como qualquer um. Julguei estar sonhando e atirando em duas estrelas. Eram os olhos de Erik e este e o sangue dele…!

Acrescentou, subitamente inquieto:

– No fim, talvez eu tenha errado em atirar, e Christine e bem capaz de nao me perdoar por esse gesto…! Tudo isso nao teria acontecido se eu tivesse tido a precaucao de fechar as cortinas da janela ao me deitar.

– Raoul! Enlouqueceu de repente? Acorde!

– Insiste! Faria melhor, meu irmao, me ajudando a procurar Erik… pois, enfim, um fantasma que sangra deve poder ser encontrado…

O criado do conde falou:

– E verdade, senhor, ha sangue na sacada.

Um criado trouxe uma lamparina, e a sua luz foi possível examinar o ambiente. Os vestígios de sangue seguiam o balaustre da sacada e iam juntar-se a uma calha, subindo entao ao longo desta.

– Voce atirou num gato, meu velho – concluiu o conde Philippe.

– A maldicao! – disse Raoul, com uma nova risada, que soou dolorosamente nos ouvidos do conde. – Isso nao e nada impossível. Com Erik, nunca se sabe. Sera Erik? Sera o gato? Sera o Fantasma? Sera carne ou sombra? Nao, nao! Com Erik, nunca se sabe.

Raoul comecava a dar esse tipo de declaracoes bizarras que, íntima e logicamente, correspondiam as preocupacoes do seu espírito, e que faziam tao bem apos as confidencias estranhas e ao mesmo tempo reais e aparentemente sobrenaturais de Christine Daae; e essas declaracoes contribuíram sobremaneira para convencer muita gente de que o cerebro do rapaz estava destrambelhado. O proprio conde se persuadiu disso e, mais tarde, no relatorio do comissario de polícia, o juiz de instrucao nao teve dificuldade em concluir pela mesma coisa.

– Quem e Erik? – perguntou o conde, apertando a mao do irmao.

– E meu rival! E se nao esta morto, azar o dele!

Com um gesto, expulsou os criados.

A porta do quarto se fechou, deixando os dois Chagny a sos. Mas as pessoas nao se afastaram tao rapido que o camareiro do conde nao pudesse ouvir Raoul pronunciar clara e energicamente:

– Hoje a noite raptarei Christine Daae!

Essa frase foi repetida mais tarde ao juiz de instrucao Faure. Mas nunca se soube exatamente o que foi falado entre os dois irmaos durante essa entrevista. Os criados contaram que aquela nao era a primeira desavenca que os levava a se trancar.

Ouviam-se gritos atraves da parede, nao paravam de mencionar uma artista chamada Christine Daae.

No desjejum, que o conde tomava em seu gabinete de trabalho, Philippe deu ordens para chamarem seu irmao. Raoul chegou, lugubre e mudo. A cena foi bem curta.

O conde: – Leia isto!

Philippe estende um jornal ao seu irmao: L'Epoque*. Com o dedo, aponta a nota abaixo.*

O visconde, a contragosto, lendo: "Uma grande notícia no Faubourg: ha promessa de casamento entre a srta. Christine Daae, artista lírica, e o sr.

visconde Raoul de Chagny. Se devemos crer nos mexericos de bastidores, o conde Philippe jurou que, pela primeira vez na vida, os Chagny nao cumpririam uma promessa. Tendo em vista que, na Opera e em qualquer outro lugar, o amor e todo-poderoso, perguntamo-nos de que meios dispoe o conde Philippe para impedir seu irmao, o visconde, de conduzir ao altar a 'nova Margarida'. Dizem que os dois irmaos se adoram, mas o conde engana-se terrivelmente se espera que o amor fraterno venca o puro amor!"

O conde (triste): – Veja, Raoul, esta nos ridicularizando…! Essa pequena virou sua cabeca com essas historias de assombracao.

(*O visconde entao reproduziu o relato de Christine para o irmao.*)

O visconde: – Adeus, meu irmao!

O conde: – Esta tudo combinado? Parte esta noite? (*O visconde nao reage*.) Com ela? Nao cometeria essa tolice! (*Silencio do visconde.*) Saberei como impedi-lo!

O visconde: – Adeus, meu irmao!

(*Sai*.)

Essa cena foi narrada ao juiz de instrucao pelo proprio conde, que so voltaria a topar com seu irmao Raoul, aquela mesma noite, na Opera, poucos minutos antes do desaparecimento de Christine.

O dia inteiro, com efeito, foi dedicado por Raoul aos preparativos do rapto.

Os cavalos, o coche, o cocheiro, as provisoes, as bagagens, o dinheiro necessario, o itinerario (a fim de desorientar o Fantasma, nao seguiriam pela ferrovia) – tudo isso ocupou-o ate as nove da noite.

As nove horas, uma especie de berlinda[122] com as cortinas puxadas sobre as portinholas fechadas entrou na fila para os lados da Rotunda. Estava atrelada a dois jovens e vigorosos cavalos e conduzida por um cocheiro cujo rosto era difícil de distinguir, tao embrulhado se achava nas

dobras de um cachecol. A frente dessa berlinda, havia tres coches. O inquerito estabeleceu mais tarde que eram os cupes da Carlotta, que voltara subitamente a Paris, da Sorelli e, encabecando a fila, do conde de Chagny. Da berlinda, ninguem desceu. O cocheiro permaneceu em seu assento. Os outros tres cocheiros permaneceram igualmente nos seus.

Uma sombra, envolta num grande manto negro e usando um chapeu de feltro preto, passou pela calcada entre a Rotunda e as equipagens. Parecia considerar mais atentamente a berlinda. Aproximou-se dos cavalos, depois do cocheiro, afastando-se em seguida sem pronunciar uma palavra. Mais tarde o inquerito apontou que essa sombra era a do visconde Raoul de Chagny; pessoalmente, nao acredito nisso, visto que naquela noite, como nas outras, o visconde de Chagny usava uma cartola, que, de resto, foi encontrada. Penso antes que se tratava da sombra do Fantasma, que estava a par de tudo, como veremos logo adiante.

Por uma estranha coincidencia, representava-se *Fausto*. A plateia era das mais ilustres. O Faubourg estava magnificamente representado. Nessa epoca, os assinantes nao cediam, nem alugavam, nem sublocavam, nem dividiam seus camarotes com a financa, o comercio ou o estrangeiro. Hoje, no camarote do marques fulano, uma vez que o marques e, por contrato, seu titular, nesse camarote, dizíamos, refestela-se tal comerciante de embutidos e sua família – o que e direito do comerciante de embutidos, uma vez que ele paga o camarote do marques. Antigamente esses costumes ainda eram desconhecidos. Os camarotes da Opera eram saloes onde se podia ter certeza de conhecer ou encontrar pessoas da sociedade que, eventualmente, amavam a musica.

Toda essa alta sociedade se conhecia, sem que necessariamente se frequentasse. Mas sabia-se o nome de todo mundo e a fisionomia do conde de Chagny nao era ignorada por ninguem.

A nota publicada pela manha no *L'Epoque* certamente ja produzira seu efeito, pois todos os olhos voltavam-se para o camarote onde o conde Philippe, aparentemente indiferente e com o semblante despreocupado,

estava sozinho. O elemento feminino desse publico brilhante parecia singularmente intrigado, e a ausencia do visconde despertava mil sussurros por tras dos leques. Christine Daae foi acolhida com grande frieza. Esse publico especial nao lhe perdoava ter mirado tao alto.

A diva constatou a ma disposicao de parte da plateia e tremeu nas bases.

Os frequentadores assíduos, que se pretendiam cientes dos amores do visconde, nao se privaram de sorrir ao ouvir certos trechos do papel de Margarida. Por exemplo, voltaram-se ostensivamente para o camarote de Philippe de Chagny quando Christine cantou a frase “Eu gostaria muito de saber quem e esse rapaz, se e um fidalgo como se intitula”.

Com o queixo apoiado na mao, o conde nao parecia dar-se conta dessas manifestacoes. Fitava o palco; mas olhava para la? Parecia longe de tudo…

Christine ia perdendo toda a seguranca. Tremia. Caminhava para uma catastrofe… Carolus Fonta perguntou-se se ela nao estava doente, se conseguiria resistir em cena ate o fim daquele ato, que era o do jardim. Na plateia, lembravam-se da calamidade ocorrida, no fim desse ato, com a Carlotta e o “croac” historico que interrompera momentaneamente sua carreira em Paris.

Foi quando a Carlotta fez sua entrada num camarote de frente, entrada sensacional. A pobre Christine ergueu os olhos para aquele novo objeto de comocao. Reconheceu a rival. Julgou te-la visto rindo. Isso a salvou. Esqueceu-se de tudo para, mais uma vez, triunfar.

A partir desse momento, cantou com toda a sua alma. Tentou superar o que fizera ate ali e conseguiu. No ultimo ato, quando comecou a invocar os anjos e a elevar-se do chao, conquistou num novo arroubo toda a plateia fremente, e todos acreditaram que tinha asas.

Diante desse apelo sobre-humano, no centro do anfiteatro, um homem se levantara e permanecera de pe, face a atriz, como se, no mesmo movimento, deixasse a terra… Era Raoul.

Anjos puros! Anjos radiantes!

Anjos puros! Anjos radiantes!

E Christine, com os bracos estendidos, a garganta em brasa, envolta na gloria de sua cabeleira solta sobre os ombros desnudos, lancava o clamor divino:

Leve minha alma ao colo dos ceus!

……

Foi entao que, subitamente, uma brusca escuridao desceu sobre o teatro. Foi tao rapido que os espectadores mal tiveram tempo de esbocar um grito de estupor, pois a luz voltou quase imediatamente ao palco.

Mas Christine Daae nao estava mais la…! Aonde teria ido…? Que milagre era aquele…? Todos se entreolhavam sem compreender, e a emocao atingiu seu auge. A perplexidade nao era menor no palco. Das coxias, muitos precipitavam-se para o lugar onde, naquele instante mesmo, Christine cantava. O espetaculo foi interrompido em meio a grande balburdia.

Onde entao? Onde se metera Christine? Que sortilegio a arrebatara de milhares de espectadores entusiastas e ate mesmo dos bracos de Carolus Fonta? A proposito, nao era descabido perguntar se, atendendo a sua prece inflamada, os anjos nao a tinham realmente carregado, corpo e alma, para “o colo dos ceus”.

Raoul, ainda de pe no anfiteatro, deu um grito. Em seu camarote, o conde Philippe levantou-se. Voltando-se para o palco, para o conde, para Raoul, todos se perguntavam se aquele curioso acontecimento nao tinha ligacao com a nota publicada em certo jornal naquela mesma manha. Mas Raoul deixou apressadamente o local, o conde desapareceu do seu camarote e, enquanto o pano descia, os assinantes precipitaram-se para a entrada das coxias. Numa zoeira inenarravel, o publico esperava um comunicado. Todo mundo falava ao mesmo tempo. Todo mundo

pretendia explicar como as coisas haviam se passado. Uns diziam: “Ela caiu dentro de um alcapao”; outros: “Ela foi carregada para as frisas; a infeliz talvez tenha sido vítima de um novo efeito especial inaugurado pela nova direcao”; outros ainda: “Foi uma emboscada. A coincidencia do desaparecimento e da escuridao prova isso cabalmente.”

Por fim, o pano ergueu-se lentamente e, avancando ate a estante do maestro, Carolus Fonta anunciou com uma voz grave e triste:

– Senhoras e senhores, um fato insolito, que nos deixa numa profunda inquietude, acaba de ocorrer. Nossa colega, Christine Daae, desapareceu incompreensivelmente diante de nossos olhos!

---

121. Tunica, ampla, comprida e pomposa, com mangas amplas. ↩

122. Pequena carruagem de quatro rodas e vidros laterais, com quatro ou seis lugares, suspensa por molas. ↩

SINGULAR ATITUDE DE UM ALFINETE DE FRALDA

NO PALCO, um pandemonio indescritível. Artistas, maquinistas, bailarinas, *marcheuses*, figurantes, coristas, assinantes, todo mundo interroga, grita, se esbarra. “O que aconteceu com ela?” “Foi sequestrada!” “Foi o visconde de Chagny que a raptou!” “Nao, foi o conde!” “Ah! E a Carlotta? Foi a Carlotta que arquitetou tudo!” “Nao, foi o Fantasma!”

Alguns riam, sobretudo depois que o exame atento dos alcapoes e assoalhos descartou a ideia de um acidente.

Nessa multidao ruidosa, observamos um grupo de tres personagens conversando em voz baixa e fazendo gestos desesperados. Sao eles: Gabriel, o chefe do coro; Mercier, o administrador; e o secretario Remy. Retiraram-se para um canto de uma passagem que faz a comunicacao entre o palco e a ampla galeria do foyer do bale. Ali, atras de imensos acessorios, eles parlamentam:

– Bati! Eles nao responderam! Talvez nao estejam mais no escritorio. Em todo caso, impossível saber, pois levaram as chaves.

Assim se exprime o secretario Remy e nao resta duvida de que, com essas palavras, designa os srs. diretores. Estes deram ordens no ultimo entreato para nao serem interrompidos sob nenhum pretexto. “Nao estao para ninguem.”

– De toda forma – exclama Gabriel –, nao e todo dia que uma cantora e sequestrada no meio do palco…!

– Voce gritou isso para eles? – interroga-o Mercier.

– Vou ate la de novo – diz Remy, e, correndo, desaparece.

Nesse ponto, chega o contrarregra.

– E entao, sr. Mercier, o senhor vem? O que fazem aqui todos os dois? Precisamos do senhor, sr. administrador.

– Nao quero fazer nem saber nada antes da chegada do comissario – declara Mercier. – Mandei chamarem Mifroid. Veremos quando ele estiver aqui.

– E eu lhe digo que precisamos descer imediatamente ate os tubos do "orgao".

– Nao antes da chegada do comissario…

– Pois eu ja desci ate os tubos do "orgao".

– Ah, e? E o que viu la?

– Quer saber? Nao vi ninguem! Ouviu o que eu disse? Ninguem!

– O que quer que eu faca?

– Evidentemente – replica o contrarregra, passando freneticamente as maos no cabelo rebelde. – Evidentemente! Mas, talvez, se houvesse alguem nos tubos do "orgao", esse alguem poderia nos explicar como o palco ficou repentinamente todo escuro. Ora, Mauclair nao esta em parte alguma, compreende?

Mauclair era o iluminador-chefe que, ao seu bel-prazer, criava o dia e a noite no palco da Opera.

– Mauclair nao esta em parte alguma – repete Mercier, abalado. – E seus auxiliares?

– Nem Mauclair nem seus auxiliares! Ninguem da iluminacao, estou dizendo! O senhor esta certo em pensar que essa pequena nao foi sequestrada assim ao leu! – berra o contrarregra. – Ha nisso um "golpe armado" que precisamos descobrir… E os diretores, nao estao aqui…? Interditei o acesso a iluminacao, coloquei um bombeiro no nicho dos tubos do "orgao". Fiz bem?

– Sim, sim, fez bem… Agora, esperemos o comissario.

O contrarregra se afasta, sacudindo os ombros, irritado, ruminando injurias contra aqueles “titicas” que se encolhem todos num canto quando o teatro esta “de pernas pro ar”.

Tranquilos Gabriel e Mercier nao estavam nem um pouco. Contudo, haviam recebido uma ordem que os paralisava: nao deviam perturbar os diretores em hipotese alguma. Remy infringira a ordem e nao fora bem-sucedido.

Justamente, ei-lo de volta de sua nova expedicao. Seu semblante esta curiosamente assustado.

– Entao, falou com eles? – interroga Mercier.

Remy responde:

– Moncharmin terminou abrindo a porta para mim. Seus olhos saltavam da cabeca. Achei que ia me bater. Nao pude dizer uma palavra, e fique sabendo que ele me gritou: “Tem um alfinete de fralda? Nao? Entao deixe-me em paz…!” Quero replicar que esta acontecendo um fato inusitado no teatro… Ele implora: “Um alfinete de fralda! De-me imediatamente um alfinete de fralda!” Um contínuo que o ouvira – ele gritava feito um surdo – acorreu com um alfinete de fralda e o entregou a Moncharmin, que, ato contínuo, bateu a porta no meu nariz! Foi isso!

– E nao conseguiu lhe dizer: “Christine Daae…”?

– Oh, precisava ter visto…! Ele espumava… So pensava em seu alfinete de fralda… Se nao tivessem providenciado um naquele instante, acho que ele teria sucumbido a um ataque! Obviamente, nada disso e normal e nossos diretores enlouqueceram de vez…!

O sr. secretario Remy nao esta satisfeito. Nao esconde o fato:

– Isso nao pode continuar assim! Nao tenho o habito de ser tratado dessa maneira!

Do nada, Gabriel sussurra:

– Outro golpe do *F. da Opera*.

Remy ri. Mercier suspira, parece disposto a fazer uma confidencia… mas, olhando na direcao de Gabriel, que lhe faz sinal para calar-se, permanece mudo.

Mercier, contudo, que sente sua responsabilidade aumentar a medida que os minutos passam e os diretores nao aparecem, nao se aguenta mais:

– Ah, entao eu mesmo vou insistir com eles – decide.

Gabriel, subitamente taciturno e grave, o detem.

– Pense no que esta fazendo, Mercier! Se eles continuam em seu gabinete, talvez seja porque e necessario! O F. da Opera tem mais de um truque em sua cartola!

Mas Mercier balanca a cabeca.

– Azar! Vou ate la! Se me houvessem escutado, ja teríamos contado tudo a polícia ha muito tempo!

E parte.

– *Tudo o que?* – pergunta imediatamente Remy. – O que teríamos contado a polícia? Ah, voce se cala, Gabriel… Tambem esta por dentro do segredo! Pois bem, nao faria mal em me contar tambem, se nao quiser que eu grite que todos voces estao loucos…! Sim, loucos de verdade!

Gabriel revolve olhos estupidos e afeta nao entender nada daquela "cena" inconveniente do sr. secretario particular.

– Que segredo? – murmura. – Nao sei do que esta falando.

Remy se exaspera.

– Esta noite, aqui mesmo, Richard e Moncharmin comportavam-se como alienados durante os entreatos!

– Nao notei – grunhiu Gabriel, amuado.

– Foi o unico…! Por acaso pensam que nao os vi…! E que o sr. Parabise, diretor do Credit Central, nao percebeu nada…? E que o sr. embaixador de La Borderie tem os olhos dentro do bolso…? Ora, sr. chefe

do coro, todos os assinantes entreolhavam-se e apontavam o dedo para os nossos diretores!

– Que diabos entao faziam nossos diretores? – pergunta Gabriel com seu ar mais simplorio.

– O que faziam? Mas voces sabem melhor do que ninguem o que eles faziam…! Voces estavam la…! E voces e Mercier olhavam para eles…! E eram os unicos a nao rir…

– Nao compreendo!

Frio, "fechado", Gabriel abre os bracos e deixa-os cair de novo, gesto que significa evidentemente que se desinteressou da questao… Remy continua:

– Mas que mania nova e essa agora? *Agora nao querem que ninguem se aproxime deles?*

– Como assim? *Eles nao querem que ninguem se aproxime?*

– *Eles nao querem ser tocados?*

– Serio, voces notaram que *eles nao querem ser tocados*? Eis o que e deveras bizarro!

– Concordam, entao! Ja nao era sem tempo! *E eles andam de marcha a re!*

– De marcha a re! Voces notaram que nossos diretores andam *de marcha a re*! Eu achava que eram os caranguejos que andavam de costas.

– Nao, ria, Gabriel! Nao ria!

– Nao estou rindo – protesta Gabriel, que se poe serio "como um papa".

– Por favor, Gabriel, voce que e amigo íntimo da direcao, poderia me explicar por que, no entreato do "jardim", quando eu avancava com a mao estendida para o sr. Richard em frente ao foyer, ouvi o sr. Moncharmin me dizer precipitadamente em voz baixa: "Afaste-se! Afaste-se! Sobretudo nao toque no sr. diretor!"? Sou um agente da peste?

– Inacreditavel!

– E instantes mais tarde, quando o sr. embaixador de La Borderie dirigiu-se por sua vez ao sr. Richard, nao viu o sr. Moncharmin lancar-se entre eles e nao o ouviu exclamar: “Sr. embaixador, eu o intimo, nao toque no sr. diretor!”?

– Assombroso…! E o que fazia o sr. Richard enquanto isso?

– O que ele fazia? Voce viu perfeitamente! Ele fazia meia-volta e *cumprimentava a sua frente, quando nao havia ninguem a sua frente*! E se retirava “*de marcha a re*”.

– De marcha a re?

– E Moncharmin, atras de Richard, tambem fizera meia-volta, isto e, descrevera um rapido semicírculo atras de Richard e tambem se retirava “de marcha a re”… E ambos foram *assim* ate a escada da administracao, de marcha a re…! De marcha a re…! Enfim, se eles nao estao loucos, pode me explicar o que isso significa?

– Talvez estivessem ensaiando – sugere Gabriel, sem conviccao – um passo de bale!

O sr. secretario Remy sente-se ultrajado por piada tao vulgar em momento tao dramatico. Seus olhos se franzem, seus labios se contorcem. Ele se debruca ao ouvido de Gabriel:

– Nao banque o esperto, Gabriel. Estao acontecendo coisas aqui pelas quais voce e Mercier poderiam assumir parte da responsabilidade.

– O que, por exemplo?

– Christine Daae nao foi a unica a desaparecer subitamente esta noite.

– Ah, esta bem!

– Nao tem “ah, esta bem!”. Poderia me dizer por que, quando Mame Giry desceu ainda ha pouco ao foyer, Mercier agarrou sua mao e a levou prontamente com ele?

– Puxa! – exclamou Gabriel. – Eu nao tinha notado.

– Tanto notou, Gabriel, que voce seguiu Mame Giry ate a sala de Mercier. Depois disso, voce e Mercier foram vistos, mas ninguem mais viu Mame Giry…

– Acha entao que a comemos?

– Nao! Mas a trancaram no escritorio e, quando passamos junto a porta do escritorio, sabe o que ouvimos? Ouvimos estas palavras: “Ah, os bandidos! Ah, os bandidos!”

Nesse momento de tao singular conversa, chega Mercier, esbaforido.

– Oucam! – diz com uma voz desanimada. – E mais escandaloso do que parece… gritei para eles: “E muito grave! Abram! Sou eu, Mercier.” Ouvi passos. A porta se abriu e Moncharmin apareceu. Estava muito palido. Perguntou: “O que deseja?” Respondi: “Raptaram Christine Daae.” Sabem o que ele me respondeu? “Melhor para ela!” E fechou a porta, colocando isto em minha mao.

Mercier abre a mao; Remy e Gabriel olham.

– O alfinete de fralda! – exclama Remy.

– Estranho! Muito estranho! – pronuncia baixinho Gabriel, sem conseguir reprimir um arrepio.

Subitamente, uma voz faz com que todo mundo volte os olhos.

– Com licenca, cavalheiros, poderiam me dizer onde esta Christine Daae?

A despeito da gravidade das circunstancias, aquela pergunta decerto os teria feito gargalhar, nao tivessem deparado com figura tao sofrida e digna de pena. Era o visconde Raoul de Chagny.

“CHRISTINE! CHRISTINE!”

O PRIMEIRO PENSAMENTO de Raoul apos o sumico fantastico de Christine Daae tinha sido para acusar Erik. Nao duvidava mais do poder quase sobrenatural do Anjo da Musica naqueles domínios da Opera, onde ele diabolicamente estabelecera seu imperio.

E, numa loucura de desespero e amor, Raoul correra para o palco. “Christine! Christine!”, gemia, transtornado, chamando-a, como ela devia chama-lo do fundo daquele abismo escuro para onde o monstro a carregara feito uma presa, ainda toda fremente de sua exaltacao divina, vestindo a branca mortalha na qual ja se oferecia aos anjos do paraíso!

“Christine! Christine!”, repetia Raoul… e parecia-lhe ouvir os gritos da moca atraves daquelas tabuas frageis que o separavam dela! Debrucava-se, escutava… Vagava pela palco como um insensato. Ah! Descer! Descer! Descer naquele poco de trevas, cujas portas estavam todas fechadas para ele!

Ah, aquele obstaculo fragil, que geralmente desliza com facilidade sobre si mesmo para revelar o abismo para onde todo o seu desejo tende… Aquelas tabuas que seu passo faz estalar e que sob seu peso ressoam o prodigioso vazio do “porao”… estao mais do que imoveis aquela noite: parecem imutaveis… Exibem o aspecto solido de nunca terem se mexido… e as escadarias que permitem descer sob o palco estao interditadas…!

– Christine! Christine… – e repelido em meio a uma gargalhada. Zombam dele. Julgam-no um desmiolado, pobre noivo!

Que carreira alucinada nao deve ter sido a de Erik, por corredores de noite e misterio que so ele conhecia, arrastando a pura crianca ate aquele

antro medonho do quarto Luís Filipe, cuja porta da para o lago do Inferno…!

– Christine! Christine! Responda! Pelo menos ainda esta viva, Christine? Nao deu seu ultimo suspiro num minuto de sobre-humano horror, sob o bafejo inflamado do monstro?

Pensamentos horríveis atravessam como fulgurantes claroes o cerebro turbilhonado de Raoul.

Evidentemente, Erik deve ter surpreendido seu segredo, sabendo-se agora traído por Christine! Que vinganca sera a sua! O que nao ousaria o Anjo da Musica, precipitado do alto de seu orgulho? Christine esta perdida nos bracos onipotentes do monstro!

Raoul ainda pensa nas estrelas de ouro que na ultima noite vieram vagar em sua sacada. Por que nao as fulminou com sua arma impotente!

Claro! Ha olhos de homem extraordinarios que se dilatam nas trevas e brilham como estrelas ou olhos de gatos. (Alguns homens albinos, que parecem ter olhos de coelho de dia, a noite tem olhos de gato, todo mundo sabe disso!)

Sim, sim, era efetivamente em Erik que Raoul tinha atirado! Por que nao o matara? O monstro fugira como os gatos ou detentos que – todo mundo tambem sabe disso – escalariam o ceu a prumo agarrando-se numa calha.

Sem duvida, Erik meditava entao alguma acao decisiva contra o rapaz, mas, ferido, escapara para voltar-se contra a pobre Christine.

Assim pensa cruelmente o pobre Raoul correndo ao camarim da cantora…

– Christine…! Christine…!

Lagrimas amargas queimam suas palpebras, e ele percebe, espalhadas sobre os moveis, as roupas destinadas a vestir sua bela noiva na hora da fuga…! Ah, por que ela nao quisera partir mais cedo! Por que ter demorado tanto…! Por que ter brincado com a catastrofe ameacadora…?

Com o coracao do monstro…? Por que ter insistido, piedade suprema!, em lancar aquele cantico celestial como dadiva derradeira a essa alma de demonio…

Anjos puros! Anjos radiantes!
Levem minha alma ao colo dos ceus…!

Raoul, em meio a solucos, injurias e imprecacoes, apalpa desajeitadamente o grande espelho que uma noite se abriu a sua frente para deixar Christine descer a tenebrosa morada. Aperta, empurra, tateia… mas o espelho parece obedecer exclusivamente a Erik… Sera que gestos sao inuteis com um espelho desse tipo…? Sera que bastaria pronunciar determinadas palavras…? Quando ele era pequeno contavam-lhe que havia objetos que obedeciam a fala!

De repente, Raoul se lembra… de "um gradeado dando para a rua Scribe…" Sim, Christine lhe falou sobre isso…! E apos constatar, desgracado!, que a pesada chave nao estava mais no bau, nem por isso deixa de correr a rua Scribe.

Ei-lo do lado de fora, passeia suas maos tremulas sobre as pedras, procura saídas… encontra barras… sao essas…? ou essas… ou ainda nao e este respiradouro…? Mergulha olhares impotentes atraves das barras… que noite profunda la dentro…! Escuta…! Que silencio…! Contorna o monumento…! Ah, barras intransponíveis! Grades prodigiosas…! E o portao do patio da administracao!

Raoul corre ate a cabine da zeladora:

– Perdao, senhora, nao poderia me indicar um gradeado, sim, uma porta feita com barras, de barras… de ferro… que da para a rua Scribe… e que conduz ao lago! Conhece o lago? Sim, o lago, oras! O lago subterraneo… que fica embaixo da Opera.

– Senhor, sei muito bem que ha um lago embaixo da Opera, mas nao sei que porta lhe da acesso… nunca fui la…!

– E a rua Scribe, senhora? A rua Scribe? Nunca foi a rua Scribe?

Ela ri! Da uma gargalhada! Raoul foge, bramindo, corre, sobe escadas, desce outras, atravessa toda a administracao, ve-se na luz do “tablado”.

Ele para, o coracao martela o seu peito arfante: e se tivessem encontrado Christine Daae? Eis um grupo. Ele pergunta:

– Com licenca, senhores, por acaso viram Christine Daae?

Eles riem.

No mesmo instante, o tablado faz um barulho e, em meio a uma multidao de vestes negras que o cercam com inumeros movimentos de bracos explicativos, surge um homem que, por sua vez, parece bastante calmo e estampa um semblante amavel, todo rosado e bochechudo, emoldurado por cabelos cacheados, iluminado por dois olhos azuis de uma serenidade maravilhosa. O administrador Mercier aponta o recem-chegado para o visconde de Chagny, dizendo-lhe:

– Eis o homem, cavalheiro, a quem tera de fazer sua pergunta agora. Apresento-lhe o sr. comissario de polícia Mifroid.

– Ah, sr. visconde de Chagny! E um prazer, cavalheiro – cumprimenta o comissario. – Se fizer a gentileza de me acompanhar… E onde estao os diretores…? Onde estao os diretores…?

Como o administrador se cala, o secretario Remy se da ao trabalho de informar ao sr. comissario que os srs. diretores estao trancados em seu gabinete e que ainda nao sabem nada sobre a ocorrencia.

– Sera possível…?! Vamos ao seu gabinete!

E o sr. Mifroid, seguido por um cortejo cada vez maior, dirige-se a administracao. Mercier aproveita a balburdia para esgueirar uma chave na mao de Gabriel:

– Isso nao vai dar certo – ele murmura. – Va entao arejar Mame Giry…

E Gabriel se afasta.

Logo chegam diante da porta da direcao. E em vao que Mercier profere suas censuras, a porta nao se abre.

– Abram em nome da lei! – ordena a voz clara e um pouco inquieta do sr. Mifroid.

Finalmente a porta se abre. Todos se precipitam, nos calcanhares do comissario.

Raoul e o ultimo a entrar. Quando se dispoe a seguir o grupo dentro do aposento, uma mao pousa em seu ombro e ele ouve essas palavras pronunciadas ao seu ouvido:

– *Os segredos de Erik nao dizem respeito a ninguem!*

Ele se volta, abafando um grito. A mao que pousara em seu ombro esta agora sobre os labios de um personagem com a tez de ebano, olhos de jade e usando um barrete de astraca… O Persa!

O desconhecido prolonga o gesto que recomenda discricao e, no momento em que o visconde, estupefato, vai lhe perguntar a razao de sua misteriosa intervencao, ele faz uma saudacao e desaparece.

ESPANTOSAS REVELACOES DE MAME GIRY, CONCERNENTES AS SUAS RELACOES PESSOAIS COM O FANTASMA DA OPERA

ANTES DE SEGUIR o sr. comissario de polícia Mifroid onde se encontram os srs. diretores, o leitor me permitira entrete-lo com certos acontecimentos extraordinarios que acabavam de se desenrolar nesse gabinete em que o secretario Remy e o administrador Mercier haviam em vao tentado penetrar e no qual os srs. Richard e Moncharmin haviam tao hermeticamente se trancado num desígnio que o leitor ainda ignora, mas que e meu dever historico – quer dizer, meu dever de historiador – nao lhe ocultar por mais tempo.

Tive a oportunidade de dizer a que ponto o humor dos srs. diretores havia se alterado desagradavelmente nos ultimos tempos, e sugeri que essa transformacao nao teria como causa unica a queda do lustre nas condicoes supracitadas.

Informemos entao ao leitor – malgrado todo o desejo que teriam os srs. diretores de que tal acontecimento permanecesse oculto para sempre – que o Fantasma chegara a receber tranquilamente seus primeiros vinte mil francos! Ah, houve choro e ranger de dentes! A coisa, no entanto, se desenrolara da maneira mais simples do mundo.

Certa manha, os srs. diretores haviam encontrado um envelope todo preparado em sua mesa. Esse envelope estampava como destinatario: *Ao sr. F. da Opera (em maos)* e era acompanhado de um bilhete do proprio *F. da Opera*:

> Chegou o momento de cumprir as clausulas do caderno de encargos: coloquem vinte cedulas de mil francos neste envelope, fechem com seu lacre pessoal e o entreguem a Mame Giry, que fara o necessario.

Os srs. diretores nao precisaram ler duas vezes. Sem perderem tempo perguntando-se novamente como aquelas missoes diabolicas podiam penetrar num gabinete que eles tomavam o maior cuidado de trancar a chave, julgaram aquela uma boa oportunidade de botar a mao no misterioso mestre cantor. E apos revelarem tudo, sob o selo do maior segredo, a Gabriel e a Mercier, colocaram os vinte mil francos no envelope e o entregaram sem pedir explicacoes a Mame Giry, reintegrada em suas funcoes. A lanterninha nao manifestou qualquer espanto. Desnecessario dizer que foi vigiada! Dirigiu-se imediatamente ao camarote do Fantasma e depositou o valioso envelope sobre a mesinha do *appui-main*. Os dois diretores, bem como Gabriel e Mercier, estavam escondidos de maneira a nao perderem de vista esse envelope nem por um segundo durante todo o curso da representacao e mesmo depois, uma vez que, como o envelope nao se mexera, aqueles que o vigiavam tambem nao se mexeram e o teatro se esvaziou e Mame Giry foi embora, enquanto os srs. diretores, Gabriel e Mercier la permaneciam. No fim, eles se cansaram e abriram o envelope, apos constatarem que os lacres nao haviam sido rompidos.

A primeira vista, Richard e Moncharmin pensaram que as cedulas continuavam ali, mas logo perceberam que nao eram as mesmas. As vinte cedulas verdadeiras haviam sumido, substituídas por vinte cedulas falsas! Veio a raiva e depois, tambem, o pavor!

– E mais sensacional do que Robert-Houdin![123] – exclamou Gabriel.

– E – replicou Richard –, e custa mais caro!

Moncharmin queria chamar imediatamente o comissario; Richard opos-se. Sem duvida tinha seu plano. Disse:

– Nao sejamos ridículos! Paris inteira riria de nos. O “F. da Opera” ganhou a primeira rodada, venceremos a segunda.

Pensava, evidentemente, na mensalidade seguinte.

De toda forma, haviam sido tao bem tapeados que, durante as semanas seguintes, nao conseguiram superar certa depressao. O que, havemos de

convir, era bastante compreensível. Se o comissario nao foi prontamente chamado, era porque, nao devemos esquecer, os srs. diretores ainda acreditavam que aventura tao bizarra so poderia ser um odioso trote, sem duvida armado pelos seus antecessores e sobre o qual convinha nao divulgar nada antes de conhecer a verdade verdadeira. Em Moncharmin, contudo, esse pensamento era por instantes anuviado por uma suspeita que ele alimentava com relacao ao proprio Richard, o qual tinha veleidades farsescas. Assim, preparados para todas as eventualidades, eles aguardaram os acontecimentos, vigiando e mandando vigiar Mame Giry, com quem Richard fez questao de nao comentar nada.

– Se ela e cumplice – dizia – as cedulas ja estao longe ha muito tempo. Mas, para mim, nao passa de uma imbecil!

– Ha muitos imbecis nesse caso! – replicara Moncharmin, pensativo.

– Como poderíamos desconfiar…? – gemeu Richard. – Mas nao receie nada… da proxima vez tomarei todas as precaucoes…

E foi assim que chegou a proxima vez… que caiu justamente no dia que viria a assistir ao desaparecimento de Christine Daae.

Pela manha, uma missiva do Fantasma lembrando-lhes o prazo. “Facam como da ultima vez”, instruía amavelmente o “F. da Opera”. “*Funcionou muito bem.* Entreguem o envelope, no qual terao colocado os vinte mil francos, a excelente Mame Giry.”

E o bilhete vinha acompanhado do envelope de praxe. So faltava o conteudo.

A operacao deveria ser executada naquela mesma noite, cerca de meia hora antes do espetaculo. E entao meia hora antes de o pano subir para aquela famigerada representacao do *Fausto* que penetramos no covil da direcao.

Richard mostra o envelope a Moncharmin e, diante dele, conta os vinte mil francos e os coloca no envelope, porem sem fecha-lo.

– Agora – disse –, que chamem Mame Giry.

Foram buscar a velha, que entrou fazendo uma bela reverencia. A senhorinha vestia seu vestido de tafeta preto de sempre, cuja tonalidade descambava para a ferrugem e o lilas, e seu chapeu de plumas cor de sebo. Parecia de bom humor. Disse sem rodeios:

– Bom dia, senhores! E para o envelope?

– Sim, sra. Giry – respondeu Richard com grande amabilidade. – E para o envelope… E para outra coisa tambem.

– As suas ordens, sr. diretor! As suas ordens…! E que outra coisa e essa, por favor?

– Primeiramente, sra. Giry, tenho uma perguntinha a lhe fazer.

– Faca, sr. diretor, Mame Giry esta aqui para responder.

– Continua as boas com o Fantasma?

– Nao poderia estar melhor, sr. diretor, nao poderia estar melhor.

– Ah, ficamos encantados com isso…! Responda-me entao, sra. Giry – pronunciou Richard, assumindo o tom de uma importante confidencia. – Ca entre nos, nao vejo por que nao lhe contarmos… A senhora nao e nenhuma tola.

– Ora, sr. diretor…! – exclamou a lanterninha, interrompendo o balanco simpatico das duas plumas negras do seu chapeu cor de sebo. – Peco que acredite que isso nunca foi duvida para ninguem!

– Estamos de acordo e vamos nos entender. A historia do Fantasma e uma boa piada, nao e mesmo…? Pois bem, igualmente ca entre nos… ela ja durou o suficiente.

Mame Giry olhou para os diretores como se eles tivessem falado chines. Aproximou-se da mesa de Richard e, atarantada, indagou:

– O que querem dizer com isso…? Nao entendo.

– Ah, entende muito bem. Seja como for, tera de entender… E, para comecar, vai nos dizer como ele se chama.

– Ora, mas quem?

– Aquele de quem e cumplice, Mame Giry!

– Sou cumplice do Fantasma? Eu…? Cumplice de que…?

– A senhora faz tudo que ele quer.

– Oh… ele nao me atrapalha muito, fiquem sabendo.

– E ele sempre lhe da gorjetas!

– Nao me queixo!

– Quanto ele lhe paga para levar o envelope?

– Dez francos.

– Incrível! Nao e caro!

– Por que seria?

– Eu lhe direi daqui a pouco, Mame Giry. Neste momento, gostaríamos de saber por que razao, extraordinaria…, a senhora se entregou de corpo e alma a esse fantasma e nao a um outro… Nao sao alguns tostoes ou dez francos que compram a amizade e a lealdade de Mame Giry.

– Isso e verdade…! E, diacho, essa razao eu posso lhe contar, sr. diretor! Certamente nao ha nada desonroso nisso! Ao contrario.

– Nao duvidamos disso, Mame Giry.

– Pois bem, e o seguinte… o Fantasma nao gosta que eu conte suas historias.

– Haha! – riu Richard.

– Mas esta so diz respeito a mim…! – continuou a velha. – Uma noite, no camarote nº5, encontro uma carta para mim… uma especie de bilhete escrito com tinta vermelha… Esse bilhete, sr. diretor, eu nem preciso le-lo para o senhor… sei de cor… e nao o esquecerei nem que eu viva cem anos…!

Mame Giry, toda empertigada, recita a carta com uma eloquencia tocante:

Senhora. – 1825, srta. Menetrier, corifeu, tornou-se marquesa de Cussy. – 1832, srta. Marie Gaglioni, bailarina, e feita condessa Gilbert des Voisins. – 1846, a Sota, bailarina, casa-se com um irmao do rei de Espanha. – 1847, Lola Montes, bailarina, casa-se morganaticamente[124] com o rei Luís da Baviera e e nomeada condessa de Landsfeld. – 1848, srta. Maria, bailarina, torna-se baronesa de Hermeville. – 1870, Therese Hessler, bailarina, casa-se com Dom Fernando, irmao do rei de Portugal…

Richard e Moncharmin escutam a velha, que, a medida que avanca na curiosa enumeracao dessas gloriosas unioes, anima-se, apruma-se, atreve-se e, finalmente, inspirada como uma sibila sobre sua trípode, lanca com uma voz vibrante de orgulho a ultima frase da carta profetica: "*1885, Meg Giry, imperatriz!*"

Esgotada apos tal esforco supremo, a lanterninha despenca em sua cadeira e diz:

– Senhores, estava assinado: "O Fantasma da Opera!" Eu ja tinha ouvido falar no Fantasma, mas so acreditava pela metade. A partir do dia em que ele me anunciou que minha pequena Meg, carne da minha carne, fruto das minhas entranhas, seria imperatriz, acreditei completamente.

Na verdade, na verdade, nao era preciso estudar muito a fisionomia exaltada de Mame Giry para perceber o que era possível obter daquela inteligencia luminosa com as palavras "fantasma" e "imperatriz".

Mas quem manipulava os cordoes daquela extravagante marionete…? Quem?

– A senhora nunca o viu, ele fala com a senhora e a senhora acredita em tudo que ele diz? – perguntou Moncharmin.

– Sim. Em primeiríssimo lugar, e a ele que devo a promocao da minha pequena Meg a primeira bailarina. Eu tinha avisado ao Fantasma: "Para que ela seja imperatriz em 1885, o senhor nao tem tempo a perder, e preciso que ela seja primeira bailarina imediatamente." Ele respondeu: "Negocio fechado." E foi so ele dar uma palavrinha com o sr. Poligny para a coisa ser feita.

– A senhora entao admite que o sr. Poligny o viu!

– Nao mais do que eu, mas o ouviu! O Fantasma sussurrou-lhe alguma coisa no ouvido, o senhor sabe!, na noite em que ele saiu branco feito cera do camarote nº5.

Moncharmin da um suspiro.

– Que historia! – geme.

– Ah! – responde Mame Giry. – Sempre achei que havia segredos entre o Fantasma e o sr. Poligny. Tudo que o Fantasma pedia ao sr. Poligny, o sr. Poligny fazia… O sr. Poligny nao recusava nada ao Fantasma.

– Esta ouvindo, Richard? Poligny nao recusava nada ao Fantasma.

– Sim, sim, estou ouvindo! – declarou Richard. – O sr. Poligny e amigo do Fantasma! E, como a sra. Giry e amiga do sr. Poligny, estamos feitos – acrescentou num tom bem rude. – Mas o sr. Poligny nao me preocupa… A unica pessoa cuja sorte me interessa de verdade, nao escondo, e a sra. Giry…! Sra. Giry, sabe o que este envelope contem?

– Por Deus, nao! – ela respondeu.

– Pois bem, olhe!

A sra. Giry volta para o envelope um olhar baco, mas que logo recupera seu brilho.

– Notas de mil francos! – exclama.

– Sim, sra. Giry…! Sim, notas de mil…! E a senhora sabia muito bem!

– Eu, sr. diretor…? Eu! Mas eu juro…

– Nao jure, sra. Giry…! E agora vou lhe dizer a outra coisa pela qual mandei-a chamar… Sra. Giry, vou mandar prende-la.

As duas plumas negras do chapeu cor de sebo, que exibiam comumente a forma de dois pontos de interrogacao, metamorfosearam-se imediatamente em pontos de exclamacao; quanto ao chapeu em si, vacilou, ameacando seu coque desmazelado. A surpresa, a indignacao, o protesto e o pavor manifestaram-se ainda na mae da pequena Meg por uma especie de pirueta extravagante, "*jete glissade*"[125] da virtude ofendida

que a trouxe num salto ate debaixo do nariz do sr. diretor, o qual nao teve outra coisa a fazer senao recuar sua poltrona.

– Pois mande!

A boca que dizia isso pareceu cuspir no rosto do sr. Richard os tres dentes de que ainda dispunha.

O sr. Richard foi heroico. Nao recuou mais. Seu indicador ameacador ja apontava para os magistrados ausentes a lanterninha do camarote nº5.

– Vou mandar prende-la como ladra, sra. Giry!

– Repita o que disse!

E, antes que o sr. diretor Moncharmin tivesse tempo de interpor-se, a sra. Giry desferiu uma sonora bofetada no sr. diretor Richard. Reacao de vinganca! Mas nao foi a mao ressequida da colerica velha que golpeou a face diretorial, e sim o proprio envelope, causa de todo o escandalo, o envelope magico, que se entreabriu de repente, deixando escapar as cedulas, que voaram num redemoinho fantastico de borboletas gigantes.

Os dois diretores deixaram escapar um grito e o mesmo pensamento os fez atirarem-se de joelhos para recolher freneticamente e juntar as pressas os valiosos papeis.

– *Continuam verdadeiras?* Moncharmin.

– *Continuam verdadeiras?* Richard.

– Continuam verdadeiras!!!

Acima deles, os tres dentes da sra. Giry entrechocam-se numa algaravia reverberante, repleta de horríveis interjeicoes. Mas so se ouve nitidamente esse “leitmotiv”:

– Eu, uma ladra…! Uma ladra, eu?

Ela sufoca. Exclama:

– Estou destruída!

E, de supetao, pula novamente para debaixo do nariz de Richard.

– Em todo caso – cacareja –, o senhor, sr. Richard, *o senhor deve saber melhor do que eu aonde foram parar os vinte mil francos!*

– Eu? – interroga Richard, estupefato. – E como saberia?

Imediatamente Moncharmin, severo e preocupado, quer que a boa mulher se explique.

– O que significa isso? – interroga. – E por que a sra. Giry afirma que o sr. Richard deve saber "melhor do que ela onde foram parar os vinte mil francos"?

Quanto a Richard, que ruboriza frente ao olhar de Moncharmin, ele pega a mao de Mame Giry e a sacode com violencia. Sua voz e um trovao. Ela estrondeia, estruge… fulmina…

– Por que eu saberia melhor do que a senhora onde foram parar os vinte mil francos? Por que?

– Porque eles foram parar no seu bolso…! – cicia a velha, fitando-o agora como se mirasse o diabo.

E a vez do sr. Richard ser fulminado, primeiro por essa replica inesperada, depois pelo olhar cada vez mais suspicaz de Moncharmin. Repentinamente falta-lhe a forca de que tanto precisaria naquele momento difícil para refutar tao desprezível acusacao.

Assim os mais inocentes, surpreendidos na paz de seu coracao, parecem subitamente – quando o golpe que os golpeia os faz empalidecer, ruborizar, vacilar, aprumar-se, colapsar, protestar, nao dizer nada quando seria preciso falar, falar quando nao deveriam dizer nada, permanecer secos quando deveriam se molhar, ou suar quando deveriam permanecer secos –, parecem, ia eu dizendo, subitamente culpados.

Moncharmin deteve o impulso vingador com que Richard, que era inocente, ia precipitar-se sobre a sra. Giry e, encorajador, poe-se a interrogar esta ultima… com docura.

– Como pode suspeitar que o meu colaborador tivesse colocado vinte mil francos em seu bolso?

– Eu nunca disse isso! – declara Mame Giry. – Visto ter sido eu mesma em pessoa que coloquei os vinte mil francos no bolso do sr. Richard.

E acrescentou a meia-voz:

– Paciencia! Esta feito…! Que o Fantasma me perdoe!

Como Richard recomecou a berrar, Moncharmin ordena-lhe com autoridade que se cale:

– Calminha aí! Calminha aí! Deixe essa mulher se explicar! Permita-me interroga-la.

E acrescenta:

– E realmente estranho voce se exaltar tanto…! Estamos proximos do momento em que todo esse misterio sera esclarecido! E voce fica furioso! Esta errado… Quanto a mim, estou me divertindo a larga.

Mame Giry, martir, ergue a cabeca, que irradia a fe em sua propria inocencia.

– O senhor afirma que havia vinte mil francos no envelope que eu coloquei no bolso do sr. Richard, mas, repito, eu nao sabia nada disso… Tampouco o sr. Richard, alias!

– Ah, ah! – interveio Richard, afetando subitamente um ar de valentia que desagradou a Moncharmin. – Eu tambem nao sabia de nada! A senhora enfia vinte mil francos no meu bolso e eu nao sabia de nada! Isso me deixa completamente a vontade, sra. Giry.

– Sim – aquiesceu a terrível senhora. – E verdade…! Nos nao sabíamos de nada, nem um nem outro…! Mas o senhor deve ter acabado percebendo…

Richard com certeza devoraria a sra. Giry se Moncharmin nao estivesse ali! Mas Moncharmin a protege. Apressa o interrogatorio.

– Que especie de envelope a senhora colocou entao no bolso do sr. Richard? Nao era o mesmo que lhe entregamos, o que a senhora levou, na

nossa presenca, ao camarote nº5. No entanto, somente este continha os vinte mil francos.

– Com licenca! Foi de fato aquele que o sr. diretor me entregou que eu enfiei no bolso do sr. diretor. O que deixei no camarote do Fantasma era outro envelope exatamente identico, que eu tinha todo preparado na manga, e que o Fantasma tinha me passado!

Dizendo isso, Mame Giry tira da manga um envelope todo preparado, com seu sobrescrito, identico ao que contem os vinte mil francos. Os srs. diretores apoderam-se dele. Ao examina-lo, constatam que lacres com seu proprio sinete diretorial o fecham. Abrem-no… Contem vinte cedulas falsas, iguais as que os deixaram estupefatos um mes antes.

– Como e simples! – comenta Richard.

– Como e simples! – repete, mais solene, Moncharmin.

– Os truques mais ilustres – responde Richard – sempre foram os mais simples. Basta um comparsa…

– Ou uma comparsa! – acrescenta, num tom neutro, Moncharmin.

E, mantendo os olhos cravados em Mame Giry, como se quisesse hipnotiza-la:

– Era mesmo o Fantasma que fazia esse envelope chegar a senhora e era ele quem lhe dizia para substituir o que nos lhe entregavamos? Era ele que lhe dizia para colocar este ultimo no bolso do sr. Richard?

– Oh, naturalmente que era ele!

– Poderia entao nos oferecer, senhora, uma amostra de seus pequenos talentos…? Aqui esta o envelope. Faca como se nao soubessemos de nada.

– As suas ordens, senhores!

Mame Giry pega o envelope carregado com suas vinte cedulas e se dirige a porta. Prepara-se para sair.

Os dois diretores ja estao grudados nela.

– Ah, essa nao! Nao vai nos “driblar” de novo! Estamos cheios! Nao vamos recomecar!

– Perdao, senhores – desculpa-se a velha. – Perdao… Os senhores me pediram para fazer como se nao soubessem de nada…! Pois bem, se nao soubessem de nada, eu iria embora com o seu envelope!

– E aí como o enfiaria no meu bolso? – argumenta Richard, de quem Moncharmin nao desgruda o olho esquerdo, enquanto o direito esta concentradíssimo na sra. Giry, posicao difícil para o olhar, mas Moncharmin esta disposto a tudo para descobrir a verdade.

– Devo insinua-lo em seu bolso no momento em que o senhor menos espera, sr. diretor. O senhor sabe que, durante a noite, sempre venho dar uma voltinha nas coxias e frequentemente acompanho, como e meu direito de mae, minha filha ao foyer do bale; levo para ela suas sapatilhas no momento do *divertissement*,[126] e ate mesmo seu regadorzinho…[127] Em suma, entro e saio a vontade… Os senhores assinantes tambem aparecem… O senhor tambem, sr. diretor. E muita gente… Passo atras do senhor e enfio o envelope no bolso traseiro da sua calca… Isso nao e bruxaria!

– Isso nao e bruxaria – rosna Richard, revolvendo olhos de Jupiter Tonan-te –,[128] isso nao e bruxaria! Mas pego-a em flagrante delito de mentira, sua velha bruxa!

O insulto fere menos a honrada senhora do que o golpe que querem desfechar em sua boa-fe. Ela se reergue, desgrenhada, os tres dentes de fora.

– Por que?

– Porque aquela noite eu estava na sala vigiando o camarote nº5 e o falso envelope que a senhora tinha deixado la. So desci ao foyer do bale por um segundo…

– Seja como for, sr. diretor, nao foi nessa noite que lhe restituí o envelope…! Mas na recita seguinte… Preste atencao, foi na noite em que o

sr. subsecretario de Belas-Artes…

A estas palavras, o sr. Richard interrompe bruscamente a sra. Giry…

– Bolas! E verdade – disse, pensativo –, estou me lembrando. Agora me lembro! O sr. subsecretario foi as coxias. Solicitou-me. Eu estava nos degraus do foyer… o sr. subsecretario e seu chefe de gabinete estavam no proprio foyer… Voltei-me de repente… Era a senhora que passava atras de mim… sra. Giry. Acho que rocou em mim… So havia a senhora atras de mim… Oh! Ainda a vejo… Ainda a vejo!

– Exatamente! E isso, sr. diretor! E exatamente isso! Eu acabava de deixar meu negocinho no seu bolso! E um bolso bastante confortavel, sr. diretor!

E a sra. Giry mais uma vez alia o gesto a palavra. Passa atras do sr. Richard – tao velozmente que o proprio Moncharmin, que dessa vez observa com seus dois olhos, fica impressionado – e deixa o envelope no bolso de uma das abas do fraque do sr. diretor.

– Evidentemente! – exclamou Richard, um pouco palido. – O "F. da Opera" agora passou dos limites. O problema, para ele, formulava-se assim: suprimir todo intermediario perigoso entre aquele que da os vinte mil francos e o que os recebe! Nao havia solucao melhor do que vir pega-los no meu bolso sem que eu percebesse, uma vez que eu nem sequer sabia que eles estavam ali… E admiravel!

– Oh, admiravel, sem duvida! – reiterou Moncharmin. – So esta se esquecendo de uma coisa, Richard, e que, desses vinte mil francos, dez eram meus e nao colocaram nada no meu bolso!

---

123. O frances Jean-Eugene Robert-Houdin (1805-71), cognominado o "pai da magica moderna", e considerado um dos maiores ilusionistas e magicos de todos os tempos, tendo criado todos os "grandes truques" da magica atual. Foi igualmente um grande construtor de automatos. ↩

124. O casamento morganatico e aquele entre um nobre (rei/rainha, príncipe/princesa etc.) e alguem de condicao inferior. ↩

125. Passos do bale classico: o *jete* (frances, literalmente "lancado", "atirado") e um salto de uma perna para outra; o *glissade* (frances, literalmente "deslizamento"), iniciado com um *demi-plie*, consiste no deslizamento de um dos pes em determinada direcao e, logo em seguida, na juncao do outro. ↩

126. Intermedio coreografico numa opera ou numa suíte de dancas. ↩

127. As bailarinas usavam um regador para aspergir o assoalho, de modo a que nao ficasse muito escorregadio. O utensílio pode ser visto como detalhe em diversas telas de Edgar Degas, como *A aula de danca* (1871-74). ↩

128. Uma das personificacoes de Jupiter, deus maior dos romanos, divindade dos raios e trovoes e dos fenomenos atmosfericos de um modo geral. Cultuada em particular no Templo de Jupiter Tonante, construído pelo imperador Augusto em 22 d.C. no monte Capitolio, em Roma. ↩

SINGULAR ATITUDE DE UM ALFINETE DE FRALDA
(*Continuacao*)

A ULTIMA FRASE DE MONCHARMIN exprimia a suspeita que agora ele alimentava com relacao a seu colaborador de maneira clara o bastante para que disso nao resultasse imediatamente uma explicacao tempestuosa, no fim da qual ficou acertado que Richard iria curvar-se a todas as vontades de Moncharmin, com o objetivo de ajuda-lo a descobrir o miseravel que cacoava deles.

Chegamos assim ao "entreato do jardim", durante o qual o sr. secretario Remy, a quem nada escapa, observou com estranheza a curiosa conduta de seus diretores, o que torna ainda mais facil para nos apontar a razao de atitudes tao excepcionalmente barrocas e, sobretudo, tao pouco conformes a ideia que e mister fazer da dignidade diretorial.

A conduta de Richard e Moncharmin era ditada pela revelacao que acabavam de lhes fazer: primeiro, aquela noite, Richard deveria repetir exatamente os gestos que efetuara por ocasiao do desaparecimento dos vinte mil francos; segundo, Moncharmin nao devia perder de vista nem por um segundo o bolso traseiro de Richard, no qual a sra. Giry teria introduzido os segundos vinte mil.

No lugar exato onde se encontrava ao cumprimentar o sr. subsecretario de Belas-Artes, veio posicionar-se o sr. Richard, tendo a poucos passos de distancia, as suas costas, o sr. Moncharmin.

A sra. Giry passa, roca no sr. Richard, livra-se dos vinte mil no bolso de uma das abas do fraque do seu diretor e desaparece… Ou melhor, somem com ela. Executando a ordem que Moncharmin dera-lhe um pouco mais cedo, antes da reconstituicao da cena, Mercier tranca a boa senhora no escritorio da administracao. Assim, sera impossível para a velha

comunicar-se com seu Fantasma. E ela consente, pois Mame Giry nao e mais senao uma pobre figura desplumada, aterrada, abrindo olhos de ave arisca sob uma crista revolta e soltando suspiros de rachar as colunas da grande escadaria.

Nesse intervalo, o sr. Richard se curva, faz a reverencia, cumprimenta e recua, como se tivesse a sua frente aquele funcionario eminente e todo-poderoso que e o sr. subsecretario de Estado de Belas-Artes.

Entretanto tais demonstracoes de polidez, mesmo que nao suscitassem nenhum espanto, caso diante do sr. diretor estivesse o sr. subsecretario de Estado, causaram aos espectadores dessa cena tao natural porem tao inexplicavel uma estupefacao bastante compreensível, ja que diante do sr. diretor nao havia ninguem.

O sr. Richard cumprimentava o vazio… curvava-se diante do vacuo… e recuava, dando marcha a re, perante o nada…

Como se nao bastasse, a poucos passos dele o sr. Moncharmin imitava-o. E empurrando o sr. Remy, suplicava ao sr. embaixador de La Borderie e ao sr. diretor do Credit Central que “nao tocasse no sr. diretor”.

Moncharmin, que tinha uma ideia na cabeca, nao queria que dali a pouco Richard viesse lhe dizer, evaporados os vinte mil francos: “Talvez seja o sr. embaixador ou o sr. diretor do Credit Central, ou ate mesmo o sr. secretario Remy.”

Ainda mais que, por ocasiao da primeira cena, Richard admitira nao ter encontrado ninguem naquela parte do teatro, apos ser rocado pela sra. Giry… Por que entao, eu lhes pergunto, uma vez que eles deviam repetir exatamente os mesmos gestos, encontraria alguem hoje?

Apos um pequeno recuo para fazer a saudacao, Richard, por prudencia, continuou a andar de marcha a re… ate o corredor da administracao… Portanto, continuava vigiado na retaguarda por Moncharmin, enquanto ele mesmo vigiava “suas abordagens” de frente.

Mais uma vez, essa maneira absolutamente inedita de passear nas coxias adotada pelos srs. diretores da Academia Nacional de Musica nao passou desapercebida.

Foi notada.

Felizmente para os srs. Richard e Moncharmin, no momento dessa curiosíssima cena, as ratinhas estavam quase todas nos andares superiores. Pois os srs. diretores teriam causado sensacao junto as mocinhas.

Mas eles so pensavam nos seus vinte mil francos.

Ao chegarem ao penumbroso corredor da administracao, Richard disse em voz baixa a Moncharmin:

– Tenho certeza de que ninguem tocou em mim… agora, afaste-se e me vigie na penumbra ate a porta do meu gabinete… nao devemos alertar ninguem, logo veremos o que vai acontecer…

Mas o sr. Moncharmin replica:

– Nao, Richard, nao…! Va na frente… vou *imediatamente* atras! Estou a menos de um passo!

– Ora – exclama Richard –, assim nunca poderao nos roubar nossos vinte mil francos!

– Assim espero! – declarou Moncharmin.

– Entao o que fazemos e absurdo!

– Estamos fazendo exatamente o que fizemos da ultima vez… Da ultima vez, juntei-me a voce na saída do palco, no canto desse corredor, e segui-o *atras de voce*.

– E, voce esta certo! – suspira Richard, balancando a cabeca e obedecendo passivamente a Moncharmin.

Dois minutos mais tarde, os dois diretores trancavam-se no gabinete da direcao.

Foi o proprio Moncharmin que colocou a chave em seu bolso.

– Ficamos trancados assim da ultima vez – observou –, ate o momento em que voce deixou a Opera para ir para casa.

– E verdade! E ninguem veio nos perturbar?

– Ninguem.

– Entao – deduziu Richard, que se esforcava para juntar suas recordacoes –, entao eu certamente teria sido roubado no trajeto entre a Opera e a minha residencia…

– Nao! – disse Moncharmin num tom mais seco do que nunca. – Isso nao e possível… Fui eu que o deixei em casa no meu coche. Os vinte mil francos *desapareceram na sua casa*, nao tenho mais a menor duvida quanto a isso.

Era essa a ideia que Moncharmin germinava.

– Isso e inacreditavel! – protestou Richard. – Tenho total confianca nos meus criados…! E, se um deles tivesse dado esse golpe, teria fugido em seguida.

Moncharmin deu de ombros, parecendo indicar que nao descia a tais detalhes.

Diante disso, Richard comeca a achar que Moncharmin interpela-o num tom alem do insuportavel.

– Moncharmin, isso ja e demais!

– Richard, isso ja e demais!

– Ousa suspeitar de mim?

– Sim, uma piada de extremo mau gosto!

– Ninguem faz piada com vinte mil francos!

– E justamente o que penso! – declara Moncharmin, abrindo um jornal, em cuja leitura mergulha ostensivamente.

– O que vai fazer? – pergunta Richard. – Vai ler o jornal agora!

– Sim, Richard, ate a hora em que irei acompanha-lo ate sua casa.

– Como da ultima vez?

– Como da ultima vez.

Richard arranca o jornal das maos de Moncharmin. Moncharmin levanta-se, mais irritado do que nunca. Tem diante de si um Richard exasperado que, cruzando os bracos no peito – gesto de insolente desafio desde os primordios do mundo –, lhe diz:

– Eis o que penso. Penso no que poderia pensar se, como da ultima vez, apos passar a noite a sos com voce, voce me levasse ate a minha casa e se, no momento de nos despedirmos, eu constatasse que os vinte mil francos tinham desaparecido do bolso do meu fraque… como da ultima vez.

– E o que poderia pensar? – exclamou Moncharmin, ruborizado.

– Eu poderia pensar que, uma vez que nao se afastou um centímetro de mim e que, em conformidade com seu desejo, voce foi o unico a se aproximar de mim como da ultima vez, eu poderia pensar que, se esses vinte mil francos nao estao mais no meu bolso, ha grande probabilidade de estarem no seu!

Moncharmin da um pulo ante tal hipotese.

– *Oh!* – exclamou. – *Um alfinete de fralda!*

– O que pretende fazer com um alfinete de fralda?

– Prender voce…! Um alfinete de fralda…! Um alfinete de fralda!

– Quer me prender com um alfinete de fralda?

– Sim, junto com os vinte mil francos…! Assim, seja aqui ou no trajeto daqui ate sua residencia ou dentro dela, voce sentira claramente a mao que puxara seu bolso… e vera se e a minha, Richard…! Ah, e voce que suspeita de mim agora… Um alfinete de fralda!

Foi nesse instante que Moncharmin abriu a porta do corredor, gritando:

– Um alfinete de fralda! Quem tem um alfinete de fralda?

E tambem sabemos como, nesse mesmo instante, o secretario Remy, que nao tinha um alfinete de fralda, foi recebido pelo diretor Moncharmin, enquanto um contínuo providenciava para este ultimo o tao desejado alfinete.

Eis o que aconteceu.

Moncharmin, apos fechar a porta, ajoelhou-se atras de Richard.

– Espero – disse – que os vinte mil francos continuem aí…

– Eu tambem – disse Richard.

– Os verdadeiros? – perguntou Moncharmin, dessa vez determinado a nao se deixar "engambelar".

– Olhe! Recuso-me a toca-los – declarou Richard.

Moncharmin retirou o envelope do bolso de Richard e, tremendo, dele retirou as cedulas, pois, dessa vez, para poderem constatar a presenca das cedulas a qualquer momento, nao haviam nem lacrado nem mesmo colado o envelope. Tranquilizou-se, ao constatar que estavam todas ali, verdadeiríssimas. Juntou-as no bolso do fraque e espetou-as com grande cuidado.

Depois disso, sentou-se atras do fraque, do qual nao despregou mais o olho, enquanto Richard, sentado a sua mesa, nao esbocava qualquer movimento.

– Um pouco de paciencia – ordenou Moncharmin –, e questao de minutos. Daqui a pouco o relogio dara as doze badaladas da meia-noite. Foi na decima segunda badalada que partimos da ultima vez.

– Oh, terei toda a paciencia necessaria!

O tempo passava, lento, pesado, misterioso, asfixiante. Richard tentou rir.

– Terminarei acreditando – disse – na onipotencia do Fantasma. Nao acha que, especialmente neste instante, ha na atmosfera deste recinto alguma coisa que inquieta, indispoe, apavora?

– E verdade – admitiu Moncharmin, que estava realmente impressionado.

– O Fantasma! – continuou Richard baixinho e como se temesse ser escutado por invisíveis ouvidos. – O Fantasma! E se fosse mesmo um fantasma que deu nesta mesa as tres batidas secas que ouvimos perfeitamente… que nela deposita os envelopes magicos… que fala no camarote nº5, que mata Joseph Buquet… que solta o lustre… e que nos rouba! Afinal! Afinal! Afinal! Estamos so eu e voce aqui…! Se as cedulas desaparecerem sem a nossa interferencia, minha ou sua… nao nos restara senao acreditar no fantasma… no Fantasma…

Nesse momento, o relogio de pendulo sobre a lareira disparou seu mecanismo e ressoou a primeira pancada da meia-noite.

Os dois diretores sentiram um calafrio. Uma angustia os asfixiava, cujas causas eles nao saberiam dizer e que tentavam em vao combater. O suor escorria sobre suas frontes. E a decima segunda badalada reverberou singularmente em seus ouvidos.

Quando o pendulo se calou, eles deram um suspiro e se levantaram.

– Acho que podemos ir – considerou Moncharmin.

– Creio que sim – cedeu Richard.

– Antes de partirmos, permite que eu verifique o seu bolso?

– Como nao, Moncharmin! E imperioso!

– E entao? – perguntou Richard a Moncharmin, que apalpava.

– E entao continuo a sentir o alfinete.

– Evidentemente, como voce dizia muito bem, nao podem mais nos roubar sem que percebamos.

Mas Moncharmin, cujas maos continuavam ocupadas com o bolso, berrou:

– *Continuo a sentir o alfinete, mas nao sinto mais as cedulas*.

– Nao! Nao brinque, Moncharmin…! Nao e hora para isso.

– Ora, apalpe voce mesmo.

Com um gesto, Richard despe sua casaca. Os dois diretores arrancam o bolso…! *O bolso esta vazio*.

O mais curioso e que o alfinete continuava espetado no mesmo lugar.

Richard e Moncharmin empalideciam. Nao restava mais duvida quanto ao sortilegio.

– O Fantasma – murmura Moncharmin.

Mas Richard avanca bruscamente para o colega.

– So voce tocou no meu bolso…! Devolva meus vinte mil francos…! Devolva meus vinte mil francos…!

– Pela minha alma – suspira Moncharmin, a beira de uma síncope. – Juro que nao estao comigo…

E, como batiam a porta, ele foi abri-la, caminhando num passo quase automatico, mal parecendo reconhecer o administrador Mercier, trocando com ele frases disparatadas, nao compreendendo nada do que o outro lhe dizia; e depositando, com um gesto inconsciente, na mao desse fiel servidor completamente perplexo o alfinete de fralda, que nao lhe era mais de nenhuma serventia…

O COMISSARIO DE POLICIA, O VISCONDE E O PERSA

A PRIMEIRA COISA que o sr. comissario de polícia fez ao entrar na sala da direcao foi pedir notícias da cantora.

– Christine Daae nao esta aqui?

Era seguido, como eu disse, por uma multidao compacta.

– Christine Daae? Nao – respondeu Richard. – Por que?

Quanto a Moncharmin, nao tem mais forcas para pronunciar uma palavra… seu estado de espírito e muito mais grave que o de Richard, pois Richard ainda pode suspeitar de Moncharmin, mas Moncharmin acha-se diante do grande misterio… aquele que causa arrepios na humanidade desde o seu nascimento: o Desconhecido.

Richard prossegue, pois a multidao que cerca os diretores e o comissario observa um silencio impressionante.

– Por que me pergunta, sr. comissario, se Christine Daae esta aqui?

– Porque precisamos encontra-la, srs. diretores da Academia Nacional de Musica – declara solenemente o sr. comissario de polícia.

– Como assim! Precisamos encontra-la? Ela entao desapareceu?

– No meio do espetaculo!

– No meio do espetaculo! Isso e extraordinario!

– Nao e mesmo? E tao extraordinario quanto esse desaparecimento e o fato de ser eu a lhe trazer a notícia!

– Com efeito… – aquiesce Richard, que segura a cabeca com as maos e murmura: – Que historia e essa agora? Oh! francamente, quantos motivos para pedir demissao…!

E arranca alguns pelos do bigode sem sequer perceber:

– Quer dizer – ele balbucia como que num sonho – que ela desapareceu no meio do espetaculo.

– Sim, foi raptada no ato da prisao, no momento em que invocava a ajuda dos ceus, mas duvido que tenha sido raptada pelos anjos!

– E eu tenho certeza disso!

Todo mundo se volta. Um rapaz, palido e tremulo de emocao, repete:

– Tenho certeza disso!

– Tem certeza de que? – interroga-o Mifroid.

– De que Christine Daae foi raptada por um anjo, sr. comissario, e eu poderia lhe dizer seu nome…

– Ah, ah, sr. visconde de Chagny! Esta me dizendo que a srta. Christine Daae foi raptada por um anjo, por um anjo da Opera, sem duvida?

Raoul olha a sua volta. Evidentemente, procura alguem. Nesse minuto em que lhe parece tao necessario pedir que a polícia socorra sua noiva, nao o aborreceria rever aquele misterioso desconhecido que ainda ha pouco lhe recomendava discricao. Mas nao o descobre em parte alguma. Vamos! Ele precisa falar…! Nao saberia, contudo, explicar-se diante daquela multidao que o mira com uma curiosidade indiscreta.

– Sim, senhor, por um anjo da Opera – respondeu ao sr. Mifroid –, e eu lhe direi onde ele mora quando estivermos a sos…

– Tem razao, cavalheiro.

E o comissario de polícia, fazendo Raoul sentar-se ao seu lado, bota todo mundo para fora, exceto naturalmente os diretores, que, nao obstante, nao teriam protestado, de tal forma pareciam acima de todas as contingencias.

Entao Raoul se decide:

– Sr. comissario, esse anjo chama-se Erik, mora na Opera e e o *Anjo da Musica*!

– “O Anjo da Musica”! Serio!! Aí esta uma coisa bem curiosa…! *O Anjo da Musica!*

E, encarando os diretores, o sr. comissario de polícia Mifroid pergunta:

– Os senhores conservam esse anjo nesta casa?

Os srs. Richard e Moncharmin balancaram a cabeca sem sequer sorrirem.

– Oh! – fez o visconde. – Esses senhores certamente ouviram falar do Fantasma da Opera, e ele e o Anjo da Musica sao a mesma coisa. E o seu nome verdadeiro e Erik.

O sr. Mifroid tinha se levantado e observava atentamente Raoul.

– Perdao, cavalheiro, porventura sua intencao e cacoar da Justica?

– Eu! – protestou Raoul, que pensou dolorosamente: “Mais um que nao me dara ouvidos.”

– Entao que conversa fiada e essa de Fantasma da Opera?

– Repito que esses senhores ouviram falar a respeito dele.

– Parece que conhecem o Fantasma da Opera, cavalheiros…

Richard levantou-se, com os ultimos fios do bigode na mao.

– Nao, sr. comissario, nao, nao o conhecemos, mas gostaríamos muito de conhecer! Pois, justo esta noite, ele nos roubou vinte mil francos…!

E Richard voltou para Moncharmin um olhar que parecia dizer: “Devolva-me os vinte mil francos ou eu conto tudo.” Moncharmin compreendeu-o, de modo que, fazendo um gesto de desanimo, suspirou:

– Ah, conte tudo! Conte tudo…!

Quanto a Mifroid, observando alternadamente os diretores e Raoul, perguntava-se se nao tinha se perdido num hospício. Passou a mao no cabelo:

– Um fantasma – disse – que, na mesma noite, rapta uma cantora e rouba vinte mil francos e um fantasma assoberbado! Se me permitem,

vamos ordenar as perguntas. Primeiro a cantora de opera, depois os vinte mil francos! Vamos, sr. de Chagny, sejamos serios. O senhor acredita que a srta. Christine Daae foi sequestrada por um indivíduo chamado Erik. Conhece entao esse indivíduo? Viu-o?

– Sim, sr. comissario.

– Onde isto?

– Num cemiterio.

O sr. Mifroid sobressaltou-se e, continuando a fitar Raoul, disse:

– E obvio…! Em geral e la que encontramos os fantasmas. E o que fazia nesse cemiterio?

– Senhor – explicou Raoul –, reconheco plenamente a estranheza das minhas respostas e o efeito que elas produzem em sua pessoa. Mas suplico que acredite que estou de posse de todas as minhas faculdades. Disso depende a salvacao da pessoa que me e mais cara no mundo, ao lado do meu bem-amado irmao Philippe. Gostaria de convence-lo em poucas palavras, pois a hora urge e os minutos sao preciosos. Infelizmente, se eu nao contar a historia mais estranha do mundo desde o início, o senhor nao acreditara. Vou lhe contar, sr. comissario, tudo que sei sobre o Fantasma da Opera. Ai de mim!, sr. comissario, nao sei muita coisa…

– Fale assim mesmo! Fale assim mesmo! – exclamaram Richard e Moncharmin, subitamente muito interessados.

Infelizmente para a fugaz esperanca que tinham concebido de virem a saber algum detalhe suscetível de coloca-los no rastro do embusteiro, logo tiveram de se render a triste evidencia de que o sr. Raoul de Chagny perdera completamente o juízo. Toda aquela historia de Perros-Guirec, caveiras e violino encantado so poderia ter nascido no cerebro desmiolado de um apaixonado.

Era visível, de resto, que o sr. comissario Mifroid partilhava cada vez mais essa maneira de ver e, certamente, o magistrado teria posto fim aquelas declaracoes sem pe nem cabeca, da qual demos um apanhado na

primeira parte desta narrativa, se as circunstancias por si sos nao tivessem se encarregado de interrompe-las.

A porta acabava de se abrir e entrou um indivíduo trajando um amplo e peculiar redingote e tendo na cabeca uma cartola ao mesmo tempo puída e reluzente, que lhe descia ate as duas orelhas. Correu ate o comissario e confabulou com ele. Era algum agente policial sem duvida, que vinha cumprir alguma missao urgente.

Durante esse coloquio, o sr. Mifroid nao despregava os olhos de Raoul.

Por fim, dirigindo-se a este, disse:

– Cavalheiro, ja falamos o suficiente do Fantasma. Agora, se nao ve inconveniente, falemos um pouco do senhor. Pretendia raptar a srta. Christine Daae esta noite?

– Sim, sr. comissario.

– Na saída do teatro?

– Sim, sr. comissario.

– Tomou todas as providencias nesse sentido?

– Sim, sr. comissario.

– O coche que o trouxe deveria levar a ambos. O cocheiro estava avisado, seu itinerario tracado com antecedencia… Mais que isso! Ele deveria encontrar cavalos descansados em cada escala…

– E verdade, sr. comissario.

– No entanto, seu coche continua aqui, aguardando suas ordens, do lado da Rotunda, certo?

– Sim, sr. comissario.

– Sabia que, ao lado do seu, havia tres outros coches?

– Nao prestei a menor atencao.

– Eram os da srta. Sorelli, que nao encontrou vaga no patio da administracao; da Carlotta; e do seu irmao, o sr. conde de Chagny…

– E possível…

– O que e certo, em contrapartida… e que, se a sua propria equipagem, a da Sorelli e a da Carlotta continuam em seus lugares, no meio-fio da Rotunda… a do sr. conde de Chagny nao esta mais la…

– Isso nao tem nada a ver, sr. comissario.

– Perdao! O sr. conde nao se opunha ao seu casamento com a srta. Daae?

– Isso diz respeito exclusivamente a família.

– O senhor me respondeu… ele se opunha… eis por que o senhor raptava Christine Daae para longe das possíveis interferencias do senhor seu irmao. Pois bem, sr. de Chagny, permita-me informar-lhe que seu irmao foi mais agil que o senhor…! Foi ele quem raptou Christine Daae!

– Oh! – gemeu Raoul, levando a mao ao coracao. – Isso nao e possível… Tem certeza do que diz?

– Logo apos o desaparecimento da artista, que foi arquitetado com cumplices que ainda estabeleceremos, ele pulou dentro do seu coche e saiu desabalado atraves de Paris.

– Atraves de Paris? – rosnou o pobre Raoul. – O que entende por “atraves de Paris”?

– E para fora de Paris…

– Para fora de Paris… que estrada?

– A estrada de Bruxelas.

Um grito rouco escapa da boca do desditoso rapaz.

– Oh! – ele exclama. – Juro que os alcancarei.

E, em dois pulos, estava fora do gabinete.

– Traga-nos ela de volta – grita alegremente o comissario. – Hein? Eis uma informacao que nao fica atras daquela do Anjo da Musica!

Com isso, o sr. Mifroid volta-se para sua plateia estupefata e lhe administra essa pequena licao de polícia honesta, mas de forma alguma pueril:

– Nao sei se foi realmente o sr. conde de Chagny quem raptou Christine Daae… mas preciso saber e, no momento, nao vejo ninguem melhor do que o visconde seu irmao para querer me informar… Neste exato instante, ele corre, voa! E meu principal auxiliar! Eis, cavalheiros, a arte da polícia, julgada tao complicada, a qual, contudo, parece bem simples ao descobrirmos que deve consistir em fazer essa polícia agir, sobretudo usando pessoas que nao pertencem a seus quadros!

Mas o sr. comissario de polícia Mifroid talvez nao ficasse tao satisfeito consigo mesmo se soubesse que a carreira de seu veloz mensageiro tinha sido interrompida no primeiro corredor, esvaziado da multidao de curiosos, que fora dispersada. O corredor parecia deserto.

No entanto, Raoul viu seu caminho barrado por uma grande sombra.

– Aonde vai tao depressa, sr. de Chagny? – perguntou a sombra.

Raoul, impaciente, erguera a cabeca e reconhecera o barrete de astraca. Parou.

– O senhor de novo! – gritou, com uma voz febril. – O senhor que conhece os segredos de Erik e nao quer que eu os mencione. Afinal, quem e o senhor?

– O senhor sabe muito bem…! Sou o Persa! – respondeu a sombra.

O VISCONDE E O PERSA

RAOUL LEMBROU-SE entao de que, certa noite de espetaculo, seu irmao apontara-lhe aquele vago personagem, a cujo respeito tudo se ignorava, salvo que era um persa e que morava num velho e pequeno apartamento a rua de Rivoli.

O homem da tez de ebano, dos olhos de jade e do barrete de astraca inclinou-se para Raoul.

– Espero, sr. de Chagny, que nao tenha traído o segredo de Erik!

– E por que eu hesitaria em trair esse monstro, senhor? – replicou Raoul com altivez, tentando livrar-se do importuno. – Por acaso e seu amigo?

– Espero que nao tenha falado nada sobre Erik, cavalheiro, porque o segredo de Erik e o de Christine Daae! E falar de um e falar da outra!

– Oh, senhor! – exclamou Raoul, cada vez mais impaciente. – O senhor parece estar a par de muitas coisas que me interessam, pena que nao tenho tempo de ouvi-lo!

– Mais uma vez, sr. de Chagny, aonde vai com tanta pressa?

– Nao adivinha? Socorrer Christine Daae…

– Entao, cavalheiro, fique…! Pois Christine Daae esta aqui…!

– Com Erik?

– Com Erik!

– Como sabe disso?

– Estava assistindo ao espetaculo e so existe um Erik no mundo capaz de maquinar esse rapto… Oh! – suspirou profundamente. – Reconheci a mao do monstro…!

– Entao o conhece?

O Persa nao respondeu, mas Raoul ouviu um novo suspiro.

– Senhor – disse Raoul –, ignoro quais sao suas intencoes… mas pode fazer algo por mim…? Isto e, por Christine Daae?

– Creio que sim, sr. de Chagny, eis por que o abordei.

– O que pode fazer?

– Tentar leva-lo ate ela… e ate ele!

– Senhor! Esta e uma empreitada que ja tentei em vao esta noite… mas, se me fizer esse obsequio, minha vida lhe pertence…! Senhor, mais uma coisa: o comissario acaba de me informar que Christine Daae foi raptada pelo meu irmao, o conde Philippe…

– Oh, sr. de Chagny, nao acredito nada nisso…

– Impossível, nao e mesmo?

– Nao sei se e impossível, mas ha muitas formas de rapto e, ao que eu saiba, o sr. conde Philippe *nunca trabalhou com ilusionismo*.

– Seus argumentos impressionam, cavalheiro, e eu nao passo de um louco…! Depressa! Depressa! Entrego-me inteiramente ao senhor…! Como nao lhe dar credito quando mais ninguem acredita em mim? Quando e o unico a nao sorrir ao escutar o nome de Erik!

Dizendo isso, o rapaz, cujas maos ardiam em febre, tinha, num gesto espontaneo, tomado as maos do Persa. Estavam geladas.

– Silencio! – disse o Persa, parando, a espreita dos rumores distantes do teatro e dos menores estalidos que se produziam nas paredes e corredores adjacentes. – Nao enunciemos mais esta palavra aqui. Falemos "*Ele*"; teremos menos chances de atrair sua atencao…

– Julga-o entao bem proximo de nos?

– Tudo e possível, cavalheiro… se, neste momento, ele nao estiver com sua vítima *na morada do lago*.

– Ah, o senhor tambem conhece essa tal morada?

– Se nao esta em sua morada, ele pode estar dentro dessa parede, dentro desse assoalho, dentro desse teto! Como vou saber…? O olho nessa fechadura…! O ouvido nessa viga…!

E o Persa, pedindo-lhe que amortecesse o barulho de seus passos, arrastou Raoul por corredores que o rapaz nunca vira, nem mesmo nos tempos em que Christine guiava-o por aquele labirinto.

– Tomara – disse o Persa –, tomara que Darius tenha chegado!

– Quem e esse Darius? – interrogou novamente o moco, correndo.

– Darius e meu criado…!

Encontravam-se nesse momento no centro de uma verdadeira praca deserta, salao imenso que um toco de vela mal iluminava. O Persa deteve Raoul e, baixinho, tao baixinho que Raoul tinha dificuldade para ouvi-lo, perguntou-lhe:

– O que o senhor disse ao comissario?

– Disse-lhe que o raptor de Christine Daae era o Anjo da Musica, vulgo Fantasma da Opera, e que seu verdadeiro nome era…

– Shhh… E o comissario acreditou?

– Nao.

– Nao deu nenhuma importancia ao que o senhor dizia?

– Nenhuma!

– Tomou-o por um louco?

– Sim.

– Melhor assim! – suspirou o Persa.

E seguiram adiante.

Apos subirem e descerem varias escadas desconhecidas de Raoul, os dois homens viram-se diante de uma porta, que o Persa abriu com uma pequena gazua que tirou do bolso do colete. O Persa, como Raoul, estava

naturalmente de fraque. So que, enquanto Raoul usava uma cartola, o Persa tinha na cabeca um barrete de astraca, ja mencionado por mim. Aquilo era uma excrescencia no codigo de elegancia que regia as coxias, onde e exigida a cartola, mas ninguem ignora que na Franca permite-se tudo aos estrangeiros: o bone de viagem aos ingleses, o barrete de astraca aos persas.

– Cavalheiro – disse o Persa –, sua cartola sera um estorvo na expedicao que planejamos… Melhor deixa-la no camarim…

– Que camarim? – indagou Raoul.

– Ora, no de Christine Daae!

E, tendo feito Raoul atravessar a porta que acabava de abrir, o Persa apontou, a sua frente, o camarim da atriz.

Raoul ignorava ser possível chegar ao camarim de Christine por um caminho diferente do que costumava usar. Encontrava-se entao na ponta do corredor que ele tinha o habito de atravessar antes de bater a porta do camarim.

– Oh, o senhor conhece bem a Opera!

– Nao tanto quanto *ele*! – respondeu modestamente o Persa.

E empurrou o rapaz para dentro do camarim de Christine.

O aposento achava-se tal como ele o deixara momentos antes.

Apos fechar a porta, o Persa dirigiu-se ate o painel bem fino que separava o camarim de uma saleta que o sucedia. Escutou, depois pigarreou bem alto.

Imediatamente ouviram alguma coisa se mexer dentro desse quartinho e, logo em seguida, alguem batia a porta do camarim.

– Entre! – disse o Persa.

Um homem entrou, vestindo igualmente um barrete de astraca e uma comprida opalanda.

Cumprimentou e puxou de sua veste uma caixa ricamente cinzelada. Depositou-a na mesa de toalete, cumprimentou novamente e dirigiu-se a porta.

– Ninguem o viu entrar, Darius?

– Nao, patrao.

– Que ninguem o veja sair.

O criado arriscou uma espiada no corredor e, num piscar de olhos, desapareceu.

– Senhor – alertou Raoul –, algo me ocorre. E que podem muito bem nos flagrar aqui, o que evidentemente nos traria aborrecimentos. O comissario faria uma varredura completa neste camarim.

– Bah! Nao e o comissario que devemos temer.

O Persa abrira a caixa. Nela, havia um par de longas pistolas com desenhos e ornamentos magníficos.

– Logo apos o rapto de Christine Daae, ordenei ao meu criado que me trouxesse essas armas, cavalheiro. Conheco-as ha muito tempo, sao da minha confianca.

– Pretende bater-se em duelo? – interrogou o rapaz, surpreso com a chegada daquele arsenal.

– Com efeito, e de um duelo que estamos a caminho, senhor – o outro respondeu, examinando a espoleta de suas pistolas. – E que duelo!

Dizendo isso, estendeu uma pistola a Raoul e continuou a falar:

– Nesse duelo, seremos dois contra um, mas esteja preparado para tudo, cavalheiro, pois nao lhe escondo que vamos lidar com o mais terrível adversario que possa imaginar. Mas ama Christine Daae, estou certo?

– E como, senhor! Mas o senhor, que nao a ama, me explique por que o vejo disposto a arriscar sua vida por ela…! O senhor certamente odeia Erik!

– Nao, cavalheiro – disse tristemente o Persa –, nao o odeio. Se o odiasse, ha muito tempo que ele nao prejudicaria mais ninguem.

– Ele prejudicou o senhor…?

– O mal que ele me fez eu perdoei.

– E absolutamente extraordinario – continuou o rapaz – ouvi-lo falar desse homem! Chama-o de monstro, menciona seus crimes, ele lhe fez mal e encontro no senhor a mesma e paradoxal piedade que me desesperava na propria Christine…!

O Persa nao respondeu. Tinha ido pegar um banquinho alto e foi recosta-lo na parede oposta ao grande espelho que ocupava todo o lanco frontal. Em seguida, subira no banquinho e, com o nariz no papel que revestia a parede, parecia procurar alguma coisa.

– E entao, cavalheiro! – disse Raoul, que fervilhava de impaciencia. – Estou esperando. Vamos!

– Vamos aonde? – perguntou o outro, sem desviar a cabeca.

– Ora, atras do monstro! Descamos! Nao me disse que tinha meios para isso?

– Estou procurando.

E o nariz do Persa passeou novamente ao longo de toda a parede.

– Ei! – exclamou de repente o homem do barrete. – E aqui!

E seu dedo, acima de sua cabeca, pressionou num canto do desenho do papel.

Em seguida, virou-se e pulou do banquinho.

– Dentro de meio minuto – advertiu – estaremos *no caminho dele*!

E, atravessando todo o camarim, foi apalpar o grande espelho.

– Oh, sairemos pelo espelho…! – exclamou Raoul. – Como Christine!

– Entao sabia que Christine Daae tinha saído por esse espelho?

– Na minha frente, senhor…! Eu estava escondido aqui, atras da cortina do gabinete de toalete, e a vi desaparecer, nao pelo espelho, mas dentro do espelho!

– E o que fez?

– Acreditei, senhor, numa aberracao dos meus sentidos! Em loucura! Em sonho!

– Em algum novo capricho do Fantasma… – riu o Persa. – Ah, sr. de Chagny – ele continuou, sempre com a mao no espelho –, quisera o ceu que estivessemos lidando com um fantasma! Poderíamos deixar nosso par de pistolas no estojo…! Deixe a sua cartola aqui, por favor… aqui… e agora feche sua casaca o maximo que puder sobre o peitilho… como eu… abaixe as lapelas… levante a gola… temos que nos fazer tao invisíveis quanto possível…

Acrescentou ainda, apos um curto silencio e pressionando o espelho:

– O disparo do contrapeso, quando acionamos a mola dentro do camarim, demora um pouco a produzir seu efeito. Bem diferente quando estamos atras da parede e podemos agir diretamente sobre o contrapeso. Entao o espelho gira instantaneamente e desliza com uma rapidez vertiginosa…

– Que contrapeso? – perguntou Raoul.

– Ora bolas, o que levanta todo esse lanco da parede sobre seu eixo! Achava que ele se deslocasse sozinho, que fosse bruxaria!

E o Persa, puxando Raoul com uma das maos, continuava a apoiar a outra (a que segurava a pistola) contra o espelho.

– Daqui a pouco, se prestar bem atencao, vera o espelho levantar poucos milímetros e depois se deslocar outros tantos milímetros da esquerda para a direita. Ele entao ira encaixar-se sobre um eixo e girar. Impressionante o que se pode fazer com um contrapeso! Uma crianca, com o mindinho, pode fazer uma casa girar… quando uma parede, por

mais pesada que seja, e levada para o seu eixo pelo contrapeso, bem equilibrado, ela nao pesa mais que um piao sobre sua ponteira.

– Nao esta girando! – constatou Raoul, impaciente.

– Espere um pouco! Tem todo o tempo do mundo para se impacientar, cavalheiro! O mecanismo, evidentemente, esta enferrujado ou a mola enguicou.

A fronte do Persa manifestou preocupacao.

– E depois, pode haver outra coisa.

– O que seria, cavalheiro?

– Talvez ele tenha simplesmente cortado a corda do contrapeso e travado todo o sistema…

– Por que? Ele nao ignora que vamos descer por aqui?

– Talvez desconfie, pois nao ignora que conheco o sistema.

– Foi ele que lhe mostrou?

– Nao! Fui atras dele e, estudando seus desaparecimentos misteriosos, descobri. Oh, e o sistema mais simples das portas secretas! Um mecanismo que data dos palacios sagrados de Tebas das Cem Portas,[129] como a sala do trono de Ecbatana,[130] como a sala da trípode em Delfos.[131]

– Nao esta girando…! E Christine, senhor…! Christine…!

O Persa disse friamente:

– Faremos tudo que e humanamente possível fazer…! Mas ele pode nos deter nos primeiros passos!

– Ele entao e o senhor dessas paredes?

– Ele comanda as paredes, as portas e os alcapoes. Em nosso país, chamavam-no com um nome que significa “o mago dos alcapoes”.

– Foi assim que Christine falou… com o mesmo misterio e conferindo-lhe o mesmo terrível poder…! Mas tudo isso me parece extraordinario

alem do limite…! Por que essas paredes so obedecem a ele? Foi ele quem as construiu?

– Sim, senhor!

Como Raoul, pasmo, observava, o Persa fez-lhe sinal para se calar, depois apontou o espelho… Foi como um reflexo tremulo. A imagem dos dois turvou-se como numa onda encrespada e tudo voltou a ficar imovel.

– Esta vendo, cavalheiro, que isso nao funciona! Tomemos outro caminho!

– Esta noite e unica! – declarou o Persa, com uma voz singularmente lugubre. – E agora, atencao! Esteja preparado para atirar!

Ele proprio ergueu sua pistola diante do espelho. Raoul imitou seu gesto. Com o braco que ficara livre, o Persa puxou o rapaz ate o seu peito e subitamente, numa fulgurancia, num cruzamento de fogos ofuscante, o espelho girou; igual a uma dessas portas giratorias compartimentadas que agora dao acesso aos estabelecimentos publicos… girou, carregando Raoul e o Persa em seu movimento irresistível e lancando-os bruscamente da luz plena na mais profunda escuridao.

---

129. Tebas: nome grego da antiga cidade egípcia de Uaset, capital do Novo Imperio (1580-1077 a.C.), famosa por suas cem portas, conquistada por Alexandre no sec.IV a.C. ↩

130. Cidade milenar, conquistada por diversos povos, situada no antigo Ira. ↩

131. A trípode era uma especie de banquinho de bronze, com tres pes, sobre o qual se sentava a Pítia, adivinha do oraculo de Delfos, na Grecia. Ver tambem nota 105. ↩

NOS POROES DA OPERA

– COM A MAO ERGUIDA, pronta para atirar! – repetiu o companheiro de Raoul.

Atras deles, a parede, completando uma volta sobre si mesma, se fechara.

Os dois homens permaneceram imoveis por alguns instantes, prendendo a respiracao.

Nas trevas, reinava um silencio que nada vinha perturbar.

Por fim, o Persa resolveu fazer um movimento e Raoul ouviu-o deslizando de joelhos, procurando alguma coisa na noite, as apalpadelas.

Subito, diante do rapaz, as trevas se dissiparam tenuamente a luz de uma pequena lanterna-lamparina, e Raoul recuou instintivamente, como se escapando a investigacao de um inimigo secreto. Mas logo compreendeu que aquele fogo pertencia ao Persa, de quem ele nao perdia nenhum gesto. O pequeno facho vermelho passeava pelas paredes, para cima, para baixo, a volta deles, meticulosamente. Aquelas paredes eram formadas, a direita, por um muro, a esquerda, por uma divisoria de tabuas, em cima e embaixo, por um forro e um assoalho. Raoul ruminava que Christine passara por ali no dia em que seguira a voz do "Anjo da Musica". Devia ser aquele o caminho costumeiro de Erik quando, atraves das paredes, vinha iludir a boa-fe e fustigar a inocencia de Christine. Lembrando-se das palavras do Persa, Raoul conjecturou que aquele caminho fora misteriosamente idealizado e construído pelo proprio Fantasma. Ora, mais tarde viria a saber que Erik encontrara ali, como que preparado para ele, um corredor secreto, de cuja existencia ele continuara a ser o unico a saber. Havia sido aberto por ocasiao da Comuna de Paris para permitir aos carcereiros conduzirem seus prisioneiros diretamente as masmorras

construídas nos poroes, pois os federados[132] haviam ocupado o predio imediatamente depois do 18 de marco[133] e transformado seus telhados numa base de partida para os balonistas encarregados de levarem suas proclamacoes incendiarias aos departamentos, e seu porao mais subterraneo numa prisao de Estado.

O Persa pusera-se de joelhos e deixara sua lamparina no chao. Parecia ocupado escarafunchando o assoalho, quando, de repente, velou sua luz.

Raoul ouviu entao um debil clique e percebeu um quadrado luminoso bem claro no chao do corredor. Era como se uma janela acabasse de se abrir para os poroes ainda iluminados da Opera. Raoul nao via mais o Persa, mas sentiu-o subitamente ao seu lado e ouviu sua respiracao.

– Siga-me e faca tudo que eu fizer.

Raoul foi guiado ate a claraboia luminosa. Entao viu o Persa, que, ainda ajoelhado e pendurando-se na claraboia com as maos, entranhava-se no subterraneo. O Persa colocara a pistola entre os dentes.

Coisa curiosa, o visconde tinha plena confianca no Persa. Apesar de ignorar tudo sobre ele, e de a maioria de suas afirmacoes so ter feito aumentar o carater obscuro daquela aventura, nao hesitava em crer que, naquela hora decisiva, o Persa estava do seu lado contra Erik. Sua emocao lhe parecera sincera quando ele falara do “monstro”; o interesse que demonstrava por ele nao parecia nem um pouco suspeito. Por fim, se o Persa tivesse alimentado algum plano sinistro contra Raoul, nao teria sido seu artífice. E, para resumir, Raoul nao precisava encontrar Christine a todo custo? Nao tinha outra escolha. Se tivesse hesitado, mesmo duvidando das intencoes do Persa, teria se considerado o ultimo dos covardes.

Foi a vez de Raoul se ajoelhar e se pendurar no alcapao com as duas maos. “Solte-se!”, ele ouviu. E caiu nos bracos do Persa, que lhe ordenou imediatamente que se pusesse de barriga no chao, fechou o alcapao acima de suas cabecas, sem que Raoul atinasse seu estratagema, e foi deitar-se ao

lado do visconde. Este quis lhe fazer uma pergunta, mas a mao do Persa tapou-lhe a boca e ele ouviu imediatamente uma voz, que reconheceu como sendo a do comissario de polícia que acabara de interroga-lo.

Raoul e o Persa encontravam-se entao ambos atras de uma divisoria que os dissimulava perfeitamente. Proximo dali, uma escada subia ate um pequeno aposento, onde o comissario parecia andar de um lado para o outro fazendo perguntas, pois ouvia-se o barulho de seus passos junto com sua voz.

Embora a luz sobre os objetos fosse bem tenue, Raoul, saindo da densa escuridao que reinava no corredor secreto superior, nao teve dificuldade em distinguir a forma das coisas.

Nao pode reprimir uma surda exclamacao, pois havia ali tres cadaveres.

O primeiro estava deitado no estreito patamar superior da escadinha que subia ate a porta, atras da qual se ouvia o comissario; os outros dois tinham rolado ate o pe da escada, com os bracos cruzados. Se passasse os dedos atraves da divisoria que o escondia, Raoul teria conseguido tocar a mao de um daqueles infelizes.

– Silencio! – disse ainda o Persa num sopro.

Ele tambem vira os corpos estendidos e com uma palavra explicou tudo:

– *Ele!*

A voz do comissario ressoava com mais nitidez. Exigia explicacoes sobre o sistema de iluminacao, que o contrarregra lhe dava. O comissario devia entao estar junto aos tubos do “orgao” ou em suas dependencias. Ao contrario do que se poderia crer, sobretudo em se tratando de um teatro de opera, os tubos do “orgao” nao se destinavam a fazer musica.

Nessa epoca, a eletricidade so era empregada para determinados efeitos cenicos bastante restritos e para as campainhas. O imenso predio e o proprio palco ainda eram iluminados a gas, e era sempre com hidrogenio que se ajustava e alterava a iluminacao de um cenario, e isso por meio de

um aparelho especial cujos multiplos tubos fizeram-no ser apelidado de “orgao”.

Um desvao, ao lado do buraco do ponto,[134] era reservado ao diretor de iluminacao, que de la dava ordens a seus auxiliares e verificava sua execucao. Era nesse desvao que ficava Mauclair.

Ora, Mauclair nao estava em seu cubículo nem os auxiliares em seus postos.

– Mauclair! Mauclair!

A voz do contrarregra repercutia agora feito um tambor nos poroes. Mas Mauclair nao respondia.

Dissemos que uma porta dava para uma escadinha que subia do segundo porao. O comissario empurrou-a, mas ela resistiu:

– Estranho, muito estranho! – disse. – Veja, sr. contrarregra, nao consigo abrir essa porta… ela e sempre tao difícil assim?

O contrarregra, com uma vigorosa ombrada, empurrou a porta. Percebendo que empurrava ao mesmo tempo um corpo humano, nao conseguiu conter uma exclamacao – aquele corpo, ele reconheceu imediatamente:

– Mauclair!

Todos os personagens que haviam seguido o comissario naquela visita ao “orgao” avancaram, inquietos.

– Coitado! Esta morto – gemeu o contrarregra.

Mas o sr. comissario Mifroid, a quem nada surpreende, ja se debrucava sobre aquele corpanzil.

– Nao – constatou –, esta em coma alcoolico. Nao e a mesma coisa.

– Seria a primeira vez – declarou o contrarregra.

– Entao deram-lhe um narcotico… E bem possível.

Mifroid levantou-se, desceu ainda alguns degraus e exclamou:

– Vejam!

A luz de um pequeno refletor vermelho, ao pe da escada, havia dois outros corpos estendidos. O contrarregra reconheceu os auxiliares de Mauclair… Mifroid desceu, auscultou-os.

– Dormem profundamente – disse. – Caso dos mais curiosos. Nao podemos mais duvidar da intervencao de um desconhecido no setor da iluminacao… e esse desconhecido evidentemente trabalhava para o raptor…! Mas que ideia esquisita raptar uma artista em cena…! Isso e que e abusar da dificuldade, ou nao me chamo Mifroid! Mandem chamar o medico do teatro.

E o sr. Mifroid repetiu:

– Realmente, caso dos mais curiosos!

Em seguida, voltou-se para o interior do pequeno aposento, dirigindo-se a pessoas que, do lugar onde estavam, nem Raoul nem o Persa podiam perceber.

– O que me dizem de tudo isso, senhores? – perguntou. – So os senhores nao deram sua opiniao. Mas devem ter sua opiniaozinha…

Entao, no topo da escada, Raoul e o Persa viram os dois semblantes irritados dos srs. diretores avancar – so se viam seus rostos acima do patamar superior da escada – e ouviram a voz transtornada de Moncharmin:

– Estao acontecendo coisas inexplicaveis aqui, sr. comissario.

E os dois rostos desapareceram.

– Obrigado pela informacao, senhores – disse Mifroid, ironico.

Mas o contrarregra, cujo queixo repousava entao na concha de sua mao direita, gesto da reflexao profunda, enunciou:

– Nao e a primeira vez que Mauclair dorme no teatro. Lembro-me de encontra-lo certa noite roncando em seu cubículo, ao lado de sua caixinha de rape.

– Faz muito tempo isso? – perguntou Mifroid, limpando com um cuidado meticuloso as lentes de seus oculos, pois o sr. comissario era míope, como acontece com os mais belos olhos do mundo.

– Santo Deus…! – exclamou o contrarregra. – Nao, nao faz muito tempo… Vejamos…! Era a noite… Sim, claro… a noite em que a Carlotta, como o senhor sabe muito bem, sr. comissario, deu o seu famigerado "croac"!

– Mesmo? A noite em que a Carlotta deu o seu malfadado "croac"?

O sr. Mifroid recolocou no nariz os oculos de lentes translucidas e fitou atentamente o contrarregra, como se quisesse penetrar seu pensamento.

– Quer dizer que Mauclair gosta de uma *prise*…?[135] – perguntou, num tom negligente.

– Sim, sr. comissario…. Veja, eis aqui sobre essa mesinha sua caixinha de rape… Oh, era um grande cheirador de rape!

– E eu tambem! – disse o sr. Mifroid, e colocou a caixinha em seu bolso.

Raoul e o Persa, sem que ninguem suspeitasse de sua presenca, assistiram ao traslado dos tres corpos, que maquinistas vieram retirar. O comissario seguiu-os e todos subiram atras dele novamente. Ouviram-se, ainda por alguns instantes, seus passos ressoando no palco.

Quando ficaram a sos, o Persa fez um sinal para Raoul levantar-se. Este obedeceu, mas como, ao mesmo tempo, nao recolocara a mao erguida na altura dos olhos, pronta para atirar, como o Persa sempre fazia, este ordenou-lhe que adotasse aquela posicao e nao saísse dela, acontecesse o que acontecesse.

– Mas isso cansa a mao inutilmente! – murmurou Raoul. – Se tiver que atirar, nao sentirei firmeza!

– Passe entao a arma para a outra mao! – cedeu o Persa.

– Nao sei atirar com a canhota!

A que o Persa respondeu com esta declaracao bizarra, que, para o cerebro transtornado do rapaz, evidentemente nao esclarecia em nada a situacao:

– Nao se trata de atirar com a mao esquerda ou a direita; trata-se de ter uma das maos posicionada como se fosse apertar o gatilho de uma pistola, com o braco flexionado; quanto a pistola em si, no fim das contas, pode guarda-la no bolso.

E acrescentou:

– Que isto fique entendido, ou nao respondo por mais nada! E uma questao de vida ou morte. Agora, silencio e siga-me!

Estavam entao no segundo porao; Raoul enxergava apenas alguns cotos de vela, imoveis, aqui e ali, em suas prisoes de vidro, uma ínfima parte daquele abismo extravagante, sublime e infantil, divertido como uma caixa de marionetes, assustador como um abismo, que sao os poroes da Opera.

Sao em numero de cinco e sao prodigiosos. Reproduzem todos os planos do palco, seus alcapoes e escotilhas. Apenas as calhas[136] sao substituídas por trilhos. Estruturas transversais suportam alcapoes e escotilhas. Colunas, repousando sobre cubos de ferro fundido ou pedra, ampulhetas ou "cartolas",[137] formam series de cenarios moveis que permitem dar passagem as "glorias"[138] e outras combinacoes ou truques. A estabilidade desses aparelhos e proporcionada por ganchos de ferro que os ligam uns aos outros e de acordo com as necessidades do momento. Traineis, tambores e contrapesos sao generosamente distribuídos pelos poroes. Servem para manobrar os grandes cenarios, para operar as mudancas visuais, provocar o desaparecimento subito dos personagens magicos. E a partir dos poroes, disseram os srs. X, Y e Z, que consagraram a obra de Garnier um estudo interessante, e a partir dos poroes, disseram, que se transformam invalidos em belos cavaleiros, bruxas horríveis em fadas radiantes de juventude. Satanas vem dos poroes, assim como nele adentra. Dele escapam as luzes do inferno, nele instalam-se os coros dos demonios.

E os fantasmas circulam ali como se estivessem em casa…

Raoul seguia o Persa, obedecia ao pe da letra as suas recomendacoes, sem tentar compreender os gestos que ele lhe ordenava… ruminando que ele era sua unica esperanca.

O que faria sem o seu companheiro naquele dedalo assustador?

Nao teria parado a cada passo, no entrecruzamento prodigioso das vigas e das cordas? Nao terminaria prisioneiro, incapaz de se desvencilhar daquela gigantesca teia de aranha?

E se tivesse conseguido atravessar aquela rede de cabos e contrapesos que renasciam incessantemente a sua frente, nao correria o risco de cair num daqueles buracos que volta e meia se abriam sob seus passos, cujo fundo tenebroso o olho nao percebia?

Desciam… Continuavam a descer…

Estavam agora no terceiro porao.

Sua incursao continuava iluminada por algum toco de vela distante.

Quanto mais desciam, mais precaucoes o Persa parecia tomar… Virava-se o tempo todo para Raoul, indicando-lhe a postura apropriada, a maneira como ele mesmo posicionava o punho, agora desarmado, mas sempre como se estivesse apontando uma pistola, pronto a atirar.

De repente, uma voz tonitruante pregou-os no lugar. Alguem, acima deles, gritava.

– Todos os “fechadores de portas” ao palco! E uma ordem do comissario de polícia.

Ouviram-se passos, sombras deslizarem no escuro. O Persa puxara Raoul para tras de um trainel… Viram passar diante deles, um pouco acima, velhinhos vergados pelos anos e pelo antigo fardo dos cenarios de opera. Alguns mal conseguiam se arrastar… outros, por habito, com a espinha curvada e as maos a frente, procuravam portas para fechar.

Pois eram os “fechadores de portas”… Maquinistas veteranos e esgotados, dos quais uma caridosa direcao tivera piedade. Constituíra-os fechadores de portas nos poroes e sotaos. Iam e vinham incessantemente para cima e para baixo do palco com a missao de fechar as portas – sendo tambem chamados naquela epoca, pois desde entao creio que morreram todos, “cacadores de correntes de ar”.

Correntes de ar, venham de onde vierem, sao muito ruins para a voz.[139]

No fundo, o Persa e Raoul regozijaram-se com aquele incidente, que os desvencilhava de testemunhas incomodas, pois alguns fechadores de portas, inativos e sem domicílio, permaneciam na Opera, onde passavam a noite por preguica ou necessidade. Era possível tropecar neles, acorda-los ou suscitar um pedido de explicacoes. A convocacao do sr. Mifroid preservava nossos dois companheiros desses maus encontros.

Mas nao puderam desfrutar daquela solidao por muito tempo… Outras sombras agora desciam pelo mesmo caminho pelo qual os fechadores de portas haviam subido. Cada sombra carregava a sua frente uma pequena lamparina… que balancava energicamente, movendo-as para cima e para baixo… examinando tudo a sua volta e, com toda evidencia, parecendo procurar alguma coisa ou alguem.

– Diabos! – murmurou o Persa. – Nao sei o que procuram, mas poderiam muito bem nos encontrar… fujamos…! Depressa…! A mao em guarda, senhor, sempre pronta para atirar…! Dobremos o braco, mais, assim…! A mao na altura do olho, como se o senhor fosse se bater em duelo, esperando a ordem de “fogo!”… Deixe a pistola no bolso…! Depressa, descamos! (Arrastava Raoul para o quarto porao)… na altura do olho, questao de vida ou morte…! Aqui, por aqui, essa escadinha! (Chegavam ao quinto porao)… Ah, que duelo, cavalheiro, que duelo…!

Chegando ao pe do quinto porao, o Persa deu um suspiro… Parecia sentir-se um pouco mais seguro do que demostrara havia pouco quando os dois tinham parado no terceiro, mas mesmo assim nao desfazia a posicao da mao…!

Raoul teve tempo de se espantar mais uma vez – sem, de resto, fazer qualquer nova observacao, qualquer!, pois na verdade nao era o momento –, de se espantar, eu dizia, em silencio, diante daquela extraordinaria concepcao de defesa pessoal que consistia em conservar a pistola no bolso enquanto a mao permanecia pronta para servir-se dela como se ela ainda estivesse ali, na altura do olho: posicao de espera da ordem "fogo!" no duelo da epoca.

A esse respeito, Raoul ainda ruminava: "Lembro-me muito bem de ele ter dito: 'Sao pistolas da minha confianca.'" Daí parecer-lhe logico tirar essa conclusao interrogativa: "O que adianta confiar numa pistola que ele proprio julga inutil usar?"

Mas o Persa deteve-o em suas vagas tentativas de elucubracao. Fazendo-lhe sinal para nao sair do lugar, subiu alguns degraus da escada que acabavam de deixar. Contudo, voltou quase imediatamente para junto de Raoul.

– Como somos estupidos – sussurrou-lhe –, daqui a pouco estaremos livres das sombras com lamparinas… Sao os bombeiros fazendo sua ronda.[140]

Os dois homens puseram-se entao na defensiva durante pelo menos cinco longos minutos, depois o Persa arrastou novamente Raoul ate a escada que acabavam de descer. De repente, porem, um gesto seu impos-lhe novamente a imobilidade.

Algo na noite mexeu-se a frente deles.

– Barriga no chao! – sussurrou o Persa.

Os dois homens deitaram-se.

Foi por um triz.

Uma sombra, que dessa vez nao carregava nenhuma lamparina… uma simples sombra a sombra atravessava.

Passou rente a eles, tocando-os.

Em seus rostos, eles sentiram o bafio quente do seu manto…

Pois puderam distinguir nitidamente a sombra e ver que um manto a envolvia da cabeca aos pes. Na cabeca, um chapeu de feltro mole.

Ela se afastou, raspando o pe nas paredes e, vez por outra, tropecando nos cantos.

– Ufa! – suspirou o Persa. – Escapamos de boa… Essa sombra me conhece e ja me levou duas vezes de volta a sala da direcao.

– E alguem da polícia do teatro? – perguntou Raoul.

– E alguem muito pior! – respondeu o Persa sem outra explicacao.[141]

– Nao e… *ele*?

– *Ele*…? Se ele nao chegar por tras, certamente veremos seus olhos de ouro…! E a nossa vantagem na noite. Mas ele pode chegar por tras… sorrateiramente… e estaremos mortos se nao mantivermos nossas maos como se fossem atirar, na altura do olho, a nossa frente!

O Persa nao terminara de reiterar aquela "linha de atitude" quando, diante dos dois homens, surgiu um rosto fantastico.

Um rosto inteiro… um rosto; nao so dois olhos de ouro, mas um rosto inteiro luminoso… um rosto inteiro em fogo!

Sim, um rosto em fogo que avancava na altura de um homem, porem *sem corpo*!

Esse rosto expelia fogo.

Parecia, na noite, uma chama com a forma de rosto humano.

– Oh! – o Persa rangeu os dentes. – E a primeira vez que a vejo…! O chefe dos bombeiros nao esta louco! Ele de fato a viu…! Que chama era aquela? Nao e *ele*! Mas talvez tenha sido *ele* que a enviou…! Atencao…! Atencao…! A mao na altura do olho, em nome dos ceus… na altura do olho!

O rosto de fogo, que parecia um rosto de inferno, de demonio incandescente, continuava a avancar na altura de um homem, sem corpo,

a frente dos dois homens atonitos.

– Talvez *ele* nos envie esse rosto pela frente para nos pegar de surpresa por tras… ou pelos flancos… com ele, nunca se sabe…! Conheco bem seus truques…! Mas este…! Este… eu ainda nao conhecia…! Fujamos…! Por prudencia, nao e mesmo…? Por prudencia…! A mao na altura dos olhos.

E ambos fugiram pelo longo corredor subterraneo que se abria a sua frente.

Ao fim de alguns segundos dessa carreira, que lhes pareceram compridíssimos, eles pararam.

– No entanto – observou o Persa –, ele raramente vem por aqui! Esse lado nao lhe diz respeito…! Esse lado nao conduz ao lago nem a morada do lago…! Mas talvez ele saiba que estamos no *seu encalco*…! Embora eu tenha prometido deixa-lo tranquilo e nao dar mais pelota para suas historias.

Dizendo isso, voltou a cabeca e Raoul tambem voltou a sua.

Ora, continuavam a ver a cabeca de fogo atras de suas duas cabecas. Ela os seguira… Devia ter corrido tambem, e mais rapido do que eles, pois lhes pareceu que se aproximara.

Ao mesmo tempo, comecaram a discernir certo rumor cuja natureza era impossível adivinhar; simplesmente deram-se conta de que o rumor parecia deslocar-se e aproximar-se junto com a chama-rosto-de-homem. Eram rangidos, ou melhor, arranhoes, como se milhares de unhas raspassem um quadro-negro, barulho terrivelmente insuportavel, que as vezes tambem e produzido por uma pedrinha dentro do pedaco de giz que vem ranger contra o quadro-negro.

Recuaram novamente, mas o rosto-chama avancava, avancava, mais veloz do que eles. Era possível ver claramente suas feicoes agora. Os olhos eram redondos e estaticos, o nariz, um pouco torto, e a ampla boca, com um labio inferior em semicírculo, pendente, lembrando os olhos, o nariz e o labio da lua, quando a lua esta vermelha cor de sangue.

Como aquela lua vermelha deslizava nas trevas, na altura de um homem, sem ponto de apoio, sem corpo para ampara-la, ao menos aparentemente? E como ia tao depressa, aprumada, com seus olhos estaticos, completamente estaticos! E todo aquele rangido, estalido, chiado que ela arrastava consigo, de onde vinha?

Em certo momento, o Persa e Raoul nao puderam mais recuar e colaram-se a parede, sem saber o que seria deles face aquele incompreensível rosto de fogo e, sobretudo, agora, ao barulho mais intenso, mais fervilhante, mais vivo, muito mais "numeroso", pois certamente aquele barulho era composto de centenas de barulhinhos que se revolviam nas trevas, sob a cabeca-chama.

A cabeca-chama avanca… ei-la! Estrepitosamente…! Ei-la no ar…!

E os dois companheiros, grudados na parede, sentem os cabelos ericarem de horror sobre suas cabecas, pois agora sabem de onde procedem os mil barulhinhos. Eles vem em grupo, envoltos na penumbra por incontaveis e apressadas ondas, mais rapidas que as ondas que espumam na areia, na mare enchente, marolas noturnas que espumam sob a lua, sob a lua-cabeca-chama.

E as ondinhas atravessam suas pernas, sobem por elas, irresistivelmente. Entao, Raoul e o Persa nao contem mais seus gritos de horror, pavor e dor. Tampouco conseguem conservar suas maos na altura do olho – posicao de duelo a pistola na epoca, antes da ordem "fogo!". Suas maos descem ate suas pernas para repelir as pequenas ilhas reluzentes, que fazem rolar coisinhas pontiagudas, ondas recheadas de patas, unhas, garras e dentes.

Sim, sim, Raoul e o Persa estao prestes a desmaiar como o tenente de bombeiros Papin. Mas a cabeca-chama volta-se para eles apos os seus gritos. E interpela-os:

– Nao se mexam! Nao se mexam…! Sobretudo, nao me sigam…! Sou o matador de ratos…! Deixem-me com meus ratos…!

A cabeca-fogo desaparece bruscamente, evanescida nas trevas, enquanto a sua frente o corredor, ao longe, se ilumina, simples resultado da manobra que o matador de ratos acaba de impor a lanterna-lamparina. Um pouco antes, para nao assustar os ratos a sua frente, ele voltara a lanterna para si mesmo, iluminando sua propria cabeca; agora para apressar sua fuga, ilumina o espaco negro a sua frente… Em seguida, da um salto, arrastando consigo todas as ondas de ratos, pegajosos e estridulantes, todos os mil barulhos…

Livres, embora ainda tremulos, o Persa e Raoul respiram.

– Eu deveria ter me lembrado que Erik mencionou o matador de ratos – disse o Persa –, mas ele nao me contou que tinha esse aspecto… e e estranho eu nunca te-lo encontrado.[142] Ah, acreditei piamente que era outro truque do monstro…! – suspirou. – Mas nao, ele nunca vem para esses lados!

– Entao estamos muito longe do lago? – interrogou Raoul. – Quando chegaremos, senhor…? Vamos para o lago! Para o lago…! Quando estivermos la chamaremos, sacudiremos os muros, gritaremos…! Christine nos ouvira…! E *Ele* tambem nos ouvira…! E, uma vez que o senhor o conhece, falaremos com ele!

– Crianca! – disse o Persa. – Nunca entraremos na morada do lago pelo lago.

– E por que nao?

– Porque foi la que ele concentrou toda a sua defesa… Eu mesmo nunca consegui chegar la pela outra margem… pela margem da casa…! E preciso atravessar o lago primeiro… e ele e bem protegido…! Receio que muitos desaparecidos – velhos maquinistas, fechadores de portas – tenham simplesmente tentado atravessar o lago… E terrível… Eu mesmo quase fiquei pelo caminho… Se o monstro nao tivesse me reconhecido a tempo…! Um conselho, cavalheiro, nunca se aproxime do lago… E, o principal, tape os ouvidos se ouvir a *Voz submarina*, a voz da Sereia, cantar.

– Mas entao – volveu Raoul, numa explosao de febre, impaciencia e raiva –, o que fazemos aqui…? Se nada pode fazer por Christine, permita-me ao menos morrer por ela.

O Persa tentou acalmar o rapaz.

– So temos um meio de salvar Christine Daae, creia-me, que e entrar em sua morada sem que o monstro perceba.

– Podemos contar com isso, cavalheiro?

– Ora, se eu nao alimentasse tal esperanca, nao teria ido procura-lo.

– E por onde podemos entrar na morada do lago sem passar pelo lago?

– Pelo terceiro porao, de onde fomos tao estupidamente expulsos… cavalheiro, e para onde retornaremos agora mesmo… Vou lhe dizer uma coisa – falou o Persa, com a voz subitamente alterada –, vou lhe dizer o lugar exato… Fica entre um trainel e um cenario abandonado do *Rei de Lahore*, exatamente, mas exatamente, no lugar onde morreu Joseph Buquet…

– Ah, o maquinista-chefe que encontraram enforcado?

– Sim, senhor – acrescentou o Persa num tom singular –, aquele cuja corda ninguem encontrou…! Vamos! Coragem… e a caminho…! E posicione a mao em guarda, senhor… Mas onde estamos afinal?

O Persa foi obrigado a acender novamente sua lanterna. Dirigiu seu facho de luz para dois vastos corredores que se cruzavam em angulo reto e cujas abobadas perdiam-se no infinito.

– Devemos estar na parte reservada ao servico das aguas… – ele disse. – Nao percebo nenhum fogo vindo dos aquecedores.

A frente de Raoul, ele procurava o caminho, parando bruscamente quando pressentia a passagem de algum bombeiro hidraulico. Avancando, tiveram de se proteger do calor de uma especie de forja subterranea que terminavam de apagar e diante da qual Raoul reconheceu os demonios

entrevistos por Christine por ocasiao de sua primeira viagem, no dia de seu primeiro cativeiro.

Assim, retornavam pouco a pouco, descendo novamente aos prodigiosos poroes do palco.

Deviam estar entao bem no fundo do tanque, a uma grande profundidade, se pensarmos que a terra foi escavada ate *quinze metros abaixo dos aqu feros* que existiam em toda essa parte da capital; e tiveram de drenar toda a agua… Tamanho foi o volume retirado que, para se fazer uma ideia da massa de agua drenada pelas bombas, seria preciso imaginar em superfície o patio do Louvre e em altura uma vez e meia as torres de Notre Dame. De toda forma, foram obrigados a conservar um lago.

Nesse momento, o Persa tocou num muro e disse:

– Ou muito me engano ou este muro pertence a morada do lago!

Batia entao numa parede do tanque. Talvez nao seja inutil o leitor saber como haviam sido construídos o fundo e as paredes do tanque.

A fim de evitar que as aguas que cercam a construcao ficassem em contato direto com os muros que sustentam toda a estrutura da maquinaria teatral, cujo conjunto de andaimes, marcenaria, serralheria e telas pintadas a tempera deve ser especialmente preservado da umidade, *o arquiteto viu-se na necessidade de proteger tudo com um duplo cinturao*.

O trabalho para construir esse duplo cinturao exigiu um ano inteiro. Era no muro do primeiro cinturao interno que o Persa batia, conversando com Raoul sobre a morada do lago. Para alguem que conheceu a arquitetura do monumento, a manobra do Persa parecia indicar que a misteriosa morada de Erik havia sido construída dentro do duplo cinturao, formado por um espesso muro construído em dique, depois por um muro de tijolos, uma formidavel camada de cimento e outro muro com varios metros de espessura.

As palavras do Persa, Raoul se lancara contra o muro e escutara avidamente.

Mas nao ouviu nada… nada senao passos distantes ressoando no assoalho nas partes altas do teatro.

O Persa apagara novamente sua lanterna.

– Atencao! – alertou. – Atencao a mao! E agora silencio, pois vamos tentar entrar em sua morada.

E arrastou-o ate a escadinha que haviam descido pouco antes.

Subiram novamente, parando em cada degrau, espreitando a sombra e o silencio…

Chegaram assim ao terceiro porao…

O Persa fez entao sinal para Raoul por-se de joelhos, e foi dessa forma, arrastando-se com os joelhos e uma das maos, a outra continuando na posicao indicada, que chegaram ao muro do fundo.

Recostada nesse muro estava uma ampla lona abandonada do cenario do *Rei de Lahore*.

Perto desse cenario, um trainel…

Entre cenario e trainel havia o espaco justo para um corpo.

Um corpo, que um dia fora encontrado enforcado… o cadaver de Joseph Buquet.

O Persa, sempre de gatinhas, estacara. Espreitou.

Por um momento pareceu hesitar e olhou para Raoul, depois seus olhos voltaram-se para cima, para o segundo porao, que lhes enviava a debil luminosidade de uma lamparina pela fresta entre duas tabuas.

Manifestamente, essa luz incomodava o Persa.

Por fim, ele balancou a cabeca e se decidiu. Esgueirou-se entre o trainel e o cenario do *Rei de Lahore*.

Raoul seguiu-o.

A mao livre do Persa tateava a parede; Raoul viu-o por um instante pressiona-la fortemente, como pressionara a parede do camarim de

Christine. E uma pedra se moveu…

Havia agora uma abertura na parede…

Dessa vez o Persa sacou sua pistola do bolso e sinalizou para Raoul imita-lo. Armou a pistola.

Resolutamente, sempre de joelhos, adentrou a passagem que a pedra abrira ao se mover.

Raoul, que fez mencao de passar na frente, teve que se contentar em segui-lo.

O buraco era muito estreito. O Persa parou quase imediatamente. Raoul ouvia-o apalpar a pedra a sua volta. Em seguida, sacou novamente sua lanterna-lamparina, avancou, examinou alguma coisa mais abaixo e apagou bruscamente a lanterna. Raoul ouviu-o dizer num fio de voz:

– Teremos que descer alguns metros, sem barulho; tire as botinas.

O Persa ja procedia a essa operacao. Passou seus calcados para Raoul.

– Deixe-os do outro lado da parede… – ele disse. – Pegaremos na volta.[143]

Nisso, o Persa avancou um pouco. Em seguida, voltou-se completamente, sempre de joelhos, vendo-se assim cara a cara com Raoul. Disse-lhe:

– Vou me pendurar pelas maos na extremidade da pedra, me soltar e cair *na casa dele*. Em seguida, o senhor fara exatamente como eu. Nao tenha medo: caira nos meus bracos.

O Persa fez como dizia; abaixo dele, Raoul logo ouviu um barulho surdo, certamente produzido pela queda do Persa. O rapaz estremeceu, receando que o barulho revelasse sua presenca.

Entretanto, mais que esse barulho, a ausencia de qualquer outro ruído era um terrível motivo de angustia para Raoul. Como! Segundo o Persa, acabavam de penetrar nos muros da morada do lago e nao se ouvia

Christine…! Nenhum grito…! Nenhum chamado…! Nenhum gemido…! Teriam chegado tarde demais?

Resvalando os joelhos no muro, agarrando-se a pedra com seus dedos nervosos, Raoul, por sua vez, soltou-se.

Quase imediatamente sentiu um abraco.

– Sou eu! – disse o Persa. – Silencio!

E permaneceram imoveis, escutando…

Nunca a noite fora mais opaca a sua volta…

Nunca o silencio mais opressivo nem mais terrível…

Raoul cravava as unhas nos labios para nao gritar: "Christine! Sou eu…! Diga que nao esta morta, Christine…!"

Por fim, o jogo da lanterna recomecou. O Persa dirigiu os raios de luz para cima de suas cabecas, contra a parede, procurando a passagem pela qual tinham vindo, sem tornar a encontra-la…

– Oh! – exclamou. – A pedra voltou a se fechar por si so!

E o facho luminoso da lanterna desceu ao longo da parede, depois ate o assoalho.

O Persa se abaixou e recolheu alguma coisa, uma especie de cordao que ele examinou por um segundo e largou horrorizado.

– *O cordao do Pendjab!*[144] – murmurou.

– O que e isso? – perguntou Raoul.

– Isso – respondeu o Persa, num calafrio –, isso poderia muito bem ser a tao procurada corda do enforcado…!

E, subitamente invadido por uma angustia inedita, passeou o pequeno halo vermelho de sua lanterna pelas paredes… Assim, iluminou, fato bizarro, um tronco de arvore que parecia ainda vivo com suas folhas… e os galhos dessa arvore subiam ao longo da parede e iam perder-se no teto.

Devido a exiguidade do halo de luz, era difícil delinear as coisas prontamente… via-se um canto de galhos… depois uma folha… e outra… e ao lado nao se via absolutamente nada… nada senao o halo que parecia refletir a si mesmo… Raoul esgueirou sua mao naquele absolutamente nada, naquele reflexo…

– Veja! – exclamou. – A parede e um espelho!

– Sim! Um espelho! – confirmou o Persa, manifestando a mais profunda emocao.

E acrescentou, passando na testa suada a mao que empunhava a pistola:

– Caímos no quarto dos suplícios!

---

132. Isto e, os combatentes da Comuna, ou *communards*. ↩

133. O levante de 18 de marco de 1871 e a reacao dos revolucionarios parisienses a decisao do governo Thiers de lhes retirar suas armas e seus canhoes. Em 24 horas, governo e as tropas regulares refugiam-se em Versalhes, deixando a capital a merce dos rebeldes. E o comeco da Comuna de Paris. ↩

134. Compartimento abaixo do nível do palco onde se posicionava o "ponto", isto e, o encarregado de lembrar aos atores alguma replica porventura esquecida. ↩

135. Termo usado para designar uma "pitada" no rape. ↩

136. Fenda aberta disfarcadamente no assoalho do palco, em toda a largura da cena, por onde cenarios podem ser baixados ao porao. Tambem chamada de carreira ou fileira. ↩

137. Suportes ou traineis que ficam no porao do palco e sustentam cenarios. ↩

138. Efeitos de luz. ↩

139. O sr. Pedro Gailhard me contou que ainda chegou a criar postos de fechadores de portas para velhos maquinistas que ele nao queria demitir. (Nota do autor) ↩

140. Nessa epoca, os bombeiros ainda tinham a missao, fora das representacoes, de zelar pela seguranca da Opera; mas esse servico veio a ser suprimido. Quando perguntei a razao disso ao sr. Pedro Gailhard, ele me respondeu que "haviam temido que, em sua total inexperiencia dos poroes do teatro, *eles lhes ateassem fogo*". (Nota do autor) ↩

141. O autor, assim como o Persa, nao dara mais explicacoes sobre a aparicao dessa sombra. Embora todos os acontecimentos aparentemente anormais terminem explicados nessa historia historica, o

autor nao revelara ao leitor o que o Persa sugeriu com as palavras “E alguem muito pior!” (do que alguem da polícia do teatro). O leitor tera de adivinhar, pois o autor prometeu ao ex-diretor da Opera, o sr. Pedro Gailhard, guardar segredo sobre a personalidade extremamente interessante e util da sombra errante de manto, que, alem de condenada a viver nos poroes do teatro, prestou tao prodigiosos servicos aqueles que, nas noites de gala, por exemplo, ousavam se arriscar nos andares superiores. Toco aqui em questoes de Estado e nao posso me estender mais, dei minha palavra. (Nota do autor) ↩

142. Um dia, em Cap d’Ail, na casa da sra. Pierre Wolff, o ex-diretor da Opera, sr. Pedro Gailhard, me descreveu a imensa depredacao subterranea produzida pelos ratos, ate o dia em que a administracao contratou, por um preco exorbitante, um indivíduo que se dizia capaz de debelar o flagelo por meio de uma vistoria quinzenal nos poroes. Desde entao, nao ha mais ratos na Opera, a excecao das admitidas no foyer do bale [as ratinhas]. O sr. Gailhard acredita que esse homem tinha descoberto um perfume secreto que atraía os ratos para si, semelhante a substancia com que certos pescadores besuntam as pernas para atrair o peixe. Enquanto andava, ele os arrastava ate uma vala qualquer, onde os ratos, embriagados, se afogavam. Vimos o pavor que a aparicao dessa figura ja causara no tenente dos bombeiros, pavor que culminara no desmaio – conversa com o sr. Gailhard –, e para mim nao resta duvida de que a “cabeca-chama” encontrada por aquele bombeiro e a mesma que assustou o Persa e o visconde de Chagny (papeis do Persa). (Nota do autor) ↩

143. Nunca encontraram esse par de botinas, que haviam sido deixadas, segundo os papeis do Persa, exatamente entre o trainel e o cenario do *Rei de Lahore*, no lugar onde haviam encontrado Joseph Buquet enforcado. Devem ter sido aproveitadas por algum maquinista ou “fechador de portas”. (Nota do autor) ↩

144. Pendjab (em persa, “país dos cinco rios”): regiao do subcontinente indiano, compreendendo grande parte do leste do Paquistao e do noroeste da India. ↩

INTERESSANTES E INSTRUTIVAS TRIBULACOES DE UM PERSA NOS POROES DA OPERA
(*Relato do Persa*)

O PROPRIO PERSA CONTOU como tentara, em vao ate aquela noite, penetrar na morada do lago pelo proprio lago; como descobrira a entrada do terceiro porao e como, finalmente, o visconde de Chagny e ele viram-se as voltas com a infernal imaginacao do Fantasma no "quarto dos suplícios". Eis o relato que ele nos deixou por escrito (em condicoes que serao esclarecidas mais tarde), do qual nao mudei uma palavra. Forneco-o tal qual, pois julguei nao dever silenciar sobre as aventuras pessoais do daroga no entorno da morada do lago antes que ele caísse dentro dela na companhia de Raoul. Se esse comeco deveras interessante parece nos afastar um pouco do quarto dos suplícios por alguns segundos, e tao somente para nos levar ate la num piscar de olhos, apos explicar ao leitor coisas importantes e certas decisoes e atitudes do Persa, que devem ter lhe parecido inusitadas. Eis o que escreve o Persa.

ERA A PRIMEIRA VEZ que eu entrava na morada do lago. Em vao pedira ao "mago dos alcapoes" – era assim que, em nosso país, a Persia, chamavamos Erik – que abrisse suas misteriosas portas para mim. Ele sempre se recusara. Eu, que era pago para conhecer muitos de seus segredos e truques, em vao tentara, matreiramente, infringir a norma. Desde que conhecera Erik na Opera, local onde parecia morar, eu frequentemente o espionara, ora nos corredores dos sotaos, ora nos dos poroes, ora na margem mesma do lago, quando ele se julgava sozinho, subia na pequena barca e atracava diretamente no muro frontal. Mas a sombra que o cercava continuava opaca demais para me permitir ver o ponto exato em que ele

acionava a porta no paredao. A curiosidade, alem de uma ideia terrível que me ocorrera ao refletir sobre algumas palavras que o monstro me dissera, levou-me, um dia em que eu me julgava sozinho, a entrar na barquinha e dirigi-la ate aquela parte do muro onde eu vira Erik desaparecer. Foi entao que deparei com a Sereia que protegia as imediacoes daquele local e cujo sortilegio quase me foi fatal, nas condicoes precisas que seguem. Assim que deixei a margem, o silencio em que eu navegava foi imperceptivelmente perturbado por uma especie de bafejo cantante que me circundou. Era ao mesmo tempo uma respiracao e uma musica; emanava suavemente das aguas do lago e me envolvia sem que eu pudesse descobrir por qual artifício. Seguia-me, deslocava-se comigo e era tao suave que nao me causava medo. Ao contrario, querendo me aproximar da fonte daquela doce e sedutora harmonia, debrucei-me por cima da amurada da barca, pois nao restava duvida para mim que aquele canto vinha diretamente das aguas. Eu ja estava no meio do lago e nao havia ninguem na barca a nao ser eu mesmo; a voz – pois agora era distintamente uma voz – estava ao meu lado, sobre as aguas. Debrucei-me… Debrucei-me mais um pouco… O lago estava perfeitamente calmo e o luar, que, depois de atravessar o respiradouro da rua Scribe, vinha ilumina-lo, nao me revelou absolutamente nada em sua superfície lisa e escura como tinta. Sacudi um pouco a cabeca, a fim de me livrar de um possível zumbido nos ouvidos, mas tive de me render a evidencia de que nao existe zumbido tao harmonioso quanto o bafejo que me seguia e agora atraía.

Se eu tivesse um espírito supersticioso ou suscetível a fabulas, decerto suporia estar lidando com alguma sereia encarregada de perturbar o viajante suficientemente temerario para navegar nas aguas da morada do lago, mas, gracas a Deus!, sou de um país em que o fantastico e tao apreciado que eu mesmo o conhecia a fundo e estudara em outros tempos: com os truques mais simples, qualquer conhecedor do ofício e capaz de infernizar a mísera imaginacao humana.

Eu nao duvidava, portanto, estar as voltas com uma nova invencao de Erik, porem mais uma vez essa invencao era tao perfeita que, debrucando-me na barca, sentia-me menos impelido pelo desejo de descobrir sua trapaca do que pelo de gozar de seus encantos.

E debrucei-me, debrucei-me… ate cair.

De repente, dois bracos monstruosos saíram das aguas e me agarraram o pescoco, arrastando-me para o sorvedouro com uma forca irresistível. Decerto eu estaria perdido, se nao tivesse tido tempo de lancar um grito, logo reconhecido por Erik.

Pois foi ele que, em vez de me afogar como certamente tivera a intencao, nadou e me depositou suavemente na margem.

– Veja como e imprudente – censurou-me, erguendo-se a minha frente e gotejando aquelas aguas infernais. – Por que tentar invadir minha morada? Nao o convidei. Nao quero voce nem ninguem no mundo! Salvou a minha vida so para torna-la insuportavel? Por maior que seja o servico prestado, Erik talvez termine por esquece-lo, e voce sabe que nada pode conter Erik, nem sequer o proprio Erik.

Enquanto ele falava, eu so pensava em descobrir como funcionava o que ja denominava "o truque da sereia". Ele ate se dispos a saciar minha curiosidade, pois Erik, que e um verdadeiro monstro – e assim que o julgo, tendo tido, ai de mim!, na Persia, oportunidade de ve-lo em acao –, continua sob certos aspectos uma verdadeira crianca presuncosa e vaidosa, e nada lhe da mais prazer, apos assombrar sua gente, do que provar toda a engenhosidade verdadeiramente miraculosa do seu espírito.

Pos-se a rir e apontou para um bambu comprido.

– E simplerrimo! – disse. – Mas muito comodo para respirar e cantar na agua! E um artifício que aprendi com os piratas do Tonkin,[145] que assim podem permanecer horas a fio escondidos no fundo dos rios.[146]

Repreendi-o severamente.

– Um artifício que quase me matou! E talvez tenha sido fatal para outros!

Ele nao me respondeu, mas levantou-se a minha frente com aquele ar de ameaca infantil que eu tao bem conhecia.

Nao me "deixei levar". Disse-lhe claramente:

– Voce sabe o que me prometeu, Erik! Chega de crimes!

– Sera que realmente cometi crimes? – ele perguntou, assumindo um ar amavel.

– Infeliz…! – exclamei. – Entao se esqueceu das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*?

– Sim – ele respondeu, subitamente triste –, preferia te-las esquecido, mas terminei fazendo a pequena sultana rir.

– Tudo isso – declarei – e passado… Mas ha o presente… e voce me deve contas do presente, uma vez que, se assim eu desejasse, ele nao existiria para voce…! Lembre-se disso, Erik: salvei sua vida!

Aproveitei o rumo que a conversa tomara para tocar num assunto que nao me saía da cabeca.

– Erik – pedi –, Erik, jure…

– O que? – ele replicou. – Sabe muito bem que nao cumpro meus juramentos. Juramentos foram feitos para enganar os trouxas.

– Me conte uma coisa… Pode me contar?

– O que, diabos?

– Pois bem…! O lustre… O lustre? Erik…

– O que e que tem o lustre?

– Sabe perfeitamente o que quero dizer.

– Ah! – ele riu. – Aquilo, o lustre… E uma satisfacao lhe contar…! *O lustre nao fui eu…!* Aquele lustre estava em pandarecos…

Quando ria, Erik era ainda mais assustador. Pulou na barca, gargalhando de uma maneira tao sinistra que nao pude deixar de estremecer.

– Em pandarecos, caro daroga![147] Em peticao de miseria, o lustre… Caiu sozinho…! Fez "bum"! E agora um conselho, daroga, va se secar, se nao quiser pegar um resfriado…! E nunca utilize a minha barca… e nao tente entrar na minha casa, pois nem sempre estou aqui… daroga! Eu ficaria pesaroso se tivesse de lhe dedicar *minha missa dos mortos*!

Dizendo isso, e gargalhando, ele seguia em pe na popa da barca e remava com um requebro simiesco. Tinha claramente agora o aspecto do fatal rochedo, e acrescido de seus olhos de ouro. Dali a pouco eu nao via mais senao seus olhos e ele terminou desaparecendo na noite do lago.

Foi depois desse dia que desisti de entrar em sua morada pelo caminho do lago! Evidentemente, aquela entrada era muito bem vigiada, sobretudo agora que ele sabia que eu a conhecia. Mas eu achava que deveria existir outra, porque, mais de uma vez, tinha visto Erik desaparecer no terceiro porao, enquanto o vigiava, sem atinar como ele o fazia. Nunca e demais repetir: depois que encontrei Erik instalado na Opera, eu vivia no perpetuo terror de seus horríveis caprichos, nao por mim, decerto, mas pelos outros.[148] E quando ocorria algum acidente, algum acontecimento fatal, eu me dizia sem rodeios "Talvez seja o Erik…!", como outros diziam a minha volta: "E o Fantasma…". Quantas vezes nao ouvi essa frase ser pronunciada por pessoas risonhas! Infelizes! Se elas soubessem que aquele fantasma existia em carne e osso e era muito mais terrível do que a sombra va que evocavam, juro que teriam parado de escarnecer…! Se pelo menos soubessem do que Erik era capaz, mormente num campo de manobras como a Opera…! E se conhecessem o amago do meu terrível pensamento…!

Eu nao vivia mais…! Embora Erik houvesse me anunciado com toda a solenidade que tinha de fato mudado e se tornado o mais virtuoso dos homens, "agora que era amado pelo que era", frase que me deixou

prodigiosamente perplexo, eu nao podia me abster de estremecer pensando no monstro. Sua medonha, singular e repulsiva fealdade relegava-o a margem da humanidade, e muitas vezes achei que, justamente por isso, ele julgava nao ter mais nenhum dever para com a raca humana. A maneira como se referia a seus amores so fizera aumentar minha inquietude, pois eu previa naquele acontecimento, a que ele aludia num tom de bravata que eu lhe conhecia, a causa de dramas ineditos e mais hediondos do que todo o resto. Eu sabia o grau de sublime e desastroso desespero que a dor de Erik podia alcancar, e as declaracoes que ele fizera – vagos prenuncios da catastrofe mais terrível – me fustigavam com um pensamento terrível.

Por outro lado, eu descobrira a bizarra relacao moral que se estabelecera entre o monstro e Christine Daae. Escondido na saleta contígua ao camarim da jovem diva, eu assistira a admiraveis sessoes de musica, que mergulhavam Christine num extase maravilhoso, mas ainda assim nao imaginara que a voz de Erik – que, a sua vontade, era tonitruante feito o raio ou delicada como a dos anjos – pudesse fazer esquecer sua feiura. Compreendi tudo quando descobri que Christine ainda nao o tinha visto! Tive a oportunidade de penetrar no camarim e, lembrando-me das aulas que ele me dera em outros tempos, nao tive dificuldade em descobrir o truque que fazia girar a parede revestida pelo espelho, e constatei o metodo de tijolos ocos, tijolos “megafones”, pelo qual ele se comunicava com Christine como se estivesse ao seu lado. Descobri igualmente o caminho que leva a fonte e a masmorra – a masmorra dos *communards* – e o alcapao que permitia a Erik introduzir-se diretamente no porao do palco.

Alguns dias mais tarde, qual nao foi minha estupefacao ao constatar, com meus proprios olhos e ouvidos, que Erik e Christine Daae se encontravam, e ao flagrar o monstro debrucado sobre a pequena fonte que chora, no caminho dos *communnards* (no fundo na terra), a refrescar a testa de Christine Daae desmaiada. O cavalo branco, o cavalo do *Profeta*, que

desaparecera das estrebarias dos poroes da Opera, estava tranquilamente ao seu lado. Mostrei-me. Foi terrível. Vi faíscas saírem dos dois olhos de ouro e, antes que eu pudesse dizer qualquer palavra, fui golpeado no meio da testa por uma estocada que me deixou zonzo. Quando voltei a mim, Erik, Christine e o cavalo branco tinham sumido. Eu nao duvidava que a infeliz estivesse prisioneira na morada do lago. Sem hesitacao, decidi retornar pela margem, apesar do perigo que tal iniciativa representava. Durante vinte e quatro horas, fiquei de tocaia, escondido junto ao barranco escuro, esperando a aparicao do monstro, pois achava que, obrigado a providenciar víveres, ele seria forcado a sair. A proposito, devo dizer que, quando saía por Paris ou ousava se mostrar em publico, ele colocava no horrível buraco no meio do seu rosto um nariz de papelao guarnecido com um bigode, o que o deixava mais ou menos – repito, mais ou menos – suportavel a visao, embora nao lhe tirasse totalmente o ar macabro, uma vez que, quando passava, diziam as suas costas: "E o Engana-a-Morte[149] passando."

Eu estava entao de atalaia na beira do lago – do lago Averno, como, na minha frente e rindo, ele chamara seu lago –, e, cansado da longa espera, ainda ruminava que ele passara por outra porta, a do "terceiro porao", quando ouvi um tenue chapinhar no escuro e vi dois olhos brilharem como farois. Dali a pouco a barca atracava. Erik saltou na praia e veio em minha direcao.

– Ja faz vinte e quatro horas que voce esta aí – ele me disse. – Esta me incomodando! Comunico-lhe que isso vai terminar muito mal! E foi voce quem quis assim! Pois a minha paciencia com voce e prodigiosa…! Voce julga me seguir, imenso ingenuo – (textual) –, mas sou eu que o sigo e sei tudo o que sabe de mim aqui. Poupei-o ontem, no *meu caminho dos communards*; mas lhe digo: nao quero mais ve-lo ali! Tudo isso e muito imprudente, muito imprudente!, e me pergunto se ainda sabe o que significa falar!

Ele estava tao colerico que, na hora, evitei interrompe-lo. Apos grunhir feito um elefante, ele esclareceu suas horríveis ideias – que correspondiam ao meu pensamento terrível.

– Sim, e preciso, de uma vez por todas, de uma vez por todas, repito, saber o que significa falar! Digo-lhe que, com suas imprudencias (ja foi detido duas vezes pela sombra com chapeu de feltro, que nao sabia o que voce fazia nos poroes e o levou aos diretores, os quais o tomaram por um rocambolesco persa aficionado por truques de magica e coxias de teatro; eu estava la… sim, eu estava no escritorio; sabe perfeitamente que estou em toda parte), como eu ia dizendo, com suas imprudencias, terminarao intrigados com o que voce anda bisbilhotando aqui… e terminarao sabendo que esta atras de Erik… e, como voce, vao querer procurar Erik… e descobrirao a morada do lago… Entao, pior para voce, meu velho! Pior para voce…! Nao respondo por mais nada!

Grunhiu novamente como um elefante.

– Por nada…! Se os segredos de Erik deixarem de ser os segredos de Erik, coitados de *muitos da raca humana*! Isso e tudo o que eu tinha a lhe dizer e, a menos que voce seja um imenso ingenuo – (textual) – deve lhe bastar; a menos que saiba o que significa falar…!

Ele estava sentado na proa da barca e martelava a madeira da pequena embarcacao com seus calcanhares, esperando pela minha resposta; eu lhe disse simplesmente:

– Nao e Erik que venho procurar aqui…!

– E quem e entao?

– Voce sabe muito bem: Christine Daae!

Ele replicou:

– Tenho todo o direito de marcar um encontro com ela na minha casa. Sou amado pelo que sou.

– Isso nao e verdade – respondi. – Voce a raptou e a mantem prisioneira!

– Escute – ele perguntou –, promete nao se meter mais nos meus assuntos se eu lhe provar que sou amado pelo que sou?

– Sim, prometo – respondi, sem hesitacao, pensando que aquele monstro jamais obteria tal prova.

– Muito bem, otimo! E muito simples…! Christine Daae saira daqui quando lhe aprouver e voltara…! Sim, voltara! Porque vai gostar… e voltara espontaneamente, pois ela me ama pelo que sou…!

– Oh, duvido que ela volte…! Mas e seu dever deixa-la partir.

– Meu dever, imenso ingenuo! – (textual). – E minha vontade… minha vontade deixa-la partir, e ela voltara… pois me ama…! Tudo isso, fique sabendo, terminara num casamento… um casamento na Madeleine,[150] imenso ingenuo! – (textual). – Acredita em mim, afinal? Quando lhe digo que minha missa de casamento ja esta escrita… voce vera esse *Kyrie*…

Bateu com os calcanhares na madeira da barca, numa especie de percussao que ele acompanhava a meia-voz, cantando: "*Kyrie…! Kyrie…! Kyrie Eleison…!*[151] Voce vera essa missa!"

– Escute – concluí –, acreditarei em voce se vir Christine Daae sair da morada do lago e voltar para la espontaneamente!

– E nao se metera mais nos meus assuntos? Pois bem, vera isso hoje a noite… Va ao baile de mascaras. Christine e eu daremos uma voltinha por la… Depois, esconda-se na saleta e vera que a unica vontade de Christine, que estara de volta ao seu camarim, e seguir novamente o caminho dos *communards*!

– Fechado!

Com efeito, se eu visse tal cena, so me restaria curvar-me, pois uma beldade tem sempre o direito de amar o monstro mais horrível, sobretudo este, que detem a seducao da musica quando essa beldade e justamente uma distintíssima cantora.

– Agora va! Pois tenho de partir para fazer a aparicao…!

Fui embora entao, ainda preocupado com Christine Daae, mas, no fundo de mim mesmo, cultivando um pensamento terrível, depois que ele o despertara tao abruptamente ao referir-se as minhas imprudencias.

Eu dizia comigo: “Como tudo isso vai terminar?” E, embora fatalista por temperamento, nao conseguia me livrar de uma indefinível angustia em virtude da enorme responsabilidade que um dia eu assumira, deixando viver o monstro que hoje ameacava “muitos da raca humana”.

Para meu inexprimível espanto, as coisas aconteceram como ele anunciara. Christine Daae saiu da morada do lago e para la retornou diversas vezes, sem que, aparentemente, fosse obrigada a isso. Minha vontade entao foi largar aquele misterio amoroso, mas era muito difícil, sobretudo para mim – por causa do pensamento terrível –, nao recordar Erik. Todavia, resignado a uma extrema prudencia, nao cometi o erro de voltar as margens do lago nem de frequentar o caminho dos *communards*. Entretanto, como a obsessao da porta secreta do terceiro porao me perseguia, fui, mais de uma vez, diretamente ao local, que eu sabia quase sempre deserto durante o dia. Ali, deixava-me ficar sem fazer nada, escondido por um cenario do *Rei de Lahore* que haviam largado por ali, nao sei por que, pois nao se costumava montar muito o *Rei de Lahore*. Tanta paciencia merecia ser recompensada. Um dia, vi, vindo em minha direcao, de joelhos, o monstro. Eu tinha certeza de que ele nao me via. Passou entre o cenario que estava ali e um trainel, foi ate a parede e acionou, num lugar que discerni a distancia, uma mola que, movendo uma pedra, abriu uma passagem. Ele desapareceu por essa passagem e a pedra voltou a se fechar atras dele. Eu detinha o segredo do monstro, segredo que, quando precisasse, podia me dar acesso a morada do lago.

Para me certificar disso, esperei pelo menos meia hora e entao acionei a mola. Aconteceu tudo igual ao que acontecera com Erik. Contudo, sabendo Erik em casa, nao me apeteceu passar pela abertura. Por outro lado, a ideia de ser surpreendido ali por ele lembrou-me subitamente a morte de Joseph Buquet e, nao querendo comprometer aquela descoberta,

que poderia ser util a muita gente, a “muitos da raca humana”, deixei os poroes do teatro, apos tornar a colocar a pedra cuidadosamente no lugar, segundo um sistema que nao se modificara desde a Persia.

O leitor pensou certo: eu continuava muito interessado no imbroglio de Erik e Christine Daae; nao que na circunstancia eu obedecesse a uma doentia curiosidade, mas sim, como ja disse, por causa do pensamento terrível que nao me largava: “Se Erik descobrir que nao e amado pelo que e”, eu pensava, “podemos esperar por tudo.” E, continuando a circular, prudentemente, pela Opera, logo vim a saber da verdade sobre os tristes amores do monstro. Ele ocupava o espírito de Christine mediante o terror, mas o coracao da doce crianca pertencia por inteiro ao visconde Raoul de Chagny. Enquanto estes brincavam, como dois inocentes noivos, nos poroes da Opera, fugindo do monstro, nao desconfiavam de que alguem velava por eles. Eu estava decidido a tudo: a matar o monstro se fosse preciso e a me explicar em seguida a Justica. Mas Erik nao apareceu; e nem por isso eu estava mais tranquilo.

Convem dizer o que eu ruminava… Eu pensava que, expulso de sua morada pelo ciume, o monstro me permitiria penetrar sem correr riscos na morada do lago pela passagem do terceiro porao. Eu tinha todo o interesse do mundo em saber o que havia la dentro! Um dia, cansado de esperar uma oportunidade, movi a pedra e ouvi imediatamente uma musica assombrosa; o monstro trabalhava, com todas as portas de sua casa abertas, em seu *Don Juan triunfante*. Eu sabia que aquela era a obra de sua vida. Eu nao tinha a intencao de me mexer e permaneci prudentemente no meu buraco escuro. Ele parou um momento de tocar e, como um louco, comecou a vagar pela casa… Falava alto, com uma voz tonitruante: “E preciso que tudo isso acabe *antes*! Acabe de vez!” Essas palavras tampouco me tranquilizavam, e, como a musica recomecava, silenciosamente fechei a pedra. Ora, apesar de fechada, eu ainda ouvia um canto difuso e longínquo, longínquo, que subia do fundo da terra, como ouvira o canto da sereia subir do fundo das aguas. E lembrei-me das

palavras de alguns maquinistas, a respeito das quais sorrimos no momento da morte de Joseph Buquet: “Havia em torno do corpo do enforcado uma especie de ruído que parecia o canto dos mortos.”

No dia do rapto de Christine Daae, temendo receber mas notícias, so cheguei ao teatro muito tarde. Passara um dia atroz, pois, desde a leitura de um jornal matutino anunciando o casamento de Christine e do visconde de Chagny, nao parei de me perguntar se, afinal de contas, *o melhor nao seria eu denunciar o monstro*. Mas recuperei a razao e me persuadi de que tal atitude so poderia precipitar a possível catastrofe.

Quando meu coche me deixou em frente a Opera, olhei aquele monumento como se me espantasse, na verdade, *de ve-lo ainda de pe*! Mas, como todo bom oriental, sou um pouco fatalista e, *preparado para tudo*, entrei!

O rapto de Christine Daae durante o ato da prisao, que naturalmente surpreendeu a todos, me encontrou preparado. Nao restava duvida de que Erik, como o rei dos magicos que efetivamente e, a tinha escamoteado. E ruminei que daquela vez era o fim para Christine *e talvez para todos*.

De modo que, em certo momento, perguntei-me se nao deveria aconselhar todas aquelas pessoas, que se demoravam no teatro, a fugir. Mas voltei a reprimir aquela ideia de denuncia, certo de que iriam me tomar por um louco. Por fim, eu nao ignorava que se eu gritasse, por exemplo, “Fogo!”, para dispersar todas aquelas pessoas, poderia ser a causa de uma catastrofe (sufocamento na fuga, pisoteio, luta selvagem) pior do que a propria catastrofe.

Mesmo assim, resolvi agir sem mais delonga, pessoalmente. O momento, de resto, me parecia propício. Havia grande probabilidade de que, naquele mesmo momento, Erik so pensasse em sua cativa. Convinha aproveitar esse detalhe para penetrar em sua morada pelo terceiro porao. E, para tal empreitada, pensei em levar comigo o pobre coitado do visconde, que a primeira palavra aceitou, depositando uma confianca em mim que me tocou profundamente; mandei meu criado pegar minhas

pistolas. Darius veio nos encontrar com o estojo no camarim de Christine. Entreguei uma pistola ao visconde e disse-lhe para estar preparado para atirar, assim como eu, pois, afinal de contas, Erik poderia estar nos esperando atras da parede. Precisavamos passar pelo caminho dos *communards* e pelo alcapao.

Ao ver minhas pistolas, o coitado do visconde me perguntou se íamos nos bater em duelo! E eu respondo: “Que duelo!” Mas, naturalmente, nao tive tempo de lhe explicar nada. O visconde e corajoso, mas ignorava praticamente tudo sobre o rival. E era melhor assim!

O que e um duelo contra o mais terrível dos contendores ao lado de um combate contra o mais genial dos magicos? Eu mesmo tinha dificuldade para pensar que ia entrar em luta contra um homem que, no fundo, so e visível quando quer e que, em contrapartida, ve tudo a sua volta, quando todas as coisas continuam obscuras para voce…! Contra um homem cuja ciencia bizarra, sutileza, imaginacao e habilidade permitem-lhe dispor de todas as forcas naturais combinadas para criar, para nossos olhos e ouvidos, a ilusao que nos destroi…! E isso nos poroes da Opera, isto e, no reino da fantasmagoria! Podemos imaginar isso sem fremir? Podemos sequer fazer uma ideia do que poderia acontecer aos olhos e ouvidos de um habitante da Opera se houvessem trancado la dentro, em seus cinco poroes e vinte e cinco sotaos, um Robert-Houdin feroz e “gozador”, que ora escarnece, ora mata?! Ora esvazia os bolsos, ora mata…! Pense nisto: lutar contra o mago dos alcapoes… Meu Deus! Em nosso país, ele criou, em todos os nossos palacios, esses espantosos alcapoes rotatorios que sao os melhores! Lutar contra o mago dos alcapoes no reino dos alcapoes…!

Enquanto minha esperanca era que ele nao tivesse abandonado Christine na morada do lago, para onde devia te-la transportado novamente, sem sentidos, meu medo era que ele ja estivesse nos rondando, preparando o *laco do Pendjab*.

Ninguem melhor do que ele sabe arremessar o laco do Pendjab, ele e o príncipe dos estranguladores, assim como e o rei dos magicos. Quando ele terminou de fazer rir a pequena sultana, na epoca das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*, esta se perguntava como ele podia divertir-se causando-lhe calafrios… E ele nao encontrara nada melhor do que o jogo do laco do Pendjab. Erik, que ja passara uma temporada na India, voltara de la com uma habilidade incrível de estrangular. Trancava-se num patio, para o qual traziam um guerreiro – geralmente um condenado a morte – armado com uma lanca comprida e um espadao. Erik, por sua vez, dispunha apenas de um laco, e era sempre no momento que o guerreiro julgava abater Erik com um golpe formidavel que se ouvia o laco assobiar. Com a munheca Erik apertava o tenue laco no pescoco do inimigo e o arrastava prontamente ate os pes da pequena sultana e suas acompanhantes, que, de uma janela, assistiam e aplaudiam. A pequena sultana tambem aprendeu a arremessar o laco do Pendjab e, assim, matou varias de suas acompanhantes e ate mesmo algumas amigas em visita. Mas prefiro deixar de lado esse assunto terrível das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*. Se toquei nisso foi porque, tendo chegado aos poroes da Opera com o visconde de Chagny, tive que precaver meu companheiro contra a possibilidade, sempre ameacadora a nossa volta, de estrangulamento. Claro! Uma vez nos poroes, minhas pistolas nao tinham mais serventia, pois eu tinha certeza absoluta de que, a partir do momento em que nao se opusera sumariamente a nossa entrada no caminho dos *communards*, Erik nao apareceria mais. Mas continuava a poder nos estrangular. Nao tive tempo de explicar tudo isso ao visconde e inclusive nao sei se, dispondo desse tempo, eu o teria usado para lhe contar que, em algum lugar, na sombra, havia um laco do Pendjab pronto para assobiar. Era completamente desnecessario complicar a situacao e limitei-me a aconselhar o sr. de Chagny a manter sempre a mao na altura do olho e o braco dobrado na posicao do atirador que espera a ordem “fogo”. Nessa posicao e impossível, mesmo ao mais habilidoso estrangulador, lancar o laco do Pendjab com sucesso: alem do pescoco, ele prenderia tambem seu braco ou sua mao, e

dessa forma o laco, que e facil de desfazer, torna-se inofensivo.

Apos evitar o comissario de polícia e alguns fechadores de portas, bem como os bombeiros, e tendo encontrado pela primeira vez o matador de ratos e passado desapercebidos aos olhos do homem do chapeu de feltro, o visconde e eu alcancamos sem dificuldade o terceiro porao, entre o trainel e o cenario do *Rei de Lahore*. Fiz a pedra mover-se e saltamos para dentro da morada que Erik construíra para si no interior do duplo cinturao dos muros de fundacao da Opera (*e isso com a maior tranquilidade do mundo, uma vez que Erik foi um dos primeiros mestres de obras de Philippe Garnier, o arquiteto da Opera, e continuara a trabalhar misteriosamente, sozinho, quando as obras foram oficialmente interrompidas, durante a guerra, o cerco de Paris*[152] *e a Comuna*).

Eu conhecia suficientemente o meu Erik para acariciar a presuncao de chegar a descobrir todos os truques que ele pudera forjar nesse período; ainda assim, nao estava em absoluto sossegado ao saltar para dentro de sua casa. Eu sabia o que ele fizera com certo palacio de Mazanderan. A mais honesta construcao do mundo ele nao demorara a transformar na morada do diabo, onde nao se podia mais pronunciar uma palavra sem que esta fosse espionada ou reverberada pelo eco. Quantos dramas de família! Quantas tragedias sangrentas o monstro provocava com seus alcapoes! Sem falar que, nos palacios que ele "trucara", nunca era possível saber exatamente o lugar onde se estava. Eram invencoes mirabolantes. A mais curiosa, horrível e perigosa de todas era certamente o *quarto dos supl cios*. A excecao de um ou outro caso, quando a pequena sultana se divertia fazendo o burgues sofrer, ali so entravam os condenados a morte. Era, na minha opiniao, a mais atroz criacao das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*. Assim, quando o visitante que entrara no quarto dos suplícios "ja recebera o suficiente", era-lhe sempre permitido terminar com aquilo com um laco do Pendjab que deixavam a sua disposicao ao pe da arvore-de-ferro![153]

Ora, qual nao foi minha perplexidade, logo apos penetrar na morada do monstro, ao perceber que o recinto no qual acabavamos de cair, o sr.

visconde de Chagny e eu, era a reconstituicao exata do quarto dos suplícios das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*.

Aos nossos pes encontrei o laco do Pendjab, que eu tanto temera durante a noite. Estava convencido de que aquele cordao fora usado em Joseph Buquet. O maquinista-chefe, assim como eu, decerto surpreendera Erik uma noite, no momento em que ele movia a pedra do terceiro porao. Curioso, ele usara a passagem antes que a pedra se fechasse, caíra no quarto dos suplícios e so saíra de la enforcado. Imaginei claramente Erik arrastando o corpo, do qual pretendia se livrar, ate o cenario do *Rei de Lahore* e nele o pendurando, para servir de exemplo ou aumentar *o terror supersticioso que devia ajuda-lo a salvaguardar os arredores da caverna*!

Apos refletir, contudo, Erik voltara para recolher o laco do Pendjab, que e feito, singularmente, de tripa de gato e poderia despertar a curiosidade da Justica. Assim se explicava o desaparecimento da corda do enforcado.

E eis que eu o descobria aos nossos pes, o laco, no quarto dos suplícios…! Nao sou pusilanime, mas um suor frio inundou meu rosto. A lanterna, cujo pequeno halo vermelho eu passeava nas paredes do famigerado quarto, tremia em minhas maos.

O sr. de Chagny percebeu e indagou:

– O que esta acontecendo, cavalheiro?

Fiz-lhe um sinal veemente para que se calasse, pois eu ainda alimentava a suprema esperanca de que estivessemos no quarto dos suplícios sem que o monstro soubesse!

Alias, essa esperanca nao era a salvacao, ja que eu podia imaginar muito bem que, junto com o terceiro porao, o quarto dos suplícios destinava-se a proteger a *morada do lago*, e isso, talvez, automaticamente.

Sim, os suplícios talvez pudessem comecar *automaticamente*.

Quem poderia dizer quais gestos de nossa parte eles aguardavam para isso?

Recomendei a imobilidade mais absoluta ao meu companheiro.

Um silencio opressivo abatia-se sobre nos.

Minha lanterna vermelha continuava a percorrer o quarto dos suplícios… eu ja o conhecia… Sim, ja o conhecia…

145. Regiao correspondente ao noroeste do atual Vietna. ↩

146. Um relatorio administrativo, procedente do Tonkin e tendo chegado a Paris no fim de julho de 1900, conta como o celebre chefe do bando De Tham, encurralado com seus piratas pelos nossos soldados, conseguiu escapar deles, bem como todos os seus, gracas ao truque dos bambus. (Nota do autor) ↩

147. *Daroga*, em persa, e o comandante-geral da polícia do governo. (Nota do autor) ↩

148. Aqui, o Persa poderia ter confessado que a sorte de Erik o interessava na mesma medida, pois ele nao ignorava que, se o governo de Teera soubesse que Erik continuava vivo, teria retirado a modesta pensao do antigo daroga. De resto, e correto acrescentar que o Persa tinha um coracao nobre e generoso, e duvidamos que as catastrofes que ele temia para os outros nao o preocupassem muito. Sua conduta em todo esse episodio, alias, prova isso suficientemente e esta acima de qualquer elogio. (Nota do autor) ↩

149. No original, *Trompe-la-Mort*: apelido identico ao do sinistro personagem balzaquiano Vautrin (Jacques Collin), na *Comedia humana*. ↩

150. Construída no fim do sec.XVIII, a igreja da Madeleine, localizada perto da Place de la Concorde, em Paris, e dedicada a Santa Madalena, e uma igreja em estilo classico, lembrando um templo grego. O musico Camille Saint-Saens foi seu organista entre 1858 e 1877. ↩

151. *Kyrie Eleison*, formula crista (em grego) que significa: “Senhor, tende piedade de nos.” ↩

152. Episodio da guerra franco-alema de 1870, quando a capital e rapidamente cercada pelas tropas alemas, que a resistencia francesa nao consegue impedir de avancar em direcao ao Loire. ↩

153. Possível referencia a especie *Parrotia persica*. ↩

NO QUARTO DOS SUPLICIOS
(*Continuacao do relato do Persa*)

ESTAVAMOS NO CENTRO de uma pequena sala perfeitamente hexagonal e cujas seis paredes eram revestidas de espelhos… de cima a baixo… Nos cantos, distinguiam-se muito bem os "acrescimos" de espelho… os pequenos trechos destinados a girar sobre seus tambores… sim, sim, reconheco-os… e reconheco a arvore-de-ferro num canto, ao fundo de um desses pequenos trechos… a arvore-de-ferro, com seu galho de ferro… para os enforcados.

Agarrei o braco do meu companheiro. O visconde de Chagny tremia, na iminencia de gritar e anunciar a sua noiva o socorro que lhe trazia… Meu medo era que ele nao se contivesse.

De repente ouvimos um rumor a nossa esquerda.

Primeiro foi como uma porta se abrindo e fechando, no recinto ao lado; depois, um gemido abafado. Apertei um pouco mais o braco do sr. de Chagny, quando ouvimos distintamente estas palavras:

– E pegar ou largar! A *missa de casamento* ou a *missa dos mortos*.

Reconheci a voz do monstro.

Ouvimos outro gemido.

Em seguida, um longo silencio.

Agora eu estava convencido de que o monstro ignorava nossa presenca em sua morada, pois, caso contrario, teria se precavido para que nao o ouvíssemos. Para isso, bastaria tornar hermetica a janelinha invisível pela qual os amantes de suplícios espiam esse quarto.

Eu tinha certeza de que se *ele* tivesse conhecimento da nossa presenca ali os suplícios teriam comecado imediatamente.

Tínhamos, assim, uma grande vantagem sobre Erik: estavamos ao seu lado e ele nao sabia de nada.

O importante era nao acusar nossa presenca e meu maior medo era a ansiedade do visconde de Chagny, que fazia mencao de investir contra as paredes para juntar-se a Christine Daae, cujo gemido ouvíamos de maneira intermitente.

– A missa dos mortos nao e alegre! – continuou a voz de Erik. – Ao passo que a missa de casamento, ca entre nos, e magnífica! Convem tomar uma decisao, saber o que se quer! Da minha parte, impossível continuar a viver assim, no fundo da terra, num buraco, feito uma toupeira! *Don Juan triunfante* esta concluído, agora quero viver como todo mundo. Quero ter uma esposa como todo mundo, iremos passear aos domingos. E inventei uma mascara que me da um rosto como os de todo mundo. Ninguem sequer voltara os olhos. Voce sera a mais feliz das mulheres. E cantaremos so para nos dois, ate morrermos disso. Esta chorando! Tem medo de mim! Mas no fundo nao sou mau! Me ame e vera! *So me faltou ser amado para ser bom!* Se me amasse, eu ficaria manso feito um cordeiro e voce faria de mim o que bem entendesse.

Logo em seguida, o gemido que acompanhava essa especie de ladainha de amor foi aumentando, aumentando. Nunca ouvi nada mais angustiante, e o sr. de Chagny e eu reconhecemos que aquele lamento aterrador era do proprio Erik. Quanto a Christine, em algum lugar, talvez do outro lado da parede que tínhamos a nossa frente, decerto resistia, muda de horror, sem forcas para gritar, com o monstro a seus pes.

Era um lamento sonoro e cavernoso, estertorante como o lamento de um oceano. Por tres vezes Erik o extraiu do rochedo de sua garganta.

– Voce nao me ama! Voce nao me ama! Voce nao me ama!

Entao acalmou-se:

– Por que chora? Sabe que assim me faz sofrer.

Silencio.

Cada silencio era uma esperanca para nos. Ruminavamos: “Talvez ele tenha deixado Christine sozinha do outro lado da parede.”

Tudo o que queríamos era avisa-la da nossa presenca sem que o monstro desconfiasse.

Agora so poderíamos sair do quarto dos suplícios se Christine abrisse a porta para nos; e esta era uma condicao incontornavel para podermos ajuda-la, pois ignoravamos ate mesmo em que ponto a nossa volta a porta se localizava.

De repente, o silencio contíguo foi perturbado pelo ruído de uma campainha eletrica.

Houve um movimento do outro lado da parede e a voz de trovao de Erik:

– Alguem esta tocando! De-se entao ao trabalho de entrar!

Uma gargalhada lugubre.

– Quem vira nos perturbar agora? Espere um pouco aqui… *vou dizer a sereia para abrir*.

Passos se afastaram, uma porta se fechou. Nao tive tempo de pensar no novo horror que se preparava; esqueci que talvez o monstro estivesse saindo para um novo crime; so compreendi uma coisa: Christine estava sozinha atras da parede!

O visconde de Chagny ja a chamava:

– Christine! Christine!

Considerando que ouvíamos o que se falava no recinto ao lado, nao havia nenhuma razao para que meu companheiro nao fosse ouvido tambem. Mesmo assim, o visconde teve de repetir seu chamado varias vezes.

Finalmente uma debil voz nos alcancou:

– Estou sonhando – ela disse.

– Christine! Christine! Sou eu, Raoul!

Silencio.

– Vamos, responda, Christine…! Se esta sozinha, em nome dos ceus, responda.

Entao a voz de Christine murmurou o nome de Raoul.

– Sim! Sim! Sou eu! Nao e um sonho…! Christine, confie…! Estamos aqui para salva-la… mas sem imprudencias…! Quando ouvir o monstro, avise-nos.

– Raoul…! Raoul…!

Ela pediu para que repetíssemos que nao estava sonhando e que Raoul de Chagny conseguira chegar ate ela, conduzido por um companheiro devotado que conhecia o segredo da morada de Erik.

Mas, imediatamente apos a fugaz alegria que lhe trazíamos, sucedeu um terror ainda maior. Ela queria que Raoul se afastasse imediatamente. Morria de medo que Erik descobrisse seu esconderijo, pois nao hesitaria em matar o rapaz. Informou-nos, em poucas e rapidas palavras, que Erik se apaixonara loucamente e estava decidido a *matar todo mundo, e tambem a si proprio,* se ela nao consentisse em tornar-se sua mulher perante o prefeito e o paroco, o paroco da Madeleine. Ele lhe dera ate a noite seguinte as onze horas para refletir. Era o prazo final. Ela entao teria de escolher, como ele dizia, entre a missa de casamento e a missa dos mortos!

E Erik pronunciara esta frase que Christine nao compreendera plenamente: “Sim ou nao; se for nao, todos serao mortos e *enterrados*!”

Mas eu compreendia plenamente aquela frase, pois ela correspondeu de maneira atroz ao meu pensamento terrível.

– Pode nos dizer onde esta Erik? – perguntei.

Ela respondeu que ele devia ter saído da morada.

– Pode certificar-se disso?

– Nao…! Estou amarrada… nao posso fazer qualquer movimento.

O sr. de Chagny e eu nao reprimimos um grito de raiva. Nossa salvacao, a de nos tres, dependia da liberdade de movimentos da moca.

– Oh, liberta-la! Chegar ate ela!

– Mas onde voce esta, afinal? – perguntou ainda Christine. – Ha apenas duas portas no meu quarto; o quarto Luís Filipe, sobre o qual lhe falei, Raoul…! Uma porta pela qual Erik entra e sai, e outra que nunca foi aberta na minha frente e que ele me proibiu de cruzar, porque, segundo ele, e a porta mais perigosa… a porta dos suplícios…!

– Christine, estamos atras dessa porta…!

– Voces estao no quarto dos suplícios?

– Sim, mas nao vemos a porta.

– Ah, se pelo menos eu pudesse me arrastar ate aí…! Eu bateria na porta e voce perceberia o lugar onde ela fica.

– E uma porta com fechadura? – perguntei.

– Sim, com uma fechadura.

Pensei: do outro lado, ela abre com uma chave, como todas as portas, mas do nosso lado, abre com a mola e o contrapeso, o que nao sera facil descobrir.

– Christine! – eu disse. – Preciso, definitivamente, que abra essa porta para nos!

– Mas como? – respondeu a voz aflita da infeliz.

Ouvimos um corpo se contorcendo, tentando claramente libertar-se das amarras que o prendiam…

– So com muita astucia nos safaremos – eu disse. – Precisamos da chave dessa porta…

– Sei onde ela esta – respondeu Christine, que parecia esgotada em virtude do esforco que acabava de fazer. – Mas estou muito bem amarrada…! Miseravel…!

E ouviu-se um soluco.

– Onde esta a chave? – perguntei, ordenando ao sr. de Chagny que se calasse e me deixasse conduzir o assunto, pois nao tínhamos um minuto a perder.

– No quarto dele, ao lado do orgao, junto com outra chavinha de bronze, na qual ele tambem me proibiu de tocar. Estao ambas numa bolsinha de couro que ele chama de "a bolsinha da vida e da morte"… Raoul! Raoul…! Fuja…! Tudo aqui e misterioso e terrível… e Erik vai ficar completamente transtornado… E voce esta no quarto dos suplícios…! Saiam por onde entraram! Deve haver uma razao para esse aposento se chamar assim!

– Christine! – exclamou o rapaz. – Ou sairemos juntos ou morreremos juntos!

– So depende de nos sairmos daqui saos e salvos – sussurrei –, mas precisamos conservar o sangue-frio. Por que ele a amarrou? Seja como for, e impossível fugir de sua morada! Ele sabe perfeitamente disso!

– Eu quis me matar! Esta noite, apos ter me transportado desmaiada para ca, seminarcotizada, o monstro saiu. Tinha ido, parece (foram suas palavras), "ate o seu banqueiro"…! Quando voltou, me encontrou com o rosto todo ensanguentado… Eu tinha tentado me matar! Tentei arrebentar a cabeca contra as paredes.

– Christine! – gemeu Raoul, e pos-se a solucar.

– Entao ele me amarrou… nao tenho o direito de morrer ate amanha a noite as onze horas…!

Toda essa conversa atraves da parede era muito mais "picotada" e cautelosa do que eu poderia dar a impressao transcrevendo-a aqui. Paravamos no meio das frases, porque nos parecera ouvir um estalido, um passo, um movimento estranho… Ela avisava:

– Nao! Nao! Nao e ele…! Ele saiu! Saiu mesmo! Reconheci o barulho que a parede do lago faz ao se fechar.

– Senhorita! – declarei. – Foi o proprio monstro que a amarrou… E ele que ira desamarra-la… Tem apenas de representar a cena necessaria para isso…! Nao esqueca que ele a ama!

– Oh! – ouvimos. – Como eu poderia esquece-lo?

– Lembre-se disso para sorrir para ele… suplique… diga-lhe que as cordas estao machucando.

Christine Daae respondeu:

– Shhh…! Ouco alguma coisa na parede do lago…! E ele…! Vao embora! Vao! Vao!

– Nao iríamos nem se quisessemos! – afirmei, de modo a impressionar a moca. – Nao podemos mais partir! E estamos no quarto dos suplícios!

– Silencio! – Christine ainda sussurrou.

Calamo-nos os tres.

Passos pesados arrastavam-se lentamente atras da parede, paravam e voltavam a fazer o assoalho gemer.

Em seguida, apos um suspiro prodigioso, seguido de um grito de pavor de Christine, ouvimos a voz de Erik:

– Perdoe-me por lhe mostrar um rosto assim! Que belezura, nao e mesmo? Foi culpa do *outro*! Por que ele tocou a campainha? Porventura pergunto as horas a quem esta passando? Ele nao perguntara mais a hora a ninguem. Foi culpa da sereia…

Outro suspiro, mais profundo e sonoro, vindo do abismo de uma alma.

– Por que gritou, Christine?

– Porque estou sofrendo, Erik.

– Achei que era medo de mim…

– Erik, solte-me… nao sou sua prisioneira?

– Voce tentara se matar novamente…

– Voce me deu ate amanha a noite, Erik, as onze horas…

Os passos continuam se arrastando no assoalho.

– Enfim, uma vez que devemos morrer juntos… e que tenho tanta pressa para morrer quanto voce… sim, tambem estou enfastiado dessa vida, voce entende…! Espere, nao se mexa, vou solta-la… Basta dizer uma palavra, "nao!", e tudo estara imediatamente terminado *para todos*… Tem razao… tem razao! Por que esperar ate amanha as onze da noite? Ah, sim, porque teria sido muito mais bonito…! Sempre tive a mania do ornamento… do grandioso… e infantil…! Na vida, devemos pensar apenas em nos…! Na nossa propria morte… o resto e perfumaria… *Esta vendo como estou molhado…?* Ah, minha querida, e porque fiz mal em sair… Esta fazendo um tempo do cao…! A proposito, Christine, acho que estou sendo vítima de alucinacoes… Sabe aquele que, nao faz muito tempo, tocou a campainha na casa da sereia (duvido que continue tocando…)? Pois bem, ele parecia… Aqui, vire-se… esta contente? Pronto, esta livre… Meu Deus! Seus pulsos, Christine! Machuquei-os, seja sincera…? So isso ja merece a morte… Por falar no defunto, *preciso cantar-lhe sua missa*!

Ouvindo essas terríveis declaracoes, nao pude me impedir de ter um horrível pressentimento… Uma vez eu tambem tocara a campainha a porta do monstro… e, sem o saber, claro…!, devo ter disparado alguma corrente de alarme… E me lembrava dos dois bracos saídos das aguas escuras como tinta… Quem era o outro infeliz perdido naquelas margens?

Pensar nesse infeliz quase me impedia de me alegrar com o estratagema de Christine, e, contudo, o visconde de Chagny murmurava ao meu ouvido esta palavra magica: "Livre…!" Quem, entao? Quem entao era *o outro*? Aquele cuja missa dos mortos ouvíamos naquele momento?

Ah, canto sublime e furioso! Toda a morada do lago reverberava-o… todas as entranhas da terra se arrepiavam… havíamos encostado nossos ouvidos na parede espelhada para ouvir melhor a manobra de Christine Daae, manobra que ela executava para nossa libertacao, mas ouvíamos

apenas a execucao da missa dos mortos. Era na verdade uma missa dos malditos… que, no fundo da terra, formava uma roda de demonios.

Lembro que o *Dies irae* que ele cantou nos envolveu como uma tempestade. Sim, tínhamos a nossa volta raios e relampagos… Claro! Eu o ouvira cantar anteriormente… *Ele* conseguia fazer com que as goelas de pedra de meus touros androcefalos[154] cantassem nas paredes do palacio de Mazanderan… Mas cantar daquele jeito, jamais! Jamais! Ele cantava como o deus do trovao…

De repente, a voz e o orgao pararam de modo tao brusco que, completamente zonzos, o sr. de Chagny e eu recuamos atras da parede… E a voz, de subito alterada, transformada, rangeu distintamente cada sílaba metalica:

– O que fez com a minha bolsa?

154. Isto e, touros com cabeca de homem. ↩

COMECAM OS SUPLICIOS
(*Continuacao do relato do Persa*)

A VOZ REPETIU furiosamente:

– O que fez com a minha bolsa?

Christine Daae decerto tremia tanto quanto nos.

– Entao foi para roubar minha bolsa que me pediu para solta-la?

Ouvimos passos precipitados, a corrida de Christine voltando para o quarto Luís Filipe como se a procurar um abrigo diante da nossa parede.

– Por que foge? – persistia a voz raivosa, que a seguira. – Quer por favor devolver minha bolsa! Entao nao sabe que e a bolsa da vida e da morte?

– Escute, Erik – suspirou a moca. – Uma vez que agora esta combinado que viveremos juntos… o que lhe importa isso…? Tudo que e seu tambem e meu…!

Isso foi dito de uma maneira tao vacilante que dava pena. A infeliz devia estar empregando tudo que lhe restava de energia para vencer seu terror… Mas nao seria com mentiras tao infantis, ditas com os dentes batendo, que conseguiria surpreender o monstro.

– Sabe muito bem que dentro dela ha apenas duas chaves… O que pretendia fazer com elas? – ele perguntou.

– Eu queria – ela respondeu – visitar aquele quarto que nao conheco e que voce sempre me escondeu… Curiosidade feminina! – acrescentou, num tom que se pretendia animado e que so serviu para aumentar a desconfianca de Erik, de tal forma soava falso…

– Nao gosto das mulheres curiosas! – rebateu Erik. – Voce deveria desconfiar disso depois da historia do Barba Azul…[155] Vamos! Devolva

minha bolsa…! Devolva minha bolsa…! E deixe a chave la, por favor…! Bisbilhoteira!

Riu, enquanto Christine emitia um grito de dor… Erik acabava de lhe tomar sua bolsa.

Foi nesse momento que o visconde, sem mais se conter, lancou um grito de furia e impotencia, que com muita dificuldade consegui abafar em seus labios…

– Ah, ah! – reagiu o monstro. – O que e isso…? Nao ouviu, Christine?

– Nao, nao! – respondeu a infeliz. – Nao ouvi nada!

– Pareceu-me ouvir um grito!

– Um grito…! Por acaso enlouqueceu, Erik…? Quem pode estar gritando no fundo desta morada…? Fui eu que gritei, pois voce me machucava…! Mas nao ouvi nada…!

– Como pode dizer uma coisa dessas…! Esta tremendo…! Esta completamente transtornada…! Esta mentindo…! Alguem gritou! Alguem gritou…! Ha alguem no quarto dos suplícios…! Ah, agora eu compreendo…!

– Nao ha ninguem la, Erik!

– Compreendo…!

– Ninguem…!

– Seu noivo… talvez…!

– Imagine so! Eu nao tenho noivo…! Sabe muito bem disso…!

Outra risada sinistra.

– Alias, e muito facil saber… Minha pequena Christine, meu amor… nao ha necessidade de abrir a porta para ver o que se passa no quarto dos suplícios… quer ver? Quer ver…? Ora, ora…! Se houver alguem, se realmente houver alguem, voce vera iluminar-se la no alto, proximo ao teto, a janela invisível… Basta puxar a cortina preta e depois apagar aqui…

Pronto, esta feito… Apaguemos! Nao precisa temer a noite na companhia do seu maridinho…!

Ouvimos entao a voz agoniada de Christine.

– Nao…! Tenho medo…! Tenho medo da noite…! Nao quero mais saber desse quarto…! E voce que me amedronta o tempo todo, como a uma crianca, com esse quarto dos suplícios… Entao fiquei curiosa, e verdade…! Mas ele nao me interessa mais nem um pouco… Que ideia…!

E, o que eu mais temia, comecou *automaticamente*… Fomos instantaneamente inundados de luz…! Sim, atras da nossa parede, parecia uma fornalha. O visconde de Chagny, que nao esperava por aquilo, ficou tao surpreso que vacilou. E a voz colerica explodiu do outro lado:

– Eu disse que havia alguem… Esta vendo, agora, a janela…? A janela luminosa…! La no alto…! Quem esta atras desta parede nao a ve…! Mas voce vai subir na escada. Ela esta aqui para isso…! Cansou de perguntar para que ela servia… Pois bem, agora ja sabe…! Serve para espiar pela janela do quarto dos suplícios… Bisbilhoteira…!

– Que suplícios…? Que suplícios ha aí dentro…? Erik! Erik! Diga que foi so para me assustar…! Se me ama, diga isso para mim, Erik…! Nao e verdade que nao ha suplícios? Sao historias da carochinha…!

– Olhe, minha querida, na janelinha…!

Nao sei se o visconde, ao meu lado, ouvia agora a voz debilitada da moca, tao ocupado estava com o espetaculo insolito que acabava de surgir diante do seu olhar esgazeado… Quanto a mim, que ja assistira diversas vezes aquele espetaculo, pela janelinha das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*, so prestava atencao ao que falavam do outro lado, procurando nisso uma razao para agir, uma resolucao a tomar.

– Va olhar na janelinha…! Voce me dira…! Voce me dira depois *a forma do nariz dele*!

Ouvimos a escada ser arrastada e apoiada na parede…

– Suba entao…! Nao…! Nao, subo eu… eu, minha querida…!

– Esta bem, pode deixar… vou dar uma espiada… solte-me!

– Ah, queridíssima…! Queridíssima…! Que bonitinha voce e… Muita bondade sua me poupar esse trabalho, arduo na minha idade…! Diga-me entao a forma do nariz dele… Se as pessoas soubessem a felicidade que ha em ter um nariz… um nariz bem seu… nunca viriam passear no quarto dos suplícios…!

Nesse momento, ouvimos distintamente acima de nossas cabecas as seguintes palavras:

– Meu amigo, nao ha ninguem…!

– Ninguem…? Tem certeza de que nao ha ninguem…?

– Juro que nao… Nao ha ninguem…

– Melhor assim…! O que ha com voce, Christine? Afinal de contas, nao precisa se preocupar…! Uma vez que nao ha ninguem…! Aqui…! Desca…! Pronto… relaxe! Uma vez que nao ha ninguem… *Mas o que achou da paisagem…?*

– Oh, muito interessante…!

– Vamos! Melhor assim…! Nao e mesmo, melhor assim…! Tanto melhor assim…! Sem emocoes…! Que casa extravagante, nao e, onde podemos ver paisagens desse tipo…!

– Sim, parece ate que estamos no museu Grevin…![156] Mas repita para mim, Erik… que nao ha suplícios la dentro…! Sabe que me deixou com medo…?

– Por que? Uma vez que nao ha ninguem…!

– Foi voce que construiu esse quarto, Erik…? E muito bonito! Nao ha como negar, voce e um grande artista, Erik…

– Sim, um grande artista “no meu genero”.

– Mas me conte uma coisa, Erik, por que chamou esse comodo de quarto dos suplícios…?

– Oh, e muito simples. Em primeiro lugar, o que voce viu nele?

– Vi uma floresta…!

– E o que ha numa floresta?

– Arvores…!

– E o que ha numa arvore?

– Passaros…

– Voce viu passaros…

– Nao, nao vi passaros.

– Entao o que viu? Faca um esforco…! Viu galhos! E o que ha num galho? – disse a voz terrível. – Ha um cadafalso! Eis por que chamo minha floresta de quarto dos suplícios…! Ve, e apenas uma maneira de falar! Tudo para rir…! Eu nunca me exprimo como os outros…! Nao faco nada como os outros…! Mas estou cansado…! Exausto…! Veja bem, estou cheio de ter uma floresta na minha casa, bem como um quarto dos suplícios…! E de morar como um charlatao no fundo de uma caixa com fundo falso…! Estou cheio…! Cheio…! Quero ter um apartamento tranquilo, com portas e janelas comuns e dentro dele uma mulher honesta, como todo mundo…! Sei que voce compreende, Christine, eu nao deveria ter necessidade de ficar repisando isso a todo momento…! Uma mulher, como todo mundo…! Uma mulher que eu amaria, levaria para passear aos domingos e a quem faria rir a semana inteira! Ah! Nao se entediaria comigo! Tenho mais de um truque na manga, sem falar nos truques com baralho…! Ei! Quer que eu lhe mostre um truque com as cartas? Isso nos fara passar alguns minutos, enquanto esperamos amanha as onze da noite…! Amada Christine…! Amada Christine…! Esta me escutando…? Nao me rejeita mais…? Fale…! Voce me ama…! Nao, nao me ama…! Mas nao importa! Me amara! Antes, voce nao conseguia olhar para a minha mascara porque sabia o que ha atras dela… E agora quer contempla-la e se esquece do que ha atras, ja nao me rejeita mais…! A gente se acostuma com tudo, basta querer… ter boa vontade…! Quantas pessoas que nao se

amavam antes do casamento vieram a se adorar depois! Ah, nao sei mais o que digo… Mas ira divertir-se muito comigo…! Por exemplo, nao existe, isso eu juro perante o bom Deus que nos casara se voce for razoavel, nao existe ventríloquo igual a mim! Sou o primeiro ventríloquo do mundo…! Esta rindo…! Talvez nao acredite…! Escute!

O miseravel (que era, com efeito, o primeiro ventríloquo do mundo) atordoava a pequena (eu me dava conta disso) para desviar sua atencao do quarto dos suplícios…! Manobra estupida…! Christine so pensava em nos…! Por diversas vezes, no tom mais doce que pode encontrar, ela repetiu a suplica mais ardorosa:

– Apague a janelinha…! Erik! Apague a janelinha…!

Pois decerto pensava que aquela luz, que brotara subitamente na janelinha, e a cujo respeito o monstro falara de forma tao ameacadora, tinha sua terrível razao de ser… Uma coisa, entretanto, devia tranquiliza-la agora: ela nos vira a ambos, atras da parede, no centro da magnífica irradiacao, de pe e em boas condicoes…! Mas teria ficado mais tranquila, com certeza!, se a luz fosse apagada…

O outro ja comecara sua exibicao de ventríloquo. Dizia:

– Pronto, levanto um pouco a minha mascara! Oh, so um pouquinho… Esta vendo meus labios? O que tenho nos labios? Eles nao se mexem…! Minha boca esta fechada… meu arremedo de boca… e mesmo assim voce ouve a minha voz…! Estou falando com meu ventre… E absolutamente natural… chama-se a isso ser ventríloquo…! E bastante conhecido: escute minha voz… aonde quer que ela va? Ao seu ouvido esquerdo? Ao seu ouvido direito…? A mesa…? Aos pequenos baus de ebano da lareira…? Ah, isso a surpreende? Minha voz esta nos pequenos baus da lareira! Quer que va mais longe…? Mais perto…? Sonora…? Aguda…? Roufenha…? Minha voz passeia por toda parte…! Por toda parte…! Preste atencao, minha querida, no pequeno bau a direita da lareira, e escute o que ela diz: *Devo girar o escorpiao*…? E agora, crac…! Escute agora o que ela diz no pequeno bau da esquerda: *Devo girar o*

gafanhoto…? E agora, crac! Ei-la aqui na bolsinha de couro… O que ela diz? “Sou a *bolsa da vida e da morte*!” E agora, crac… Ei-la na garganta da Carlotta, no fundo da garganta dourada, da garganta de cristal da Carlotta, puxa vida…! O que ela diz? Ela diz: “Sou eu, sr. sapo! Sou eu que canto: *Escuto essa voz solitaria… croac…! que canta no meu croac…!”* Ah! Ah! Ah! Ah…! Cade a voz de Erik…? Escute, Christine, minha querida..! Escute… Ela esta atras da porta do quarto dos suplícios…! Escute-me…! Sou eu que estou no quarto dos suplícios… E o que eu digo? Eu digo: “Malditos os que tem a felicidade de ter um nariz, um nariz verdadeiro e exclusivo, e vem passear no quarto dos suplícios…! Ah! Ah! Ah!”

Maldita voz do formidavel ventríloquo! Estava em toda parte… passava pela janelinha invisível… atraves das paredes… corria a nossa volta… entre nos… Erik estava ali…! Falava conosco…! Fizemos mencao de nos atirar sobre ele… contudo, no mesmo instante, mais rapida e intangível do que a voz sonora do eco, a voz de Erik reverberara atras da parede…!

Logo nao conseguíamos ouvir mais absolutamente nada, pois eis o que se passou:

– Erik! Erik…! Voce esta me cansando com a sua voz… Cale-se, Erik… Nao acha muito quente aqui…? – a voz de Christine.

– Oh, sim! – responde a voz de Erik. – O calor esta ficando insuportavel…!

De novo a voz rouca de angustia de Christine:

– Mas o que e isso…! A parede esta quente…! O muro esta pelando…!

– Vou lhe explicar, Christine, minha querida, e por causa da “floresta adjacente”…!

– Muito bem… o que significa isso…! A floresta…?

– *Entao nao percebeu que era uma floresta do Congo?*

E a risada do monstro ressoou tao terrível que nao distinguíamos mais os clamores suplicantes de Christine…! O visconde de Chagny gritava e batia nas paredes feito um louco… Eu nao conseguia mais conte-lo… Mas

ouvíamos apenas a risada do monstro… e o proprio monstro decerto so ouvia sua risada. Em seguida, ouvimos os rumores de uma breve luta, de um corpo caindo no assoalho e sendo arrastado… e o estrepito de uma porta batida com violencia… e depois mais nada, mais nada a nossa volta senao o silencio torrido do meio-dia… no coracao de uma floresta da Africa…!

……

155. Conto de fadas do escritor frances Charles Perrault (1628-1703) sobre um aristocrata violento (que matara suas primeiras seis esposas) e sua mulher curiosa. ↩

156. Ver nota 13. ↩

“BARRIS! BARRIS! ALGUEM TEM BARRIS PARA VENDER?”
(*Continuacao do relato do Persa*)

EU DISSE QUE o quarto onde o visconde de Chagny e eu estavamos era rigorosamente hexagonal e inteiramente revestido de espelhos. Mais tarde, tornou-se comum, especialmente em determinadas exposicoes, esse tipo de aposentos assim dispostos, denominados “casa das miragens” ou “palacio das ilusoes”. Mas essa invencao e da lavra de Erik, que, na minha presenca, construiu a primeira sala desse genero na epoca das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*. Bastava instalar nos cantos algum motivo decorativo, uma coluna, por exemplo, para obter instantaneamente um palacio com mil colunas, pois, mediante o efeito dos espelhos, a sala real expandia-se em seis salas hexagonais, cada uma delas multiplicando-se ao infinito. Antigamente, para divertir “a pequena sultana”, ele instalara, por exemplo, um cenario que se transformava no “templo incomensuravel”, mas a sultana logo se cansou de ilusao tao infantil, e entao Erik transformou sua invencao em quarto dos suplícios. Em vez do motivo arquitetonico instalado nos cantos, ele colocou no primeiro quadro uma arvore-de-ferro. Por que essa arvore, que imitava perfeitamente a vida com suas folhas pintadas, era de ferro? Porque precisava ser suficientemente solida para resistir a todos os ataques do “paciente” trancado no quarto dos suplícios. Veremos como, por duas vezes, o cenario assim obtido transformava-se instantaneamente em outros dois cenarios sucessivos, gracas a rotacao automatica dos tambores situados nos cantos e divididos em tres, esposando os angulos dos espelhos e comportando um padrao decorativo que aparecia alternadamente.

As paredes dessa estranha sala nao ofereciam nenhum ponto a que o paciente pudesse se agarrar, uma vez que, afora o motivo decorativo, de uma solidez a toda prova, eram revestidas exclusivamente de espelhos, e

espelhos bem grossos, para nada temerem da furia do miseravel jogado ali, a proposito com as maos desprotegidas e os pes descalcos.

Nenhum movel. O teto era luminoso. Um engenhoso sistema de calefacao eletrico, imitado depois disso, permitia regular a temperatura das paredes a vontade, dando assim a atmosfera desejada a sala… Faco questao de enumerar com precisao todos os detalhes dessa invencao (que, embora absolutamente natural, dava a ilusao sobrenatural, com alguns galhos pintados, de uma floresta equatorial inflamada pelo sol do meio-dia) para que ninguem possa colocar em duvida a atual harmonia do meu cerebro, para que ninguem tenha o direito de dizer: "Esse homem ficou louco" ou "Esse homem esta mentindo" ou "Esse homem nos toma por imbecis".[157]

Se eu tivesse contado as coisas simplesmente assim: "Tendo descido ao fundo de um porao, encontramos uma floresta equatorial inflamada pelo sol do meio-dia", teria obtido um belo efeito de espanto aparvalhado, mas nao busco nenhum efeito; meu objetivo, escrevendo estas linhas, e contar fielmente o que aconteceu ao sr. visconde de Chagny e a mim durante uma aventura terrível que, durante certo período, foi objeto da Justica deste país.

Retomo agora os fatos onde os deixei.

Quando o teto se acendeu e, a nossa volta, a floresta se iluminou, a estupefacao do visconde superou tudo que podemos imaginar. A aparicao daquela floresta impenetravel, cujos troncos e galhos inumeraveis nos enlacavam *ate o infinito*, mergulhou-o numa consternacao pavorosa. Passou as maos na testa como se expulsando uma visao de sonho e seus olhos piscaram como olhos que, ao despertar, pelejam para recobrar o senso da realidade das coisas. Por um instante, ele se esqueceu *de escutar*!

Eu disse que a aparicao da floresta nao me surpreendeu em nada. Portanto, eu escutava por nos dois o que se passava na sala contígua. No fim, minha atencao viu-se singularmente atraída menos pelo cenario, do qual meu pensamento se desvencilhava, do que pelo proprio espelho que o produzia. Esse espelho, em alguns pontos, *estava rachado*.

Sim, tinha arranhoes; haviam conseguido “trinca-lo”, apesar de sua solidez, e isso me provava, de maneira indubitavel, que o quarto dos suplícios onde nos encontravamos *ja fora utilizado*!

Um infeliz, cujos pes e maos estavam menos nus que os condenados das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*, caíra certamente naquela “ilusao mortal” e, louco de raiva, investira contra aqueles espelhos que, apesar dos ferimentos leves, nem por isso deixavam de continuar a refletir sua agonia! E o galho da arvore no qual terminara seu suplício estava disposto de tal maneira que, antes de morrer, ele pudera ver estremecer junto com ele – suprema consolacao – mil enforcados.

Sim! Sim! Joseph Buquet passara por ali…!

Morreríamos como ele?

Eu nao pensava assim, pois sabia que tínhamos algumas horas pela frente e que poderia emprega-las com mais proveito do que Joseph Buquet fora capaz de faze-lo.

Nao tinha eu um conhecimento aprofundado da maioria dos “truques” de Erik? Era agora, ou nunca, o momento de fazer uso dele.

Primeiramente, abandonei a ideia de voltar pela passagem que nos conduzira aquele quarto maldito, nem cogitei mover novamente a pedra interna que a fechava. A razao disso era simples: eu nao tinha meios para tal…! Havíamos saltado de muito alto no quarto dos suplícios e nenhum movel nos permitia agora alcancar essa passagem, nem sequer o galho da arvore-de-ferro, nem sequer os ombros de um de nos a guisa de estribo.

Nao havia senao uma unica saída possível: a que dava para o quarto Luís Filipe, onde estavam Erik e Christine Daae. Mas, embora se apresentasse como uma simples porta do lado de Christine, essa saída era absolutamente invisível para nos dois… Precisavamos, portanto, tentar abri-la sem nem mesmo sabermos onde ela se situava, o que nao era de forma alguma tarefa trivial.

Quando tive absoluta certeza de que nao havia mais qualquer esperanca para nos, do lado de Christine Daae, quando ouvi o monstro puxar, ou melhor, arrastar a infeliz para fora do quarto Luís Filipe *para que ela nao atrapalhasse o nosso supl cio*, resolvi botar maos a obra imediatamente, isto e, descobrir o truque da porta.

Mas primeiramente tive que acalmar o sr. de Chagny, que ja zanzava feito um alucinado, emitindo clamores incoerentes. Os fiapos de conversa que, apesar do seu desvario, ele conseguira surpreender entre Christine e o monstro, contribuíram para deixa-lo fora de si; se voce acrescentar a isso o truque da floresta magica e o calor inclemente, que comecava a fazer as temporas gotejarem de suor, nao tera dificuldade para compreender o frenesi que comecava a tomar conta do sr. de Chagny. Apesar de todas as minhas recomendacoes, meu companheiro nao mostrava mais nenhuma prudencia.

Ia e vinha a esmo, precipitando-se em direcao a um espaco inexistente, julgando entrar numa aleia que o conduzia ao horizonte e dando com a testa, apos alguns passos, no proprio reflexo de sua ilusao de floresta!

Gritava "Christine! Christine…!" e agitava sua pistola, chamando tambem com todas as suas forcas o monstro, desafiando o Anjo da Musica para um duelo de morte e xingando igualmente sua floresta ilusoria. Era o suplício produzindo seu efeito num espírito desavisado. Tentei, na medida do possível, combate-lo, induzindo o pobre visconde a raciocinar com frieza, fazendo-o tocar com o dedo os espelhos e a arvore-de-ferro, os galhos sobre os tambores, e explicando, segundo as leis da optica, toda a imagetica luminosa na qual estavamos imersos e da qual nao podíamos, como vulgares ignorantes, ser as vítimas!

– Estamos num quarto, num simples quarto, eis o que tem de repetir o tempo todo… E sairemos desse quarto quando encontrarmos a porta. Muito bem, procuremos!

Prometi-lhe que, se ele me deixasse agir, sem me atordoar com seus gritos e deslocamentos insanos, eu descobriria o truque da porta antes de

uma hora.

Entao ele se deitou no assoalho, como fazemos nos bosques, e declarou que esperaria ate eu encontrar a porta da floresta, uma vez que nao tinha nada melhor para fazer! E julgou dever acrescentar que, do lugar onde estava, “a vista era esplendida” (o suplício, apesar de tudo que eu dissera, agia).

Quanto a mim, “esquecendo-me da floresta”, escolhi um painel de espelhos e pus-me a tatea-lo em todas as direcoes, *procurando o ponto fraco* que eu devia pressionar para fazer as portas rotacionarem segundo o sistema das portas e alcapoes giratorios de Erik. As vezes esse ponto fraco podia ser uma simples mancha no espelho, do tamanho de uma ervilha, sob a qual se encontrava a mola a ser acionada. Procurei! Procurei! Apalpei tao alto quanto minhas maos podiam alcancar. Erik era mais ou menos da minha altura e eu achava que ele nao instalara a mola mais alta do que ele – era apenas uma hipotese, mas minha unica esperanca. Decidi assim, sem esmorecer, inspecionar minuciosamente os seis paineis de espelhos e, em seguida, examinar com a mesma minucia o assoalho.

Ao mesmo tempo que tateava os paineis meticulosamente, eu procurava nao perder um minuto, pois o calor era cada vez mais insuportavel e literalmente fritavamos naquela floresta escaldante.

Eu trabalhava assim havia meia hora e ja perscrutara tres paineis quando uma surda exclamacao emitida pelo visconde fez com que eu me voltasse:

– Estou sufocando! Todos esses espelhos projetam um calor infernal…! Sera que vai encontrar logo essa mola…? Se demorar mais um pouco, assaremos aqui!

Nao fiquei descontente de ouvi-lo falar assim. Ele nao dissera uma palavra sobre a floresta e eu esperava que a razao do meu companheiro ainda resistisse bastante tempo contra o suplício. Mas ele acrescentou:

– O que me consola e que o monstro deu um prazo ate amanha as onze horas para Christine: se nao conseguirmos sair daqui e socorre-la, ao menos estaremos mortos antes dela! A missa de Erik podera servir para todo mundo!

E aspirou uma lufada de ar quente que quase o fez desmaiar…

Como eu nao tinha as mesmas e desesperadas razoes que o sr. visconde de Chagny para aceitar a morte, voltei-me, apos algumas palavras de encorajamento, para o meu painel, mas enquanto falava eu errara ao dar alguns passos; de modo que, no emaranhado prodigioso da floresta ilusoria, nao encontrei mais meu painel! Via-me obrigado a recomecar tudo do zero, aleatoriamente… Assim, nao pude me impedir de manifestar minha contrariedade, e o visconde compreendeu que tudo deveria ser refeito. Isso foi um novo golpe para ele.

– Jamais sairemos desse mato! – ele gemeu.

Seu desespero so fez aumentar. E, aumentando, fazia-o cada vez mais esquecer que estava lidando com simples espelhos e acreditar estar as voltas com uma floresta de verdade.

Quanto a mim, recomecei a procurar… a tatear… O nervosismo, por sua vez, me invadia… pois eu nao encontrava nada… Absolutamente nada… No quarto ao lado, sempre o mesmo silencio. Estavamos realmente perdidos na floresta… sem saída… sem bussola… sem guia… sem nada. Oh, eu sabia o que nos esperava se ninguem viesse em nosso socorro… ou se eu nao descobrisse a mola… Mas era em vao que eu procurava, so encontrava galhos… admiraveis galhos que se erguiam em riste diante de mim ou vergavam sutilmente acima da minha cabeca… Mas eles nao faziam sombra! Alias, isso era mais do que natural, uma vez que estavamos numa floresta equatorial com o sol a pino… uma floresta do Congo…

Por varias vezes o sr. de Chagny e eu tiramos e colocamos nossos fraques, julgando ora que nos esquentava, ora que, ao contrario, nos

protegia daquele calor.

Eu ainda resistia moralmente, mas o sr. de Chagny parecia-me completamente "arrebentado". Afirmava estar ha tres dias e tres noites caminhando sem parar naquela floresta a procura de Christine Daae. De tempos em tempos, julgava percebe-la atras de um tronco ou esgueirando-se atraves dos galhos e chamava-a com palavras suplices que me faziam vir lagrimas aos olhos. "Christine! Christine!", dizia. "Por que foge de mim? Nao me ama…? Nao somos noivos…? Christine, pare…! Veja, estou esgotado…! Christine, tenha piedade…! Vou morrer na floresta… longe de voce…!"

– Estou com sede! – disse finalmente, num tom delirante.

Eu tambem estava com sede… minha garganta ardia…

No entanto, agora de cocoras no assoalho, isso nao me impedia de procurar… procurar… procurar a mola da porta invisível… ainda mais que nossa permanencia na floresta ia ficando perigosa a medida que a noite se aproximava… A sombra da noite ja comecava a nos envolver… viera muito rapido, como anoitece nos países equatoriais… de chofre, praticamente sem crepusculo…

Ora, a noite nas florestas equatoriais e sempre perigosa, sobretudo quando nao se tem, como nos, algo com que fazer fogo para afastar as feras. Eu bem que tentara, abandonando por um instante a procura da mola, quebrar alguns galhos, que teria acendido com minha lanterna-lamparina, mas tambem colidira com os famigerados espelhos, o que me lembrara a tempo de que estavamos lidando com meras imagens de galhos…

O dia nao levara o calor embora, ao contrario… Agora estava ainda mais quente sob o luar azul. Recomendei ao visconde manter nossas armas preparadas para abrir fogo e nao se afastar do local do nosso acampamento, enquanto eu continuava a procurar a mola.

De repente, a poucos passos de onde estavamos, um rugido de leao ressoou, quase arrebentando com os nossos tímpanos.

– Oh! – disse o visconde em voz baixa. – Ele nao esta longe…! Nao o ve…? Ali… atraves das arvores! Naquele arbusto… Se ele rugir de novo, eu atiro…!

O rugido recomecou, ainda mais impressionante. O visconde entao atirou, mas nao penso que tenha acertado o leao: quebrou, porem, um espelho, como pude constatar na manha seguinte, ao alvorecer. Durante a noite, devemos ter percorrido um bom pedaco, pois nos vimos subitamente na orla do deserto, de um imenso deserto de areia, pedras e rochedos. Francamente, nao valia a pena sair da floresta para cair no deserto. Exaurido, eu me estendera ao lado do visconde, esgostado da busca inutil pela tal mola.

Causava-me especie (e eu disse isso ao visconde) nao termos tido outros encontros desagradaveis durante a noite. Geralmente, depois do leao vinham o leopardo e, depois, as vezes, o zumbido da mosca tse-tse.[158] Eram efeitos faceis de obter, e, enquanto descansavamos antes de atravessar o deserto, expliquei ao sr. de Chagny que Erik extraía o rugido do leao de um tanta com membrana de pele de burro. Sobre essa pele e esticada uma corda de tripa presa em seu centro a outra corda do mesmo genero que atravessa o tambor em toda a sua altura. Erik so precisa entao esfregar essa corda com uma luva besuntada com breu e, pela maneira como fricciona, imita fidedignamente a voz do leao ou do leopardo, e ate mesmo o zumbido da tse-tse.

Pensar que Erik poderia estar no quarto ao lado, com seus truques, fez-me tomar a subita resolucao de entrar em negociacao com ele, pois evidentemente cumpria desistir da ideia de surpreende-lo. E, agora, ele devia saber como agir com os ocupantes do quarto dos suplícios. Chamei-o: “Erik! Erik…” Gritei o mais alto que pude atraves do deserto, mas ninguem respondeu a minha voz… Em toda parte a nossa volta, o silencio

e a imensidao nua daquele deserto *gran tico*… O que seria de nos em meio aquela terrível solidao…?

Comecavamos, literalmente, a morrer de calor, fome e sede… de sede principalmente… Por fim, vi o sr. de Chagny soerguer-se em seu cotovelo e designar um ponto no horizonte… Acabava de descobrir o oasis…!

Sim, la longe, o deserto dava lugar a um oasis… um oasis com agua… agua límpida feito um espelho… agua que refletia a arvore-de-ferro…! Ah… aquilo era o quadro da *miragem*… reconheci-o imediatamente… o mais terrível… Ninguem conseguira resistir… ninguem… Eu procurava conservar toda a minha razao… *e nao esperar por agua*, porque sabia que se esperassemos por agua, a agua que refletia a arvore-de-ferro, e dessemos de cara com o espelho, so nos restava uma coisa a fazer: nos enforcarmos na arvore-de-ferro…!

Gritei entao para sr. de Chagny:

– E a miragem…! E a miragem..! Nao acredite na agua…! E mais um truque do espelho…!

Entao ele, como se diz, me mandou simplesmente passear, com meu truque do espelho, minhas molas, minhas portas giratorias e meu palacio das miragens…! Declarou, furioso, que eu estava louco ou cego para imaginar que toda aquela agua que corria ali, entre tao belas e incontaveis arvores, nao era agua verdadeira…! E o deserto era verdadeiro! E a floresta tambem…! Nao era a ele que convinha querer "enganar"… tinha viajado muito… por todos os países…

E se arrastou, dizendo:

– Agua! Agua…!

Tinha a boca aberta como se bebesse…

Eu tambem tinha a boca aberta como se bebesse…

Pois nao somente víamos a agua como *a ouv amos*…! Nos a ouvíamos rumorejar… rumorejar…! Compreende essa palavra "rumorejar"…? *E*

uma palavra que ouvimos com a l ngua…! A língua sai da boca para escuta-la melhor…!

Por fim, suplício mais intoleravel do mundo, ouvimos a chuva e nao chovia! Era uma invencao demoníaca… Oh, eu tambem sabia como Erik a obtinha! Enchia com pedrinhas uma caixa bem estreita e comprida, dividida por comportas de madeira e metal. Caindo, as pedrinhas encontravam essas comportas e ricocheteavam uma na outra, produzindo sons intermitentes que lembravam perfeitamente a crepitacao de um temporal.

Assim, eu e o sr. de Chagny botavamos a língua para fora, arrastando-nos em direcao a margem borbulhante… *nossos olhos e ouvidos estavam cheios d'agua, mas nossa l ngua continuava seca*…!

Chegando ao espelho, o sr. de Chagny lambeu-o… E eu tambem… lambi o espelho…

Queimava…!

Entao rolamos pelo chao, com um rugido de desespero. O sr. de Chagny aproximou de sua tempora a ultima pistola que continuava carregada e eu olhei, aos meus pes, para o laco do Pendjab.

Eu sabia por que, naquele terceiro cenario, a arvore-de-ferro voltara…!

A arvore-de-ferro me esperava…!

Mas, olhando para o laco do Pendjab, vi uma coisa que me fez estremecer tao violentamente que o sr. de Chagny deteve-se em seu impulso suicida… Ele ja murmurava: "Adeus, Christine…!"

Agarrei-lhe o braco. Peguei sua pistola… em seguida me arrastei de joelhos ate o que eu vira.

Acabava de descobrir, junto ao laco do Pendjab, na ranhura do assoalho, um prego com cabeca preta cuja utilidade eu nao ignorava…

Finalmente! Tinha encontrado a mola…! A mola que acionaria a porta…! que nos daria a liberdade…! Que nos entregaria Erik.

Apalpei o prego… Olhei radiante para o sr. de Chagny…! O prego de cabeca preta cedia a pressao…

Entao…

Entao nao foi uma porta que se abriu na parede, mas um alcapao que se moveu no assoalho.

Imediatamente, desse buraco negro, recebemos uma lufada de ar fresco. Nos debrucamos sobre aquele quadrado de sombra como sobre uma fonte límpida. Com o queixo na sombra fresca, bebíamos.

E nos curvavamos cada vez mais sobre o alcapao. O que poderia haver naquele buraco, naquele porao que acabava de abrir misteriosamente sua porta no assoalho…?

Haveria agua ali dentro…?

Agua de beber…

Estendi os bracos nas trevas e encontrei uma pedra, depois outra… uma escada… uma escada escura descia ao porao.

O visconde ja estava pronto para se atirar no buraco…!

Dentro dele, mesmo que nao encontrassemos agua, poderíamos escapar das garras reluzentes daqueles abominaveis espelhos.

Mas detive o visconde, pois temia um novo truque do monstro, e acendendo minha lamparina desci na frente…

A escada espiralava nas trevas mais profundas. Ah, o adoravel frescor da escada e das trevas…!

Aquele frescor provinha menos do sistema de ventilacao, instalado necessariamente por Erik, do que do proprio frescor da terra, que devia estar toda saturada de agua no nível em que nos encontravamos… Alem disso, o lago nao devia estar longe…!

Logo chegamos ao pe da escada… Nossos olhos comecavam a se acostumar a penumbra, a distinguir formas a nossa volta… formas redondas… para as quais eu dirigia o halo da minha lamparina…

Barris…!

Estavamos na adega de Erik!

Era ali que ele devia guardar seu vinho e talvez sua agua potavel…

Eu sabia que Erik era um amante de bons *crus*…[159]

Ah, bebida era o que nao faltava ali…!

O sr. de Chagny acariciava as formas redondas e repetia incansavelmente:

– Barris! Barris…! Quantos barris…!

De fato, havia uma certa quantidade deles alinhada simetricamente em duas fileiras, entre as quais nos encontravamos…

Eram barris pequenos e imaginei que Erik os escolhera daquele tamanho para facilitar seu transporte ate a morada do lago…!

Examinavamos uns depois dos outros, verificando se em algum deles nao havia um funil nos indicando, justamente, que teriam se abastecido nele de quando em quando.

Mas todos os barris estavam perfeitamente fechados.

Entao, apos erguer um deles para constatar que estava cheio, pusemo-nos de joelhos e, com a lamina de uma pequena faca que eu levava comigo, preparei-me para levantar a tampa.

Nesse momento, pareceu-me ouvir, como se vindo de muito longe, uma especie de canto monotono, cuja cadencia eu conhecia, pois ouvira-o muitas vezes nas ruas de Paris:

“Barris…! Barris…! Alguem tem barris… para vender…?”

Minha mao ficou imobilizada sobre a tampa… O sr. de Chagny tambem ouvira. Ele me disse:

– Estranho…! Parece ser o barril que canta…!

O canto recomecou mais distante…

“Barris…! Barris…! Alguem tem barris para vender…?”

– Oh, oh! Juro – disse o visconde – que o canto esta saindo de *dentro* do barril…!

Levantamo-nos e fomos olhar atras do barril…

– E dentro! – dizia o sr. de Chagny. – E dentro…!

Mas nao ouvíamos mais nada… e fomos obrigados a acusar o mau estado, a perturbacao real de nossos sentidos…

Voltamos a tampa. O sr. de Chagny uniu as duas maos e, num ultimo esforco, arrebentei a tampa.

– O que e isso? – exclamou imediatamente o visconde. – Agua nao e!

O visconde aproximara da lamparina suas duas maos cheias… Debrucei-me sobre as maos do visconde… e num reflexo arremessei minha lamparina bruscamente tao longe de nos que ela quebrou e se apagou… e a perdemos…

O que eu acabava de ver nas maos do sr. de Chagny… era polvora!

---

157. Compreende-se que, na epoca em que escrevia, o Persa tivesse tomado tantas precaucoes contra o espírito de incredulidade; hoje, quando todo mundo ja viu esse tipo de comodo, elas seriam superfluas. (Nota do autor) ↩

158. A mosca tse-tse, encontrada na regiao do rio Congo, e responsavel pela transmissao do protozoario tripanossoma causador da doenca do sono. ↩

159. O termo frances *cru* indica um vinhedo de reputacao reconhecida, bem como o vinho aí produzido. ↩

O QUE GIRAR: O ESCORPIAO OU O GAFANHOTO?
(*Fim do relato do Persa*)

ASSIM, descendo ao fundo da adega, eu havia tocado o fundo do meu pensamento terrível! O miseravel nao me enganara com suas vagas ameacas dirigidas a muitos da raca humana! Fora da humanidade, longe dos homens, ele construíra um covil de animal subterraneo, determinado a explodir tudo junto com ele numa eclatante catastrofe se aqueles da superfície da terra viessem acua-lo no antro onde refugiara sua monstruosa fealdade.

Aquela descoberta nos lancou numa perturbacao que nos fez esquecer todas as nossas aflicoes anteriores e todos os nossos sofrimentos presentes… Nossa situacao excepcional, quando justamente acabavamos de nos ver a beira do suicídio, ainda nao se delineara para nos com pavor mais preciso. Agora compreendíamos tudo o que monstro quisera dizer, tudo o que ele dissera a Christine Daae e tudo o que significava a abominavel frase: *"Sim ou nao…! Se for 'nao', todos serao mortos e enterrados…"* Sim, enterrados sob as ruínas do que havia sido a grande Opera de Paris…! Podia-se imaginar crime mais terrível para lancar o mundo numa apoteose de horror? Planejada para a tranquilidade de sua aposentadoria, a catastrofe ia servir para vingar os amores do monstro mais horrível que ja se moveu sob os ceus…! "Amanha a noite, as onze horas, prazo final…" Ah, escolhera muito bem sua hora…! Haveria muita gente na festa…! Muitos da raca humana… la em cima, no topo flamejante da casa de musica…! Com que cortejo melhor ele poderia sonhar para morrer…? Desceria ao tumulo com os mais belos do mundo, adornados com todas as joias… Amanha a noite, as onze…! Deveríamos ir pelos ares no meio do espetaculo… se Christine Daae dissesse "Nao…!". Amanha, as onze horas…! E como Christine Daae nao diria "Nao"?

Porventura nao preferia esposar a propria morte a unir-se aquele cadaver vivo? Porventura nao ignorava que de sua recusa dependia o destino terrível de muitos daqueles da raca humana…? Amanha a noite, onze horas…!

E, nos arrastando nas trevas, fugindo da polvora, tentando descobrir os degraus de pedra (pois la no alto, acima de nossas cabecas… o alcapao que conduz ao quarto dos espelhos, por sua vez, esta apagado…) nos nos repetíamos: amanha a noite, onze horas…!

Encontro afinal a escada… mas estaco imediatamente no primeiro degrau, pois um pensamento terrível incendeia meu cerebro: “Que horas sao?”

Sim! Que horas sao? Que horas…! Pois, afinal, amanha a noite, onze horas, talvez seja hoje, talvez imediatamente…! Quem pode nos dizer as horas…! Parece-me que estamos fechados nesse inferno ha dias e dias… ha anos… desde o comeco do mundo… Talvez tudo isso va explodir agora mesmo…! Ah, um barulho…! Um estalido…! Ouviu, cavalheiro…? Ali…! ali, naquele canto… grandes deuses…! Uma especie de ruído mecanico…! De novo…! Ah, luz…! Talvez seja o mecanismo que vai mandar tudo pelos ares…! Repito: um estalido… porventura esta surdo?

O sr. de Chagny e eu pusemo-nos a gritar feito loucos… com o medo nos nossos calcanhares… subimos a escada atropeladamente… O alcapao talvez esteja fechado la em cima! Talvez seja essa porta fechada a causa da escuridao… Ah! Sair do escuro! Sair do escuro…! Reencontrar a claridade mortal do quarto dos espelhos…!

Chegamos ao topo da escada… nao, o alcapao nao esta fechado, mas a escuridao que faz agora no quarto dos espelhos e igual a da adega de onde saímos…! Saímos completamente da adega… arrastamo-nos pelo assoalho do quarto dos suplícios… o assoalho que nos separa do paiol… que horas sao…? Gritamos, chamamos…! O sr. de Chagny clama, com as forcas revigoradas: “Christine…! Christine…!” E eu chamo Erik…! Lembro que lhe salvei a vida…! Mas nada nos responde…! Nada exceto nosso proprio

desespero… exceto nossa propria loucura… que horas sao…? “Amanha a noite, onze horas…” Conversamos… buscamos calcular o tempo que passamos aqui… Mas somos incapazes de raciocinar… Se pelo menos conseguíssemos enxergar o mostrador de um relogio, com ponteiros que andassem…! Meu relogio esta parado faz tempo… Mas o do sr. de Chagny ainda funciona… Ele me disse que deu corda nele, ao fazer sua toalete para a noite, antes de vir para a Opera… Buscamos deduzir desse fato alguma conclusao que nos de uma esperanca de que ainda nao chegamos ao minuto fatal…

O mais ínfimo rumor que chega pelo alcapao, o qual tentei em vao fechar, nos lanca novamente na angustia mais atroz… Que horas sao…! Nao temos mais nenhum fosforo… No entanto, precisaríamos saber… O sr. de Chagny propoe quebrar o vidro do seu relogio e tatear os dois ponteiros… Fazemos silencio enquanto ele age, interrogando os ponteiros com a ponta dos dedos. O aro do relogio serve-lhe de ponto de referencia…! Pela distancia entre os ponteiros, pode estimar serem onze em ponto…

Mas as onze horas que nos fazem estremecer ja passaram, nao e mesmo…! Talvez sejam onze e dez… assim teríamos pelo menos doze horas pela frente.

De repente, eu grito:

– Silencio!

Pareceu-me ouvir passos nos aposentos ao lado.

Nao me enganei! Era um rumor de portas, seguido por passos precipitados. Estao batendo na parede. A voz de Christine Daae:

– Raoul! Raoul!

Ah, agora gritamos ao mesmo tempo, de ambos os lados da parede. Christine soluca, nao sabia se encontraria o sr. de Chagny vivo…! Tudo indica que o monstro foi terrível… Delirou o tempo todo, esperando que ela se dispusesse a pronunciar o “sim”, e ela lhe recusava… Nao obstante,

prometia-lhe aquele “sim” se ele aceitasse conduzi-la ao quarto dos suplícios…! Mas ele se opusera obstinadamente a isso, com ameacas atrozes dirigidas a todos os da raca humana… No fim, apos horas e horas daquele inferno, ele acabava de sair… deixando-a sozinha para refletir pela ultima vez…

Horas e horas…!

– Que horas sao? Que horas sao, Christine…?

– Sao onze horas…! Faltam cinco minutos para as onze…

– Mas quais onze horas…?

– As onze horas que devem decidir sobre a vida ou a morte…! – continua a voz cava de Christine. – Ele acaba de repetir isso para mim, antes de sair… Ele e repulsivo…! Delira, arrancou a mascara e seus olhos de ouro expelem chamas! E ele simplesmente ri…! Disse-me, rindo, como um demonio bebado: “Cinco minutos! Deixo-a sozinha em respeito ao seu bem conhecido pudor… Nao quero que ruborize na minha frente quando disser ‘sim’, como todas as noivas tímidas…! Que diabos! Conhecemos seu mundo!” Repito que ele estava igual a um demonio bebado…! “Veja!” (vasculhou na bolsa da vida e da morte). “Veja”, ele me disse, “eis a chavinha de bronze que abre os baus de ebano que estao junto a lareira do quarto Luís Filipe… Num desses baus, voce encontrara um escorpiao e, no outro, um gafanhoto, animais fielmente reproduzidos em bronze do Japao; sao animais que dizem sim e nao! Isto e, voce so precisa girar o escorpiao sobre seu eixo, para a posicao contraria aquela em que o encontrar… isso significara, para mim, quando voltar ao quarto Luís Filipe, ao quarto do noivado: *sim!* Se girar o gafanhoto, por sua vez, significara: *nao!* para mim, quando eu retornar ao quarto Luís Filipe, ao quarto da morte…” E ele ria como um demonio bebado. De joelhos, eu me limitava a lhe pedir a chave do quarto dos suplícios, prometendo-lhe ser sua mulher para sempre se ele me concedesse isso… Mas ele respondeu que nao precisaríamos nunca mais daquela chave e que ele iria atira-la no fundo do lago…! Depois, rindo, louco, deixou-me a sos, dizendo que so

voltaria dali a cinco minutos, porque sabia tudo que se deve saber, quando se e um homem galante, sobre o pudor das mulheres…! Ah, sim, ainda gritou: “O gafanhoto…! Cuidado com o gafanhoto…! O gafanhoto nao so gira, ele salta pelos ares…! Salta pelos ares…! *Salta terrivelmente…!*”

Tento aqui reproduzir com frases, palavras entrecortadas, exclamacoes, o sentido das palavras delirantes de Christine…! Pois ela tambem, durante essas vinte e quatro horas, deve ter tocado o fundo da dor humana… e talvez sofrido mais do que nos…! A todo instante, Christine se interrompia e nos interrompia para exclamar: “Raoul! Esta sofrendo…?” E apalpava as paredes, que agora estavam frias, e perguntava por que razao estavam tao quentes…! Os cinco minutos se escoaram e, no meu pobre cerebro, escorpiao e gafanhoto esfregavam todas as suas patas…!

Ainda assim, eu conservara suficiente lucidez para compreender que, se girassemos o gafanhoto, o gafanhoto saltava pelos ares… e junto com ele muitos da raca humana! Nao restava duvida de que o gafanhoto comandava alguma corrente eletrica destinada a fazer o paiol explodir…! Apressadamente, o sr. de Chagny, que agora, depois de ouvir a voz de Christine, parecia ter recuperado toda a sua forca moral, explicava a moca a situacao prodigiosa em que nos encontravamos, nos e toda a Opera… *Era imperativo girar o escorpiao*, imediatamente…

Aquele escorpiao, que correspondia ao “sim” tao desejado por Erik, devia ser alguma coisa que talvez impedisse a catastrofe.

– Va…! Va entao, Christine, minha bem-amada…! – ordenou Raoul.

Houve um silencio.

– Christine – exclamei –, onde voce esta?

– Ao lado do escorpiao!

– Nao toque nele!

Ocorrera-me a ideia – pois eu conhecia o meu Erik – de que o monstro enganara novamente a jovem. Talvez fosse o escorpiao que fizesse tudo explodir. Pois, afinal, por que ele, *ele*, nao estava ali? Ja havia transcorrido

bastante tempo apos os cinco minutos… e ele nao voltara… Sem duvida, pusera-se a salvo…! Talvez esperasse a tremenda explosao… So esperava isso…! Afinal, nao devia alimentar esperancas: Christine jamais consentiria ser sua presa voluntaria…! Por que ele nao voltara…? Nao toque no escorpiao…!

– Ele…! – exclamou Christine. – Estou ouvindo…! Ei-lo…!

…….

Com efeito, era ele quem chegava. Ouvimos seus passos se aproximando do quarto Luís Filipe. Havia se juntado a Christine. Nao pronunciara uma palavra…

Entao, ergui a voz:

– Erik! Sou eu! Esta me reconhecendo?

A esse chamado, ele respondeu *incontinenti*, num tom extraordinariamente pacífico:

– *Entao voces nao morreram la dentro…?* Esta bem, procurem ficar tranquilos.

Eu quis interrompe-lo, mas ele falou tao friamente que congelei atras da minha parede:

– Nem mais uma palavra, daroga, ou faco tudo saltar pelos ares!

E acrescentou imediatamente:

– Essa honra deve caber a senhorita…! A senhorita nao tocou no escorpiao (como falava serenamente!), a senhorita nao tocou no gafanhoto (com que espantoso sangue-frio!), mas nunca e tarde demais para agir corretamente. Veja, abro sem chave, eu, pois sou o mago dos alcapoes, e abro e fecho tudo que desejo, ao meu bel-prazer… Abro os pequenos baus de ebano… que bichinhos lindos… Muito bem imitados… e como parecem inofensivos… Mas o habito nao faz o monge! (Tudo isso com uma voz neutra, uniforme…) Se girarmos o gafanhoto, saltamos todos pelos ares, senhorita… Sob nossos pes, ha polvora suficiente para explodir

um bairro inteiro de Paris… se girarmos o escorpiao, toda essa polvora sera inundada…! Por ocasiao de nossas bodas, a senhorita dara um belíssimo presente a algumas centenas de parisienses, que neste momento aplaudem uma indigente obra de Meyerbeer… Vai dar-lhes a vida de presente… pois a senhorita, com suas belas maos – que voz cansada, essa voz –, vai girar o escorpiao…! E alegres e felizes, nos casaremos!

Um silencio, entao:

– Se, em dois minutos, a senhorita nao girar o escorpiao, tenho um relogio – acrescentou a voz de Erik –, um relogio que funciona maravilhosamente, entao eu giro o gafanhoto… *e o gafanhoto salta lindamente pelos ares…!*

O silencio voltou ainda mais assustador do que todos os outros silencios assustadores. Eu sabia que, quando Erik assumia aquele tom pacífico e tranquilo, era porque estava esgotado, capaz do crime mais titanico ou do devotamento mais delirante, e uma sílaba desagradavel aos seus ouvidos poderia deflagrar o furacao… O sr. de Chagny, por sua vez, compreendera que so lhe restava rezar e, de joelhos, rezava… Quanto a mim, meu sangue pulsava tao forte que tive que levar a mao ao coracao, com medo que este arrebentasse… E que pressentíamos horrivelmente o que acontecia no pensamento desatinado de Christine Daae durante aqueles segundos supremos… compreendíamos sua hesitacao em girar o escorpiao… Repito: e se fosse o escorpiao que explodiria tudo…? E se Erik tivesse resolvido carregar todo mundo junto com ele?

Finalmente, a voz de Erik, mansa dessa vez, de uma mansidao angelical…

– Os dois minutos ja se foram… Adeus, senhorita…! Salte pelos ares, gafanhoto…!

– Erik – exclamou Christine, que deve ter se precipitado sobre a mao do monstro –, jure pelo seu amor infernal que e o escorpiao que devo girar…

– Sim, para saltarmos em nosso casamento…

– Ah, esta vendo, vamos saltar!

– No nosso casamento, inocente crianca…! O escorpiao abre o baile…! Mas ja chega…! Nao quer escorpiao? Venha entao, gafanhoto!

– Erik…!

– Chega…!

Eu juntara meus gritos aos de Christine. O sr. de Chagny, sempre de joelhos, continuava a rezar…

– Erik! Girei o escorpiao…!!

Ah, o segundo que entao vivemos!

Esperando!

Esperando sermos reduzidos a po, em meio ao trovao e as ruínas…

Sentindo estalar sob nossos pes, no abismo aberto… coisas… coisas que podiam ser o comeco da apoteose de horror… pois, pelo alcapao aberto para as trevas, goela negra na noite negra, ressoava um silvo inquietante, como o primeiro chiado de um rojao…

A princípio, bem tenue… depois mais denso… mais alto…

Mas escute! Escute! E segure com as duas maos o seu coracao, prestes a explodir junto com muitos da raca humana.

Nao tem nada a ver com o chiado do fogo.

Nao seria antes um rojao de agua…?

Ao alcapao! Ao alcapao!

Escute! Escute!

Agora esta fazendo glur-glur… glur-glur…

Ao alcapao…! Ao alcapao…! Ao alcapao…!

Que frescor!

Agua fresca! Agua fresca! Toda a nossa sede, que se extinguira quando o pavor chegara, volta mais forte com o barulho da agua.

Agua! Agua! A agua subindo…!

Subindo na adega, por cima dos barris, todos os barris de polvora (“Barris! Barris…! Alguem tem barris para vender?”) Agua…! Agua em cuja direcao descemos com as gargantas em brasa… Agua que sobe ate nossos queixos, ate nossas bocas…

E bebemos… No fundo da adega, bebemos, diretamente da adega…

E, na noite negra, junto com a agua, subimos novamente, degrau a degrau, a escada que havíamos descido ao encontro da agua.

Nossa, quanta polvora perdida e encharcada! E muita agua…! Uma faxina completa! Ninguem poupa agua na morada do lago! Se continuar assim, o lago inteiro invadira o porao…

Pois na verdade agora nao sabemos onde ela vai parar…

Ja saímos da adega e a agua continua a subir…

A agua sai da adega, cobre o assoalho… se continuar assim, toda a morada do lago sera inundada. O assoalho do quarto dos espelhos e igualmente uma verdadeira lagoa, na qual nossos pes afundam. E muita agua! Erik precisa fechar a torneira: “Erik! Erik! Ja e agua suficiente para a polvora! Feche a torneira! Gire o escorpiao!”

Mas Erik nao responde… Nao se ouve mais nada a nao ser a agua subindo… bate agora em nossas canelas…!

– Christine! Christine! A agua esta subindo! Esta batendo em nossos joelhos! – grita o sr. de Chagny.

Mas Christine nao responde… Nao se ouve mais nada a nao ser a agua subindo.

Nada! Nada! No quarto ao lado… mais ninguem! Ninguem para fechar a torneira! Ninguem para girar o escorpiao!

Estamos sozinhos, no escuro, com a agua escura nos asfixiando, subindo, congelando! Erik! Erik! Christine! Christine!

Agora nao da mais pe e rodopiamos na agua, carregados num movimento de rotacao irresistível, pois a agua turbilhona a nossa volta e abalroamos os espelhos escuros, que nos rechacam… nossas gargantas projetadas acima do redemoinho berram…

Sera que vamos morrer aqui? Afogados no quarto dos suplícios…? Nunca vi coisa igual! Erik, no tempo das *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*, nunca me mostrou isto pela janelinha invisível…! Erik! Erik! Salvei sua vida! Lembre-se…! Voce estava condenado…! Voce ia morrer…! Abri-lhe as portas da vida…! Erik…!

Ah, rodopiamos na agua feito destrocos…!

Mas agarrei bruscamente com minhas maos tremulas o tronco da arvore-de-ferro…! E chamo o sr. de Chagny… E ca estamos pendurados no galho da arvore-de-ferro…

E a agua continua subindo!

Ei, procure se lembrar! Quanto de espaco ha entre o galho da arvore de ferro e o teto abobadado do quarto dos espelhos? Faca um esforco…! Afinal de contas, talvez a agua pare… ela certamente terminara se detendo num certo nível… Acho que esta parando…! Nao, nao, horror! Nademos! Nademos…! nossos bracos se entrelacam; estamos sem ar…! Colidimos na agua escura…! Ja temos dificuldade para respirar o ar negro acima da agua negra… o ar que foge… que ouvimos fugir acima de nossas cabecas sei la por qual aparelho de ventilacao… Ah, giremos, giremos ate encontrarmos o respiradouro… colaremos nossas bocas no respiradouro… Mas as forcas me abandonam, tento me agarrar nas paredes! Ah, como as paredes de gelo sao escorregadias para meus dedos, que procuram… Continuamos a girar…! Afundamos… Um ultimo esforco…! Um ultimo grito…! Erik…! Christine…! Glur, glur, glur…! Nos ouvidos…! Glur, glur, glur, glur…! No fundo da agua escura, nossos ouvidos fazem “glur, glur”… E, antes de

perder completamente os sentidos, ainda julgo ouvir: “Barris…! Barris…! Alguem tem barris para vender?”

O FIM DOS AMORES DO FANTASMA

E NESTE PONTO que termina o registro *por escrito* que o Persa passou as minhas maos.

Apesar do horror de uma situacao que parecia condena-los a morte, o sr. de Chagny e seu companheiro foram salvos pelo devotamento sublime de Christine Daae. Colhi o resto da aventura da boca do proprio daroga.

Quando fui visita-lo, ele continuava a morar em seu pequeno apartamento da rua de Rivoli, de frente para as Tulherias. Estava bastante doente e foi preciso todo o meu ardor de reporter-historiador a servico da verdade para convence-lo a reviver comigo o inacreditavel drama. Era ainda seu velho e fiel criado Darius que o servia e me conduziu ate ele. O daroga recebeu-me no canto da janela que da para o jardim, sentado numa ampla poltrona, na qual tentava aprumar um torso que nao deveria ter sido sem beleza. Nosso Persa conservava seus olhos magníficos, mas o semblante nao escondia o cansaco. Raspara inteiramente a cabeca, que em geral cobria com um barrete de astraca; envergava uma opalanda muito simples, e dentro de suas mangas divertia-se distraído rodando os polegares, mas seu espírito permanecera lucido.

Impossível para ele lembrar-se das velhas angustias sem ser novamente invadido por certa exaltacao, e foi em fragmentos que lhe arranquei o surpreendente fim desta historia inusitada. As vezes, fazia-se de rogado para responder as minhas perguntas, as vezes, arrebatado pelas lembrancas, evocava espontaneamente, com um vigor impressionante, a horrível imagem de Erik e as horas pavorosas que o sr. de Chagny e ele tinham vivido na morada do lago.

Era de se ver o fremito que o agitava quando me descrevia seu despertar na penumbra inquietante do quarto Luís Filipe… apos o drama

das aguas… E eis o fim desta historia terrível, tal como me foi contado de maneira a complementar o manuscrito que ele houvera por bem me confiar:

Ao abrir os olhos, o daroga constatou estar deitado numa cama… O sr. de Chagny jazia estendido num sofa, ao lado do armario espelhado. Um anjo e um demonio velavam por eles…

Apos as miragens e ilusoes do quarto dos suplícios, a precisao dos detalhes burgueses daquele comodo exíguo e sossegado parecia ter sido criada tambem com o desígnio de desorientar o espírito do mortal suficientemente temerario para perder-se naquele domínio do pesadelo vivo. A cama de cabeceira e pes altos, as cadeiras de mogno encerado, aquela comoda e os acessorios de cobre, o esmero com que os paninhos de croche cobriam o encosto das poltronas, o relogio de parede e, de cada lado da lareira, os baus de aparencia completamente inofensiva… uma prateleira cheia de conchinhas, almofadinhas vermelhas para alfinetes, barquinhos de madreperola e um enorme ovo de avestruz… o conjunto discretamente iluminado por um abajur instalado numa mesinha… toda essa mobília, que era de uma cafonice domestica comovedora, tao pacata e razoavel *no fundo dos poroes da Opera*, desconcertava a imaginacao mais do que todas as fantasmagorias anteriores.

E a sombra do homem da mascara, naquela moldura singela e vetusta, precisa e asseada, era ainda mais portentosa. Curvou-se ate o ouvido do Persa e disse-lhe baixinho:

– Esta melhor assim, daroga…? Admira minha mobília…? E tudo que me resta da minha miseravel maezinha…

Disse-lhe ainda coisas de que ele nao se lembrava mais. Contudo, e isso parecia bastante singular, o Persa tinha clara a lembranca de que, durante essa visao remota do quarto Luís Filipe, Erik era o unico a falar. Christine Daae nao dizia uma palavra; deslocava-se sem rumor, como uma irma de caridade que tivesse feito voto de silencio… Trazia numa xícara um

cordial…[160] ou cha fumegante… O homem da mascara pegou-a de suas maos e estendeu-a ao Persa.

Quanto ao sr. de Chagny, dormia…

Despejando um pouco de rum na xícara do daroga e apontando para o visconde deitado, Erik falou:

– Ele voltou a si muito antes de sabermos *se voce ainda vivia*, daroga. Ele passa bem… Esta dormindo… Nao devemos desperta-lo.

Erik deixou o quarto momentaneamente e, soerguendo-se num cotovelo, o Persa olhou a sua volta… Percebeu, sentada no canto da lareira, a silhueta branca de Christine Daae. Dirigiu-lhe a palavra… chamou-a… mas ainda estava muito fraco e caiu novamente sobre o travesseiro… Christine foi ate ele, pos a mao em sua testa, depois afastou-se… E o Persa lembrou-se entao de que, nisso, ela nao teve um olhar para o sr. de Chagny, que, ao lado, e verdade, dormia pacificamente… tornando a sentar-se em sua poltrona, no canto da lareira, silenciosa como uma irma de caridade que fez voto de silencio…

Erik voltou com pequenos frascos, que depositou sobre a lareira. E ainda baixinho, para nao acordar o sr. de Chagny, disse ao Persa, apos sentar-se a sua cabeceira e tomar-lhe o pulso:

– Agora voces dois estao salvos. Daqui a pouco vou reconduzi-los a superfície da terra, *para agradar minha mulher*.

Em seguida, sem outra explicacao, levantou-se e voltou a desaparecer.

O Persa agora observava o perfil tranquilo de Christine Daae sob a lamparina. Lia um livrinho com as bordas das paginas douradas, como vemos nos livros religiosos. A *Imitacao*[161] tem edicoes assim. E nao saía dos ouvidos do Persa o tom natural com que o outro dissera “para agradar minha mulher”.

Bem baixinho, o daroga chamou de novo, mas Christine devia *estar lendo bem longe*, pois nao ouviu…

Erik voltou… fez o daroga beber uma pocao, apos recomendar-lhe nao

dirigir mais uma palavra a “sua mulher” nem a ninguem, porque *aquilo podia ser muito perigoso para a saude de todos*.

A partir desse momento, o Persa ainda se lembra da sombra escura de Erik e do vulto branco de Christine, deslizando sempre em silencio atraves do quarto, debrucando-se sobre o sr. de Chagny. O Persa ainda estava muito fraco e qualquer ruído, por exemplo a porta do armario de espelho que se abria rangendo, dava-lhe dor de cabeca… e adormeceu como o sr. de Chagny.

Dessa vez, so viria a despertar em sua casa, sob os cuidados do seu fiel Darius, que lhe contou que, na noite da vespera, haviam-no encontrado junto a porta de seu apartamento, provavelmente trazido por um desconhecido, o qual fizera a cortesia de tocar antes de partir.

Assim que recobrou suas forcas e sua responsabilidade, o daroga mandou pedir notícias do visconde no domicílio do conde Philippe.

Responderam-lhe que o rapaz nao reaparecera e que o conde Philippe morrera. Seu cadaver fora encontrado nas margens do lago da Opera, para os lados da rua Scribe. O Persa lembrou-se da missa funebre que ouvira atraves da parede do quarto dos espelhos e nao duvidou mais do crime nem do criminoso. Sem dificuldade, conhecendo Erik, desgracadamente reconstituiu o drama: julgando que seu irmao raptara Christine Daae, Philippe pusera-se em seu encalco naquela estrada de Bruxelas, onde sabia tudo preparado para a aventura. Nao havendo encontrado os jovens, voltara a Opera, lembrara-se das estranhas confidencias de Raoul sobre seu fantastico rival, soubera que o visconde tentara de tudo para penetrar nos poroes do teatro e, por fim, que ele desaparecera, deixando o chapeu no camarim da diva, ao lado de uma caixa de pistolas. E, sem mais duvidar da loucura de seu irmao, o conde lancara-se por sua vez naquele infernal labirinto subterraneo. Precisava mais do que isso, perguntava-se o Persa, para que o cadaver do conde fosse encontrado nas margens do lago, onde o canto da sereia vigiava, a sereia de Erik, guardia do lago dos Mortos?

O Persa nao hesitou mais. Horrorizado com aquele novo crime, nao podendo ficar na incerteza em que se encontrava quanto a sorte definitiva do visconde e de Christine Daae, resolveu contar tudo a Justica.

Ora, o inquerito ficara a cargo do juiz Faure, e foi a sua casa que ele foi bater. Desnecessario descrever a maneira como um espírito cetico, chao, superficial (digo o que penso) e completamente despreparado para aquela confidencia, recebeu o depoimento do daroga. Este foi tratado como louco.

Desesperancado, o Persa pusera-se entao a escrever. Se a Justica nao queria seu testemunho, a imprensa talvez se interessasse por ele. Acabava de tracar a ultima linha do relato que reproduzi aqui fielmente, quando seu criado Darius lhe anunciou um estrangeiro que nao dissera o nome, cujo rosto ele nao conseguira ver e que, com impertinencia, comunicou que so iria embora apos falar com o daroga.

O Persa, pressentindo imediatamente a personalidade daquela visita singular, ordenou que o introduzissem prontamente.

O daroga nao se enganara.

Era o Fantasma! Era Erik!

Parecia muito debilitado, amparando-se na parede como se temesse cair… Ao tirar o chapeu, exibiu uma testa branca feito cera. O restante da face estava ocultado pela mascara.

O Persa pusera-se de pe, encarando-o.

– Assassino do conde Philippe, o que fez com o irmao dele e com Christine Daae?

Diante de acusacao tao direta, Erik vacilou e permaneceu calado por um instante. Em seguida, arrastando-se, deixou-se cair numa poltrona, dando um profundo suspiro. Com frases e palavras breves, arfante, tentou explicar:

– Daroga, nao me fale no conde Philippe… Ele ja estava morto… Quando saí da minha casa… ele ja estava morto… quando… a sereia

cantou… foi um acidente… um triste… um… lamentavelmente triste… acidente… Ele caiu no lago por descuido…!

– Esta mentindo! – exclamou o Persa.

Entao Erik abaixou a cabeca e disse:

– Nao vim aqui… para lhe falar do conde Philippe… mas para lhe dizer que… vou morrer…

– Onde estao Raoul de Chagny e Christine Daae?

– Vou morrer…

– Raoul de Chagny e Christine Daae?

– …de amor… daroga… vou morrer de amor… e assim… amava-a tanto…! E amo ainda, daroga, uma vez que morro de amor, repito… Se voce soubesse como ela estava linda quando me permitiu beija-la *viva*, pela sua salvacao eterna… Era a primeira vez, daroga, a primeira vez, esta ouvindo, que eu beijava uma mulher… Sim, viva, beijei-a viva e ela estava bela como uma defunta…!

O Persa levantara-se e ousara tocar em Erik. Sacudiu seu braco.

– Vai me dizer ou nao se ela esta morta ou viva?

– Por que me sacode assim? – respondeu Erik com esforco. – Estou dizendo que sou eu quem vai morrer… sim, beijei-a viva…

– E agora ela esta morta?

– Como eu dizia, beijei-a assim, na testa… e ela nao afastou a testa da minha boca…! Ah, e uma moca honesta! Quanto a estar morta, penso que nao, embora isso nao me diga mais respeito… Nao, nao, nao esta morta! E e bom que eu saiba que ninguem tocou num so fio de seu cabelo! E uma moca boa e honesta que, a proposito, salvou-lhe a vida, daroga, num momento em que eu nao dava um tostao pela sua pele de persa. No fundo, ninguem liga para voce. Por que estava la com aquele rapazola? Ia morrer, ainda por cima! Diabos, ela me suplicava pelo seu mancebo, mas respondi-lhe que, uma vez que ela tinha girado o escorpiao, eu me tornara,

justamente por isso, e gracas a sua boa vontade, seu noivo, e que ela nao precisava de dois noivos, o que era bastante justo; quanto a voce, voce nao existia, ja nao existia mais, repito, e ia morrer junto com o outro noivo!

"Contudo, escute bem, daroga, como voces gritavam feito possessos por causa da agua, Christine veio a mim, com seus belos olhos azuis abertos, e me jurou, por sua salvacao eterna, que consentia *em ser minha mulher viva*! Ate entao, no fundo dos olhos dela, daroga, eu sempre vira minha mulher morta; era a primeira vez que via *minha mulher viva*. Estava sendo sincera, pela sua salvacao eterna. Nao se mataria. Negocio fechado. Meio minuto mais tarde, todas as aguas haviam retornado ao lago, e eu o deitei, daroga, pois, juro, acreditei piamente que voce ficaria ali… Enfim…! Pronto! Negocio fechado! Eu o transportaria para sua morada na superfície da terra. Quando voce desobstruiu o assoalho do quarto Luís Filipe, voltei la, eu, sozinho."

– O que fez com o visconde de Chagny? – interrompeu o Persa.

– Ah, compreenda, daroga… esse aí eu nao ia transportar imediatamente para a superfície da terra… Era um refem… Mas tampouco podia conserva-lo na morada do lago, por causa de Christine; entao confinei-o bastante confortavelmente e acorrentei-o adequadamente (o perfume de Mazanderan o deixara grogue) na catacumba dos *communards*, que fica na parte mais deserta do porao mais fundo da Opera, abaixo do quinto porao, aonde ninguem nunca vai e de onde e impossível qualquer tipo de comunicacao. Fiquei sossegado e voltei para junto de Christine. Ela me esperava…

Nesse ponto do seu relato, parece que o Fantasma se levantou tao solenemente que o Persa, que voltara a ocupar sua poltrona, foi obrigado a se levantar tambem, como que obedecendo ao mesmo movimento, e, constatando ser impossível permanecer sentado em momento tao solene, chegou a tirar (segundo o proprio Persa), seu barrete de astraca, mesmo de cabelos raspados.

– Sim! Ela me esperava! – continuou Erik, que se pos a tremer feito vara verde, mas de uma emocao verdadeira e solene. – Ela me esperava toda empertigada, viva, como uma verdadeira noiva viva, pela sua salvacao eterna… E quando avancei, mais tímido que uma criancinha, ela nao fugiu… nao, nao… ela ficou… me esperou… creio inclusive, daroga, que ela… oh, nao muito… so um pouco, como uma noiva viva, me estendeu sua fronte… E… e… eu… a beijei…! Eu…! eu…! eu…! E ela nao esta morta…! E ela permaneceu, com toda a naturalidade, ao meu lado, depois que a beijei, assim… na testa… Ah, como e bom, daroga, beijar alguem…! Voce nao pode saber…! Mas eu, eu…! Minha mae, daroga, minha pobre maezinha nunca permitiu que eu lhe desse um beijo… Fugia… lancando a mascara para mim…! Nem mulher nenhuma…! Nunca…! Nunca…! Ah, ah, ah! Entao… nao e mesmo…? de tamanha felicidade, juro, eu chorei. E caí chorando aos seus pes… e beijei seus pes, seus pezinhos, chorando… Voce tambem esta chorando, daroga; e ela tambem chorava… o anjo chorou…

Enquanto contava essas coisas, Erik solucava e, com efeito, o Persa nao pudera conter suas lagrimas diante daquele homem mascarado que, sacudindo os ombros e com as maos no peito, arquejava ora de dor, ora de ternura.

– Oh, daroga, senti as lagrimas dela espargirem-se sobre a minha fronte! A minha! A minha! Eram quentes… eram doces! Espalhavam-se sob a minha mascara, suas lagrimas! Misturavam-se as minhas lagrimas nos meus olhos…! corriam ate minha boca… ah, suas lagrimas sobre mim! Escute, daroga, escute o que fiz… Arranquei minha mascara para nao perder nenhuma lagrima sua… E ela nao fugiu…! E ela nao morreu! Permaneceu viva, chorando… sobre mim… comigo… Choramos juntos…! Senhor do ceu! Deste-me toda a felicidade do mundo…

E, estertorante, Erik desmoronou na poltrona.

– Ah, ainda nao vou morrer… nao imediatamente… mas deixe-me chorar! – disse ao Persa.

Ao fim de um instante, o Homem da Mascara continuou:

– Escute, daroga… escute bem isso… quando eu estava aos pes dela… ouvi o que ela dizia: *"Pobre e infeliz Erik!" e ela pegou minha mao…!* Nao passo, compreenda, de um cao sarnento disposto a morrer por ela… creia-me, daroga! Imagine que eu tinha na mao um anel, um anel de ouro que eu havia lhe dado… que ela perdera… e que encontrei… uma alianca, so isso…! Esgueirei-a em sua maozinha e disse: "Veja…! Tome…! Tome para voce… e para ele… Sera meu presente de nupcias… o presente do pobre e infeliz Erik… Sei que ama o mancebo… nao chore mais…!" Com uma voz muito meiga, ela me perguntou o que eu queria dizer com aquilo; expliquei-lhe entao, e ela compreendeu imediatamente, que eu nao passara para ela de um cao sarnento disposto a morrer… mas que ela, ela poderia se casar com o rapaz quando quisesse, porque tinha chorado comigo… Ah, daroga…! Voce pensa… quando eu lhe dizia isso, era como se eu esquartejasse tranquilamente o meu coracao, mas ela tinha chorado comigo… e dissera: "Pobre e infeliz Erik…!"

A emocao de Erik era tao profunda que ele foi obrigado a proibir o Persa de olhar para ele, pois o ar lhe faltava e ele precisava tirar a mascara. A esse proposito, o daroga me contou que ele proprio fora ate a janela e, com o coracao contrito de piedade, a abrira, mas procurando olhar para as frondes das arvores do jardim das Tulherias a fim de nao deparar com o rosto do monstro.

– Fui libertar o rapaz – Erik prosseguiu – e ordenei que me seguisse ate Christine… Eles se beijaram na minha frente no quarto Luís Filipe… Christine estava com o meu anel… Fiz Christine jurar que, quando eu morresse, ela viria uma noite, passando pelo lago da rua Scribe, me enterrar secretamente junto com o anel de ouro, que ela usaria ate aquele minuto… expliquei como encontrar meu corpo e como lidar com ele. Christine entao me beijou pela primeira vez, aqui, na testa… Nao olhe, daroga! Aqui, na testa… na minha testa…! Nao olhe, daroga! E ambos

partiram… Christine nao chorava mais… so eu chorava… daroga, daroga… Se Christine cumprir seu juramento, voltara daqui a pouco…!

Erik se calou. O Persa nao lhe fizera mais nenhuma pergunta. Estava completamente sossegado quanto a sorte de Raoul de Chagny e de Christine Daae, e nenhum indivíduo da raca humana seria capaz, apos ouvi-lo aquela noite, de duvidar da palavra de Erik, que chorava.

O monstro recolocou sua mascara e juntou forcas para se despedir do daroga. Anunciou-lhe que, quando sentisse o fim bem proximo, em gratidao pelo bem que lhe quisera no passado, lhe enviaria o que havia de mais precioso no mundo: todos os papeis de Christine Daae – os quais, pensando em Raoul, ela escrevera justamente durante esta aventura e deixara com Erik –, bem como alguns pertences seus: dois lencos, um par de luvas e uma fivela de sapato. A uma pergunta do Persa, Erik respondeu que, assim que se viram livres, os dois jovens resolveram procurar um padre no ermo de alguma solidao, onde esconderiam sua felicidade, e, com esse fim, encaminharam-se para a "estacao do Norte do Mundo". E, concluindo, Erik contava com o Persa para, assim que este recebesse as relíquias e papeis prometidos, anunciar sua morte aos dois jovens. Para isso, deveria pagar uma linha nos obituarios do jornal *L'Epoque*.

E so.

O Persa levara Erik ate a porta do seu apartamento e Darius o acompanhou ate a calcada, amparando-o. Um coche de aluguel aguardava-o. Erik entrou nele. O Persa, que voltara a janela, ouviu-o dizer ao cocheiro: "Esplanada da Opera."

E entao o coche embrenhou-se na noite. O Persa viu o pobre e infeliz Erik pela ultima vez.

Tres semanas mais tarde, o jornal *L'Epoque* publicava este anuncio funebre:

"ERIK MORREU."

160. Medicamento ou pocao que ativa a circulacao sanguínea; revigorante. ↩

161. Obra devocional publicada no sec.XV atribuída ao alemao Thomas de Kempis. Ha quem a considere um dos maiores tratados de moral crista. ↩

EPILOGO

ESTA E A VERDADEIRA HISTORIA do Fantasma da Opera. Como anunciei no comeco deste opusculo, ninguem mais pode duvidar de que Erik viveu realmente. Uma serie de provas de sua existencia encontra-se hoje disponível e ao alcance de todos para que possam acompanhar, *racionalmente*, os passos de Erik atraves de todo o drama dos Chagny.

Desnecessario repetir aqui o quanto essa aventura mobilizou a capital. A artista raptada, o conde de Chagny morto em condicoes tao excepcionais, seu irmao desaparecido e o sono pesado dos funcionarios da iluminacao da Opera…! Quantos dramas! Quantas paixoes! Quantos crimes vivenciados em torno do idílio de Raoul e da meiga Christine…! Onde fora parar aquela misteriosa cantora, da qual a terra jamais, jamais voltaria a ouvir falar…? Considerada uma vítima da rivalidade dos dois irmaos, ninguem imaginou o que aconteceu; ninguem compreendeu que, uma vez que haviam desaparecido juntos, os dois noivos haviam se retirado para longe do mundo, a fim de gozar de uma felicidade que, apos a inexplicavel morte do conde Philippe, nao quiseram tornar publica… Um dia, pegaram um trem na estacao do Norte do Mundo… Eu tambem, quem sabe?, um dia pego o trem nessa estacao e vou procurar nos arredores de seus lagos, o Noruega!, o silenciosa Escandinavia!, os rastros talvez ainda vivos de Raoul e Christine, e talvez tambem da mamae Valerius, que desapareceu no mesmo período…! Talvez um dia eu ouca com meus ouvidos o Eco solitario do Norte do Mundo repetir o canto daquela que conheceu o Anjo da Musica…

Muito depois de o caso ser arquivado pelas disposicoes nada inteligentes do sr. juiz Faure, a imprensa, de tempos em tempos, ainda escarafunchava o misterio… e continuava a se perguntar onde estava a

mao monstruosa que preparara e executara tantas insolitas catastrofes! (Crime e desaparecimento.)

Um jornal de bulevar, por dentro de todas as fofocas de bastidores, tinha sido o unico a escrever: “Essa mao e a do Fantasma da Opera.”

Naturalmente o fizera de maneira ironica.

So o Persa, a quem ninguem dera ouvidos e que, apos a visita de Erik, nao desistira de apelar a justica, detinha toda a verdade.

E detinha as provas principais, que haviam chegado as suas maos com as relíquias sentimentais anunciadas pelo Fantasma…

Cabia a mim complementar essas provas, com a ajuda do proprio daroga. Dia apos dia, eu o informava sobre minhas buscas e ele as orientava. Durante anos a fio ele nao retornara a Opera, mas conservara uma recordacao vívida do monumento e nao existia guia melhor para me revelar seus recantos mais ocultos. Era igualmente ele que me indicava as fontes nas quais eu podia beber, os personagens que podia interrogar; foi ele quem me estimulou a bater a porta do sr. Poligny, num momento em que o pobre homem quase agonizava. Eu ignorava que ele estava tao mal e nunca esquecerei o efeito que minhas perguntas relativas ao Fantasma produziram sobre ele. Ele me olhou como se olhasse o diabo e nao me respondeu senao com algumas frases sem nexo, mas que atestavam (eis o essencial) o quanto o F. da Opera tinha, em sua epoca, semeado o caos naquela vida ja bastante agitada (o sr. Poligny era o que se convencionou chamar um sibarita[162]).

Quando contei ao Persa o magro resultado da minha visita ao sr. Poligny, o daroga abriu um vago sorriso e opinou:

– Poligny nunca imaginou o quanto esse extraordinario crapula do Erik (o Persa falava de Erik ora como de um deus, ora como de uma vil canalha) o fez “dancar”. Poligny era supersticioso e Erik sabia disso. Erik tambem sabia muita coisa sobre os assuntos publicos e privados da Opera. Quando o sr. Poligny ouviu uma voz misteriosa lhe contar, no camarote

nº5, como ele empregava seu tempo e a confianca do seu socio, rendeu-se. Impressionado a princípio como se diante de uma voz do ceu, julgou-se amaldicoado, mas, como a voz lhe pedia dinheiro, terminou por constatar que estava sendo extorquido por um achacador, do qual o proprio Debienne fora vítima. Ambos, ja cansados da direcao por inumeras razoes, demitiram-se, sem buscar conhecer mais a fundo a personalidade do estranho F. da Opera, que havia feito chegar as suas maos aquele singularíssimo caderno de encargos. Legaram todo o misterio a direcao seguinte, dando um grande suspiro de satisfacao ao se verem livres de uma historia que muito os intrigara sem faze-los rir nem um pouco.

Assim se exprimiu o Persa a respeito dos srs. Debienne e Poligny. A proposito, mencionei seus sucessores e surpreendeu-me o fato de que, nas *Memorias de um diretor*, do sr. Moncharmin, se falasse de maneira tao completa das atitudes do F. da Opera na primeira parte, para terminar nao falando nada, ou quase nada, na segunda. Ao que o Persa, que conhecia essas *Memorias* como se as houvera escrito, replicou que, se eu me desse ao trabalho de refletir sobre as poucas linhas que, precisamente na segunda parte dessas *Memorias*, Moncharmin houve por bem consagrar ao Fantasma, eu encontraria a explicacao de todo o caso. Eis estas linhas, que, de resto, nos interessam muito especialmente, uma vez que nelas encontramos narrado o desfecho trivialíssimo que coroou a famigerada historia dos vinte mil francos:

"A respeito do F. da Opera" (e Moncharmin que fala), "de quem descrevi aqui mesmo, no comeco de minhas Memorias, alguns singulares caprichos, quero declarar apenas mais uma coisa: que ele redimiu com um belo gesto todas as atribulacoes que causara ao meu caro colaborador e, devo admitir, a mim mesmo. Sem duvida julgou que toda brincadeira tinha limites, sobretudo quando custa tao caro e quando o comissario de polícia 'entra na historia', pois exatamente na mesma hora em que havíamos marcado com o sr. Mifroid em nosso gabinete, para lhe contar toda a historia, alguns dias apos o desaparecimento de Christine Daae,

encontramos na mesa de Richard, num bonito envelope no qual se lia em tinta vermelha: *Da parte do F. da Opera*, as vultosas somas que ele conseguira subtrair momentaneamente, numa forma de jogo, do caixa da direcao. Richard opinou desde logo que devíamos parar por aí e nao levar o caso adiante. Consenti em ser da opiniao de Richard. E tudo esta bem quando termina bem. Nao e mesmo, meu caro F. da Opera?"

Evidentemente, Moncharmin, sobretudo apos essa restituicao, continuava a crer ter sido um joguete para a imaginacao farsesca de Richard, assim como, de sua parte, Richard nao deixou de crer que, para vingar-se de alguns trotes de sua parte, Moncharmin divertira-se inventando todo o caso do F. da Opera.

Nao era chegado o momento de pedir ao Persa que me contasse o artifício pelo qual o Fantasma fez desaparecer vinte mil francos do bolso de Richard, a despeito do alfinete de fralda? Ele me respondeu que nao aprofundara esse mero detalhe, mas que, se eu me dispusesse a "trabalhar" *in loco* e lembrasse que o cognome de Erik era "o mago dos alcapoes", certamente encontraria a chave do enigma no proprio gabinete da direcao. Prometi ao Persa, tao logo tivesse tempo, dedicar-me a proveitosas investigacoes desse lado. Direi desde logo ao leitor que os resultados de tais investigacoes foram plenamente satisfatorios. Em verdade, eu nao imaginava descobrir tantas provas incontestaveis da autenticidade dos fenomenos atribuídos ao Fantasma.

E e bom que se saiba que os papeis do Persa, de Christine Daae, os depoimentos que colhi dos antigos colaboradores dos srs. Richard e Moncharmin e da pequena Meg (aquela excelente Mame Giry, coitada!, tendo falecido), bem como da Sorelli, que agora esta aposentada em Louveciennes,[163] e bom, dizia eu, que se saiba que tudo isso, que constitui as provas documentais da existencia do Fantasma, provas que depositarei nos arquivos da Opera, acha-se corroborado por diversas descobertas importantes, das quais posso extrair certo orgulho.

Se nao consegui encontrar a morada do lago, Erik tendo inutilizado definitivamente todas as entradas secretas (mesmo assim tenho a conviccao de que seria facil chegar la, se procedessemos a drenagem do lago, como ja pedi varias vezes a administracao das Belas-Artes),[164] ao menos consegui descobrir o corredor secreto dos *communards*, cuja parede de tabuas esta em ruínas em diversos lugares; da mesma forma, encontrei o alcapao pelo qual o Persa e Raoul desceram aos poroes do teatro. Identifiquei, na masmorra dos *communards*, inumeras iniciais desenhadas nas paredes pelos desgracados ali confinados e, entre essas iniciais, um r e um r… rc? Nao e significativo? Raoul de Chagny! As letras continuam visíveis ainda hoje. Nao fiquei nisso, naturalmente. No primeiro e terceiro poroes, acionei dois alcapoes de um sistema giratorio, totalmente desconhecidos dos maquinistas, que nao usam senao alcapoes corredicos horizontais.

Por fim, com pleno conhecimento de causa, posso dizer ao leitor: visite um dia a Opera, peca para fazer um tour tranquilo, sem guias estupidos, entre no camarote nº5 e bata na enorme coluna que separa esse camarote do proscenio: bata com a bengala ou o punho e escute… ate a altura das cabecas, *a coluna soa oca!* Depois disso, o leitor nao estranhara mais ela ter sido habitada pela voz do Fantasma: nessa coluna, ha espaco para dois homens. Se acha estranho que, por ocasiao dos fenomenos do camarote nº5, ninguem tenha se voltado para ela, nao se esquecam de que a coluna aparenta ser de marmore macico e que a voz ali confinada parecia vir antes do lado oposto (pois a voz do Fantasma ventríloquo saía de onde ele queria). A coluna e trabalhada, esculpida, cavada e escavada pelo cinzel do artista. Nao perco a esperanca de um dia descobrir o pedaco da escultura que devia se abaixar e levantar com facilidade, abrindo uma passagem livre e misteriosa a correspondencia do Fantasma com Mame Giry e as suas generosidades. Claro, tudo isso, que vi, senti e apalpei, nao e nada ao lado do que uma criatura prodigiosa e fabulosa como Erik deve ter criado no recondito de um monumento como a Opera, mas nao troco nenhuma dessas descobertas pela que me foi dado fazer, na presenca do proprio

administrador, no escritorio do diretor, a poucos centímetros da poltrona: um alcapao, do tamanho de um taco do assoalho, de um antebraco, nao mais que isso… um alcapao que se fecha como a tampa de um bau, um alcapao por onde vejo sair uma mao que trabalha com destreza na aba de uma comprida casaca "rabo-de-bacalhau"…

Foi por ali que os quarenta mil francos bateram asas…! Foi igualmente por ali que, gracas a algum intermediario, eles retornaram…

Quando, com uma emocao bastante compreensível, comentei isso com o Persa, dizendo:

– Erik entao simplesmente se divertia (uma vez que os quarenta mil francos foram devolvidos), bancando o engracadinho com seu caderno de encargos…?

Ele me respondeu:

– Nao creia nisso…! Erik precisava de dinheiro… Julgando-se fora da humanidade, nao se sentia constrangido pelo escrupulo e fazia uso dos extraordinarios dons de habilidade e imaginacao que recebera da natureza, como contrapartida a atroz fealdade com que fora por ela dotado, para explorar os humanos, e isso as vezes da maneira mais artística do mundo, pois o truque costumava valer seu peso em ouro. Se devolveu os quarenta mil francos, espontaneamente, aos srs. Richard e Moncharmin, foi porque, no momento da restituicao, *nao precisava mais deles*! Desistira de seu casamento com Christine Daae. Renunciara a todas as coisas terrenas.

Segundo o Persa, Erik era originario de uma cidadezinha nas cercanias de Rouen. Filho de um mestre de obras, fugira cedo da casa paterna, onde sua aparencia era objeto de horror e pavor para seus pais. Por algum tempo exibira-se em feiras, onde seu empresario apresentava-o como "morto-vivo". Atravessara a Europa de feira em feira e completara sua estranha educacao de artista e magico na propria fonte da arte e da magia: entre os ciganos. Um grande período da vida de Erik era bastante obscuro. Podemos ve-lo na feira da cidade de Níjni Novgorod, onde entao se exibia

em toda a sua horrível gloria. Ja cantava como ninguem no mundo cantara; praticava ventriloquismo e se dedicava a malabarismos extraordinarios, a cujo respeito as caravanas continuavam a falar ao longo de todo o caminho de retorno da Asia. Foi assim que sua reputacao atravessou os muros do palacio de Mazanderan, onde a pequena sultana, favorita do xainxa,[165] entediava-se. Um mercador de peles, a caminho de Samarcanda, e que retornava de Níjni Novgorod, contou os milagres a que assistira sob a tenda de Erik. Convocaram o mercador ao Palacio, e o daroga de Mazanderan o interrogou. Em seguida, o daroga foi encarregado de ir atras de Erik. Trouxe-o a Persia, onde, durante alguns meses, como se diz por aí, ele mandou e desmandou. Cometeu assim incontaveis horrores, pois parecia nao conhecer nem o bem nem o mal, e cooperou com alguns assassinatos políticos tao tranquilamente quanto combateu, com invencoes diabolicas, o emir do Afeganistao, em guerra com o Imperio. O xainxa tornou-se seu amigo. E nesse momento que se encaixam as *Horas cor-de-rosa de Mazanderan*, cujo resumo o relato do Persa nos forneceu. Como Erik tinha ideias personalíssimas em arquitetura e concebia um palacio como um magico imagina um cofre de combinacoes, o xainxa encomendou-lhe uma construcao desse tipo, que ele levou a cabo e que, parece, era tao engenhosa que Sua Majestade podia passear em toda parte sem que fosse percebido e desaparecer sem que fosse possível descobrir por qual artifício. Quando o xainxa viu-se senhor daquela joia, ordenou, assim como fizera certo czar[166] com o genial arquiteto de uma igreja da praca Vermelha, em Moscou, que furassem os olhos de ouro de Erik. Mas refletiu que, mesmo cego, Erik ainda poderia construir, para outro soberano, uma morada igualmente unica, e portanto, em suma, que com Erik vivo alguem deteria o segredo do maravilhoso palacio. A morte de Erik foi decidida, bem como a de todos os operarios que haviam trabalhado sob suas ordens. O daroga de Mazanderan foi encarregado da execucao daquela ordem abominavel. Erik prestara-lhe alguns servicos e o fizera rir bastante. Salvou-o, proporcionando-lhe os meios de fuga. Mas quase pagou com a cabeca essa fraqueza generosa. Para a sorte do daroga,

encontraram, nas margens do mar Caspio, um cadaver semidevorado pelas aves marinhas, o qual foi considerado como de Erik, pois amigos do daroga haviam vestido aqueles restos mortais com trajes pertencentes ao proprio Erik. O daroga julgou-se quite pela perda de seu cargo e de seus bens e pelo exílio. O Tesouro persa, contudo, sendo o daroga oriundo de linhagem real, continuou a lhe conceder uma pequena renda de algumas centenas de francos por mes, o que lhe permitiu refugiar-se em Paris.

Quanto a Erik, fora para a Asia Menor,[167] depois para Constantinopla, onde entrara no servico do sultao. Explico os servicos que ele pode prestar a um soberano obcecado por todos os terrores revelando que foi Erik quem construiu os misteriosos e famigerados alcapoes, quartos secretos e cofres-fortes encontrados em Yildiz Kiosk,[168] apos a ultima revolucao turca. Foi igualmente ele[169] que teve a ideia de fabricar automatos vestidos como o príncipe e iguaizinhos ao proprio príncipe, automatos que faziam crer que o chefe dos islamitas estava acordado num lugar, quando repousava em outro.

Naturalmente, foi obrigado a deixar o servico do sultao pelas mesmas razoes que tivera para fugir da Persia. Sabia coisas demais. Entao, cansado de sua aventurosa, prodigiosa e monstruosa vida, quis ser alguem *como todo mundo*. E tornou-se empreiteiro, como um empreiteiro comum que constroi casas para todo mundo, com tijolos comuns. Ganhou a concorrencia para executar algumas obras de fundacao na Opera. Quando se viu nos poroes de tao vasto teatro, sua índole de artista, ilusionista e *magico* prevaleceu. E nao continuava tao feio quanto antes? Sonhou criar para si uma morada desconhecida do resto da terra, que o escondesse para sempre do olhar dos homens.

Conhecemos e vislumbramos a continuacao da historia. Ela se espalha ao longo dessa incrível, e nao obstante verídica, aventura. Pobre e infeliz Erik? Devemos lastima-lo? Amaldicoa-lo? Ele so pedia para ser alguem como todo mundo! Mas era demasiado feio! E foi obrigado a esconder seu genio ou usa-lo para executar truques, ao passo que, com um rosto

comum, teria sido um dos mais nobres da raca humana! Possuía um coracao no qual cabia o imperio do mundo e no fim viu-se obrigado a se contentar com um porao. Com efeito, e digno de pena o Fantasma da Opera!

Rezei, a despeito de seus crimes, sobre seus despojos, e que Deus tenha piedade dele! Por que Deus fez um homem tao feio assim?

Tenho certeza, claro, de ter rezado sobre seu cadaver, outro dia, quando o exumaram, no exato lugar onde as vozes vivas foram enterradas;[170] era seu esqueleto. Nao foi pela hediondez da cabeca que o reconheci, pois quando estao mortos ha muito tempo todos os homens sao hediondos, mas pelo anel de ouro que ele usava e que Christine Daae certamente colocara em seu dedo antes de sepulta-lo, como lhe prometera.

O esqueleto achava-se junto a pequena fonte, local onde, pela primeira vez, quando a arrastou para os poroes do teatro, o Anjo da Musica tivera Christine Daae desmaiada em seus bracos tremulos.

E agora o que farao com esse esqueleto? Nao vao joga-lo na vala comum! Eis a minha opiniao: o lugar do esqueleto do Fantasma da Opera e nos arquivos da Academia Nacional de Musica; nao e um esqueleto comum.

---

162. Propenso aos prazeres do corpo, a voluptuosidade e a indolencia, comportamento atribuído aos ricos habitantes da cidade de Síbaris, na Grecia. ↩

163. Logradouro sossegado, a 10km de Paris, conhecido por seus parques publicos, castelos e belezas naturais. Contíguo ao palacio de Versalhes. ↩

164. Quarenta e oito horas antes da publicacao deste livro, eu conversava com o sr. Dujardin-Beaumetz, nosso simpaticíssimo subsecretario de Estado de Belas-Artes, que me deixou esperancoso, e lhe dizia ser dever do Estado acabar com a lenda do Fantasma, a fim de restabelecer, sobre bases indiscutíveis, a curiosíssima historia de Erik. Para isso, e necessario, e seria o coroamento de meus trabalhos pessoais, descobrir a morada do lago, que talvez ainda encerre tesouros da arte musical. Ninguem mais duvida de que Erik foi um artista incomparavel. Quem sabe nao encontraríamos na morada do lago a famosa partitura do seu *Don Juan triunfante*? (Nota do autor) ↩

165. Em persa, significa “xa dos xas”. ↩

166. Trata-se de Ivan IV da Russia (1530-84), cognominado Ivan o Terrível. ↩

167. Regiao correspondente a atual Turquia. ↩

168. Complexo de palacios e jardins construído no sec.XIX em Constantinopla (atual Istambul). ↩

169. Entrevista de Mohamed-Ali bei, no dia seguinte a entrada das tropas de Tessalonica em Constantinopla, ao enviado especial do *Matin*. (Nota do autor) ↩

170. Ver nota 8. ↩

CRONOLOGIA
VIDA E OBRA DE GASTON LEROUX

1868 | 6 mai: Nasce em Paris, Gaston Louis Alfred Leroux, o primogenito de Dominique Alfred Leroux e Marie Bidault. | 13 jun: Dominique e Marie casam-se em Rouen, na Normandia, onde passam a viver. O casal teria ainda outros tres filhos: Joseph, Henri e Helene.

1880 | Out: Gaston torna-se aluno interno do College d'Eu, conceituada instituicao particular de ensino na Normandia.

1886 | Jul: Conclui os estudos secundarios, em Caen. | Out: Instala-se em Paris, para estudar Direito. Publica seu primeiro artigo, no semanario *Lutece*, que teve como colaboradores nomes como Paul Verlaine e Jules Laforgue.

1887: Seu primeiro texto de ficcao, a novela *Le petit marchand de pommes de terre frites*, e publicado no jornal *La Republique Francaise*. Colabora tambem com *La Lyre Universelle*.

1889 | 30 out: Forma-se em Direito, area em que atuara somente ate 1893: fara carreira, em vez disso, como jornalista e escritor, com vasta producao de romances e novelas – quase cinquenta, lancados primeiramente em folhetim –, e tambem pecas de teatro e roteiros para o cinema.

1891-92: Publica notas no jornal *L'Echo de Paris*.

1894: Cobre para o jornal *Le Paris* o processo do anarquista Auguste Vaillant, condenado a morte por um atentado a Camara dos Deputados, e a reportagem lhe rende um convite para colaborar com o prestigioso *Le Matin*. Viria a cobrir outros processos, como o do assassino do presidente Sadi Carnot e o caso Dreyfus. Tendo assistido a execucao de diversos condenados, Leroux se tornaria um adversario da pena de morte.

1897 | 17 ago: E um dos seis jornalistas a acompanhar o presidente Felix Faure em visita a Russia.

1899 | 10 mai: Casa-se com Marie Lefranc.

1900: Viagem a Suecia.

1901: Torna-se reporter senior do *Le Matin*. Publica seu primeiro livro, *Sur mon chemin*, seleta de cronicas para o *L'Echo de Paris* e o *Le Matin*.

1902 | 26 jan: E feito Cavaleiro da Legiao de Honra. | Mar: Viajando a servico do *Le Matin*, em um hotel na Suíca conhece Jeanne Cayatte, com quem passara a viver em concubinato, uma vez que Marie Lefranc recusa-lhe o divorcio.

1903 | Out-nov: Publica no *Le Matin* a primeiro das quinze obras em folhetim que sairao por esse jornal: *Le chercheur de tresors (La Double Vie de Theophraste Longuet)*. Trata-se de um "romance-concurso", oferecendo uma recompensa em dinheiro a quem descobrir o tesouro.

1904: Viagens a Italia, Russia e Marrocos.

1905 | Fev: Com Jeanne Cayatte, parte novamente para a Russia, percorrendo o país durante um ano e publicando no *Le Matin* uma serie de artigos, posteriormente reunidos sob o título *L'Agonie de la Russie Blanche*. | 31 jul: Nasce, em Sao Petersburgo, Andre-Gaston, primeiro filho de Gaston e Jeanne.

1906 | Mar: Retorna da Russia. | Abr: Temporada em Roma.

1907 | 26 jan: Estreia *La maison des juges*, peca de teatro inspirada por sua convivencia com o universo judiciario. | Set-nov: Publica, no *L'Illustration*, *O misterio do quarto amarelo*, primeira aventura de Joseph Rouletabille (de início chamado Joseph Boitabille), reporter e detetive amador. O sucesso faria com que o personagem protagonizasse outras seis historias.

1908 | Jan: *O misterio do quarto amarelo* sai em livro pelas Editions Pierre Lafitte, que seria a editora de Leroux por dezesseis anos. | 15 mar: Publica *L'Homme qui a vu le diable*, na revista *Je Sais Tout*. | 30 jun: Nasce Madeleine, sua filha com Jeanne Cayatte.

1908-09: Publicacao dos romances *Le Parfum de la dame de noir* (no *L'Illustration*), novo caso de Rouletabille, e *Le roi Mystere* (no *Le Matin*).

1909: Instala-se em Nice.

1910: Publica *O Fantasma da Opera*, seu mais famoso romance, como folhetim no *Le Gaulois*; em junho a obra e editada em livro, por Pierre Lafitte. No mesmo ano, publica ainda os folhetins de dois outros romances: *Un homme dans la nuit* e *La reine du Sabbat*.

1911 | Jan-fev: Publica a novela *Une histoire epouvantable, ou Le d ner des bustes*, no jornal *Excelsior*. | Out-dez: Publica o romance *Balaoo*, no *Le Matin*. | 17 dez: *L'Homme qui a vu le diable* estreia no teatro.

1912 | 14 fev: *O misterio do quarto amarelo* estreia nos palcos, em adaptacao do proprio Leroux.

1913 | 7 mar: Estreia de *Balaoo*, de Victorin Jasset, o primeiro de dezenas de filmes inspirados nas obras de Leroux. | Abr-ago: Publica *Premieres aventures de Cheri-Bibi* no *Le Matin*. O personagem, um preso condenado por um crime que nao cometeu, faz sucesso e protagonizara outras historias.

1914 | Mar-out: Publica, de forma intermitente, *Rouletabille a la guerre*. | Jul: Comeca a desenvolver para o *L'Illustration* mais uma aventura de Rouletabille, em torno de uma civilizacao subaquatica, mas a eclosao da Primeira Guerra faz com que o projeto seja abandonado (Leroux aproveitara parcialmente a ideia em *Le capitaine Hyx*).

1916: Publica *Confitou*, *La colonne infernale* e *L'Homme qui revient de loin*, sempre de forma seriada. | 9 nov: *L'Homme qui revient de loin* estreia no cinema.

1917: Gaston Leroux e Jeanne Cayatte enfim se casam.

1919: Participa da fundacao da Societe des Cineromans (depois comprada pela Pathe), dedicada a desenvolver cinesseriados, "folhetins cinematograficos" cujas narrativas eram publicadas nos jornais simultaneamente a exibicao de cada episodio nas salas de cinema. Gaston Leroux contribuira para a criacao de quatro dessas producoes.

1920: Publica os folhetins *Le coeur cambriole* e *Tue-la-mort*. | 11 jul: Assina, no jornal *Le Petit Nicois*, uma defesa do romance policial, criticado pelo escritor Marcel Prevost, membro da Academie Francaise.

1922 | Mar: Lancamento de *Il etait deux petits enfants*, longa-metragem com roteiro de Leroux e estrelado por sua filha. | Out-dez: Publica *Rouletabille chez les bohemiens*, ultimo dos cinesseriados com participacao de Leroux, e o primeiro sob a Pathe.

1923 | Dez: A publicacao de *Tue-la-mort* e *Le sept de trefle* marca o fim da parceria com o editor Pierre Lafitte.

1924: Publica tres novelas e dois romances, entre eles *La Farouche Aventure*, primeiro de cinco folhetins que sairao pelo *Le Journal*.

1925 | Abr: Lancamento da primeira versao cinematografica de *O Fantasma da Opera*, em filme mudo homonimo com direcao de Rupert Julian e Lon Chaney no papel-título. O romance inspiraria diversos outros filmes, menos ou mais fieis, dirigidos por nomes como Terence Fischer, Brian De Palma e Dario Argento.

1927 | 20 jan: Sai no *Le Journal des Voyages* o primeiro fascículo do ultimo e inacabado romance de Leroux, *Les Chasseurs de Danses* (que viria a ser concluído por Charles de Richter). | 15 abr: Morte de Gaston Leroux, em Nice, apos uma intervencao cirurgica para tratar uma uremia.

1928 | Abr: A Editions Jeanne Gaston-Leroux da início a reedicao das obras esgotadas do autor.

1965 | Nov-dez: *O misterio do quarto amarelo* e exibido em telefilme, a primeira de diversas obras de Leroux adaptadas para a televisao.

1980: *O Fantasma da Opera* estreia como bale na Opera de Paris, com coreografia de Roland Petit e musica de Marcel Landowski.

1986: *O Fantasma da Opera* estreia na Broadway, como comedia musical de Andrew Lloyd Weber. Viria a ser o maior musical de todos os tempos, em cartaz ha mais de trinta anos. A versao de Lloyd Weber seria tambem levada as telas, dirigida por Joel Schumacher.

1990: Publicacao de *Pouloulou*, romance inedito de Gaston Leroux encontrado por seus netos.

CLASSICOS ZAHAR
em EDICAO COMENTADA E ILUSTRADA

Jane Eyre
Charlotte Bronte

O morro dos ventos uivantes*
Emily Bronte

Alice*
Lewis Carroll

Sherlock Holmes (9 vols.)*
A terra da bruma
Arthur Conan Doyle

O conde de Monte Cristo*
A mulher da gargantilha de veludo e outras historias de terror
As aventuras de Robin Hood*
Os tres mosqueteiros*
Alexandre Dumas

O melhor do teatro grego
Esquilo, Sofocles, Eur pides e Aristofanes

O corcunda de Notre Dame*
Victor Hugo

Carmen e outras historias
Prosper Merimee

Frankenstein
Mary Shelley

Dracula*
Bram Stoker

O Homem Invisível
A maquina do tempo

H.G. Wells

A besta humana

Emile Zola

* Disponível tambem em Edicao Bolso de Luxo
Veja a lista completa da colecao no site zahar.com.br/classicoszahar

Copyright da traducao © 2018, Andre Telles

Copyright desta edicao © 2019:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marques de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reproducao nao autorizada desta publicacao, no todo ou em parte, constitui violacao de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortografico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre Rodrigues Assad
Producao do arquivo ePub: Booknando Livros

Edicao digital: maio de 2019
ISBN: 978-85-378-1841-1

CIP-Brasil. Catalogacao na publicacao
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L626f

Leroux, Gaston, 1868-1927
O Fantasma da Opera [recurso eletronico]/Gaston Leroux; traducao Andre Telles; apresentacao Rodrigo Casarin. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
(Classicos Zahar)
recurso digital; 2 MB

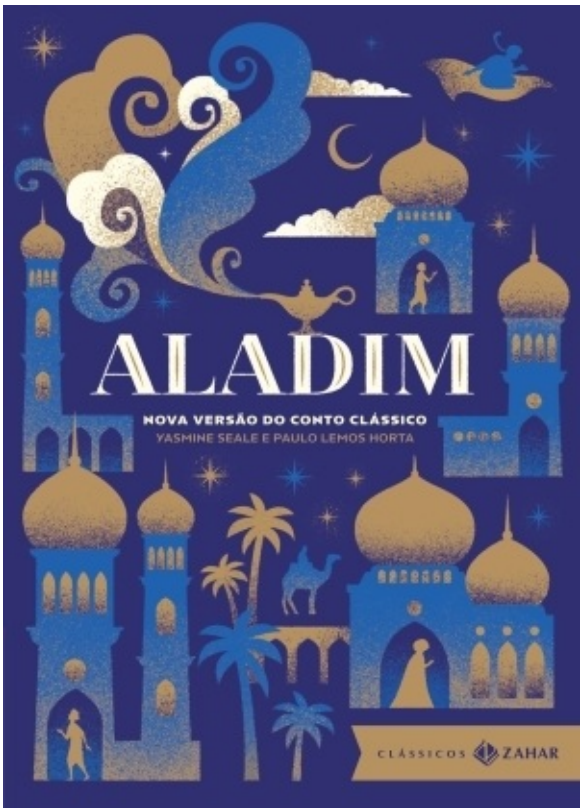
Traducao de: Le Fantome de l'Opera
"Edicao comentada"
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-378-1841-1 (recurso eletronico)

1. Romance frances. 2. Livros eletronicos. I. Telles, Andre. II. Casarin, Rodrigo. III. Título. IV. Serie.

19-56944

CDD: 843
CDU: 82-31(44)

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecaria – CRB-7/6135


ALADIM
NOVA VERSÃO DO CONTO CLÁSSICO
YASMINE SEALE E PAULO LEMOS HORTA
CLÁSSICOS ZAHAR

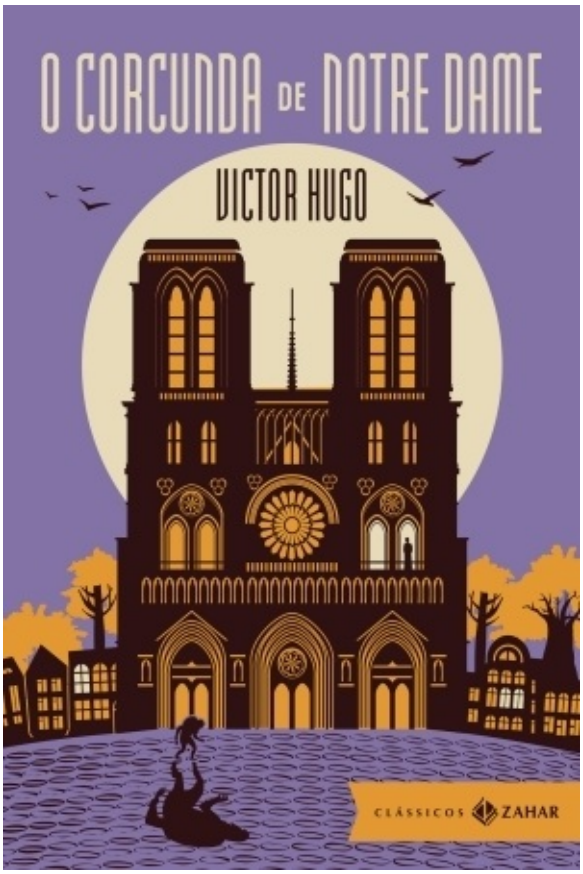
Aladim: edição bolso de luxo

Horta, Paulo Lemos
9788537818367
144 páginas

Compre agora e leia

A história que inspirou o novo filme da Disney agora na coleção Clássicos Zahar Aladim finalmente ganha uma merecida edição individual que oferece ao leitor toda a riqueza deste conto de As mil e uma noites, como narrado por Sherazade. Habitualmente retratada como simples aventura infantil, a história do adolescente rebelde que luta pelo amor da princesa e pela lâmpada mágica mostra-se aqui muito mais rica e complexa. Esta nova versão, organizada pelo estudioso Paulo Lemos Horta e traduzida para o português a partir da aclamada versão inglesa de Yasmine Seale, recupera detalhes, sutilezas e a força narrativa do original. Podemos ouvir a voz feminina e única de Sherazade hipnotizando o Sultão que ameaça matá-la quando a história acabar – mantendo-o assim à espera do episódio seguinte, tal como nós. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

Compre agora e leia


O CORCUNDA DE NOTRE DAME
VICTOR HUGO
CLÁSSICOS ZAHAR

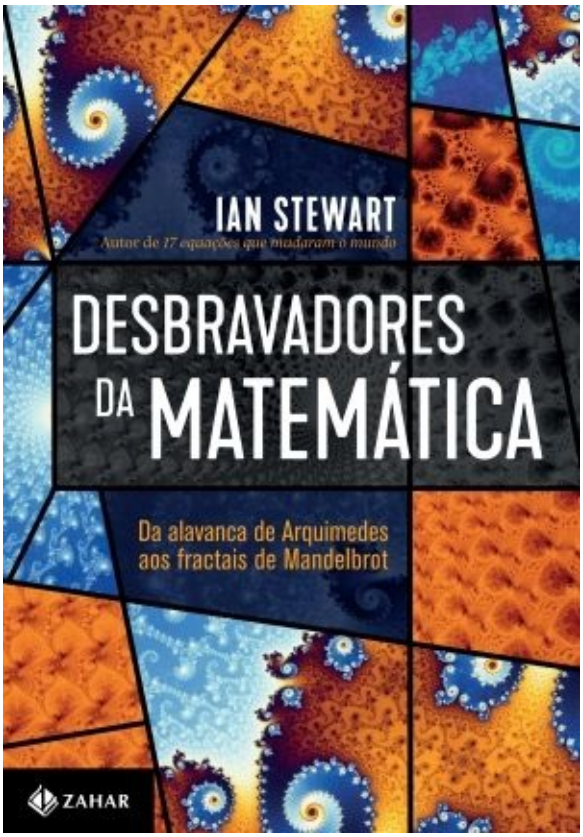
O corcunda de Notre Dame

Hugo, Victor
9788537813980
624 páginas

Compre agora e leia

Um clássico do romantismo francês que vai muito além da história de um amor impossível. Na Paris do século XV, a cigana Esmeralda dança em frente à catedral de Notre Dame. Diante da sua beleza, curvam-se o poeta Pierre Gringoire, o arquidiácono Claude Frollo, o disforme sineiro Quasímodo e o capitão Phoebus de Châteaupers. O corcunda de Notre Dame, de Victor Hugo, retrata uma Paris ainda gótica que testemunha o fim de uma época e o início de outra. Essa edição traz texto integral e cerca de 30 ilustrações da época. Em sua versão impressa apresenta capa dura e acabamento de luxo.

Compre agora e leia


IAN STEWART
Autor de 17 equações que mudaram o mundo
DESBRAVADORES DA MATEMÁTICA
Da alavanca de Arquimedes aos fractais de Mandelbrot
ZAHAR

Desbravadores da matemática

Stewart, Ian
9788537818497
328 páginas

Compre agora e leia

Uma história fascinante da matemática através das biografias de 25 grandes pioneiros Apesar das origens aparentemente místicas de seus elementos, a matemática não surge num vácuo: ela é criada por pessoas. Algumas delas com impressionante originalidade e clareza mental, responsáveis por descobertas revolucionárias. São matemáticos pioneiros, desbravadores, visionários e altamente significativos. Ian Stewart nos apresenta a vida e a obra de 25 deles – homens e mulheres, antigos e modernos, de todas as partes do mundo – começando na Grécia Antiga de Arquimedes e chegando aos dias de hoje, com representantes de tendências novas como a geometria fractal de Mandelbrot. Indivíduos inspiradores, todos eles fizeram contribuições cruciais para seu campo, abrindo caminho para o conhecimento científico. São gigantes como Isaac Newton, com as leis do movimento e da gravidade, e Muhammad al-Khwarizmi, cujo trabalho nos deu o algoritmo e a álgebra. Também estão presentes gênios subestimados como Emmy Noether e Srinivasa Ramanujan e as figuras imensas de Pierre de Fermat, Carl Friedrich Gauss, Henri Poincaré, Ada Lovelace, Alan Turing, entre outros. Com seu estilo característico e mundialmente reconhecido de tornar a matemática acessível, Stewart dedica um capítulo a cada personagem. São relatos vívidos e fascinantes de trajetórias incríveis, que, lado a lado, formam uma história consistente do

desenvolvimento da área.

Compre agora e leia


BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
STEVEN LEVITSKY & DANIEL ZIBLATT
COMO AS DEMOCRACIAS MORREM
"Um livro perspicaz e muito bem fundamentado sobre como a democracia está sendo enfraquecida em dezenas de países – e de modo perfeitamente legal."
Fareed Zakaria, CNN
ZAHAR

Como as democracias morrem

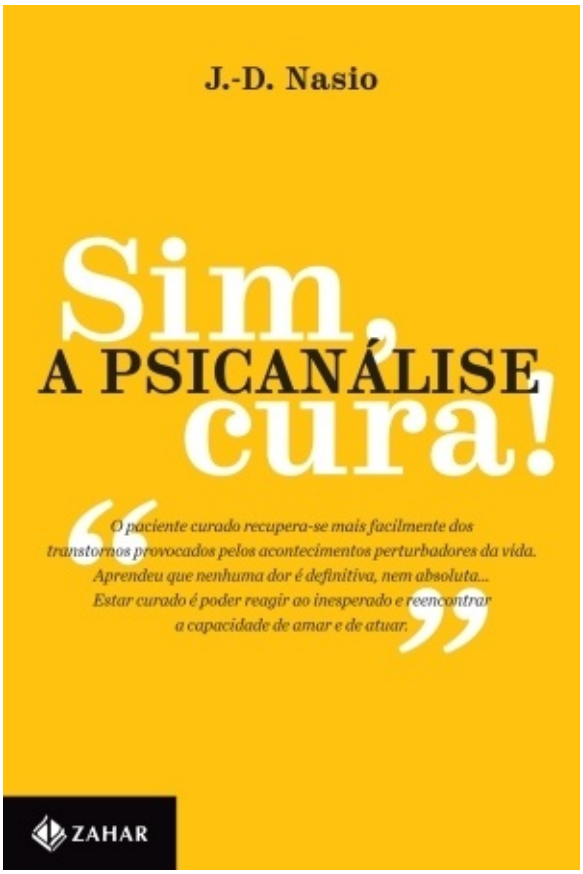
Levitsky, Steven
9788537818053
272 páginas

Compre agora e leia

Uma análise crua e perturbadora do fim das democracias em todo o mundo Democracias tradicionais entram em colapso? Essa é a questão que Steven Levitsky e Daniel Ziblatt – dois conceituados professores de Harvard – respondem ao discutir o modo como a eleição de Donald Trump se tornou possível. Para isso comparam o caso de Trump com exemplos históricos de rompimento da democracia nos últimos cem anos: da ascensão de Hitler e Mussolini nos anos 1930 à atual onda populista de extrema-direita na Europa, passando pelas ditaduras militares da América Latina dos anos 1970. E alertam: a democracia atualmente não termina com uma ruptura violenta nos moldes de uma revolução ou de um golpe militar; agora, a escalada do autoritarismo se dá com o enfraquecimento lento e constante de instituições críticas – como o judiciário e a imprensa – e a erosão gradual de normas políticas de longa data. Sucesso de público e de crítica nos Estados Unidos e na Europa, esta é uma obra fundamental para o momento conturbado que vivemos no Brasil e em boa parte do mundo e um guia indispensável para manter e recuperar democracias ameaçadas. *** "Talvez o livro mais valioso para a compreensão do fenômeno do ressurgimento do autoritarismo ... Essencial para entender a política atual, e alerta os brasileiros sobre os perigos para a nossa democracia." Estadão "Abrangente, esclarecedor e assustadoramente oportuno." The New York

Times Book Review "Livraço ... A melhor análise até agora sobre o risco que a eleição de Donald Trump representa para a democracia norte-americana ... [Para o leitor brasileiro] a história parece muito mais familiar do que seria desejável." Celso Rocha de Barros, Folha de S. Paulo "Levitsky e Ziblatt mostram como as democracias podem entrar em colapso em qualquer lugar – não apenas por meio de golpes violentos, mas, de modo mais comum (e insidioso), através de um deslizamento gradual para o autoritarismo. Um guia lúcido e essencial." The New York Times "O grande livro político de 2018 até agora." The Philadelphia Inquirer

Compre agora e leia


J.-D. Nasio
Sim, a psicanálise cura!
"O paciente curado recupera-se mais facilmente dos transtornos provocados pelos acontecimentos perturbadores da vida. Aprendeu que nenhuma dor é definitiva, nem absoluta... Estar curado é poder reagir ao inesperado e reencontrar a capacidade de amar e de atuar."
ZAHAR

Sim, a psicanálise cura!

Nasio, J.-D.
9788537818480
112 páginas

Compre agora e leia

Um livro que mostra através de casos clínicos comoventes como um psicanalista acompanha seus pacientes até a cura J.-D. Nasio expõe de modo original a sua concepção e a sua prática de como conduzir uma análise. O livro foi construído em torno de 8 exemplos de seu consultório – como o Homem de Negro; Amália, a mãe violenta; e Clara, a bebê que se deixava morrer. Autor de uma obra já consagrada e numerosa, Nasio explica em cinco etapas como a tarefa analítica se desdobra: da observação à interpretação, quando o analista "diz com clareza ao paciente o que este já sabia, embora confusamente". Apresenta ainda quatro variantes inéditas da interpretação do psicanalista, que leva à cura. E conclui que ao fim de cada análise "o advento da cura continua a ser um enigma". "Nasio escreve e trabalha com uma inventividade que evoca a recomendação de Lacan de que cada analista deve reinventar a psicanálise. Não teme parecer simplista, e pede aos psicanalistas que se concentrem no essencial: não percam de vista a finalidade do tratamento e seus pontos fortes. Através de formulações ricas e quase sempre surpreendentes, comunica-se com os leitores de modo simples e direto – como se também aí exercesse sua escuta –, deixando neles uma forte marca de como a psicanálise é bela e profunda." Marco Antonio Coutinho Jorge (PGPSA/UERJ)

Compre agora e leia